

REITOR

Prof. Dr. Armando Octávio Ramos

VICE-REITOR

Prof. Dr. Raphael Lia Rolfsen

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

0313036730



3-14

5-23

ALFA

i-48

1-58

1-71

3-92

107

Alfa	São Paulo	v. 24	p. 1-209	1980
------	-----------	-------	----------	------

A correspondência e os artigos para publicação deverão ser encaminhados a
Correspondence and articles for publication must be addressed to:

Comissão Editorial da Revista Alfa
A/C da Biblioteca Central da UNESP
Av. Vicente Ferreira, 1278
C.P. 420
17.500 — Marília — SP

Comissão Editorial

Alceu Dias Lima
Eli Nazareth Bechara
Erminio Rodrigues
Francisco da Silva Borba
Ieda Maria Alves
Rafael Eugenio Hoyos-Andrade

Conselho Consultivo

Enzo Del Carratore
José Perozim
Maria Helena de Moura Neves
Paulo A. Froehlich
Segismundo Spina
Tieko Y. Miyazaki

Diretor da Revista

Erminio Rodrigues

ALFA. São Paulo, Universidade Estadual Paulista
1962-1977
1980-
v. anual

Publicação interrompida em 1978-1979

SUMÁRIO / CONTENTS

NOTA EXPLICATIVA	
OBSERVAÇÕES SOBRE A PREFIXAÇÃO INTENSIVA NO VOCABULÁRIO DA PUBLICIDADE.	
Notes on the intensive prefixation in the vocabulary of advertising.	
Ieda Maria Alves	9-14
RELAÇÕES REVERSIVAS NA PREDICAÇÃO EM PORTUGUÊS.	
Reversing relations in Portuguese predication.	
Telmo Correia Arrais	15-23
PADRONIZAÇÃO LINGÜÍSTICA E CULTURAL PRO- VOCADA PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA.	
Linguistic and cultural standardization caused by mass media communications.	
Maria Tereza Camargo Biderman	25-48
SINTAGMAS PREPOSICIONADOS EM PORTUGUÊS.	
Prepositional phrases in Portuguese.	
Francisco da Silva Borba	49-58
PADRÕES LINGÜÍSTICOS E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL.	
Linguistic standards and social stratification.	
Roberto Gomes Camacho	59-71
O PROBLEMA SOCIOLINGÜÍSTICO DOS EMPRÉSTI- MOS: ALGUNS ASPECTOS NO INGLÊS.	
The sociolinguistic problem of loan-words: some aspects in English.	
Paulo A. Froehlich	73-92
SER E ESTAR: ESTUDO CONTRASTIVO ESPANHOL- PORTUGUÊS.	
"Ser" and "estar": a contrastive study in the Spanish and Portuguese languages.	
Balbina Lorenzo Feijóo Hoyos	93-107

LINGUAGEM E PENSAMENTO: UMA PREOCUPAÇÃO DE LINGÜISTAS E FILÓSOFOS.	
Language and thought: a preoccupation of linguists and philosophers. Rafael-Eugenio Hoyos-Andrade	109-16
COMUNICAÇÃO ATUALIZADA NA LINGUAGEM DAS CRÔNICAS: UM EXEMPLO DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE.	
La communication et son actualité dans la chronique; un exemple: Carlos Drummond de Andrade. Sylvia Jorge de Almeida Martins	117-35
THE PERFECTIVE ASPECT IN ENGLISH AND POR- TUGUESE: A CONTRASTIVE STUDY ON SEMANTIC BASIS.	
O aspecto perfectivo em inglês e em português: um estudo contrastivo sobre base semântica. Dirce Charara Monteiro, Maria Helena de Moura Neves e Sonia Veasey Rodrigues	137-48
CONCEPÇÃO RETÓRICA E CONCEPÇÃO SEMANTICA DA METÁFORA.	
Rhetorical conception and semantic conception of the metaphor. Salvatore D'Onofrio	149-56
O EMPRÉSTIMO COMO PROBLEMA DA LINGÜÍSTICA COMPARADA.	
Borrowing as a problem of comparative linguistics. Wolfgang Roth	157-77
A FONÉTICA E SEUS PRECURSORES.	
Phonetics and its precursors. Elvira Wanda Vagones	179-85
RESENHAS	189-201
ÍNDICE DE ASSUNTOS	203-4
SUBJECT INDEX	205-6
ÍNDICE DE AUTORES / AUTHOR INDEX	207-8
ÍNDICE DE RESENHAS / REVIEWS INDEX	209

NOTA EXPLICATIVA

A partir deste número, graças à centralização das colaborações da Área de Letras de toda a UNESP em duas revistas — ALFA, para Lingüística; LETRAS, para Literatura —, inauguramos a fase da aproximação mais estreita entre todos os colegas, com o surgimento e a manutenção de um diálogo permanente e proveitoso.

Nossos ideais são os mesmos que animaram, de 1962 a 1977, os fundadores e os colaboradores da ALFA, revista que nasceu no Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília e ali firmou tradição, divulgando os trabalhos de seus professores e as contribuições de outros centros culturais brasileiros e estrangeiros.

O simbolismo do título continua vivo, principalmente quando nos empenhamos em que todos publiquem, veiculem a cultura e colaborem com a abertura de novos caminhos para o ensino brasileiro em todos os seus graus.

Comissão Editorial

ARTIGOS ORIGINAIS
ORIGINAL ARTICLES

OBSERVAÇÕES SOBRE A PREFIXAÇÃO INTENSIVA NO VOCABULÁRIO DA PUBLICIDADE

Ieda Maria Alves *

ALVES, Ieda Maria. Observações sobre a prefixação intensiva no vocabulário da publicidade. *Alfa*, São Paulo, 24:9.14, 1980.

RESUMO: Neste trabalho, propomo-nos analisar o emprego de neologismos constituídos por meio de prefixos intensivos num corpus de vocabulário da publicidade (revistas informativas *Isto É*, *Manchete*, *Veja* e *Visão*), analisadas de julho de 1976 a junho de 1977).

UNITERMOS: Neologismos; Prefixos intensivos; Publicidade; Vocabulário.

O fato de que o discurso publicitário constitui uma linguagem especial foi assinalado por alguns autores.

Para M. R o b b e r e c h t s (8,p. 409-10), a linguagem publicitária apresenta, tanto quanto a oratória, uma base comum. O publicitário dirige-se a um receptor a fim de convencê-lo de aceitar um produto; o orador dirige-se a um auditório para inculcar-lhe idéias. Assim, dois personagens encontram-se diante de um grupo com a finalidade de influir sobre ele. Segundo F. Bonazzi (1,p. 84), para que o anúncio publicitário consiga

despertar a atenção dos leitores, é necessário que a linguagem empregada se traduza num sistema retórico-expressivo onde convivam, como num prisma suscitador de múltiplas interpretações simbólicas, neologismos e sinédoques, anáforas, hipérboles e jogo de palavras, metonímias e metáforas. H. Pandya (7, p. 102) afirma que, assim como a poesia, a publicidade tem o direito de violar regras estabelecidas: "A linguagem publicitária, na qual a criatividade é da maior importância, abre ao publicitário um campo quase ilimitado às violações das regras e normas da linguagem. Assim como o poeta, que

* Professora Assistente-Doutora do Departamento de Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras, História e Psicologia, Campus de Assis, UNESP.

se libera das convenções a fim de enriquecer sua expressão, o publicitário alarga e aprofunda as potencialidades da linguagem, de diversas maneiras". V. Hronová (5, p. 107) ressalta a existência, em francês, de sufixos especificamente publicitários: *-ax, -ex, -il, -ix, -o, -ux, -yl*.

Temos observado que uma das características da linguagem propagandística consiste no emprego de formas que marcam a intensidade. Estas formas podem apresentar aspectos diversos: *acento de exclamação*: "É a incomparável vantagem de estar sempre mais perto para atender melhor!" (Ve, 25.08.76, p. 115);

repetição de palavras: "Novos sóis, novos roteiros, novos horizontes" (Ve, 18.08.76, p. 61, col. 1);

emprego de adjetivos hiperbólicos: "/.../ e oferece uma fantástica visão da cidade e dos Andes" (Ve, 17.11.76, p. 44, col. 1);

uso do superlativo: "/.../ lindas reproduções a cores dos melhores quadros" (Ve, 15.06.77, p. 118, col. 1); "/.../ com *reduzidíssima* taxa de juros" (Ve, 15.12.76, p. 107, col. 1); "Com a inauguração do seu novo transmissor — o *mais moderno* e *mais potente* do que todos os outros — /.../" (Ma, 11.06.77 p. 13);

e de *prefixos intensivos*: "Castrol GTX é formulado para rodar muito com *super desempenho*, pouco consumo" (Ve, 28.07.76, p. 2).

Neste estudo, deteremos nossa atenção sobre os prefixos intensi-

vos formadores de neologismos empregados num corpus constituído por anúncios publicitários extraídos de revistas informativas contemporâneas. Tal corpus é formado pelas revistas "Isto É" (IE), "Manchete" (Ma), "Veja" (Ve) e "Visão" (Vi), analisadas de julho de 1976 a junho de 1977. Consideramos neológicos os elementos não inventariados pelo "Novo Dicionário da Língua Portuguesa", de Aurélio Buarque de Holanda (edição de 1975).⁽⁴⁾

J. Dubois e L. Guilbert (3, p. 63-4) observam que o emprego de prefixos intensivos, em francês, tem-se acentuado na linguagem da publicidade, sobretudo quando a concorrência entre produtos é mais acirrada. Em outro artigo, afirmam ainda os autores (2, p. 110-1) que o emprego de intensivos não é característica específica do discurso publicitário, mas torna-se cada vez mais usual na linguagem corrente.

Prefixos Indicativos de Intensidade

1. . Intensidade Absoluta

Os prefixos que no vocabulário publicitário estudado marcam a intensidade absoluta são os de origem latina: *bem-*, *extra-*, *super-* e *ultra-*.

Bem- une-se a bases adjetivas e é raramente inventariado: "/.../ um hospital moderno e *bem-aparelhado*" (Ma, 04.09.76, p. 137, col. 3); "Pessoas *bem-informadas*" (Ma, 30.04.77, p. 124, col. 1).

Extra-, mais produtivo que *bem-*, indica a intensidade absoluta quan-

do ligado a elementos adjetivais: “/.../ a mangueira *extra-flexível* e muito leve”, (Ma, 11.12.76, p. 10, col. 2); “/.../ dois ‘VU meters’ profissionais *extra-grandes*” (Ve, 14.07.76, p. 48); “/.../ com dois tufos de cerdas *extramacias*” (Ma, 16.10.76, p. 85, col. 2); “Experimente o novo sabor *extra suave* do novo Albany” (Vi, 12.07.76, p. 132).

Em justaposição a bases substantivas, *extra-* denota “fora de”, “além de”: “Numerosas ilustrações em *extra-texto*” (Vi, 09.08.76, p. 101, col. 2).

Entre os prefixos que indicam a intensidade absoluta no corpus analisado, *super-* mostra-se o mais produtivo. *Super-* marca por excelência as principais manifestações da vida moderna. Adapta-se de forma ideal à linguagem publicitária, que necessita de constantes recursos hiperbólicos. Afirma C. Milani (6, p. 563) que, em italiano, este prefixo está desprovido de seu valor hiperbólico por causa do uso exagerado. No corpus que examinamos, entretanto, parece-nos que seu valor intensivo continua inalterado.

Super- forma sobretudo adjetivos neológicos: “/.../ de técnica *superatualizada*” (Ma, 21.05.77, p. 124, col. 1); “/.../ único acendimento *superautomático* do Brasil” (Ma, 25.09.76, p. 114); “/.../ novo e *super-avanzado* sistema de transportes” (Ve, 30.03.77, p. 93, col. 1); “Em Ilhabela, você anda em praias de areia *superbranca*” (Ve, 20.10.76, p. 114, col. 2); “Sólida estrutura metálica, *supercromada*” (Ma, 24.07.76, p. 124); “/.../ cons-

trução com componentes *superdimensionados*” (Ve, 30.03.77, p. 16, col. 1); “/.../ cabeça *superdura* de permalloy” (Ma, 24.07.76, p. 134); “/.../ uma viagem *super-econômica* através desta cidade” (Ve, 17.11.76, p. 121, col. 1); “/.../ seus potentes e *super-eficientes* motores” (Vi, 26.07.76, p. 125, col. 2); “/.../ *super-equipada*, pronta para navegar” (Ma, 27.11.76, p. 138, col. 1); “/.../ duas rotações, *super-estáveis*” (Ve, 08.09.76, p. 7, col. 3); “/.../ um fio *superflexível* que não *quebra*” (Ma, 30.04.77, p. 92, col. 2); “A concepção do Centro é *superfuncional*” (Ve, 27.04.77, p. 70, col. 2); “Tudo *superilustrado*, muito colorido” (Ve, 01.06.77, p. 105); “Flip-Top, *Superlongos* e King Size” (Ma, 10.07.76, p. 2); “/.../ o acabamento é *superluxuoso*” (Ve, 09.02.77, p. 59); “Um conjunto /.../ *supermoderno* e funcional” (Ma, 30.04.77, p. 53, col. 1-2); “H. Baby é *superportátil*” (Ma, 31.07.76, p. 2); “Tem um motor *superpotente*” (Ma, 17.07.76, p. 128); “As minicalculadoras Sharp são *super práticas*” (Ve, 18.08.76, p. 70); “/.../ nos pneus *super seguros*” (Vi, 06.12.76, p. 37, col. 1); “/.../ representante da música *superstar*” (Ma, 04.06.77, p. 105); “O *super testado* motor Dual” (Vi, 08.11.76, p. 105, col. 1); “Mais resistente e impermeável, *super transparente*” (Ve, 02.03.77, p. 13, col. 2).

Super- une-se também a elementos substantivos: “/.../ uma *super-apostila completa*” (Ve, 02.03.77, p. 62, col. 2); “Errol Flynn, um *super-atleta*” (Ve, 21.07.76, p. 125, col. 3); “/.../ onde está o *supercomputador*” (Vi, 27.09.76, p. 85); “/.../ o processo de *supercro-*

ragem" (Ma, 24.07.76, p. 124); "/.../ rodar muito com *super desempenho*, pouco consumo" (Ve, 28.07.76, p. 2); "*Superfiltragem*. Eliminação completa de impurezas" (Ma, 14.08.76, p. 37); "/.../ tratar bem os seus *super-funcionários*" (Ve, 22.06.77, p. 62, col. 1); "Junto a *super-hipermercados*, agências bancárias" (Ma, 27.11.76, p. 124); "Os *superpresentes* de Natal" (Ve, 15.12.76, p. 116, col. 1); "*Superpurificação*. Água pura e cristalina" (Ma, 14.08.76, p. 37); "A *Super Rádio Tupi* começa a bater bola" (Ma, 15.01.77, p. 76); "Depois usamos um processamento de *super-rigidez*" (Ve, 29.09.77, p. 116); "*Super show* de encerramento" (Ma, 23.10.76, p. 138); "/.../ à *super-telefoto* de 1 000m." (IE, 08.76, p. 135, col. 3).

Somente um caso de *super-* unido a base verbal foi registrado no nosso corpus: "Há pessoas que *supervalorizam* o trabalho" (Ma, 15.01.77, p. 80).

O prefixo *ultra-* não é muito empregado na linguagem publicitária. No corpus estudado, *ultra-* forma sobretudo adjetivos neológicos: "*Ultra-delgados*, *ultraelegantes*, *ultraprecisos*" (Ma, 19.03.77, p. 75); "/.../ instalamos equipamentos *ultra-especializados*" (Vi, 06.12.76, p. 84, col. 2); "/.../ um terminal exclusivo e *ultra-moderno*" (Ma, 02.04.77, p. 85, col. 1-2); "/.../ um sintonizador *ultrapreciso*" (Ma, 11.12.76, p. 40, col. 1-2); "/.../ a liga metálica *ultraresistente*, mais leve que o ferro" (Ve, 24.11.76, p. 94, col. 1); "O avião patrulha *ultra-sofisticado*" (Vi, 13.09.76, p. 141, col. 1); "/.../

exame de tecido macio, ondas *ultrasônicas*" (Vi, 12.07.76, p. 25); e um único substantivo: "Luwa. *Ultra-filtros*" (Ve, 24.11.76, p. 108, col. 1).

2. Excesso

Hiper-, prefixo de origem grega, constitui apenas um elemento neológico no corpus analisado: "/.../ bancos, *hipermercados*, drogarias, revenda de automóveis," (Ve, 11.08.76, p. 89, col. 2).

3. Aproximação

Semi-, prefixo originário do latim, forma somente adjetivos no vocabulário da publicidade: "*Semi-automático*, funciona com magazine linear" (Ve, 14.07.76, p. 126, col. 2); "A primeira impressora off-set *semi-industrial*" (Ve, 28.09.76, p. 145); "/.../ instalações completas fixas, *semimóveis* e móveis" (Ve, 27.10.76, p. 53, col. 3); "/.../ montado sobre caminhões *semipesados*," (Ve, 15.12.76, p. 108, col. 2); "Toca-discos automáticos e *semi-profissionais*" (Ve, 14.07.76, p. 130, col. 2).

4. Repetição

O prefixo latino *re-*, indicativo de repetição, integra-se a bases substantivas, adjetivas e verbais para formar elementos neológicos. Constitui sobretudo substantivos: "/.../ *reagrupamento* das contas no capital de giro" (Ve, 01.12.76, p. 106, col. 1); "/.../ compromissos de *recompra* ou compra de títulos"

(Ma, 30.04.77, p. 146); “*Refiltragem*. A água é novamente filtrada” (Ma, 14.08.76, p. 37); “Degelo ‘push-button’ de *religação* automática” (Ve, 08.06.77, p. 13, col. 1); “Além de poupar tempo para *reprogramação*,” (Ve, 30.03.77, p. 66, col. 2); “/.../ pode ser sublinhada como de “*revitalização*” (Ma, 29.01.77, p. 20, col. 1). Compõe também neologismos verbais: “/.../ *redimensionou* o panorama energético brasileiro” (Ve, 15.06.77, p. 9, col. 1); “/.../ desenvolvendo e *reprojetando* seus motores” (Vi, 06.77, p. 12); “/.../ foi projetado, testado e *retestado* mil vezes” (IE, 09.76, p. 83, col. 2-3); e adjetivais: “A área frontal *reestilizada* /.../” (Ma, 11.06.77, p. 81, col. 3); “/.../ tanque *reposicionado* /.../” (Ma, 02.10.76, p. 118, col. 1).

Observações Finais

O estudo da prefixação intensiva no vocabulário da publicidade permitiu-nos a observação de alguns fatos.

Alguns prefixos indicativos de intensidade revelam-se produtivos: *extra-*, *re-*, *super-* e *ultra-*. Outros são pouco empregados: *bem-*, *hiper-* e *semi-*. Os demais (*arqui-*, *hipo-*, *infra-*, *sobre-*, *sub-* e *supra-*) não foram inventariados no corpus analisado.

A produtividade bastante grande de *super-* contrasta com a ausência total de neologismos compostos

com *supra-*. Aurélio Buarque de Holanda (4) destaca a equivalência entre estes dois prefixos e mesmo a alternância existente entre eles: *supra-realismo* e *super-realismo*. Por outro lado, no corpus que estudamos, *super-* alterna a mesma base com outros prefixos que marcam a intensidade absoluta (*extra-* e *ultra-*): “/.../ a mangueira *extraflexível* e muito leve,” (Ma, 11.12.76, p. 10, col. 2); “/.../ um fio *superflexível* que não quebra” (Ma, 30.04.77, p. 92, col. 2) “/.../ um terminal exclusivo e *ultra-moderno*” (Ma, 02.04.77, p. 85, col. 1-2); “Um conjunto /.../ *supermoderno* e funcional,” (Ma, 30.04.77, p. 35, col. 1-2).

Recenseamos ainda o emprego concomitante de *super-* com o substantivo neológico *hipermercado*, constituído pelo prefixo de valor intensivo *hiper-* e pela base *mercado*: “Junto a *super hipermercados*, agências bancárias” (Ma, 27.11.76, p. 124).

A produtividade da prefixação intensiva no vocabulário da publicidade parece-nos explicável por uma exigência de novidade que caracteriza o texto de propaganda, e também por uma necessidade de rápida e não ambígua decodificação: um elemento neológico é facilmente interpretado se constituído por uma base já existente no código lingüístico e por um prefixo, os quais formam uma nova unidade lexical.

ALVES, I. M. Observações sobre a prefixação intensiva no vocabulário da publicidade. *Alfa*, São Paulo, 24:9-14, 1980.

ALVES, Ieda Maria. Notes on the intensive prefixation in the vocabulary of advertising. *Alfa*, São Paulo, 24:9-14, 1980.

ABSTRACT: In this work, we propose to analyse the employment of neologisms made up through intensive prefixes in a corpus of vocabulary of advertising (based on the informative magazines *Isto É*, *Manchete*, *Veja* and *Visão*, analysed from July 1976 to June 1977).

UNITERMS: Neologisms; Intensive prefixes; Publicity; Vocabulary.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BONAZZI, F. Comunicazione linguistica e partecipazione. *Sociologia*, Roma, 3:77-87, set. 1975.
2. DUBOIS, J. & GUILBERT, L. Formation du système prefixal intensif en français moderne et contemporain. *Le Français Moderne*, Paris, 2: 87-111, avr. 1961.
3. ————. La notion de degré dans le système morphologique du français moderne. *Journal de Psychologie*, Paris, 1: 57-64, jan./mar. 1961.
4. HOLANDA, A. Buarque de. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
5. HRONOVÁ, V. La langue de la réclame. *Opera Universitatis Purkyn*, Brun, 5: 105-13, 1971.
6. MILANI, C. Aspetti morfosintattici e stilemi del linguaggio della pubblicità. *Aevum. Rassegna di Scienze Storiche, Linguistiche e Filologiche*, Milani, 49: 553-79, 1975.
7. PANDYA, H. Deviations in advertising English in Indian. *Indian Linguistics, India*, 37 (2): 102-14, June, 1976.
8. ROBBERECHTS, M. Langage publicitaire et langage oratoire. *La Nouvelle Revue Pédagogique*, Belgique, 30 (7): 409-18, 1977.

RELAÇÕES REVERSIVAS NA PREDICAÇÃO EM PORTUGUÊS

Telmo Correia Arrais*

ARRAIS, Telmo Correia. Relações reversivas na predicação em português. *Alfa*, São Paulo, 24:15-23, 1980.

RESUMO: A noção de conversividade lógica é transposta para um tratamento lingüístico, a fim de estudarmos as estruturas sintático-semânticas das frases de predicação reversiva em português. Após a caracterização formal da reversividade, analisamos seu mecanismo transformacional, para nos determos enfim nos problemas de sua estrutura semântica profunda e de suas propriedades lógicas.

UNITERMOS: Conversividade; Reversividade; Predicador; Argumento; Apassivação; Comparação; Transformação (derivação); Topicalização; Implicação; Simetricidade; Transitividade; Reflexividade.

1. Chamaremos aqui de relações reversivas o que, em lógica, é conhecido por *conversividade*, termo aproveitado por lingüistas como Lyons⁽³⁾ e Pupier⁽⁵⁾ enquanto outros, como Leech⁽²⁾ e Palmer⁽⁴⁾, têm adotado as expressões *sistemas relativos* e *oposições relacionais*. Trata-se, para eles, de pares de palavras que permitem a reversão entre os argumentos de uma frase. É o que se dá na relação entre *comprar* e *vender* ou entre *marido* e *mulher*. Se A vende para B, B compra de A; se A é marido de B,

B é mulher de A. Daí dizerem os lógicos que duas proposições são conversivas (ou reversivas, em nossos termos) uma da outra quando são equivalentes, quando têm os mesmos argumentos, embora a ordem destes seja diferente de uma destas proposições à outra. Trata-se, pois, de construções simétricas, correspondendo uma à função $f(x,y)$ e a outra à função reversiva $f^1(x,y)$. Como se sabe, em termos lógicos $f^1(x,y) = f(y,x)$.

2. Façamos brevemente a transposição do tratamento lógico para

* Professor Assistente-Doutor do Departamento de Lingüística do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, Campus de Araraquara, UNESP.

o linguístico, para que possamos analisar, com maior familiaridade, a estrutura peculiar deste tipo de predicação em português. Assim, a frase é aqui considerada não como uma estrutura bipolar de sujeito e predicado, e sim como uma estrutura constituída de um elemento central que governa um ou mais termos dependentes. A esse elemento central chamaremos *predicador*, pivô da frase que tem a propriedade de combinar-se com um único SN ou de relacionar um SN a outro termo; SN corresponde, pois, à estrutura mais comum dos termos governados pelo predicador, para os quais podemos valer-nos do nome genérico de *argumentos*.

Ora, se os termos reversivos permitem a estruturação de frases equivalentes, com diferente ordem dos argumentos ou sintagmas nominais, é sinal de que ocupam o lugar de predicadores, construídos com dois argumentos pelo menos. Não se pense, contudo, que apenas os verbos exercem a função de predicadores; também substantivos, adjetivos e mesmo advérbios ou locuções prepositivas podem exercer tal papel. Substantivos e adjetivos fazem-se acompanhar normalmente de uma cópula verbal, enquanto os advérbios ou locuções prepositivas podem estar relacionados a um verbo semanticamente pleno. Entre os verbos que formam pares reversivos, destacaremos, para estas considerações, *possuir/pertencer*, *gostar/agradar*, *comprar/vender*, *dar/receber*, *ensinar/aprender*. Entre os nomes — tanto substantivos como adjetivos — destacaremos *marido/mulher*, *pai/filho*, *tio/so-*

brinho, *avô/neto*, *maior/menor*. Enfim, um bom número de locuções adverbiais ou prepositivas, sobretudo referentes a posições espaciais, pode ser arrolado: *antes/depois*, *acima de/abaixo de*, *diante de/atrás de*, *à direita de/à esquerda de*. Exemplifiquemos algumas reversões:

- (1) a. O pai deu um presente ao filho.
b. O filho recebeu um presente do pai.
- (2) a. O capitão é tio dele.
b. Ele é sobrinho do capitão.
- (3) a. Sou maior que meu irmão.
b. Meu irmão é menor que eu.
- (4) a. O quatro vem antes do cinco.
b. O cinco vem depois do quatro.

Como bem se observa nos exemplos acima, a alteração da ordem dos argumentos se dá em função da substituição do predicador pelo seu reverso. Trata-se, pois, de predicadores que constituem, em sua maioria, pares antonímicos com um tipo especial de relação, a que estamos dando o nome de relação reversiva.

Entretanto, um mesmo lexema predicador pode sujeitar-se à predicação reversiva, como é o caso dos verbos *casar (com)*, *parecer (com)*, *assemelhar-se (a)*, dos nomes *primo (de)*, *vizinho (de)*, *igual (a)*, *diferente (de)*, e de advérbios como *perto (de)*. Exemplos:

- (5) a. Pedro casou com Amália.
b. Amália casou com Pedro.

- (6) a. Pedro é diferente de Amália.

- b. Amália é diferente de Pedro.

- (7) a. O convidado é primo do diretor.

- b. O diretor é primo do convidado.

- (8) a. A delegacia fica perto da catedral.

- b. A catedral fica perto da delegacia.

3. Afirmamos, já, que uma das características das frases de predicação reversiva é a de apresentarem pelo menos dois argumentos. De fato, a grande maioria das frases até agora ilustradas é de dois argumentos. Contudo, podem ter também três argumentos, como bem comprova o exemplo (1), com o par *dar/receber*. Outro exemplo com três argumentos se dá com *vender/comprar*:

- (9) a. Pedro vendeu uma casa ao professor.

- b. O professor comprou uma casa a Pedro.

A construção com três argumentos verifica-se sobretudo no predicador de base verbal, não se registrando no predicador de base nominal. Mas, sem dúvida, há também predicadores de base verbal que só admitem dois argumentos, como ilustra o exemplo (10), com o par reversivo *possuir/pertencer*:

- (10) a. Pedro possui as terras.
b. As terras pertencem a Pedro.

Em suma, pode-se dizer que os predicadores de base não-verbal são bivalentes, enquanto os de base verbal podem ser bivalentes ou trivalentes.

4. Se, conforme a definição tomada como ponto de partida para nossa análise, o que caracteriza fundamentalmente a predicação reversiva é o traço permutativo, levando à inversão da ordem dos argumentos na estruturação da frase, não podemos deixar de considerar outros processos morfossintáticos produtivos para criar frases reversivas. Queremos referir-nos à apassivação para os verbos transitivos e à correspondência entre o comparativo de superioridade e o de inferioridade para os adjetivos e advérbios. No tocante à apassivação, estamos levando em conta meramente o aspecto formal da reversão entre o SN-sujeito e o SN-complemento. Não resta dúvida, entretanto, que a transformação passiva envolve um mecanismo bem mais complexo que a mera reversão entre os termos relacionados pelo predicador, cuja estrutura também fica bastante alterada com a presença de um auxiliar. Além disso, pode ser questionada a equivalência semântica, em algumas derivações passivas, com as formas ativas correspondentes, como na relação entre "Todos amam alguém" e "Alguém é amado por todos". (Para uma análise detida do problema, cf. Borba, 1, p. 226-230). Observem-se os exemplos de tais processos morfossintáticos de reversividade:

- (11) a. Pedro viu o sinal.
b. O sinal foi visto por Pedro.
- (12) a. O pai é mais elegante que o filho.
b. O filho é menos elegante que o pai.
- (13) a. O filho anda mais rapidamente que o pai.
b. O pai anda menos rapidamente que o filho.

O exemplo (13), entretanto, mostra-nos que a derivação reversiva poderia ser outra, uma vez que o advérbio *rapidamente* tem seu próprio reversivo: *vagarosamente*. Assim:

- (13) c. O pai anda mais vagarosamente que o filho.

Na reversão de frases comparativas — de superioridade ou de inferioridade — poderá haver, pois, mais de uma derivação, dependendo da existência ou não de outro lexema reversivo para o adjetivo ou advérbio. Ilustrando:

- (14) a. O pai é mais forte que o filho.
b. O filho é menos forte que o pai.
ou c. O filho é mais fraco que o pai.
- (15) a. O filho chegou mais tarde que o pai.
b. O pai chegou menos tarde que o filho.
ou c. O pai chegou mais cedo que o filho.

5. Passemos, agora, a examinar o problema da transformação reversiva. No quadro da gramática gerativa, o fato de que as frases reversivas se obtêm por permuta dos sintagmas nominais sugere um tratamento transformacional. Duas frases reversivas teriam, pois, a mesma estrutura profunda. Haveria, além disso, uma transformação muito geral de permuta dos argumentos em torno do predador.

Mas, na verdade, as transformações apresentam diferentes graus de complexidade conforme o tipo de frase reversiva. Assim, para os predicadores bivalentes, além da permuta dos argumentos, poderá haver a substituição do predador — no caso de pares lexicais reversivos — e o acréscimo de uma preposição ao argumento x, que deixa de ser o argumento inicial. Atente-se para o exemplo anterior de número (10):

- (10) a. Pedro *possui* as terras.
b. As terras *pertencem a* Pedro.

Já no caso da apassivação, além da permuta dos argumentos, dá-se o acréscimo do auxiliar com a mudança do verbo para a forma participial, bem como o acréscimo da preposição (normalmente *por*) diante do nome agente.

Enfim, quando o predador é trivalente, as coisas se complicam um pouco mais. Primeiramente, porque pode ser feita a derivação reversiva, mantendo-se a voz ativa. É o que nos mostrou o exemplo (1), com o par reversivo *dar/receber*:

- (1) a. O pai deu um presente ao filho.
b. O filho recebeu um presente do pai.

Em segundo lugar, porque cada uma destas pode, por sua vez, sofrer a transformação reversiva da apassivação. Assim:

- (1a') Um presente foi dado pelo pai ao filho.
(1b') Um presente foi recebido do pai pelo filho.

No primeiro par reversivo, a permuta de funções se dá entre o SN-sujeito e o SP-complemento — o destinatário —, mantendo-se inalterado o SN-complemento direto; no segundo par reversivo, é o SN-com-

plemento direto da ativa que assume a função de sujeito, passando o SN-sujeito das frases ativas à função de complemento agente precedido da preposição *por* nas frases passivas.

6. Uma questão a ser colocada é a seguinte: apresentarão as frases reversivas a mesma estrutura semântica profunda? Em termos de relações casuais a resposta é positiva. Com efeito, dois predicadores reversivos apresentam o mesmo arranjo casual. Assim, *dar* e *receber* ambos selecionam Agentivo, Objetivo e Dativo; *possuir* e *pertencer* ambos selecionam Dativo e Objetivo e assim por diante. Vejamos alguns exemplos precedentes, acompanhados das etiquetas casuais:

- (1) a. O pai deu um presente ao filho.
(A) (O) (D)
b. O filho recebeu um presente do pai.
(D) (O) (A)
(10) a. Pedro possui as terras.
(D) (O)
b. As terras pertencem a Pedro.
(O) (D)

Pode-se dizer, nos termos da gramática dos casos, que a diferença em cada par está na topicalização do sujeito. Assim, no exemplo (1), se se topicaliza como sujeito o Agentivo, o predicador será o verbo *dar*; se se topicaliza o Dativo, o predicador será *receber*. No exemplo (10), se se topicaliza como sujeito o Dativo, o predicador será o verbo *possuir*; se se topicaliza o Objetivo, o predicador será *pertencer*. Nestes termos, a inserção do predicador seria subsequente à to-

picalização do sujeito. Pode-se mesmo pensar num predicador mais abstrato, que indicaria DOAÇÃO nas frases (1) e POSSE nas frases (10), que se ramificaria neste ou naquele lexema, de acordo com o argumento topicalizado.

A importância e primazia da topicalização na transformação reversiva é ainda observada quando se tem um mesmo lexema predicador. Neste tipo de estrutura, aliás, são três as possibilidades de topicalização: ou se topicaliza o argu-

mento x, ou o argumento y, ou simultaneamente ambos, que aparecerão, pois, coordenados na função de sujeito. Assim, aos exemplos ilustrados de (5) a (8) poderemos acrescentar a alínea c:

- (5) c. Pedro e Amália se casaram.
- (6) c. Pedro e Amália são diferentes um do outro.
- (7) c. O convidado e o diretor são primos.
- (8) c. A catedral e a delegacia ficam perto uma da outra.

Observe-se que, em tais estruturas, marca-se a reciprocidade através da partícula *se*, quando o predicador é verbo pleno, ou através de expressões como *um do outro* e similares.

7. A análise mais atenta da estrutura profunda das frases reversivas permite-nos, ainda, elucidar outros aspectos semânticos importantes no problema da reversividade. Parece não haver dúvida de que há normalmente uma relação de implicação entre as frases da alínea a e as correspondentes da alínea b. Assim, a frase anterior (9a) implica a sua reversiva (9b):

- (9) a. Pedro vendeu uma casa ao professor.
- b. O professor comprou uma casa a Pedro.

Sem dúvida, ações como *vender* e *comprar* requerem normalmente que dois seres sejam ativamente

envolvidos. Mas cada um exerce uma ação e estas não são consideradas exatamente iguais: uma envolve a entrega de mercadoria, a outra envolve o pagamento por essa mercadoria. Por isso, a língua emprega diferentes verbos para exprimir a ação executada por cada participante: *comprar* para o que paga, *vender* para o que fornece a mercadoria. Entretanto, cada um dos executores é envolvido, como um não-executor, na ação desencadeada pelo outro participante (ou seja, *Pedro entrega a mercadoria ao professor / O professor paga a Pedro*). Assim, embora (9a) tenha uma relação de implicação com (9b), o verbo empregado em (9a), *vender*, descreve a negociação *do ponto de vista da atividade de Pedro*. Nessa frase, *Pedro* é, portanto, um argumento causativo, enquanto *o professor* é um argumento afetado. Inversamente, o mesmo se dá na frase de *comprar*.

Verbos do tipo *vender* e *comprar* (cf. *ensinar/aprender*, *dar/receber*), normalmente selecionadores de três argumentos, constituem "predicadores reversivos complementares", uma vez que descrevem situações em que as atividades dos dois participantes, embora diferentes, complementam uma à outra. Às vezes, a língua apresenta um terceiro termo que, de certa forma, é capaz de se referir às atividades dos dois participantes simultaneamente, neutralizando, pois, a diferença de atuação de cada um. É o que se dá com *negociar*, em relação a *vender* e *comprar*:

- (16) a. Pedro negociou com o professor.
b. O professor negociou com Pedro.
c. Pedro e o professor negociaram.

Estes três últimos exemplos permitem passar a outro tipo de relação reversiva, aquela em que dois participantes estão engajados do mesmo modo no processo verbal. É o que se observa com o predicador reversivo unitário, portanto não membro de um par, cujos argumentos apresentam as mesmas marcas semânticas (ambos são afetados ou instigadores ou causa). Assim:

- (17) a. Ele lutou com o irmão.
b. O irmão lutou com ele.
c. Ele e o irmão lutaram.
- (18) a. O professor é vizinho do aluno.
b. O aluno é vizinho do professor.
c. O professor e o aluno são vizinhos.

Como se vê, esta é a típica relação reversiva recíproca, daí podermos ter as construções da alínea c, onde os dois argumentos aparecem coordenados na função de sujeito.

Um terceiro tipo de reversivas pode ser depreendido nas frases cujos predicadores não constituem pares antônimos. É o caso das reversivas com *possuir/pertencer* e *gostar/agradar*, como no exemplo (19):

- (19) a. Eu gosto dos móveis.
b. Os móveis me agradam.

Não se trata, como se nota, nem de reversão complementar nem de reversão recíproca. À falta de melhor termo, chamemo-la de “relação reversiva paralela”.

8. Analisemos, enfim, algumas propriedades lógicas das frases reversivas, usando, para tanto, as categorias comuns em lógica relacional, tais como simetridade, transitividade e reflexividade. Uma relação é simétrica se for mantida para os argumentos em ambas as direções. Se temos os argumentos x e y e a relação R , então $x R y$ e $y R x$. Assim, a simetria é comum a todas as reversivas cujo predicador se mantém inalterado, como é o caso dos exemplos de (5) a (8). Uma relação é transitiva — o termo tem aqui um valor um pouco diferente do gramatical — se $x R y$ e $y R z$ inclui $x R z$. Assim, muitas das locuções espaciais são transitivas, pois se Pedro fica atrás de João e João fica atrás de Antônio, Pedro também fica atrás de Antônio. O mesmo se dá na reversão de comparativos: Se Pedro é mais forte que João e João é mais forte que Antônio, então Pedro é mais forte que Antônio também. Uma relação é reflexiva se o argumento está relacionado a si próprio: “Cinco é igual a cinco” ou “Fulano se parece consigo mesmo”. Observe-se que predicadores deste último tipo são também simétricos e transitivos.

Assim, em função de tais categorias, as frases reversivas podem

integrar-se em quatro diferentes sistemas. O primeiro, que tem basicamente a propriedade da simetria, constitui-se no sistema de reciprocidade. As propriedades da transitividade e da reflexividade são variáveis nesse sistema. Assim, se Pedro é primo de João e João é primo de Antônio, Pedro não é necessariamente primo de Antônio (pode ser ou não). De acordo com a condição de simetria e as regras de negação, uma frase como "Sou casado com uma mulher que não é minha esposa" é marcada como contradição.

O segundo sistema, que tem basicamente a propriedade da transitividade, mas assimétrico e não-reflexivo, constitui um verdadeiro sistema de ordenação (acima de/abaixo de; à direita de/à esquerda de; diante de/atrás de; melhor que/pior que). A condição de assimetria garante que as regras de exclusão, inconsistência e contradição lógicas sejam aplicadas a este sistema de frases. Assim, "O menino atrás de João está diante

dele" é inconsistente e contraditória.

O terceiro sistema, caracterizado por frases assimétricas e intransitivas, constitui-se no sistema de correspondência. Tais frases são assimétricas porque o elemento predador, que estabelece a relação entre os argumentos, não é constante, sendo substituído pelo seu antônimo na reversão. Intransitivas porque, se Pedro vendeu a casa a João que a vendeu a Antônio, não quer isso dizer que Pedro vendeu a casa a Antônio.

Finalmente, o quarto sistema seria constituído de frases que apresentam as propriedades da reflexividade, simetridade e transitividade. Este é o sistema de equivalência, cuja característica fundamental é a reflexividade, pois, como vimos, a presença desta propriedade acarreta a existência das outras duas. Contudo, são raros os predicadores reversivos que apresentam as três propriedades simultaneamente.

ARRAIS, Telmo Correia. Reversing relations in Portuguese predication. *Alfa*, São Paulo, 24:15-23, 1980.

ABSTRACT: The notion of logical conversion is transferred to a linguistic treatment, so that the syntactic-semantic structure of the reversing predication sentences may be studied. The paper presents three main parts: 1) the formal characterization of reversibility; 2) the analysis of its transformational mechanism; 3) the problem of its deep semantic structure and of its logical properties.

UNITERMS: Conversion; Reversibility; Predicate; Argument; Passivization; Comparison; Transformation (derivation); Topicalization; Implication; Symmetry; Transitivity; Reflexivity.

ARRAIS, T. C. Relações reversivas na predicação em português. *Alfa*, São Paulo, 24:15-23, 1980.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BORBA, Francisco da Silva. *Teoria sintática*. São Paulo, T.A. Quêiroz/ Ed. USP, 1979.
2. LEECH, Geoffrey. *Towards a semantic description of English*. London, Longman, 1969.
3. LYONS, John. *Semantics: 1*. Cambridge, University Press, 1977.
4. PALMER, F.R. *Semantics: a new outline*. Cambridge, University Press, 1976.
5. PUIPIER, Paul. Observations sur les prédicats converses. In: *Problèmes de sémantique*. Montréal, Les Presses Universitaires du Québec, 1973. p. 63-84.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. FILLMORE, Charles. The case for case. In: BACH, Emmon & HARMS, Robert, org. *Universals in linguistic theory*. New York, Holt, Rinehart and Winston, 1968. p. 1-88.
2. ————. Some problems for case grammar. *Monograph Series on Languages and Linguistics*, 24:35-56, 1971.
3. HUTCHINS, W. J. *The generation of syntactic structures from a semantic base*. Amsterdam, North-Holland, 1971.

PADRONIZAÇÃO LINGÜÍSTICA E CULTURAL PROVOCADA PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO DE MASSA

Maria Tereza Camargo Biderman *

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Padronização lingüística e cultural provocada pelos meios de comunicação de massa. *Alfa*, São Paulo, 24:25-48, 1980.

RESUMO: No Brasil contemporâneo os meios de comunicação de massa, particularmente a televisão, estão exercendo papel muito importante no processo de integração cultural e de homogeneização da língua. Tratando-se de um país de enorme dimensão territorial e com um considerável contingente de analfabetos (25% da população total), a televisão exerce uma função integradora fundamental, especialmente em virtude do grande avanço tecnológico desse veículo e da vasta audiência que ela possui em todo o país, inclusive entre índios. A televisão como os demais veículos estão democratizando o saber, a informação e o entretenimento. Entre os meios impressos, as histórias em quadrinhos possuem o maior público. Difundem o registro coloquial culto, com ligeiras concessões aos "erros" típicos do código oral. Os meios de massa, especialmente os impressos, poderão colaborar para uma saudável uniformização da língua portuguesa no Brasil.

UNITERMOS: Padronização lingüística e cultural; Meios de comunicação de massa; Linguagem das histórias em quadrinhos.

I. *O papel dos meios de comunicação de massa no Brasil Contemporâneo.*

As comunicações de massa constituem a mais importante das transformações do século XX, particularmente na sua segunda metade. Elas estão promovendo uma verdadeira revolução cultural

e conseqüentemente lingüística. Mais do que as novas técnicas de produção e as novas formas de distribuição das riquezas, os meios de comunicação de massa estão forjando um futuro radicalmente novo para a humanidade porque a estão levando a elaborar uma visão de mundo totalmente nova. Como bem percebeu Mc Luhan (4), está

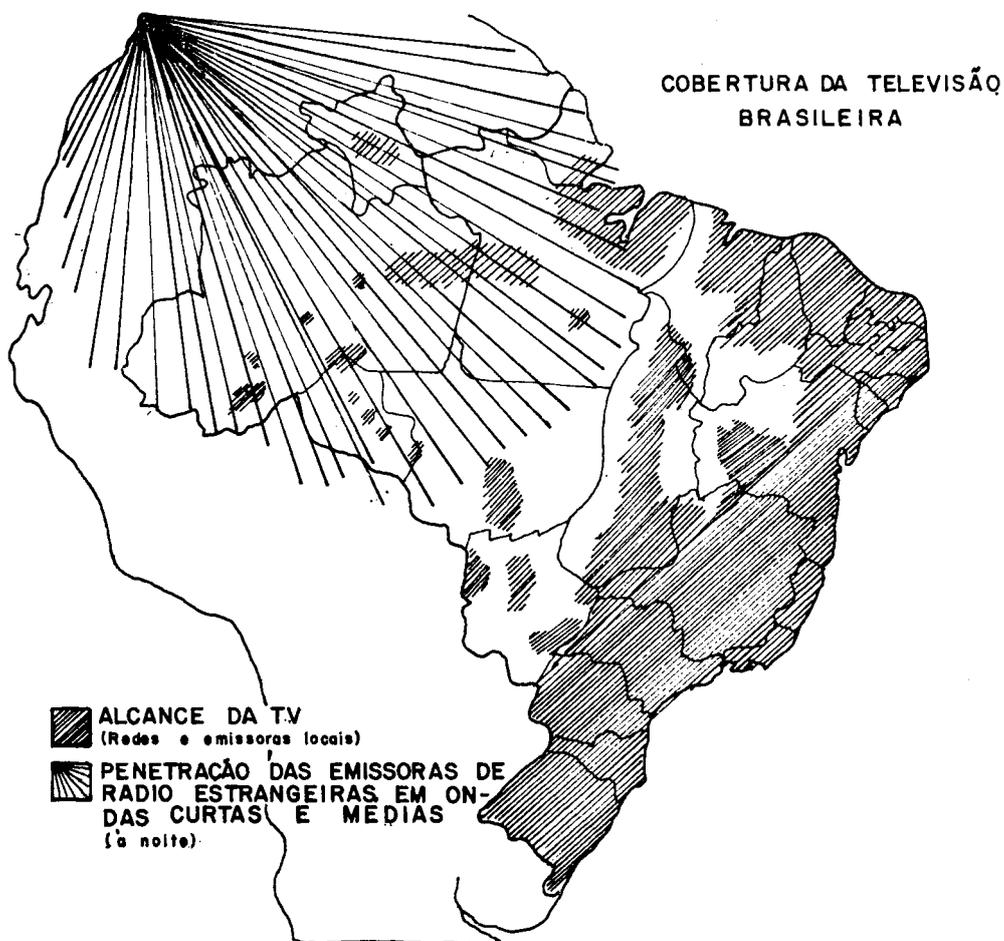
* Professora Titular do Departamento de Lingüística do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, Campus de Araraquara, UNESP.

ocorrendo uma retribalização do homem em escala universal. Os maiores responsáveis por essa retribalização são os meios eletrônicos, especialmente a televisão. Nas civilizações primitivas a cultura e a língua foram elaboradas a partir da interação do homem com o meio ambiente. Hoje, porém, os meios de comunicação de massa (MCM) propiciam ao homem uma nova forma de representação do mundo, e não apenas aquela derivada da percepção direta e imediata. Como os MCM fornecem ao "sensorium" humano uma imagem concreta de outras realidades que não a sua — uma duplicata do mundo sensível através da imagem e do som — os indivíduos estão incorporando ao seu mundo interior e ao seu instrumental de expressão, uma nova cosmovisão que passa a ser a mesma para todos, quer o cidadão viva em Porto Velho, ou no Rio de Janeiro. (Note-se que atualmente quase 100% da população brasileira é atingida pela T.V.). O mesmo se poderá dizer das outras nações do globo.

Em Porto Velho índios cintas-largas são transformados em espectadores de um campeonato mundial de futebol, ou de um show de Elvis Presley. O *Jornal Nacional*, as novelas e os seriados da rede Globo, os filmes enlatados americanos, o *Planeta dos Homens* são levados pelas microondas e pelas retransmissoras ao mais recôndito ambiente da Amazônia. Cf. Mapa "Cobertura da Televisão Brasileira": (8). Pode-se imaginar o efeito deste impacto visual e verbal atingindo diariamente sujeitos

que, antes dos MCM, viviam apenas da interação direta com o seu meio ambiente. Valeria a pena remeter aqui ao notável estudo escrito por Sapir na década de 20 "Língua e Ambiente" (6). As novelas geradas no Rio de Janeiro e o *Jornal Nacional* em S. Paulo impõem modelos, estereótipos e linguagem, que nasceram de uma outra realidade muito diferente daquela em que vivem rondonianos, vaqueiros cearenses ou mato-grossenses, peões gaúchos e lavradores mineiros. Dados alheios ao ambiente natural e social passam a ser substitutivos da experiência real e vão evidentemente suscitar novos comportamentos sociais, psicológicos e lingüísticos. Essa nova representação do mundo no plano mental e no plano verbal, libertou-se, pois, dos laços que outrora fizeram-na depender tão somente do meio natural e social. E a televisão e outros meios eletrônicos e impressos converteram o imenso território brasileiro numa única aldeia global.

As CM, especialmente a TV, são orientadas basicamente por fins lucrativos. A televisão e toda a cultura de massa em geral, estribam-se numa sociedade de consumo que funciona, ao mesmo tempo, como causa e como efeito. Essa constitui a sua grande fraqueza. A indústria cultural transformou a informação e o entretenimento num negócio, fazendo tábua rasa da sua função social. Haveria muito o que dizer do ângulo ético, mas não é esse o enfoque que pretendo fazer dos MCM. Problemas como a qualidade ou considerações de natureza cultural e lingüística podem



parecer critérios supérfluos aos manipuladores dos MCM. As pesquisas de opinião pública, o famoso ibope, fornecem os parâmetros aos diretores de programação das estações de TV. Num país como o nosso com 24 milhões (ou mais) de analfabetos e com apenas 1,5 milhões de alunos universitários, esses parâmetros serão evidentemente baixos. O nível cultural é uma decorrência do nível sócio-econômico e

função do grau de educação. Seria desejável que os MCM fizessem pesquisas de sondagem de opinião pública para conhecer os gostos, as aspirações e as opiniões das pessoas, o que poderia concorrer para melhorar e variar a programação da TV, do rádio e dos meios impressos.

O que constitui o grande defeito da televisão, ou seja, o fato de ela

ser orientada pela ideologia consumista, foi também a causa do seu enorme desenvolvimento no Brasil na década de 70. O modelo econômico e social que se instalou no país, possibilitou o crescimento vertiginoso desse veículo de massa, tornando possível o aparecimento de uma tecnologia muito sofisticada e o estabelecimento de uma infra-estrutura de pesquisa e outros investimentos, particularmente na Rede Globo. A sua fantástica expansão faz da televisão o veículo de comunicação de massa por excelência.*

O telejornal e os programas de entretenimento (novelas, cômicos e shows musicais) são os programas detentores de maior audiência na TV. O telejornalismo brasileiro aborda atualmente todos os grandes problemas do país e do mundo. Tem pouca originalidade e nem mesmo se utiliza da sua superioridade sobre a imprensa escrita (a velocidade) pois os "scripts" de telejornais se baseiam na informação fornecida pelos jornais do dia. Entretanto, as poucas centenas de milhares de exemplares de jornais diariamente impressos no país e lidos por uma escassa minoria dos 120 milhões que compõem a nossa população, têm um efeito multiplicador, via telejornal, podendo atingir cerca de 75 milhões de brasileiros.

Na década de 70 a telenovela foi, e ainda hoje é, o grande entrete-

nimento das massas. As pesquisas de opinião chegaram a registrar índices de 90% de audiência em certos momentos, como nos capítulos finais da novela "Dancing days" da Globo (78). Isso significa que perto de 70 milhões de indivíduos acompanharam o desenlace dessa novela. Nenhum veículo de massa poderia aspirar a uma audiência maior do que essa. Contemporaneamente, a telenovela, sobretudo as telenovelas da Globo se transformaram no maior espetáculo de público heterogêneo no Brasil, pois elas são vistas por todas as camadas da população, da classe A à classe D, tanto por analfabetos como por intelectuais. Portanto, pode ser considerada a mais importante forma de comunicação entre os brasileiros de hoje, por integrar os mais díspares segmentos da população brasileira, em todos os pontos do território nacional. (A cobertura é hoje de 94% do território brasileiro (8). Além disso, o grande desenvolvimento tecnológico das emissoras possibilitou valiosas conquistas. De um lado, a qualidade dos textos que passaram a ser escritos por autores de formação e militância literária, como Dias Gomes, Bráulio Pedroso, Jorge Andrade, Lauro Cesar Muniz, e também outros bastante inventivos como Gilberto Braga, Mário Prata, Walter George Durst, e até mesmo Janete Clair e Ivani Ribeiro. A Globo adaptou primorosamente vários romances da galeria de obras da Literatura Brasi-

* Existem hoje aproximadamente 15 milhões de aparelhos de TV no Brasil, podendo-se calcular uma audiência de 5 pessoas, pelo menos, por aparelho. (Dados fornecidos em 79 pelo setor de pesquisa da Rede Globo).

leira como: *A Escrava Isaura*, *A Moreninha*, *Senhora*, *Gabriela*, *Cravo e Canela*, *Olhai os Lírios do Campo*, etc. Na adaptação dessas obras a Globo emprega toda uma equipe de pesquisadores que estudam a época e a sua ambientação em matéria de costumes, trajes, fatos históricos, etc. É sobretudo com relação ao conhecimento do espaço e do tempo que a telenovela tem contribuído positivamente para o desenvolvimento cultural do povo brasileiro. Dados os recursos tecnológicos, a telenovela pode mostrar os mais diversos espaços físicos e em épocas históricas variadas (século XIX, década de 20, contemporaneidade). A realidade brasileira transfigurada em conteúdo emocional é fornecida a milhões de brasileiros. Recriam-se assim emoções, comportamentos, fornecendo ao indivíduo, carente de sensações, a sua dose diária e homeopática de entretenimento e emotividade de que todos necessitam. Ademais, simultaneamente, esse mesmo indivíduo se informa sobre o mundo e a cultura em que está inserido, dando-lhe uma consciência da realidade à qual milhões não acederiam se fossem deixados à sua própria capacidade de conscientização.

Outro mérito indiscutível da televisão: pessoas analfabetas adquirem conhecimentos humanísticos e científicos, além da informação sobre eventos históricos e contemporâneos, dispensando-se assim o meio convencional de aprendizagem: a escola.

A civilização ocidental teve o livro como seu alicerce fundamen-

tal na acumulação e divulgação do saber durante séculos. A civilização moderna nasceu com a imprensa e expandiu-se com ela. No mundo contemporâneo, porém, os meios eletrônicos — máxime a TV — ultrapassaram a imprensa em vantagens, por poderem atingir também os sujeitos que não puderam adquirir a habilidade da leitura na escola. E esses são milhões e milhões no mundo inteiro — perto de 30 milhões só no Brasil. Graças aos meios eletrônicos, eles estão deixando de ser marginais dentro da cultura contemporânea. Tal fato faz desses meios, recursos poderosos no processo de democratização do conhecimento.

Em face do crescimento geométrico das populações as CM passaram a ser o único veículo possível de integração das imensas e crescentes massas de sujeitos com que contam as sociedades modernas. Sobretudo num país de enorme extensão territorial como o Brasil e com uma população de 120 milhões de indivíduos, com prospecção de 212 milhões no ano 2.000 (de acordo com o Hudson Institute), as CM são o único instrumento de integração social, cultural e lingüística de que os cientistas sociais, lingüistas, agentes sociais e autoridades dispõem para um certo planejamento e orientação das mudanças culturais e sociais. No que concerne a língua, não quero dizer com isso que devemos planejar e orientar as mudanças lingüísticas. Entretanto, sabemos que a evolução lingüística é um fato e que as mudanças de um estado sincrônico de língua para outro estado sincrônico diferenciado é fe-

nômeno inevitável em qualquer sistema lingüístico. Embora não queira assumir atitudes valorativas, declarando empiramente boas algumas mudanças e indesejáveis outras, creio que é desejável manter um máximo de homogeneidade no português brasileiro falado e escrito em todos os pontos do país e indesejável favorecer as diferenças regionais espontâneas. Deve-se combater também movimentos de degradação da língua, entendendo por degradação uma diminuição de seus recursos expressivos e uma excessiva permeação de gírias, estrangeirismos e más-formações de vocábulos e de estruturas sintáticas. Esses seriam os riscos a serem evitados e combatidos caso fossem estimulados pelas CM.

Por outro lado, deve-se considerar as imensas potencialidades dos MCM. Se são freqüentemente manipulados de maneira indesejável, eles se transformaram no mais importante veículo de educação das massas. Sobretudo os meios eletrônicos revolucionaram totalmente a forma de aquisição e de transmissão da cultura. Eles podem elevar o nível geral de aspirações da população e estimular os processos desejáveis de mudança. Citemos uma passagem do livro de *Schramm Mass Media and National Development*:

“Os MCM fazem com que parte do país fique consciente das outras partes, de sua gente, de suas artes, costumes e políticas;... a moderna CM, utilizada inteligentemente, pode ajudar a união, num autêntico desenvolvimento *nacional*

de comunidades isoladas, subculturas diferentes, grupos e indivíduos centrados em si próprios e desenvolvimentos separados.” (7, p. 30).

A interação entre as partes mais desenvolvidas do Brasil e as menos desenvolvidas também me parece uma transformação cultural desejável.

Do ponto de vista humano, as CM combatem os privilégios por estenderem a informação, o ensino e o entretenimento a todos. Como bem disse Schramm:

“O significado maior da imprensa... não foi somente o de alterar o equilíbrio de longos séculos de comunicação direta falada, favorecendo a comunicação indireta e visual em larga escala mas também, o que é mais importante, a um número incomparavelmente maior de pessoas.” (7, p.35)

Como os meios eletrônicos, a televisão em particular, não requerem nenhum treinamento anterior específico (caso da imprensa) e fornecem a informação e o entretenimento ao consumidor a baixo custo, com um rapidíssimo poder de difusão, podem combater celeremente os privilégios de uma minoria.

Assim as CM têm um papel fundamental a cumprir na evolução da sociedade brasileira: democratizar o saber, a informação, o entretenimento e homogeneizar a linguagem, buscando elevar o nível intelectual, ético e estético e a com-

petência lingüística das massas no Brasil.

II. *Os meios impressos de CM. As histórias em quadrinhos.*

Neste artigo não será possível analisar detalhadamente o efeito integrador exercido pelos variadíssimos meios eletrônicos, a TV sobretudo, e dos igualmente diversificados meios impressos. Isso seria matéria para uma tese. Na primeira parte deste artigo tratei de generalidades relativas aos MCM; agora vou considerar os meios impressos, em particular as histórias em quadrinhos (HQ).

O livro é o meio clássico de comunicação, informação, conhecimento e lazer. No século XIX apareceram os jornais, revistas e periódicos. E no século XX todos esses meios se aprimoram. Com a invenção da fotografia e o progressivo avanço das técnicas fotográficas, os meios impressos começam a utilizar as ilustrações ainda no século XIX. No início do século XX surgem os "comics", ou revistas em quadrinhos.

Uma interessante pesquisa, realizada há alguns anos (provavelmente 1969) pelo Prof. Samuel Pfromm Netto (USP) forneceu uma imagem dos meios impressos em meio à classe estudantil universitária. A sua amostra foi de 198 estudantes de ambos os sexos, alunos do curso de Psicologia da Educação, com idades entre 19 e 39 anos (5). O resultado da pesquisa forneceu a seguinte imagem do livro e dos quadrinhos:

"A imagem mais favorável é a do livro, e a menos favorável corresponde à história em quadrinhos. Somente em duas características conotativas os quadrinhos são superiores aos demais meios impressos: rapidez e facilidade. Por outro lado, história em quadrinhos é o meio mais fantasioso, superficial, emocional, irresponsável, fraco, inútil e passivo deste grupo."

Entretanto, o público que avaliou os quadrinhos nessa pesquisa não constitui o público ao qual os "comics" se dirigem precipuamente. Por conseguinte, uma avaliação mais representativa seria a de uma pesquisa feita junto a crianças e adolescentes de 7 a 15 anos, que creio não ter sido feita.

Entre os meios impressos vou focalizar mais detalhadamente as HQ neste artigo. A escolha das HQ se deve ao fato de serem o meio impresso de maior público no Brasil, atingindo um volume enorme de pessoas. Os dados quantitativos mais recentes que possuo são do ano de 1977 do Instituto Verificador da Circulação. Nesse ano, no quarto trimestre, a tiragem total de revistas ilustradas foi: 7.236.013. A estimativa para o ano todo seria de 28.944.052, caso o número acima pudesse ser considerado como média trimestral. Ora, naquele quarto trimestre a tiragem total das HQ foi de 2.807.731, ou seja, 38,80% do total, porcentagem evidentemente muito elevada dada a variedade das revistas atualmente divulgadas no Brasil.

A imprensa ilustrada e periódica de massa cresceu extraordinariamente nestas duas últimas décadas. A Editora Abril, nascida em 1950 e que vai comemorar 30 anos agora em 80, constitui o melhor exemplo dessa afirmação. O rápido crescimento dessa editora se deveu sobretudo aos lucros auferidos com HQ, conforme testemunho da própria editora em publicidade por ela veiculada em suas revistas, quando comemorou os 25 anos de sua existência em 1975.

Outro veículo de grande público e que também utiliza um fotograma para cada momento da mensagem é a fotonovela. Entretanto, as HQ distinguem-se nitidamente das fotonovelas porque se dirigem a um público muito distinto. No caso da fotonovela, a sua grande consumidora é a classe C, mulheres na sua quase totalidade, sobretudo operárias e domésticas. Um excelente estudo da matéria, do ângulo sociológico, é o trabalho de Angeluccia Bernardes Habert (3), *Fotonovela e Indústria Cultural*. Esse livro baseou-se em dissertação de mestrado da USP. A propósito das HQ, estudo muito sério e original é o de Antonio Luiz Cagnin (2). Também foi tese de mestrado na USP. A perspectiva desse autor é a da Teoria da Literatura. Há, porém, enfoques primorosos sobre os elementos constitutivos das HQ que interessam a outros estudiosos das humanidades e não só ao teórico literário.

Os quadrinhos são consumidos por leitores masculinos e femininos e o seu grande público é o setor

infantil e infanto-juvenil da sociedade. Do ponto de vista das classes sociais parecem apresentar maior diversificação que as fotonovelas, atingindo todas as classes (A, B e C), excetuada evidentemente a classe D que não tem nenhum poder aquisitivo em matéria de lazer.

Indubitavelmente as HQ são um notável veículo de comunicação impressa sobretudo para crianças e adolescentes. Tendo em vista o problema do desenvolvimento mental da criança e o lento crescimento da sua capacidade de abstração, a imagem supre, em grande parte, a necessidade de explicar uma série de elementos descritivos e narrativos, através dos dados visuais fornecidos pela simulação da situação real. A riqueza informativa da imagem, porém, reduz a possibilidade de exercitar a competência lingüístico-discursiva pela própria existência da ilustração seqüencial que substitui a cadeia do discurso em grande parte. O texto reproduz o registro coloquial culto. Por conseguinte, pela leitura dos quadrinhos, o leitor infanto-juvenil terá acesso apenas ao código oral (ressalvado o fato de que se trata do registro escrito desse código). Se ocorrer a leitura exclusiva dos quadrinhos, o leitor infanto-juvenil reforçará apenas a sua habilitação no código oral, no qual ele já se vinha exercitando desde os primeiros anos no seu processo de aquisição da linguagem. Portanto, do ângulo pedagógico, trata-se basicamente do problema: linguagem oral x linguagem escrita. A segunda constitui um exercício individual de aquisição de uma nova

competência — o domínio do código escrito — o qual exige um certo esforço por parte do indivíduo, tanto na etapa da codificação (escrita) como na da decodificação (leitura). Já a linguagem oral constitui o quadro normal e espontâneo do exercício da faculdade lingüística para o ser humano. Nas elocuições verbais pouco se exercita o raciocínio pois elas são quase inconscientes. Além disso, praticamente inexiste o esforço de concentração e de abstração na fala. Ora, todos os educadores concordam em que um dos objetivos fundamentais do processo educacional consiste no desenvolvimento do pensamento lógico, isto é, a aquisição da capacidade de abstração, reflexão e criação mental. Tal competência só pode ser adquirida através de intenso treinamento no uso do código escrito, que é o único que nos habilita a criar intelectualmente. Essa competência requer longos anos: da infância à formação da personalidade adulta.

Do ponto de vista educacional também se impõe o problema do conteúdo da mensagem. As revistas de estórias de terror e de violências, por exemplo, podem prejudicar a formação da personalidade, embora não haja estudos a respeito, feitos no Brasil, até onde sei.

Essas ressalvas não significam que só vemos o lado negativo das HQ. Se a literatura quadrinizada não se converter na leitura exclusiva da criança e do adolescente, seus elementos positivos podem contribuir para o relaxamento das tensões e para o enriquecimento da sua personalidade.

Para encerrar esta unidade gostaria de lembrar um desses elementos positivos, considerando-se sobretudo o ângulo social da questão. O estudo clássico de Ferdinand Tönnies (9) — *Gemeinschaft und Gesellschaft* (Comunidade e Sociedade) — analisou as mudanças sociais, sobretudo a passagem de uma comunidade de tipo arcaico e fechado para a sociedade moderna de tipo aberto. Segundo ele, o antigo vínculo comunitário, baseado em sentimentos recíprocos e estreitos de relacionamento interpessoal e parentela, está sendo substituído por relações de tipo contratual explícito, onde o indivíduo é uma peça dentro de um sistema impessoal e anônimo. Embora Tönnies analisasse a sociedade europeia do final do século passado, a sua análise se aplica ao Brasil moderno, uma vez que há pouco tempo começamos a viver essas mudanças sociais que já ocorreram há bastante tempo nos países desenvolvidos.

Na nova estrutura social que se está a formar no Brasil, gerada pela urbanização e pela industrialização, o indivíduo tende a isolar-se nas grandes metrópoles, afastando-se do nosso antigüíssimo modelo comunitário de intensa comunicação interpessoal, com todas as conseqüências psicológicas e sociais causadas por esse novo tipo de comportamento. Nessas metrópoles, o contrato social entre os indivíduos passou a ser do tipo formal. Eis por que MCM como cinema, a televisão, as revistas ilustradas, as fotonovelas e os quadrinhos adquirem uma enorme importância como derivativo psicológico e

integrador. Lembremos que, na pesquisa realizada por Samuel Pfromm Netto, os quadrinhos apareceram como o meio mais *claro, fácil, fantasioso, superficial e emocional* dos MCM impressos. Paralelamente a televisão foi considerada o MCM audiovisual mais *fácil, superficial e emocional*. As conotações *emocional, fácil* foram atribuídas tanto aos quadrinhos como à televisão, podendo essa amostra testemunhar que esses dois meios, na estrutura *Gesellschaft* da sociedade de massa, figuram como um elemento de evasão e de entretenimento para o eu dos sujeitos.

Por outro lado, devemos salientar o aspecto integrador desses MCM. A CM expõe simultaneamente vastos públicos aos mesmos estímulos. Ora, na medida em que milhões de brasileiros são submetidos aos mesmos estímulos emocionais e lingüísticos, haverá uma tendência à homogeneização das reações, apesar das diferenças individuais de formação e de personalidade. Assim sendo, mais e mais a sociedade de massa, consumidora desses meios, tenderá a homogeneizar-se em todos os planos — quer se trate de valores, crenças, comportamentos ou linguagem. Quereamos ressaltar sobretudo a uniformização do comportamento verbal que se está processando no Brasil como um todo e máxime através dos MCM impressos, quadrinhos e revistas em geral. Já sabemos que hoje a tiragem anual dos quadrinhos ultrapassa, de muito, os 404 milhões de exemplares de 1971. Um tal bombardeamento maciço de vastos segmentos da sociedade aos

estímulos desses MCM forçosamente acarretará uma substancial nivelção da linguagem em todo o território nacional o que me parece um fim desejável.

III. *Análise da mensagem dos quadrinhos.*

Dada a grande variedade das revistas em quadrinhos, selecionamos apenas um pequeno indicador de amostras, uma vez que este estudo pretende apenas levantar o problema e não esgotar a matéria. Consideramos somente dois tipos de revistas: *Tio Patinhas* e *Mônica*, todas duas publicadas pela Editora Abril. No caso da primeira, muito da sua matéria é tradução, enquanto *Mônica* é criação nacional do conhecido artista Maurício de Sousa e sua equipe.

Vamos fazer inicialmente uma rápida análise do conteúdo e do tratamento da mensagem nesses MCM, antes de passarmos à última parte, ou seja, o estudo da sua linguagem.

Uma curiosidade: várias propagandas inseridas no *Tio Patinhas* dirigem-se visivelmente à classe C, pois há sempre aí ofertas miraculosas da aquisição de dotes que vão transformar a vida do eventual freguês (P. ex.: “Conheça bem sua inteligência” e “Aprenda as bases do êxito”, n.º 117 de *Tio Patinhas* e outros similares).

III.1. *Características dos quadrinhos.*

Os recursos expressivos visuais são geralmente bem arquitetados e falam por si só.

Não vou insistir sobre um dos elementos mais importantes da narrativa em quadrinhos: o balão. Geralmente os artistas da literatura quadrinizada, desde os seus primórdios, desenvolveram um verdadeiro código dos balões, código esse que as crianças decifram com facilidade. Consulte-se a propósito a lúcida análise feita por Antônio Cagnin (2, p. 120-130). Ele distingue várias formas nesse estudo: o balão-fala, o balão-pensamento, o balão-cochicho, o balão-berro, o balão-trêmulo, o balão-glacial, etc.

1) Há, porém, muitos outros recursos *visuais* que dão testemunho da engenhosidade dos artistas criadores dos quadrinhos. P. ex.

a) o fantástico.

As historietas do SuperPateta abundam em eventos miraculosos, como o próprio fato de ele se transformar no SuperPateta toda vez que come um superamendoim. Às vezes, ele luta contra a bruxa Min que também tem poderes mágicos. Todos os super-heróis ilustram a presença do fantástico como nos fotogramas seguintes:



Em *Mônica* o fantasioso é raro. Embora a qualidade do desenho seja tão boa quanto em *Tio Patinhas*, o estilo de Maurício de Sousa tende



para o caricato. No n.º 60, p. ex., a aventura de Chico Bento se baseava na temática das estórias de fadas de origem cavaleiresca

medieval. A princesinha da estória propõe a Chico Bento as três provas clássicas a que se costumava submeter a bravura de um cavaleiro nas novelas de cavalaria.

No n.º 77 do Mônica há uma transposição do imaginário para o real, organizada de forma a criar um efeito cômico final. Mônica está a ler *Os melhores contos de fada*. A medida que ela lê, as personagens dos contos desfilam literalmente diante dela: os Anões, a

Branca-de-Neve, a Bruxa, o Patinho Feio, Alice, o Coelho Branco, Chapeuzinho Vermelho, O Lobo Mau e os Três Porquinhos. Dessa forma o artista corporifica os processos mentais da criança: a imaginação de Mônica vai visualizando o que lê. Mas a historieta tem um desfecho cômico, pois a comicidade é a tônica da criação de Maurício de Sousa — Mônica se zanga com as personagens porque eles ficam conversando e não a deixam ler:



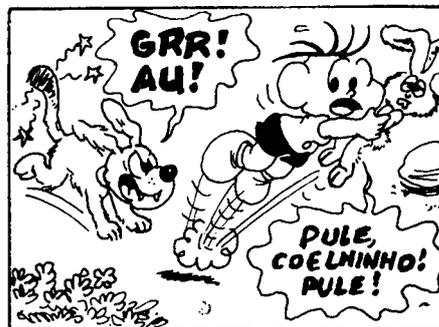
b) Entre os recursos visuais da técnica descritiva e narrativa dos artistas de quadrinhos são particularmente notáveis as expressões fisionômicas e corporais, índices de

emoções, sentimentos e reações das personagens. Observe-se na série de quadrinhos que abaixo indicamos tais índices:

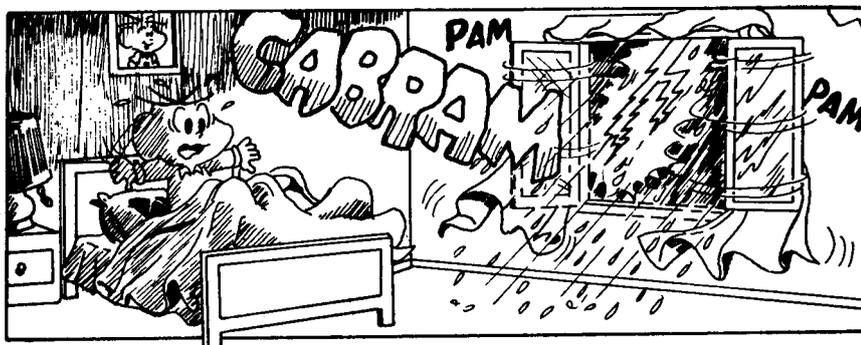
BIDERMAN, M.T.C. Padronização lingüística e cultural provocada pelos meios de comunicação de massa. *Alfa*, São Paulo, 24:25-48, 1980.



susto



raiva



medo

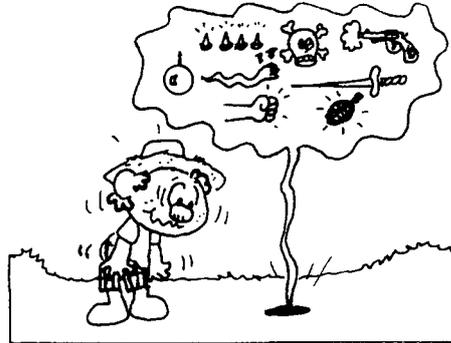
medo



Observe-se nesta última seqüência o efeito cômico, caro ao cartunista de Mônica, em que o próprio

monstro se apavora diante do grito aterrizado das crianças — *UM MONSTRO!*

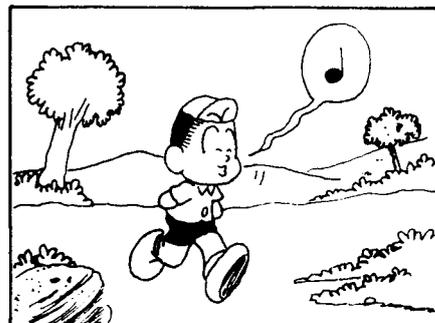
Muito curiosa é a técnica de Maurício no fotograma ao lado. O balãozinho que emerge do poço, não tem falas mas numerosos símbolos icônicos, simbolizando a vontade de matar com as mais diversas armas.



surpresa

Outro recurso é sublinhar as atitudes corporais e as expressões faciais com diacríticos que a tradição ortográfica convencionou para indicar reações de espanto e de surpresa interrogativa. No caso dos quadrinhos essa informação é veiculada naturalmente nos balões.

No fotograma seguinte outro símbolo tradicional, nesse caso musical, para o assovio do garoto:



c) Por vezes ocorrem estereótipos locais aprazíveis, ou de diversão infantil:

ambientes tenebrosos



ambiente aprazível



estereótipo de local de diversão infantil



Uma técnica freqüente na literatura quadrinizada: o quadrinho é exclusivamente branco ou de uma única cor, eliminando-se os referentes exteriores da situação. Esse expediente dá relevo apenas ao diálogo entre as personagens, geral-

mente desenhadas em "close-up". A comunicação oral passa a ser o foco exclusivo nesses momentos. Às vezes, só se salienta as onomatopéias que sintetizam toda a comunicação. Cf. os fotogramas abaixo:



III.2. Elementos culturais.

É comum a presença involuntária de elementos típicos da cultura americana em revistas como *Tio Patinhas* e *Mickey*. Constitui ilustração exemplar de elementos culturais da civilização americana a estória do Tio Patinhas "Fortuna

que foi pro espaço" no n.º 119, onde a narrativa é estruturada com base na astronáutica americana. Na página 68 desse número aparece a cabine telefônica, típica dos Estados Unidos, bem diferente do nosso orelhão. Observe-se no fotograma seguinte um tipo de lazer típico da civilização americana:

A ilha do tesouro



E este outro ambiente desértico do sudoeste americano:

OS LADRÕES DE PENAS



E também são estereotipados "saloons" do faroeste:



Os índios são padrões igualmente desse faroeste:



Até certo ponto, a presença constante da civilização americana no *Tio Patinhas*, *Mickey* poderia questionar as traduções enquanto leitura constante das massas pouco educadas. Relativamente aos vastos contingentes de semi-alfabetizados no Brasil, esse problema deve ser

considerado em aberto. Não estou certa se seria desejável e inofensivo favorecer a difusão dos padrões americanos entre as massas. Sobretudo por se tratar de mensagem veiculada através de recursos visuais que, como se sabe, são captados intensa e imediatamente

por parte do receptor comum. De fato, se a mensagem fosse discursiva apenas ela não impressionaria os sentidos da mesma forma que a mensagem visual.

Costumam aparecer no *Tio Patinhas* elementos culturais de outros povos, tempos e civilizações, geralmente bem aproveitados, tanto na estruturação da narrativa como na formulação de determinadas situações. Na historieta "O Sapo de ouro de Vambezi" * a narrativa focaliza um país subdesenvolvido. Curiosamente os ambientes interiores do palácio e os trajes dos nativos daquele país lembram a cultura turca. Assim, por exemplo, os trajes do rei Bezi e o seu palácio. Há aí elementos cômicos resultantes da imagem americana de um país subdesenvolvido, cheio de superstições, como a da sexta-feira, dia 13.

III.3. *Elementos estruturais da narrativa.*

A narrativa é sempre linear, contendo freqüentemente temperos fantasiosos e/ou fantásticos. Guardadas as proporções, a narrativa se aproxima, por vezes, da ficção científica. ** Entretanto, no *Tio Patinhas* o próprio fato de as perso-

nagens serem animais falantes e inteligentes (substitutivos de figuras humanas), criam um clima de naturalidade para o fantástico. Em *Mônica* a narrativa é bem simples, centrada apenas em um único episódio, como na estorinha "Coelhinho no buraco" (n.º 78), em que o coelhinho da Mônica cai em um buraco e os meninos ficam tentando se livrar dele de vez, através de expedientes para tapar aquele buraco. Do ponto de vista do argumento narrativo, *Mônica* é o oposto de *Tio Patinhas*. Na criação de Maurício de Sousa se narram episódios do cotidiano. A temática é adequada ao nível mental de uma criança de 5 a 8 anos. Os lances da narrativa quase que se limitam às reações provocadas pelo temperamento mandão da Mônica e sua tendência de querer sempre vantagens para si. São as resistências à vontade e aos caprichos dessa criaturinha que criam os momentos de expectativa e as soluções geralmente cômicas. Muitas vezes as tiradas da Mônica, da Magali, do Cebolinha ou do Cascão seriam mais próprias de um raciocínio adulto e não infantil. Mas devemos lembrar que há sempre dois planos nessas narrativas aparentemente elementares: de quando em quando

* n.º 117.

** Cf. a estória do Tio Patinhas "Fortuna que foi pro espaço", n.º 117.

a narrativa é pontuada por uma observação irônica ou até mordaz do autor que, sob o disfarce dessas criancinhas de 6 anos, faz a sua apreciação do comportamento humano. O domínio em que se passa a ação é geralmente o cotidiano de um brasileiro médio, com elementos culturais típicos da nossa realidade.

III.4. *As personagens.*

As personagens são estereotipadas.

Tio Patinhas é um inveterado ambicioso, rico, avarento, embora simpático. Nas historietas sobre ele o fulcro da narração é exatamente esse caráter de Tio Patinhas. Ele pode ser considerado como uma paródia do milionário americano; poderíamos falar, no caso, de um símbolo icônico. Cf. nos fotogramas da página 90 (n.º 117) respostas como estas que ele dá ao Donald: "Você só pensa em comida! Não sabe que estou perdendo dinheiro a cada minuto que fico parado aqui"; "Quatro dias sem chance de ganhar dinheiro! Isso é uma tragédia para mim!" À página 93 encontramos uma resposta de Donald que faz a crítica a esse amor exagerado pelo dinheiro: "Hein? Quer trocar toda sua sorte por dinheiro?"

Os sobrinhos do Donald (Huguinho, Luizinho e Zezinho) representam os inteligentes vivos que, fre-

qüentemente, passam o Donald para trás.

Os Irmãos Metralha representam os vilões que são sempre castigados. A narrativa aproveita-os como elemento da estrutura para comprovar que "o crime não compensa".

O Lobão é um mau caráter que é sempre castigado, com freqüência através de situações ridículas.

Mickey representa o ingênuo confiante, muitas vezes ludibriado pelos espertos.

Mônica é uma menininha voluntariosa, mandona, líder do grupo e sempre disposta a usar a força como argumento.

Cebolinha, caracterizado pelo seu cabelinho e por sua linguagem errada (troca de letras), forma com o Cascão, a dupla rival da Mônica. O Cascão é um porquinho que detesta tomar banho, donde o seu apelido.

Magali, a amiguinha da Mônica, é muito gulosa, aliando-se geralmente à Mônica na rivalidade ativa contra os meninos.

IV. *A linguagem dos quadrinhos.*

A linguagem dos quadrinhos é, sem dúvida, a norma culta coloquial das pessoas instruídas; portanto, não passível de crítica por parte dos gramáticos. Há algumas

raras incorporações de “erros” da fala coloquial. P. Ex. o uso do verbo *ter* por *haver* como este enunciado de Donald em *Tio Patinhas* (n.º 117): “Tem aeroporto em Vambezi?” Observe-se a réplica do Tio Patinhas com a devida correção gramatical: “Sim! Mas só *há* um vôo por semana...”. E também este outro uso popular do pronome sujeito como objeto: “Eu devia era encher *ele* de chumbo!” Embora esse tipo de incorreção seja relativamente raro.*

O vocabulário inclui palavras e expressões populares bem como cultas e não-populares, entre as quais neologismos incorporados através da tecnologia moderna. Exs.:

- 1) populares
 - a) *Tio Patinhas*: velhão, caras, cambadas, barulhão, legal, grana, pra, tampão, um trouxa, moleques danados, está na cara, etc.
 - b) *Mônica*: legal, cadê, tá genial, que negócio é esse...
- 2) não-populares
 - a) *Tio Patinhas*: arredores, fosso, platéia, casebre, acampar, bosque, propriedade alheia, estou ouvindo algo! etc.
 - tecnologia moderna: cápsula, órbita, caminhões blindados, trajetória, acionar

(acione, acionei), magneticamente, foguetes super-rápidos, operar por controle remoto, projetor de cinema.

- b) *Mônica*: autêntica, homens das cavernas, exercitar, audaz, cavalheiro, código secreto, hipnotizar, reflexos, gazela, torcicolo, etc.

Um capítulo a ser estudado, com mais cuidado, seria o das onomatopéias e interjeições, abundantes nos quadrinhos. A meu ver, nas traduções como o *Tio Patinhas*, às vezes, a adaptação do tradutor é infeliz, tendo em vista a mais conveniente transcrição gráfica da fonologia brasileira. Embora, as onomatopéias sejam ruídos e, em princípio, a convenção ortográfica estipule que os ruídos se representam por consoantes, a verdade é que as onomatopéias deveriam ser interpretações do sistema fonológico em apreço, ou seja, o português brasileiro. No caso da nossa comunidade nacional, portanto, parece-me indiscutível que se deva respeitar a fonética do falar brasileiro e o seu sistema fonológico. Um ponto básico: nós não proferimos sílabas sem um apoio vocálico. Portanto, copiar os autores americanos de *Tio Patinhas* colocando *seqüências consonânticas* para reproduzir ruídos diversos e sons emitidos por humanos ou animais travestidos de homens, parece-me criticável. Ex.:

* Outros exemplos similares: “Vou ficar rico apresentando ela no circo”, “Deixe eu ficar na janelinha, vai!” (*Mônica* 77).

HUMPF, UFF, ARGH, UGH, BZZ, CRIINCH, PSST, TUNC, FSSS, TCHUF.

O artigo de Naunin Aizen (1, p. 269-306) "Bum", Prááá! Bam! Tchááá! Pou! Onomatopéias nas HQ" não trata esta matéria do ângulo propriamente lingüístico, apesar das abundantes citações de trabalhos lingüísticos. O único autor nacional aí citado, influenciado pelas HQ — Millor Fernandes — usa também, por sinal, recursos não-fonológicos, face ao código oral do português brasileiro. Esse conhecido humorista trabalha com a imagem na mesma proporção do texto. Ele deve ter sido inconscientemente influenciado pelos "comics", não tendo filtrado seus recursos expressivos gráficos através do seu próprio código oral. Que se confronte o amplo exemplário de onomatopéias, colhidas em autores de língua portuguesa, existentes no estudo citado de N. Aizen! Todos utilizam uma codificação conforme aos padrões fonológicos da língua portuguesa. Seriam onomatopéias e interjeições aceitáveis dentro do sistema fonológico português os seguintes exemplos coletados em *Tio Patinhas* (n.º 117): fom! fom!, humm, nhac, piu piu, bam bam, trimm, zóim, ei, ah ah ah, poxa, há, ué, hein, etc.

Quanto à sintaxe, as estruturas utilizadas conformam-se perfeitamente ao padrão culto brasileiro, sendo que alguns empregos podem ser considerados exemplares da linguagem mais cuidada como:

1) *Tio Patinhas*: "Ou talvez eu esteja vendo coisas..."; "Mas onde eu o guardarei?"; "A cápsula está no espaço, mas podemos seguir sua trajetória graças a uma câmara de TV que ela levou", "Este é o último carregamento! Informe a base de que vamos voltar!"; "Os foguetes ligam-se magneticamente às cápsulas...";

2) *Mônica*: "O negócio é o seguinte: vamos imaginar que não existe a roda, e que nós vamos tentar inventá-la como os homens primitivos inventaram!"; "E aí começa a brincadeira! Vamos fingir que somos daquele tempo!"; "Agora vamos para o campo, pra coisa ser mais autêntica!". "Se eu o encontrasse, terminaria a busca que vem me tomando as vinte e quatro horas de cada dia..." "Há meses!"; "O que há nessa pedra para assustá-la tanto?".

Relativamente aos usos, Mônica exhibe ocorrências de idiotismos e expressões brasileiras, como seria de esperar, quer se trate de interjeições, de léxico ou de fraseologia. Ex:

- a) ó nem!, puxa!, né, xóóó!, uaaai!, tá legal!, que bacana!, prontinho!, puxa vida!
- b) "É legal mesmo, não?"; "Algumas? Ponha "algumas" nisso!"; "Tá legal! Lá vou eu!"; "Eu logo vi! Aquela árvore só podia ser mágica mesmo!"; "E agora fique aí bem quietinho se não quiser tomar mais uma colherada de óleo de rícino, ouviu?"; "Que ralo de restaurante é esse?", etc.

BIDERMAN, M.T.C. Padronização lingüística e cultural provocada pelos meios de comunicação de massa. *Alfa*, São Paulo, 24:25-48, 1980.

Em suma, poucas críticas podem ser feitas à linguagem das HQ, pois os quadrinhos representam, de fato, a linguagem coloquial brasileira, registro culto. Como o contexto dessa literatura quadrinizada é o do diálogo cotidiano, nada mais normal que se utilize, no seu código escrito, as realizações do código oral. Além disso, por sua natureza de leitura de entretenimento,

os quadrinhos podem oferecer um modelo de linguagem às massas brasileiras. Do ponto de vista gramatical, as HQ podem exercer uma ação salutar no processo de uniformização e aprimoramento do código oral (registro culto) e também do escrito em vastos contingentes da população brasileira.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Linguistic and cultural standardization caused by mass media communications. *Alfa*, São Paulo, 24:25-48, 1980.

ABSTRACT: In contemporary Brazil mass media, TV mainly, perform an important function in the process of cultural integration and linguistic homogeneity. As Brazil covers a vast territory and has a considerable amount of illiterate people (11% of the population), TV performs a basic integrational function owing to the great technological advance of this vehicle. Furthermore, in the whole country television has a vast audience, including Indians. Democratically TV and other mass media are promoting knowledge, information and leisure for everybody. Among printed mass media, comics have the largest audience. They disseminate educated colloquial pattern; nevertheless, they include some concessions towards typical "mistakes" of the spoken code. Mass media, mainly the printed vehicles, collaborate with a vigorous process of uniformization of Portuguese language in Brazil.

UNITERMS: Linguistic and cultural standardization; Mass media; Language of comic strips.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AIZEN, N. Bum! |Prááá! Tchááá! Onomatopéias nas HQ. In: MOYA, A. de. *Shazam!* São Paulo, Perspectiva, 1970. p. 269. 306.
2. CAGNIN, A.L. *Os quadrinhos*. São Paulo, Ática, 1975.
3. HABERT, A.B. *Fotonovela e indústria cultural*. Petrópolis, Vozes, 1974.
4. MC LUHAN, M. *Os meios de comunicação como extensão do homem*. São Paulo, Cultrix, 1969.

BIDERMAN, M.T.C. Padronização lingüística e cultural provocada pelos meios de comunicação de massa. *Alfa*, São Paulo, 24:25-48, 1980.

5. PFROMM NETTO, S. Comunicação de massa. *Probl. bras*, 12 (136): 5-15, dez. 1974. *massa*. São Paulo, Pioneira, 1972.
6. SAPIR, E. Língua e ambiente. In: *Linguística como ciência*. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1969. p. 43.62.
7. SCHRAMM. *Mass media and national development*. Stanford, University Press, 1964. Apud: PFROMM NETTO, S. *Comunicação de massa*. São Paulo, Pioneira, 1972.
8. TELEVISÃO invade até aldeias amazônicas. *O Estado de S. Paulo*, 24, ago. 1978.
9. TÖNNIES, F. *Gemeinschaft und Gesellschaft*. Apud: DE FLEUR, M. *Teorias de comunicação de massa*. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. OS ANOS 70 & Televisão: e agora, nossa próxima atração. *Folhetim*, São Paulo, (148), 18 jan. 1979.
2. COMUNICAÇÃO e indústria cultural. São Paulo, Ed. Nacional/EDUSP, 1971.
3. DIAS, Marcos Antonio R. Pesquisa em comunicação e opinião pública. *Rev. bras. Teledec.*, Porto Alegre, 1: 40-59, 1972.
4. FISCHER, H. D. & MERRIL, J. C., org. *Comunicação internacional: meios, canais, funções*. São Paulo, Cultrix, 1975.

SINTAGMAS PREPOSICIONADOS EM PORTUGUÊS

Francisco da Silva Borba *

BORBA, Francisco da Silva. Sintagmas preposicionados em português. *Alfa*, Paulo, 24:49-58, 1980.

RESUMO: Trata-se de uma sugestão para a descrição de sintagmas preposicionados através da apresentação da estrutura e do funcionamento de alguns sintagmas preposicionados em português.

UNITERMOS: Estrutura; Gramática performativa; Sintagma; Sintagma preposicionado; Subcategoria.

1 — *Estrutura*

Podemos entender *sintagma preposicionado* (Spr) em sentido amplo e em sentido restrito. Em sentido amplo consta ele de um termo inicial (I) e de um terminal (T) enlaçados pela preposição (pr) e, em sentido restrito, de preposição mais o terminal.

As classes que preenchem os termos são a nominal (nome — N e adjetivo — Adj) e a verbal (verbo — V), uma vez que os pronomes são substitutos dos nomes e os advérbios ora se comportam também como substitutos (locativos e temporais) ora como adjetivos (Cf. bom de coração/está bem de vida). Assim temos:

I (N — Adj — V) + Pr + T
(N — Adj — V)

Ex.: a *casa* da esquina
uma garota *bonita* de rosto
vou a Santos
Sorria às *crianças*
Morreu de *velho*
Está para *chegar*

As necessidades da análise determinam quando se deve operar com o sintagma todo ou quando o problema está só na sua parte terminal.

2 — *Frequência*

Quando a língua tem preposições, elas costumam ser muito

* Professor Titular do Departamento de Lingüística do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, Campus de Araraquara, UNESP.

freqüentes pelo fato de constituírem uma classe gramatical, ou seja, um conjunto fechado. Quanto maior for a implicação gramatical de uma classe, maior a sua probabilidade de ocorrência. Isso quer dizer que a freqüência se relaciona diretamente com a significação gramatical do item léxico.

Para o português, em 260 páginas escolhidas aleatoriamente em textos escritos de registro coloquial (jornais, revistas, peças de teatro, crônicas etc.) encontramos um total de 8671 ocorrências, o que nos permitiu classificar as preposições em três grupos.

I (freqü. alta) — *de* (4158), *em* (1620), *a* (816), *para* (658), *com* (540), *por* (524).

II (freqü. média) — *sem* (113), *sobre* (68), *até* (61), *entre* (40), *contra* (24), *desde* (20), *após* (16), *sob* (12).

III (freqü. baixa) — *ante* (1), *perante* (0).

Essa freqüência implica a diversificação semântica, causando intersecções de conjuntos significativos, de onde surgem as dificuldades de descrição.

3 — Descrição de alguns sintagmas preposicionados

As análises abaixo pretendem constituir-se mais em sugestões para a construção de uma *gramática performativa* do português do que em soluções definitivas para casos particulares.

3.1— Seja o conjunto:

- (1) Está *em* casa.
- (2) Entrou *na* igreja.
- (3) Vamos passear *na* praça.
- (4) Arrastava a trouxa *no* chão.
- (5) Tomava café *na* cama.
- (6) Nunca dormi *num* colchão de molas.
- (7) Sei de um burro que sabe passar *em* pinguela de um pau só.

Para o sistema, a matriz é a seguinte:

I	Pr	T	
V	em	N	
		↳	(= inclusão no espaço)

Ora, qualquer falante nativo percebe que o hiper-semema — inclusão no espaço — se realiza por alossemas diferentes. Isso se deve às regras de inserção dos itens lexicais. Se a matriz de cada item for descrita em termos de traços (= subcategorias), veremos que há regras de seleção já do terminal já do inicial e do terminal. Assim, se

$T \rightarrow N$ [+ tridimensional (+ comprimento, + largura, + altura)],
então

$Pr \rightarrow em$ (= dentro de) (cf. 1 e 2)
Se

$T \rightarrow N$ [+ bidimensional (+ C, + L)],
então

$Pr \rightarrow em$ (= sobre) (cf. 5 e 6)
Se

T → N [+ unidimensional
(+ C)],
então
Pr → em (= por, ao longo de)
(cf. 7)
Em (3) — (4) e (5) — (6), o

terminal contém nomes da mesma
subclasse (+ bid.) e os valores são
diferentes, isto é, (3) — (4) coinci-
dem com (7). A causa está na sele-
ção do inicial V → V (± Mov. =
movimento).
Logo

V (+ Mov.) + em + N (+ bid.)
|————→ = ao longo de, por

V (— Mov.) + em + N (+ bid.)
|————→ = sobre

- 3.2— Tomemos agora as frases:
- | | |
|---|--|
| (1) O professor era casado, <i>com</i> filhos. | com valor possessivo, mas seus conjuntos não coincidem, pois se podemos ter <i>apartamento de ótimo banheiro</i> e <i>pensões de comida de primeira</i> , não temos <i>professor de filhos</i> , do mesmo modo como a preposição <i>com</i> não substitui <i>de</i> em (4), (5) e (6). |
| (2) Comprou um apartamento <i>com</i> ótimo banheiro. | |
| (3) Há pensões <i>com</i> comida de primeira. | |
| (4) Perdi a chave <i>do</i> carro. | |
| (5) Entrou para um colégio <i>de</i> freiras. | Na verdade, tais sintagmas preposicionados são nominalizações de orações possessivas do tipo — SO(SN + Vter + SN) *
→ Sprep — em que operam transformações diferentes. |
| (6) O marido <i>da</i> Celeste desapareceu. | Assim |
- Na estrutura N + Pr + N, as preposições *com* e *de* se realizam

O professor tem filhos	→	o professor com filhos
O apartamento tem banheiro	→	apartamento com banheiro
O carro tem chave	→	a chave do carro
As freiras têm um colégio	→	um colégio de freiras

Por aí se vê que, na nominalização com *com*, há apenas substituição de itens lexicais, enquanto a inserção de *de* no lugar de *ter* exige a permutação da ordem possuidor/possuído, exigência que só se anula quando o Spr restrito (= possuído) contém uma expansão (adj, quantificador etc.).

* SN = sintagma nominal; SO = sintagma oracional.

O carro tem chave → O carro *com* chave
 O carro *de* chave *dourada*
 (Ordem: possuidor/possuído)
 A chave do carro
 (Ordem: possuído/possuidor)

3.3— Para Spr do tipo

- (1) O copo de Pedro (posse)
- (2) O copo de vinho (conteúdo)
- (3) O copo de vidro (matéria)

Uma explicação possível está no mecanismo de transformações das orações subjacentes até chegarmos à nominalização:

- (1) Pedro tem o copo → o copo é de Pedro → o copo de Pedro.
- (2) O copo contém vinho → o copo é continente de vinho → o copo é de vinho → o copo de vinho.
- (3) O copo é feito de vidro → o copo é de vidro → o copo de vidro.

Esta seria uma solução típica dos gramáticos universalistas cartesianos (séc. XVII — XVIII) para quem toda construção contém o verbo *ser*, predicado por excelência.

Poderíamos, contudo, aventar a hipótese segundo a qual a diferença está na seleção dos itens lexicais do terminal, para os casos (2) e (3), uma vez que (1) (= posse) não apresenta dificuldades (cf. 3.2). Teremos, portanto:

Regra geral: Se o nome do terminal for contável, a preposição (R₁) indica conteúdo; se for não-contável, indica matéria. A matriz será:

N + de + N (+ Cont.) → conteúdo
 N + de + N (— Cont.) → matéria

Exemplos:

conteúdo	matéria
vidro de pimenta caixa de bombom cesto de laranjas	panela de ferro anel de ouro prato de louça

Contra-exemplos:

conteúdo	matéria
(4) garrafa de <i>leite</i> (5) balde de <i>gelo</i> (6) copo de <i>vinho</i>	(4a) doce de <i>leite</i> (5a) cubo de <i>gelo</i> (6a) vinagre de <i>vinho</i>

No léxico, *leite*, *gelo* e *vinho* são não-contáveis. Na atuação, porém, são tomados em seu valor particular e, portanto, quantificável em (4), (5) e (6) e em seu valor genérico (— cont.) em (4a), (5a) e (6a). Comparem-se:

Este <i>leite</i> é bom	#	<i>Leite</i> é bom para a saúde
Os <i>vinhos</i> franceses	#	<i>Leite</i> é bom para a saúde
+ cont.	#	Gosto de <i>vinho</i> etc.
		— cont.

Trata-se, pois, de uma transformação local, ou seja, uma regra de transformação sensível ao contexto. Assim o traço \pm contável passaria do léxico (N + cont., N — cont.) para o SN:

R ₂ : SN	→	SN (\pm cont.)	em que:
N	→	+ cont.	(conteúdo)
N	→	— cont.	(matéria)

Note-se que, para exemplos do tipo (4), (5) e (6) qualquer falante percebe intuitivamente que se trata de uma certa quantidade de vinho e de leite, bem como de pedaços de gelo dentro de um balde. Tomemos, agora:

(7) colar de *pérolas* (matéria)

(8) rosário de *contas* (matéria)

A contradição à Regra, é apenas aparente porque o plural implica não delimitação do conjunto e, portanto, valor genérico. Note-se que — *colar de pérola* e *rosário de conta* — se não são agramaticais, são ambíguos.

É o que acontece com:

(9) casa de *barro* (matéria) —
(N -cont.)

(10) casa de *tijolos* (matéria) —
(SN -cont.) — T_{local}

em que tijolo (N +cont.) sofre uma transformação de número para incluir-se num conjunto ilimitado. Quando se diz *casa de tijolos*, não interessa a quantidade de tijolos gastos, mas focaliza-se a *matéria* em si, isto é, de tijolos e não de barro, de pedra ou de ferro.

Dessa forma, poderemos complementar a regra dois, dizendo que se N pertence a um conjunto delimitado (no léxico ou no texto) ele é contável; caso contrário é não-contável.

Observação:

Poder-se-ia ainda dizer que sintagmas como “*xícara de café*” e “*copo de vinho*” são ambíguos, em que *de* também equivale a *para*. Mas aí a diferenciação se faz por subcategorização colocal. O Spr é dominado, na estrutura profunda (EP), por um ^vt cuja subclasse determina o valor da preposição.

Exemplos:

Tomar uma xícara *de* café
|
con conteúdo

Fabricar xícaras *de* café
|
finalidade

3.4- Examinemos, em seguida, frases com várias preposições:

- (1) O sinteco não se descola *ante* o peso dos móveis.
- (2) E se a criança acordasse *com* o barulho do vento?
- (3) O arvoredo vergava *às* chicotadas do ar.
- (4) Você se mataria *por* paixão?
- (5) A comadre quase morreu *de* vergonha do vigário.
- (6) O ferido se contorcia *em* dores.

Em todas as orações, as preposições grifadas têm valor causal, mas nem todas são substituíveis entre si. Isso quer dizer que todas provêm de frases causativas, mas a mecânica transformacional não é a mesma, nem os graus de coesão sintática continuam os mesmos em relação aos Sprep resultantes. Se não vejamos:

As orações causativas respectivas são:

- (1) O peso dos móveis não faz o sinteco descolar.

(2) O barulho do vento faria a criança acordar?

(3) As chicotadas do ar faziam o arvoredo vergar.

(4) A paixão faria você se matar?

(5) A vergonha do vigário fez a comadre quase morrer.

(6) As dores faziam o ferido contorcer-se.

Trata-se de transformações simples com substituição de operadores (fazer → prep.).

Numa construção causativa, a causa é sempre o pressuposto e o efeito constitui o *foco* ou informação nova. Quando se trata de uma oração causativa tem-se, na verdade, uma oração do tipo transitivo que comporta um estimulador do processo, o *causativo* (Ca), e um resultado (R). Por isso, o causativo sempre está numa estrutura complexa, de duas orações, uma que contém o traço causa e outra formada por um verbo que denota mudança de estado (= processo).

Superficialmente, tais estruturas realizam-se por orações com verbos transitivos de valor causativo, por construções com auxiliares causativos ou por Sprep.

Exemplo: (Fig. 1)

Embora em (4) só caiba *de*, a preposição *por* substitui qualquer uma das demais nos exemplos citados.

Isso leva a propor dois conjuntos com intersecção em *por*: (Fig. 2)



— Fig. 2 —

Essas diferenças se explicam pelas relações dos Sprep restritos com seus iniciais. Por exemplo, *vergar* não admite *de*, como *contorcer-se* não admite *ante*; *acordar* e *descolar* podem construir-se como *de*, mas noutras construções ou com outros valores semânticos (cf. Os cartazes descolavam do muro; Acordei-me de minhas mágoas: *acordar* = *lembrar-se*).

3.5- Consideremos agora os três conjuntos abaixo:

1. a- Maria foi *para* o quarto.
b- Viajarei *para* Campinas.
c- O garoto correu *para* a rua.
2. a- Comprei agulhas *para* você *tricotar* uma blusa.
b- Márcia gosta de toalhas coloridas *para* banho.
c- Não tomo pílulas *para* dormir.
d- Até ladrão tem tranquilidade *para* assaltar.
3. a- Patrões e grevistas entram em acordo *para* alívio de todos.

b- O Senhor Jânio, *para* surpresa dos juarezistas, mostrou-se cauteloso.

c- Dona Amélia se aposentou, *para* tristeza de seus colegas.

No primeiro conjunto parece evidente que o valor *direção no espaço* atribuível à preposição se vincula à sub-classe do I (+Mov), sendo que o T deve ser *+concreto* para suporte do término do movimento. Já no segundo conjunto, o valor *destinação* se prende ao terminal, que deve ser uma oração:

Sprep → Prep. + O (SN + SV)

Tal esquema pode realizar-se por uma oração mesmo (cf 2a), por nominalização (cf 2b) ou por apagamento do sujeito (cf 2c) e/ou do objeto (cf 2d), mecanismos que não se aplicam indiferentemente. Assim, quando o sujeito e o objeto da oração matriz coincidem com o sujeito e o objeto da inserida (> Sprep), apagam-se. Exemplo: Pedro cria *frangos* *para* Pedro vender os *frangos* no mercado > Pedro cria *frangos* *para* vender (no mercado). Como, nesses casos, o apa-

gamento do sujeito e/ou do objeto pode coincidir com a não-expressão de sujeitos e objetos indeterminados (Δ), essa operação de apagamento estará sujeita à especificidade semântica do enunciado. Cf. Maria comprou linha *para bordar* / para ela mesma *bordar* / para sua mãe *bordar um tapete* / para bordar um tapete. Dessa forma, então, omite-se o que não tiver interesse para a comunicação, até mesmo o

núcleo do predicado. Exemplo: Preciso de água para molhar as plantas > água para as plantas. Por outro lado, a nominalização alterna com o uso do infinito. Cf. Gado para abater / gado para o abate.

No terceiro conjunto o valor consecutivo do Sprep se deve ao fato de que ele provém de uma oração que representa uma conseqüência da comparação entre dois fatos:

Patrões e grevistas entraram em acordo

> ... para + alívio de todos

Isso aliviou todos

Como se vê, a oração consecutiva, antes de inserir-se na matriz, nominaliza-se para receber a pre-

posição. Por isso o T do sintagma é +abstrato (deverbal ou não).

Exemplo:

Dona Amélia se aposentou

> ... para tristeza de seus colegas

Isso entristeceu seus colegas

4 — Conclusão

A intenção dessa pequena amostra é ilustrar que uma gramática do desempenho (performance) deve mesmo ocupar-se de condições de adequação e estratégias para o uso lingüístico em vez de tentar explicar a variedade desse uso. Isso porque a explicação nunca está no nível manifesto, mas num outro, mais profundo, regular e geral. A construção de um modelo de produção e reconhecimento deverá dar prioridade a estratégias de percepção já que o desempenho resulta

da interação complexa de vários fatores como os contextuais, os ligados às intenções do falante, a seu sistema de crenças etc..

O exame de alguns Sprep mostrou como eles são realização de possibilidades de um esquema estrutural subjacente. Para captar-lhes o valor, é preciso chegar a esse esquema, o que se faz por operações sucessivas de redução. Isso quer dizer que uma gramática performativa não se constrói nem antes nem desvinculada da gramática da competência.

BORBA, F. da S. Sintagmas preposicionados em português. *Alfa*, São Paulo, 24:49-58, 1980.

BORBA, Francisco da Silva. Prepositional phrases in Portuguese. *Alfa*, São Paulo, 24:49-58, 1980

ABSTRACT: This paper suggests a procedure for prepositional phrases description through the presentation of the structure and functioning of some prepositional phrases in Portuguese.

UNITERMS: Phrase; Prepositional phrase; Performative grammar; Subcategory; Structure.

PADRÕES LINGÜÍSTICOS E ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

Roberto Gomes Camacho*

CAMACHO, Roberto Gomes. Padrões lingüísticos e estratificação social. *Alfa*, São Paulo, 24:59-71, 1980.

RESUMO: Este trabalho investiga o desempenho lingüístico de dois grupos de adolescentes entre 10 e 18 anos, segundo grau de escolaridade e estrato sócio-econômico. Seu principal objetivo é verificar o grau de conformidade alcançado por ambos à norma adulta de prestígio, considerando-se unicamente variantes fonológicas e avaliar, além disso, o papel da escola no ensino de habilidades consideradas necessárias à aquisição de um conjunto consistente de variantes sócio-culturais.

UNITERMOS: Variação sócio-cultural; Norma de Prestígio; Norma pedagógica; Língua-padrão; Estigmatização; Socialização; Estratificação social.

1. *Introdução*

Uma das mais recentes preocupações da Lingüística é reverter o conhecimento teórico, amplo e fecundo, sobre o funcionamento dos mecanismos das línguas naturais, em direção de aplicações práticas, como um corolário da posição que ocupa entre as ciências do homem.

Conseqüência dessa preocupação, a "lingüística aplicada" ocupa-se fundamentalmente do ensino de línguas estrangeiras, relegando a

plano secundário a instrução da língua materna.

Ainda que nesse campo tudo esteja por fazer, uma área das ciências lingüísticas, já muito cultivada pela investigação contemporânea, poderia fornecer ao lado da teoria da linguagem, conhecimentos fundamentais ao ensino da língua vernácula: trata-se da Sociolingüística, que se ocupa da relação entre fatores sócio-culturais e a variação lingüística (3, p. 63-4).

A investigação sociolingüística tem demonstrado que a língua re-

* Professor Assistente do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, UNESP.

flete, de modo irrefutável, uma refinada estratificação social na alternância de suas formas de uso. É justamente a existência de sub-normas sócio-culturais um dos entraves para um ensino eficiente da língua materna, uma vez que nem sempre o sistema de valores promovido pela escola se identifica com aquele compartilhado pelos membros do setor social de que se origina o educando.

Em face desse problema, chama a atenção um trabalho secundário, nem por isso menos importante, dentre as contribuições de Labov para a investigação sociolingüística: o artigo "Stages in the Acquisition of Standard English" (4). Apresentando o esboço de um modelo de aquisição pelo adolescente dos padrões lingüísticos de prestígio da norma adulta, seu autor assinala as dificuldades enfrentadas pela escola pública em proporcionar às crianças de baixo nível sócio-econômico a mesma amplitude de variação sócio-estilística aberta às crianças de classe favorecida.

Foi o modelo sugerido por Labov que inspirou um estudo anterior cujo objetivo principal foi a investigação de duas fases na aquisição de padrões lingüísticos de prestígio por adolescentes entre 10 e 18 anos, de duas escolas da área metropolitana de São Paulo, como subsídio para uma dissertação de mestrado (2). O presente trabalho é resultado de tal investigação.

A faixa etária pesquisada enquadra-se nos estágios três e quatro, em que são desenvolvidas, como

seu autor permite entrever, a capacidade de perceber a diferença entre duas variantes, como por exemplo, a relação entre uma vibrante alveolar e a alternante retroflexa, e a capacidade de reconhecer o valor social de prestígio de uma em detrimento da outra. Isso permitiria ao adolescente a habilidade de selecionar dentre as duas, optando pela mais adequada a uma situação verbal específica.

Para testar a aquisição dessas habilidades, foram aplicados dois questionários: um de percepção da diferença e outro de avaliação social. Como, todavia, tais habilidades não são sistematicamente desenvolvidas pela escola, que se preocupa exclusivamente com o ensino de uma gramática do tipo normativo, incluiu-se um terceiro teste para avaliar a capacidade de se distinguir a variante correta de acordo com tal norma pedagógica.

Os dados foram abordados sob as seguintes perspectivas de análise: relação entre o resultado nos testes e grau de escolaridade (5a e 8a séries), idade e sexo, além de estrato sócio-econômico. Sempre que possível, combinaram-se dois ou mais fatores.

A discussão que se propõe aqui está circunscrita à análise dos resultados nos testes relacionados a dois fatores: *classe sócio-econômica* e *grau de escolaridade*.

Os efeitos da estratificação social sobre o desempenho lingüístico dos informantes foram obtidos através da comparação entre dois níveis sócio-economicamente opostos, os dois extremos numa escala. Para

tanto, selecionaram-se duas escolas para representá-los: uma, particular, no Morumbi, bairro do mais alto padrão residencial; outra, da rede estadual de ensino, no Conjunto Habitacional Mal. Mascarenhas de Moraes, em Sapopemba, bairro carente, de população operária.

2. *Relação entre resultados nos testes e grau de escolaridade.*

Os resultados indicam uma correlação estável entre grau de escolaridade e competência nas três habilidades testadas: os índices de erros tendem a diminuir, à medida que aumenta o grau de educação formal dos alunos e, pode-se acrescentar, independentemente de nível sócio-econômico. Há, contudo, uma diferença de grau.

Com efeito, os informantes socialmente privilegiados não demonstram, pelo seu desempenho, haver grande desnível entre as séries; excetua-se do padrão mencionado a 8.a, que apresenta índices

de erros superiores aos da 5.a série nos testes de correção e avaliação social (v. figura 1).

Os resultados dos informantes sócio-economicamente desfavorecidos, por outro lado, levam à observação de diferenças nítidas entre as séries, essencialmente entre a 5.a e as demais. A menor diferença é de 11% (teste de avaliação social), enquanto que a maior diferença entre os grupos de classe alta não ultrapassa 9% (entre 7.a e 8.a séries, no teste de avaliação social). A figura 2 exhibe o desempenho dos informantes de classe baixa.

A respeito do desempenho desproporcional dos informantes da 5.a série, podem-se levantar algumas hipóteses. A mais plausível é a de que demonstram um aproveitamento escolar deficiente, com possíveis reprovações nas séries anteriores, em face da constatação de que estão em idade avançada para a série inicial do ciclo, prevista idealisticamente para os 11 anos: 22 alunos com 13 anos e 11 na faixa

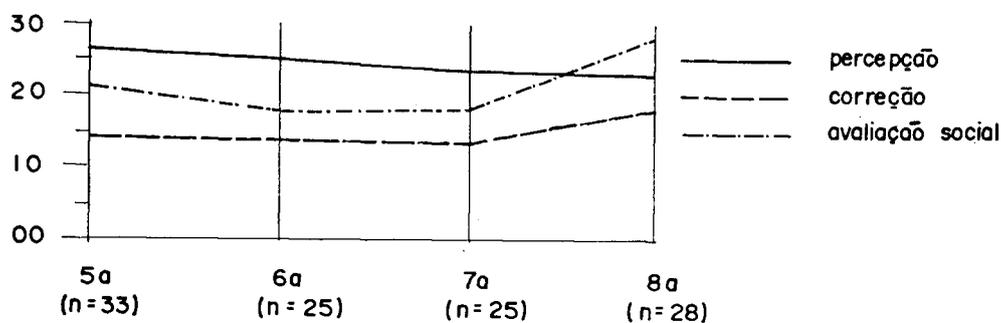


Figura 1: Porcentagem de erros dos informantes de classe alta, agrupados por série, mas três habilidades testadas

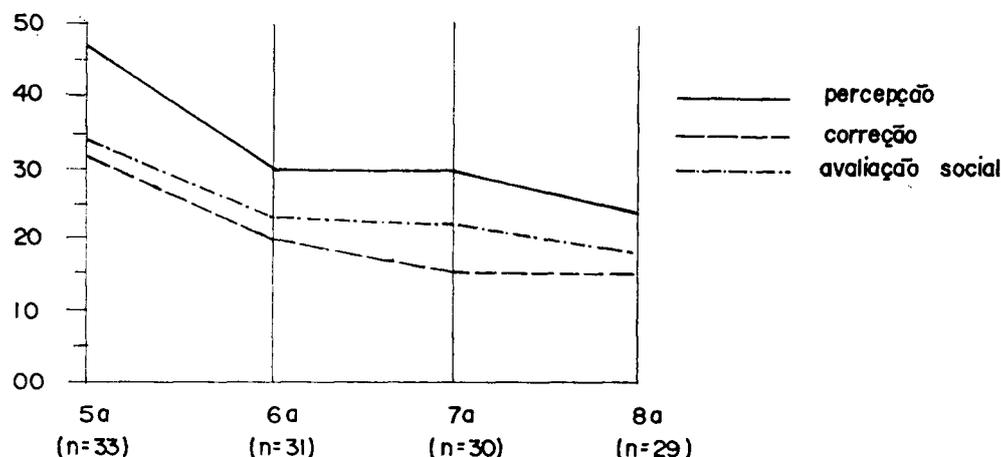


Figura 2: Porcentagem de erros dos informantes de classe baixa, agrupados por série, nas três habilidades testadas

entre 14 e 15. Poder-se-ia objetar com o argumento de entrada tardia na escola. Essa posição não se sustenta, pela própria improbabilidade de coincidir que, numa mesma série, 33 alunos tenham-se candidato tardiamente. Além disso, é obrigatória a inscrição de crianças com sete anos completos na 1.a série do 1.o grau.

Dessa primeira hipótese, tomada como a mais provável para a explicação do caráter específico do desempenho do grupo em questão, decorrem algumas implicações. Os alunos das séries mais avançadas, que apresentam decréscimo regular no número de erros e a um nível bem abaixo dos índices dos informantes da 5.a série, acham-se em situação semelhante no tocante à distribuição etária, se guardarmos as devidas proporções: há uma concentração irregular dos 11 aos 16 anos na 6.a série; dos 12 aos 18 na

7.a e dos 14 aos 18 na 8.a. Isso parece indicar que o contato com o padrão culto dos professores é relevante para que o grupo sócio-economicamente desfavorecido adquira formas lingüísticas de prestígio. Isso se conclui pelo fato de que é a partir da 6.a série que o desempenho do grupo em questão melhora de forma desproporcional, se comparamos os resultados da 5.a série ao das demais. Aquele subgrupo é o mais imaturo e o que menos contato manteve com um padrão de prestígio, no âmbito da faixa etária investigada, em que se fixa gradualmente a conscientização dos valores sociais.

Os informantes de estrato social privilegiado apresentam-se numa distribuição mais uniforme, com nítida relação de compatibilidade entre idade e série. Considerando os subagrupamentos majoritários, a 5.a série concentra informantes

com 11 e 12 anos; a 6.a, informantes com 12 e 13 anos; a 7.a, com 13 e 14; e, finalmente, a 8.a, informantes com 14 e 15 anos. Nem por isso, todavia, o efeito do ensino tende a ser maior sobre os alunos de classe alta. Sobrepõe-se o fato de que a análise dos resultados segundo os fatores *série* e *idade* combinados demonstra que os informantes de idade mais elevada raramente obtiveram grau de competência superior aos de idade mais baixa.

O último fato acima mencionado leva a duas conclusões. Uma de importância primordial para a discussão que se vem desenvolvendo: se, no âmbito do grupo favorecido, os informantes em idade compatível com o grau de escolaridade são os que mantêm o melhor desempenho, o efeito do contato do ensino sobre o grupo oposto, cuja adequação idade-série é inexistente, se torna claro e evidente; a outra conclusão é de importância secundária, mas cabe assinalar aqui: para os alunos investigados, os atuais agrupamentos por série são prejudiciais a um bom aproveitamento escolar.

A primeira conclusão acima formulada permite generalizar, a despeito do âmbito limitado desta investigação, que os informantes de estrato sócio-econômico desfavorecido, deficientes no que concerne ao domínio de padrões lingüísticos de prestígio pelas próprias restrições de seu contexto sócio-cultural, necessitam, por isso mesmo, fundamentalmente do sistema escolar para adquiri-los, a fim de obterem um nível superior na escala de mobilidade social.

Se, pelo contrário, pouca influência exerce sobre o grupo sócio-economicamente oposto, no sentido da eliminação gradual de variantes estigmatizadas, é porque a aquisição dos valores lingüísticos de prestígio não depende do sistema escolar, em consequência de estar esse grupo em permanente contato com a norma culta de seu meio e de possuir experiências mais ricas e relacionamento mais estreito com os instrumentos culturais que o contexto social lhes proporciona.

3. *O caráter heterogêneo dos resultados*

Não é possível conceber que o sistema escolar possa exercer influência realmente efetiva, mesmo sobre o grupo sócio-economicamente desfavorecido, no sentido da eliminação gradativa de variantes culturalmente estigmatizadas, tal como parecem indicar os resultados analisados acima, de vez que não se dedica ao ensino das habilidades investigadas. Ainda que deixem de entrever a correlação entre classe sócio-econômica e grau de escolaridade, os índices discutidos na seção anterior, que se referem ao número total de erros por teste, mascaram, de certa forma, a verdadeira face dos resultados.

É necessário esclarecer que esta investigação não contou com um bloco homogêneo de variantes, mas heterogêneo, com diferentes graus de estigmatização. Tendo isso em conta, uma importante premissa de análise é a possibilidade de os resultados variarem na medida em que se considere a natureza dos

desvios em si. Com efeito, o modo mais ingênuo de encará-los distingue, ainda assim, um r-retroflexo em vez de semivogal posterior de ausência de vibrante alveolar em infinitivos*, para citar um exemplo de dois graus extremos de estigmatização social dentre os casos considerados. Ademais, há variação de ocorrência segundo o ambiente fonológico — diante de vogal, consoante e pausa — e segundo o ambiente gramatical — em substantivos e verbos.

Por paradoxal que possa parecer, os índices de erros por variante permitem reuni-las em grupos que, se por um lado, salientam ainda mais a influência do contato do ensino sobre o grupo desfavorecido, em oposição ao favorecido, por outro, mostram a própria deficiência da instrução escolar na eliminação de certos desvios julgados proscritos pela norma pedagógica que cultiva. É o que se passa a demonstrar.

Considerando, então, os índices de erros em cada uma das variantes, em seus ambientes fonológicos e gramatical, é possível agrupá-las, segundo três padrões distintos de competência, só parcialmente correspondentes ao geral exposto na seção anterior, tendo em conta, inicialmente, o desempenho do gru-

po de baixo estrato sócio-econômico (v. figura 3):

- os resultados melhoram pouco com o acréscimo gradual de nível de escolaridade e todas as séries possuem índices de erros acima da média em cada habilidade testada: padrão A;
- os resultados melhoram pouco com o acréscimo gradual de nível de escolaridade e todas as séries possuem índices de erros abaixo da média em cada habilidade testada: padrão B;
- os resultados melhoram sensivelmente com o acréscimo gradual de nível de escolaridade; a 5.a série possui índices de erros acima da média e as demais séries, abaixo da média, com diferença marcante entre os dois níveis extremos: padrão C.

É preciso acrescentar que como se toma grau de escolaridade por referência, utilizam-se, a título de exemplo, os dados do questionário II, cuja habilidade exigida é o conhecimento do conceito de correção segundo a norma pedagógica. O propósito é levar ao extremo as hipóteses e conclusões obtidas; não significa, portanto, serem exclusivas desse teste as observações for-

* Além dos casos citados, foram considerados os seguintes: r-retroflexo em vez de qualquer outra realização de vibrante; semivogal anterior em vez de lateral palatal em posição intervocálica; vibrante alveolar em vez de lateral alveolar, como segundo componente de um grupo consonantal; ausência de fricativa surda ou sonora em final de palavra; vogal alta anterior em vez do ditongo /eyN/ em final de palavra; vogal alta posterior em vez do ditongo /awN/ em final de palavra; inserção de semivogal anterior antes de fricativa surda ou sonora em final de palavra; oclusiva alveolar nasal em vez de sua homorgânica oral precedida de nasalização em gerúndios.

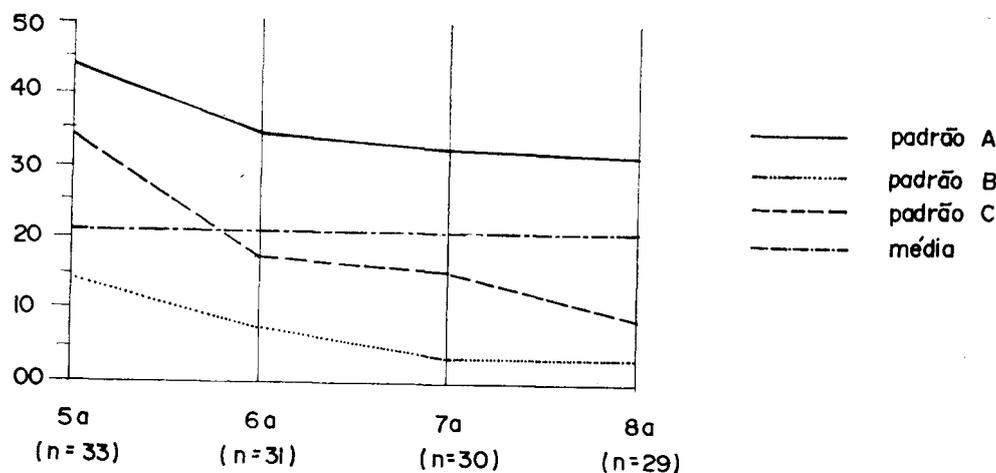


Figura 3: Porcentagem de erros dos informantes de classe baixa, agrupados por série, conforme os três padrões de desempenho, no questionário II

muladas, mas extensivas aos demais, com alguma variação quanto à posição da variante na hierarquia de erros.

Somente as variantes incluídas no padrão C correspondem ao padrão geral anteriormente discutido (v. figura 1). É esse fato que demonstra a ineficiência do ensino na eliminação de variantes consideradas incorretas pela própria norma pedagógica. As variantes incluídas no padrão B, altamente estigmatizadas no meio urbano, são, por isso mesmo, rejeitadas pela própria norma comunitária, isto é, pelo

contexto social de origem do informante, o que dispensa a influência mais tardia do ambiente escolar. Entretanto, as incluídas no padrão A permanecem cristalizadas, sem passar pelo processo de eliminação gradativo, ainda que seu uso não seja aceito pelo sistema pedagógico de correção.*

O desempenho desse grupo decorre do ensino de uma gramática não só normativa, mas sobretudo elitista e, por isso mesmo, nem de perto voltada ao oferecimento das habilidades indispensáveis à aquisição de padrões de prestígio; em

* Para que se tenha uma idéia dos agrupamentos que nos permitiram postular os três padrões de desempenho, relacionamos abaixo as variantes em seus respectivos padrões, ainda assim, independentes de detalhes sobre ambientes fonológicos e gramaticais:

padrão A: [awN ~ u], [Nd ~ n]

padrão B: [w ~ r], [S ~ φ], [R ~ r]

padrão C: [λ ~ γ], [R ~ φ], [eγN ~ i], [l ~ r], [S ~ γS]

conseqüência, é inofensiva aos mais altos anseios de ascensão social que, de direito possui. É por isso que não se pode creditar a tal ensino a eliminação de alguns desvios estigmatizados, mas ao simples contato diário com o padrão culto dos professores, no qual parecem basear-se esses alunos para reduzir as deficiências lingüísticas herdadas do contexto sócio-cultural.

Também se mencionou na seção anterior que o amadurecimento etário-educacional não é tão relevante para a conscientização do valor social dos desvios investigados relativamente ao desempenho dos informantes de estrato privilegiados. Embora os índices de erros tendam ao decréscimo progressivo com o aumento de grau de escolaridade, em cada habilidade testada, à exceção da 8.a série, a diferença entre uma e outra é reduzida, quase insignificante. Ocorre, entretanto, não ser o único padrão de desempenho também desse grupo, considerando os índices em cada um dos desvios. Podem-se, portanto, reuni-los em dois blocos, consonantes com os já descritos do grupo oposto e convencionados padrão A e padrão B: respectivamente, variantes com índices de erros acima da média em todas as séries e variantes com índices de erros abaixo da média em todas as séries, conforme demonstra a figura 4.*

Confirma-se a importância da correlação entre grau de escolari-

dade e estrato sócio-econômico. A influência do contato com o padrão culto exercido pela escola varia consideravelmente de nulo para os informantes sócio-economicamente privilegiados a essencial para os informantes de estrato oposto. Para que fique bem evidente a diferença de ordem sócio-econômica indicada nos resultados, observe-se que o padrão B do grupo em pauta engloba os padrões B e C do grupo de estrato inferior.

Não se descarta uma possibilidade de choque entre o sistema de normas pedagógicas imposto pela escola e o sistema de normas lingüísticas adquirido no próprio contexto sócio-cultural, de vez que certas variantes não eliminadas durante o processo de aprendizagem são sistematicamente rejeitadas pelo conjunto de regras que veicula. Isso talvez justifique o desempenho dos alunos da 8.a série que, em dois testes — correção e avaliação social — apresentam índices de erros não só superiores aos de seus colegas da 5.a série, mas também aos alunos de 7.a e 8.a do grupo oposto. A 8.a série representa o grupo mais amadurecido e, portanto, o que maior grau de conformidade com o padrão adulto de seu meio sócio-cultural deveria apresentar. Não seria estranhável um comportamento rebelde por oposição ao padrão lingüístico dos professores, em cujo estilo pode reconhecer variantes estigmatiza-

* Abaixo, relacionamos as variantes incluídas num e noutro padrão:
padrão A: [e_γN ~ i], [awN ~ u], [Nd ~ n]
padrão B: [λ ~ γ], [w^h ~ r], [S ~ φ], [R ~ φ],
[l ~ r], [R ~ r], [S ~ γS]

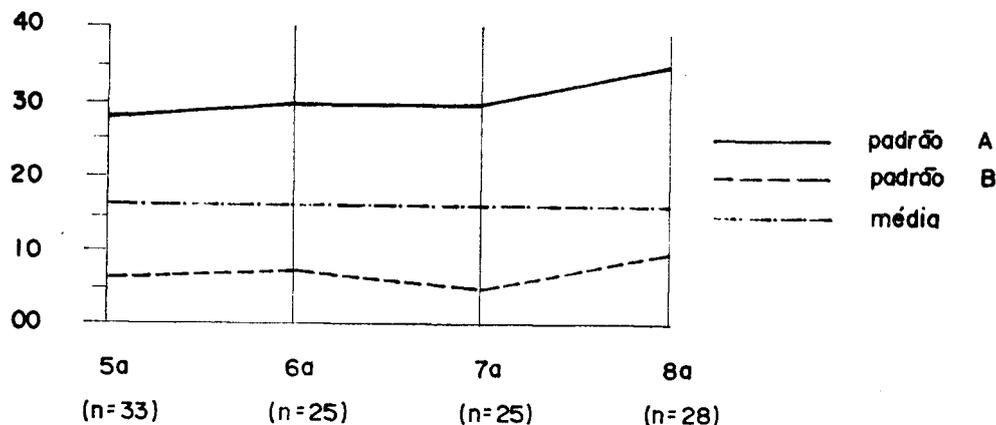


Figura 4: Porcentagem de erros dos informantes de classe alta, agrupados por série, conforme os dois padrões de desempenho, no questionário II

das por seu próprio grupo social. Esse desempenho, aparentemente anômalo, é significativo como indicador da consciência de classe dos informantes da 8.a série.

A diferença marcante entre os dois grupos sócio-econômicos investigados, que os resultados refletem de forma evidente, está correlacionada com uma diferença num aspecto mais específico dentro da estratificação social. Trata-se do processo de socialização em que a aquisição da competência linguística é apenas um dos aspectos particulares, mas o de maior relevo para as considerações seguintes.

A esse propósito, Bernstein (1, p. 174) chama socialização o processo pelo qual "... a child acquires a specific cultural identity... the process whereby the biological is transformed into a specific cultural

being." e acrescenta "... socialization sensitizes the child to the various orderings of society as these are made substantive in the various roles he is expected to play." Em seguida, indica as instituições sociais que exercem ação na efetivação do processo "... the basic agencies of socialization in contemporary societies are the family, the peer group, school and work."

Por outro lado, Labov chama a atenção para o aspecto cronológico desse processo a que prefere chamar aculturação, como o desenvolvimento gradual das normas adultas. Na faixa etária entre 8 e 11 anos as crianças apresentam, segundo pesquisa sua, um índice de 52% de conformidade com as normas adultas de prestígio. Essa porcentagem aumenta progressivamente, de acordo com o acréscimo etário, a ponto de os indivíduos

entre 20 e 39 anos apresentarem um índice de 84%.*

Feita essa constatação, postula a série de seis estágios para a aquisição

do inglês falado, tal como mencionado na introdução. O quadro abaixo confronta as fases do modelo sugerido por Labov com o conjunto das agências de socialização

Labov: Estágios para aquisição de um idioma padrão.	Bernstein: agências de socialização
<ol style="list-style-type: none"> 1. domínio do léxico e das regras fundamentais da gramática para que a criança comunique suas necessidades básicas 2. aquisição de um dialeto local condizente ao do grupo de amigos mais imediatos. 	<p>família</p> <p>e</p> <p>grupo de indivíduo e seus pares (peer group)</p>
<ol style="list-style-type: none"> 3. aquisição da percepção social no início da adolescência, quando a criança inicia contatos mais estreitos com o mundo adulto. A significação social das características dialetais de seu grupo de amigos torna-se evidente para ela; 4. desenvolvimento da habilidade de modificar seu estilo em direção de um padrão de prestígio em situações formais e, em menor grau, em situações coloquiais; 5. habilidade em manter estilos-padrão e mudar adequadamente de um para outro conforme varia a situação; 6. desenvolvimento de uma amplitude de estilos, cada qual coerente em si, adequados a toda e qualquer situação. 	<p>escola</p> <p>e</p> <p>trabalho</p>

* Labov (4, p. 89) demonstra que o processo não leva em conta apenas a idade, mas também a classe sócio-econômica do indivíduo: "the linguistic indicators give us a precise measure of the extent to which the young person has grasped the norms of behavior which govern the adult community. It can be seen that some families begin this process relatively high in the continuum: middle class families are to be found near the top of the diagram, together with a few working class families. Some working class families and all of the lower class families are to be seen operating at a much lower level of conformity to adult norms".

de Bernstein, reestruturando estas a partir daquelas, isto é numa ordem cronológica, conforme cada estágio em que cada agência exerce influência sobre o indivíduo, influência essa evidentemente preponderante e não exclusiva.

Como a investigação que deu origem ao presente trabalho se restringiu ao desempenho dos informantes no terceiro e quarto estágios do modelo introduzido por Labov, nada se pode afirmar, senão inferir, a respeito das duas fases anteriores — aquisição da gramática básica e de um dialeto local. Segue-se, então, que os resultados discutidos indicam que as agências de socialização menos abrangentes (família e grupo de pares) exercem influência reduzida no desenvolvimento de padrões lingüísticos de prestígio para os informantes situados no setor mais baixo da escala sócio-econômica. É em consequência disso que o sistema escolar assume importante papel no desempenho desse grupo, com a eliminação de uma série de variantes socialmente estigmatizadas.

Se, para os informantes investigados, de classe sócio-econômica favorecida, a influência da escola é quase nula, é porque não se faz necessária, de vez que as agências de socialização menos abrangentes — família e grupo de pares — exercem ação efetiva nos estágios básicos de aquisição, consolidando numa fase anterior à investigada a conscientização dos valores de prestígio.

4. Conclusão

Os dados discutidos não constituem amostra estatística de uma situação global, mas permitem formular algumas hipóteses e conclusões provisórias que uma investigação mais abrangente poderá confirmar ou modificar.

Fica evidente, mesmo assim, a importância do papel do ensino, principalmente o de 1.º grau, que se aplica aos anos nevrálgicos de formação e fixação de padrões lingüísticos no processo de socialização, essenciais para que, parafraseando Bernstein, o biológico se transforme num ser cultural específico.

A ascensão social das classes desfavorecidas depende, quase exclusivamente, da habilidade do falante em dominar a amplitude estilística, limitada às camadas superiores. Para isso, a escola deve voltar-se ao ensino e ao treinamento de habilidades tais como a percepção da diferença entre duas variantes e o reconhecimento de que a escolha de uma e não de outra implica no exercício consciente de um padrão verbal culto, coletivamente aceito.

Numa sociedade complexa, sócio-econômica e culturalmente estratificada, é comum a imposição da norma lingüística do grupo dominante, dos setores mais privilegiados da sociedade, como a culta ou de prestígio. Em decorrência dessa concepção elitista de língua, difunde-se a crença de que a linguagem não-padrão dos grupos desfavorecidos é ilógica, além de incor-

reta. Muitos instrutores da língua materna dão apoio a tal concepção, acreditando que o cultivo de formas-padrão consiste simultaneamente numa forma lógica de pensar. Por conseguinte, um dos papéis da escola é re-ensinar as crianças de baixo estrato sócio-econômico a falar, antes que aprendam a escrever (v. 5).

Para que se efetive sua ação junto aos alunos da faixa sócio-culturalmente desfavorecida, para os quais é imprescindível, é vital que o sistema escolar evite incorrer nesse erro pré-concebido de que há uma relação de implicação entre capacidade verbal e classe sócio-econômica e assumam uma po-

sição de tolerância e respeito ao padrão que o aluno traz de seu próprio meio para a sala de aula. Em adição, proporcionar ao adolescente o número maior possível de alternativas linguísticas, ao nível fonológico, gramatical e semântico, que lhe permita a capacidade de selecionar e optar por uma de acordo unicamente com o grau de formalidade da situação extraverbal. Isso porque a simples eliminação, através de um padrão normativo de correção, de variantes estigmatizadas, que identificam o indivíduo com os demais membros do setor sócio-cultural de que ele é parte, conduz a um inevitável conflito e conseqüente bloqueio no seu intercâmbio social.

CAMACHO, Roberto Gomes. Linguistic standards and social stratification. *Alfa*, São Paulo, 24:59-71, 1980.

ABSTRACT: This work analyses the linguistic performance of two adolescent groups between ten and eighteen years of age according to education and socio-economic level. The main purpose is to verify the level of conformity reached by both groups with the adult prestige norms considering only phonological variables and, in addition, to evaluate the role school plays in teaching the necessary abilities to achieve complete consistency in sociolinguistic variation.

UNITERMS: Sociocultural variation; Prestige norm; Standard language; Stigmatization; Socialization; Social stratification.

CAMACHO, R. G. Padrões lingüísticos e estratificação social. *Alfa*, São Paulo, 24:59-71, 1980.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BERNSTEIN, Basil. *Class, codes and control. Theoretical studies towards a sociology of language*. London, Routledge & Kegan Paul, 1971, v. 1.
2. CAMACHO, Roberto Gomes. *Duas fases na aquisição de padrões lingüísticos por adolescentes*. Campinas, UNICAMP, 1978. (Tese — mestrado).
3. HEAD, Brian F. A teoria da linguagem e o ensino do vernáculo. *Revista de Cultura Vozes*, Petrópolis, 5: 63.72, 1973.
4. LABOV, William. Stages in the acquisition of standard English. In: *Social dialects and language learning*. R. Shuy, Champaign, National Council of Teachers of English, 1965, p. 77.103.
5. ————. The logic of non-standard English. *Language and Linguistics, George.town Monograph*, 22: 1.44, s/d.

O PROBLEMA SOCIOLINGÜÍSTICO DOS EMPRÉSTIMOS: ALGUNS ASPECTOS NO INGLÊS

Paulo A. Froehlich *

FROEHLICH, Paulo A. O problema sociolingüístico dos empréstimos: alguns aspectos no inglês. *Alfa*, São Paulo, 24:73.92, 1980.

RESUMO: O autor propõe mostrar neste trabalho os aspectos básicos dos empréstimos. Enfatiza-se como os diferentes tipos de contato entre as nações envolvidas no processo de empréstimo, e como o nível cultural de cada povo exerceu uma grande influência no mecanismo de adoção dos empréstimos. Focaliza o problema no inglês desde a época celta até o período normando. É uma tentativa de escrever uma história cultural através dos empréstimos.

UNITERMOS: Empréstimo; Contato cultural; Difusão; Conquista; História cultural.

(I) INTRODUÇÃO

Os empréstimos têm sido considerados por muitos pesquisadores como os marcos da filologia pois permitem-nos indicar com certa margem de precisão, as épocas em que ocorreram determinadas mudanças lingüísticas. Entretanto, como não estamos, neste trabalho, diretamente interessados em dados filológicos, esta colocação tem um valor relativo, embora importante, e utilizaremos os dados filológicos

somente quando necessário para algum esclarecimento.

Otto Jespersen (4) diz que “quando duas línguas não apresentam qualquer traço de intercâmbio de empréstimos, de uma forma ou de outra, isto nos mostra com segurança que essas nações não tiveram nada uma com a outra” (p.27). Isto nos mostra que o conceito estruturalista de língua como uma estrutura auto-suficiente e fechada (5, p. 3-31), é apenas relati-

* Professor Titular do Departamento de Lingüística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras, História e Psicologia, Campus de Assis, UNESP.

vamente verdadeiro. Especialmente em relação ao vocabulário, todas as línguas do mundo dependem de outras línguas, embora o grau de dependência possa variar de muitas maneiras.

A Linguística Histórico-Comparativa, que se desenvolveu principalmente durante o século XIX, criou um grande número de conceitos que funcionam dentro do mecanismo da teoria historicista, mas que muitas vezes não estão de acordo com a realidade linguística. Conceitos tais como proto-língua, língua-mãe, língua-filha, língua arcaica, língua medieval, e o próprio conceito de língua, como um todo homogêneo e uniforme, realmente "uma entidade que se conceitua como fora do tempo, não dialetal e não fonética" (6, p. 139) ignorando-se, pois, as influências estrangeiras. Forrest (2, p. 118-21) mostra que línguas tão separadas culturalmente como as mais antigas línguas indo-europeias e as antigas línguas chinesas, poderiam ter tido contatos culturais de determinados tipos. H. A. Giles, já há muito tempo tinha sugerido uma origem grega à palavra chinesa *p'u t'ao* "uvas", especialmente porque o cultivo da uva poderia ter sido introduzido na antiga China através do reino grego da Bactria, pois as uvas foram introduzidas na China só no século II AC, provenientes da Ásia Central. Também foram sugeridas como empréstimos de línguas indo-europeias as seguintes palavras chinesas: *shi* "leão", de origem persa, pois a forma persa é *shir*, e os leões não são nativos na China e

há muita probabilidade de terem sido importados; *mi* "mel", chinês arcaico *miet*, da forma grega *meou*, ou de alguma outra língua indo-europeia desconhecida, principalmente porque a apicultura nunca foi uma atividade típica dos chineses; *ch'yan* "cão", chinês arcaico *k'jwen*, grego *kuon*, Tocário *ku*; *ma* "cavalo", antigo alto alemão *marah*, pois o cavalo caracterizou os primitivos indo-europeus; *jen* "ganso selvagem", chinês arcaico *jan*, grego *en*. Essas palavras podem ter sido importadas dessas línguas indo-europeias, especialmente se nos lembrarmos que o tocário foi falado na Ásia Central até aproximadamente o século VII da nossa era, e o sogdiano, um dialeto persa antigo, foi falado até o século XIV na região de Kansuh, China. Outros empréstimos podem ter sido introduzidos mas não há possibilidade de serem identificados, especialmente porque não há no chinês nenhum som ou grupo de sons que possam identificá-los como empréstimos. Também decorre da grande dificuldade de identificação dos diferentes sons no chinês, em virtude da mínima preocupação, na escrita chinesa, em gravar os sons. É também possível que palavras chinesas tenham sido adotadas pelos antigos indo-europeus, mas não há provas nem estudos nesse sentido.

L. Bloomfield, no seu livro *Language* (1) afirma: "Toda comunidade linguística aprende de seus vizinhos. Objetos, tanto naturais como manufaturados, passam de uma comunidade para outra, como também padrões de comportamento, tais como procedimentos técnicos,

práticas guerreiras, ritos religiosos, ou modas de conduta individual. Esta propagação de coisas e hábitos é estudada pelos etnólogos, que a chamam de difusão cultural... Junto com objetos e práticas, as formas faladas através das quais são chamadas, geralmente passam de pessoa a pessoa” (p. 445).

O que é corroborado também por Jespersen:

“Quando uma nação produz algo que os seus vizinhos consideram digno de imitação, eles adotarão, não apenas o objeto mas também o nome” (4, p. 28). Depois ele acrescenta: “Mas se tiveram contato, o número dos empréstimos e ainda mais a qualidade dos empréstimos, se corretamente interpretados, nos informarão sobre suas relações recíprocas, mostrarão qual dos dois foi mais fértil em idéias e em que domínios da atividade humana cada um foi superior ao outro” (4, p. 27).

Esta citação é o ponto de partida básico para o nosso trabalho: analisar os empréstimos estruturalmente em grupos, de acordo com sua “qualidade” inerente, e utilizar, tanto quanto possível, as modernas conquistas da sociolingüística, para mostrar como os diferentes tipos de contato entre as pessoas das nações envolvidas no processo de empréstimo, e como os sistemas sociais de cada povo influíram no mecanismo de adoção dos empréstimos. Ao lado disso temos que reconhecer o valor condicionante e determinante da situação do empréstimo.

É também fundamental ao problema do empréstimo o processo de transmissão do mesmo. Em princípio, todo falante, e em âmbito maior, cada grupo social atua como imitador e modelo, é um agente no processo de transmissão e adoção. O processo de empréstimo de formas lingüísticas não funciona desordenadamente. Ele funciona principalmente de forma unidirecional: um falante adota elementos novos de determinadas pessoas mais do que outras, e o fato importante neste processo é o desenvolvimento de formas inovadoras em áreas cada vez mais extensas.

Mesmo nos casos de conquista militar, quando surge uma situação de antagonismo e separação entre os dominadores e os dominados, com o tempo surgem pontos de contato e aqueles intermediários de provocação a adoção de determinadas formas lingüísticas dos dominadores pelos dominados. Esses intermediários terão que aprender e ter um certo domínio da língua dos dominadores para que haja um princípio de comunicação. De uma forma ou de outra, eles dependem dos dominadores. A capacidade dos intermediários de aprender a língua dos dominadores depende, em grande parte, das semelhanças ou diferenças estruturais entre as duas línguas, especialmente no que se refere ao vocabulário e traços fonéticos. Fatos como o número de sílabas, a ordem dos fonemas e o tipo de fonemas podem criar obstáculos, nos casos de muita diferença, mas sempre há possibilidades de adaptação ao sistema da língua receptora, pois todas as línguas humanas apre-

sentam uma certa semelhança na base articulatória.

Outro ponto importante é a atitude entre dominados e os dominadores. Isto já está implícito quando falamos acima, dos intermediários. Se a atitude de antagonismo é muito forte, as duas populações podem viver por longo tempo quase sem contato algum. É o que aconteceu, por exemplo, logo após a conquista normanda da Inglaterra; o grande influxo de palavras francesas começa somente depois de decorridos aproximadamente dois séculos de dominação, quando as duas populações já não se hostilizavam tanto, dando lugar à comunicação e fusão das duas populações.

Ainda dentro desse problema de atitude, devemos também levar em conta o fator cultural. Uma conquista militar pode subjugar um determinado povo, mas se o nível cultural dos dominadores não for superior ao dos vencidos, estes podem, com o tempo, contribuir com muitos elementos na língua dos dominadores. Mas se os dominados não são capazes de apresentar uma superioridade cultural, é a língua dos dominados que receberá um apreciável contingente de empréstimos da língua dos dominadores, especialmente nas atividades e produtos desconhecidos para eles, e para os quais não possuem um correspondente nativo (3, p. 208-9). É claro que há inúmeras variações, pois cada língua é um problema específico; não podemos incluir todos os detalhes nas afirmações gerais.

Finalmente, temos o problema das classes morfológicas dos em-

préstimos e sua significação em relação ao tipo de relacionamento das populações envolvidas. A tendência geral é sempre emprestar palavras de categorias nocionais, como nomes, verbos, e poucas palavras de categorias relacionais, como pronomes, preposições, auxiliares, mas há alguns casos de ocorrência desse tipo e isto pode ser analisado como um fator dentro do problema do tipo de relacionamento.

(II) OS EMPRÉSTIMOS NO INGLÊS

(1) Os Empréstimos Celtas

(a) Histórico

Depois de terem dominado a Europa Central e Ocidental desde 500 AC até aproximadamente 100 AC, os celtas foram paulatinamente dominados pelos romanos e pelos nórdicos. Júlio César realiza a conquista das Gálias entre 58 e 51 AC, e o imperador Cláudio inicia a conquista da Inglaterra no ano 43 AD, e em poucas décadas completa a ocupação com exceção das montanhas de Gales e do montanhoso norte da Escócia. Os celtas tinham uma estrutura de clã, a justiça era a justiça do clã; os reis celtas eram chefes tribais e não territoriais e viviam em constante luta uns com os outros. A agricultura era quase desconhecida. De modo geral, os celtas representam a civilização da idade do ferro, conhecida como a cultura La Tène. As principais preocupações dos celtas eram a caça, pesca, alguma tecelagem, apicultura, trabalho de ferro e de carpintaria, pastoreio, e principal-

mente a guerra. As suas habitações eram de madeira e de frágil estrutura. A partir do ano 43 AD o sul da Inglaterra, conquistado pelos romanos, foi submetido a uma civilização romana urbana, mas que predominava somente dentro dos muros das pequenas cidades e fortes. Com a vinda dos anglo-saxões, ela foi totalmente destruída. Antes mesmo da invasão dos anglo-saxões, com a retirada das legiões romanas, por volta do ano 429, essa frágil civilização romana começou a ser destruída pelo tribalismo celta.

Em decorrência da conquista anglo-saxônica e conseqüente contato entre as duas raças, deveríamos esperar um número razoável de empréstimos celtas. Entretanto, a única influência apreciável se revela através dos topônimos. Fora dos topônimos, os termos de origem celta no inglês antigo são raríssimos. A razão dessa situação é que o relacionamento entre os povos nórdicos e celtas sempre foi, por parte dos celtas, a de uma raça subjugada, e também porque os celtas não tinham quase nenhuma possibilidade de fazer qualquer contribuição importante à cultura nórdica. Não havia nada ou quase nada que induzisse a classe dominante dos nórdicos a aprender a língua dos nativos culturalmente muito inferiores. Verificamos, portanto, que os pouquíssimos empréstimos celtas ocorreram através dos topônimos e em pouquíssimas situações de contato cultural, onde os nórdicos puderam adotar os nomes de uns pouco objetos de uso dos celtas.

(b) Empréstimos

1. *Topônimos* — *Kent* — origina-se de uma designação tribal celta *Canti*, cujo sentido é desconhecido; *Devon*(shire) — também um nome tribal; *Corn*(wall) — designa os celtas cornúbios; *Cumber*(land) — significa a terra dos cymry ou bretões; *Londinium* é uma latinização de um radical celta, que evoluiu depois para *London*; os primeiros elementos dos nomes das seguintes cidades é também celta: *Win*(chester), *Glou*(cester), *Dor*(chester), *Man*(chester), *Lan*(caster), *Lei*(cester), *Wor*(cester), *Brom*(wich), *Har*(wich), *Lin*(coln); e todo o topônimo das seguintes duas cidades é totalmente de origem celta: *Wight* (Vectis), e *York* (Eburacum).

Há também alguns nomes de rios: *Exe*, *Thames*, *Dover*, *Wye*.

2. *Palavras* — *binn* “cesta, berço”, *bratt* “casaco”, *broc* “venda de olhos”, *crag* “lago”, *cumb* “vale”, *bannock* “bolo de aveia”. Mas mesmo esses termos tiveram frequência muito limitada, ou eram circunscritos a uso regional.

(2) Os Empréstimos Latinos Primitivos

(a) Histórico

Os primeiros contatos entre os romanos e as tribos nórdicas ou germânicas iniciaram-se por volta do último século antes da era cristã. Durante essa época, várias tribos nórdicas atravessaram o rio Reno e se estabeleceram dentro do Império Romano. Houve muita

luta entre os romanos e essas tribos, mas também muitas relações pacíficas, especialmente relações comerciais. As condições de vida dos povos nórdicos no começo da era cristã assemelhava-se, de modo geral, aos dos indo-europeus das idades do ferro e bronze. Viviam em casas de pau a pique cobertas com barro, agrupadas em pequenas vilas. Tinham uma agricultura relativamente desenvolvida. Os meios de subsistência eram: cereais, caça, leite coalhado, cerveja feita de cevada ou trigo, vinho importado dos romanos, e também o hidromel. Como vestimenta usavam simples peles. Usavam espadas de um e dois gumes, escudos, malhas e capacetes. Eram governados por reis, escolhidos de famílias nobres. Os casamentos eram geralmente por compra, pago em espécie, e o adultério era castigado severamente. Cremavam os mortos e tinham vários deuses. Desenvolviam muito a poesia e o canto, apreciavam os contos heróicos, e davam muita importância à honra, e à lealdade. A sua religião consistia na narração de feitos heróicos mitológicos, práticas de encantamentos, através de amuletos, as runas.

(b) Empréstimos

Um dos empréstimos mais antigos foi a palavra para vinho (inglês antigo *win*, gótico *wein*, alemão antigo *win*). Esta palavra foi introduzida pelos romanos, mas na realidade é uma palavra de origem não indo-européia, provavelmente de alguma língua mediterrânea ou caucasiana. As seguintes formas são algumas das mais significativas: georgiano *kvino*, etrusco *vinu*, ar-

mênio *gini*, galês *gwin*, bretão *gwin*, latim *vinum*. Provavelmente o georgiano *kvino* pode ser a fonte, ou pelo menos, uma das formas mais arcaizantes, devido à sequência inicial *kv-*. Pode também ter se originado de alguma outra língua desconhecida. Além do georgiano, as formas celtas *gwin*, e o armênio *gini* são algumas das formas mais arcaizantes. Além do vinho propriamente dito, verificamos todo um grupo de empréstimos latinos relacionados com o cultivo, comércio e uso do vinho: inglês antigo *calic*, antigo alto alemão *kelih* (alemão moderno *Kelch*) "cálice, taça"; os comerciantes de vinho romanos, os taverneiros eram os *caupones*, donde o inglês antigo *ceapian*, antigo alto alemão *koufen* "comprar", e o inglês antigo *ceap*, inglês moderno *cheap* "barato", holandês moderno *goed-koop* "bom negócio, troca"; inglês antigo *must*, do latim *mustum vinum* "vinho novo"; inglês antigo *flasce* "frasco, garrafa", do latim vulgar *flasca* "garrafa de vinho"; inglês antigo *cylle* "garrafa de couro" (para vinho), do latim *culleus* "frasco de couro para vinho".

Também observamos alguns empréstimos referentes à guerra: inglês antigo *camp* "batalha", antigo nórdico *kapf*, antigo alto alemão *kampf* "batalha, luta", do latim *campus* "campo, campo de batalha", inglês antigo *weall*, frisão antigo *wal* "palissada de defesa", saxão antigo, médio alto alemão *wal* "muralha, dique", do latim *vallum* "palissada"; inglês antigo *stræet* "estrada, rua", antigo alto alemão *strâzza* "estrada", do latim *via strata* "estrada pavimentada"; in-

glês antigo *mil* "milha"; antigo alto alemão *mīla* "milha", do latim *mīlia passum* "mil passos".

Empréstimos relacionados com o comércio: inglês antigo *mangian* "comerciar", antigo alto alemão *mangōn* "tratar de comércio", na antiga cidade de Colônia, *mangō* "comerciante, comerciante de escravos", do latim *mangō* "vendedor que engana, comerciante de escravos"; inglês antigo *mynet* "moeda", antigo alto alemão *muniza* "moeda", do latim *moneta* "moeda, lugar de fazer moedas"; inglês antigo *pund*, antigo alto alemão *pfund* "libra", do latim *pondo* "com peso de libra".

Empréstimos relacionados com a vida doméstica: inglês antigo *cytel* "chaleira, recipiente fundo", antigo nórdico *ketil* "chaleira", do latim *catillus*, diminutivo de *catinus* "recipiente grande e fundo"; inglês antigo *cycene* "cozinha", antigo alto alemão *kuchīna* "cozinha", do latim *coquina*, de *coquere* "cozinhar"; inglês antigo *coc* "cozinheiro"; antigo alto alemão *kochōn* "cozinhar", do latim *cocus*, *coqus* "cozinheiro"; inglês antigo *cuppe* "taça", antigo alto alemão *kopf* "taça", do latim vulgar *cuppa*, latim *cūpa* "casco, barril"; inglês antigo *disc* "prato", do latim *discus* "prato"; inglês antigo *ciese* "queijo", antigo alto alemão *kāsi* "queijo", do latim *cāseus* "soro de leite"; inglês antigo *pipor* "pimenta", do latim vulgar *piper* "grão de pimenta"; inglês antigo *pise*, antigo alto alemão *pfēise* "ervilha", do latim *pisa*, plural de *pisum* "ervilha"; inglês antigo *cole* "repolho", dialeto escocês *kail* "repolho", do latim

caulis "tronco, haste"; inglês antigo *tigele*, *tigle* "telha", inglês médio *tigel*, antigo alto alemão *ziagal*, do latim *tecula* "telha"; inglês antigo *fenestre* "janela", frisão antigo *fenestre*, antigo alto alemão *fenstar*, sueco *fönster* "janela"; a janela é uma inovação cultural oriunda da região do Mediterrâneo, mas desconhecida no norte da Europa até o século XVI. Com a adoção da janela do tipo romano, com vidro transparente, a palavra latina entrou no vocabulário de diversas línguas nórdicas, embora, em alguns casos persista também a forma nórdica *windowe* "por onde passa o vento". No inglês, a forma antiga era *fenestre*, mas foi suplantada pela forma *window*, de procedência dinamarquesa, *vindue*; inglês antigo *butere*, antigo alto alemão *butera*, holandês *boter* "manteiga"; a manteiga era de uso comum na Índia e Ásia Menor, mas desconhecida dos antigos romanos e gregos. Entre os gregos, a palavra foi introduzida por Hippócrates com o nome de *bouturon*, donde passou aos romanos; Plínio cita sob a forma *butyrum*. A forma nórdica com *t* indica que é um empréstimo muito antigo, mas há dúvidas quanto à sua procedência exata.

Outros empréstimos latinos muito antigos: inglês antigo *ynce* "polegada", do latim *uncia* (de *unus* "um"), a duodécima parte de um pé (medida); inglês antigo *cyrice*, frisão antigo, saxão antigo *kirk*, nórdico antigo *kirkja*, antigo alto alemão *kirihha* "igreja". A base de todas as palavras nórdicas para "igreja" é a palavra grega *kurios* "senhor, rei", derivada de *kuros*

“poder, autoridade”. Provém diretamente da palavra grega *kuriakón* “casa do Senhor”. A palavra foi introduzida aos povos nórdicos do oriente. Sua disseminação está ligada com o arianismo, no quarto século da nossa era. Inglês antigo *biscop*, antigo alto alemão *bishof*; originário do latim *episcopus* “bispo”, e este do grego *episkopos* “superior, superintendente”; inglês antigo *cāser*, gótico *kaisar*, antigo alto alemão *keisar* “imperador” do latim *Caesar*, cognome e título imperial.

Algumas centenas de palavras latinas entraram para o vocabulário das diversas tribos nórdicas do continente; algumas em poucas línguas, outras em muitas ou em quase todas. Esses empréstimos testificam o grande intercâmbio entre as duas culturas, e a forma de vários desses empréstimos mostram um contato bastante antigo, por exemplo, inglês antigo *cycene*, antigo alto alemão *kuchina*, inglês antigo *tigele*, antigo alto alemão *ziagal*, antigo alto alemão *kirihha* e o antigo inglês *cyrice*, o antigo inglês *pund*, antigo alto alemão *pfund* mostram que foram adquiridos antes da invasão das Ilhas Britânicas pelos anglo-saxões, e as palavras do antigo alto alemão indicam que foram tomadas antes da segunda mutação consonântica, pois as consoantes das palavras citadas acima sofreram o processo da segunda mutação consonântica (*zweite Lautverschiebung*). Os nórdicos são encontrados em todas as classes da sociedade romana, desde escravos a chefes militares. Inúmeros comerciantes, tanto nórdicos

como romanos movimentavam-se pelo Império. Especialmente depois da conquista da Gália, mercadores romanos eram encontrados em todas as partes do território germânico. Também havia muita intercomunicação entre as diversas tribos nórdicas, o que provocou a difusão de muitos termos latinos. As palavras adotadas indicam claramente os artefatos que os nórdicos adquiriram em contato com a civilização superior dos romanos. Um dos mais importantes aspectos do comércio dos romanos com os povos nórdicos era o comércio do vinho, como podemos ver através de um grande número de palavras que tratam dessa atividade. Também várias palavras ligadas com a arte de cozinhar e que podem indicar uma revolução nessa atividade depois do contato com os romanos. Muitos nomes de plantas e frutas desconhecidas dos povos nórdicos surgem nessa época. As palavras relacionadas com a guerra e o militarismo não são muitas, mas estão presentes. Também na arquitetura a presença da palavra *fens-tar* pode indicar uma grande mudança na maneira de construir casas. Ao comparar essas palavras em conjunto verificamos que todas apresentam um aspecto concreto. Não foi a filosofia ou a legislação romanas que afetaram os antigos povos nórdicos; no seu estágio semi-bárbaro adotaram muitas palavras que representavam fatos materiais e que alteraram a sua vida diária. Adotaram principalmente palavras curtas de poucas sílabas que assemelhavam-se mais às características de suas línguas (4, p. 29-30).

Apesar desses extensos contatos entre as duas culturas, esses contatos não afetaram em nada a estrutura das línguas nórdicas. Elas apenas recebem um grande número de novas palavras que representam inovações culturais na área dos artefatos. Os povos nórdicos, nessa época, conseguiram assimilar os aspectos mais concretos e materiais da cultura romana.

(3) Os Empréstimos Latinos na Toponímia

(a) Histórico

A Conquista Anglo-Saxônica — De acordo com o Venerável Bede, historiador eclesiástico do norte da Inglaterra, em sua obra *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*, a conquista anglo-saxônica da Inglaterra inicia-se no ano 449. Bede cita três tribos que conquistaram a Inglaterra: anglos, saxões e jutos, mas os mais importantes são os anglos e os saxões. Antes da invasão, os anglos habitavam originalmente a região do sul da Dinamarca e a província alemã limítrofe de Schleswig-Holnstein. Os saxões habitavam muito mais para o sul, compreendendo a região entre os rios Elba e Ems. Os anglos ocupam toda a região norte e central da Inglaterra até o rio Tâmsa. Os saxões ocupam o sul, a região que fica ao sul do rio Tâmsa. A germanização das Ilhas Britânicas se faz lenta e gradativamente, mas decisivamente durante os séculos VI, VII, até os meados do século VIII. Poucas áreas deixaram de ser ocupadas, somente a região montanhosa de Gales, norte da Escócia e Cornwall. Durante esses três

séculos esses povos nórdicos abandonam a vida semi-nômade de seus ancestrais e desenvolvem uma vida sedentária em pequenas cidades. Adotam o cristianismo e a agricultura se desenvolve sobremaneira. Três reinos principais se desenvolvem nessa época: Wessex, com a capital em Winchester, o mais importante e politicamente sólido, e os reinos da Mércia e Nortúmbria. Ao invadirem a Inglaterra, os anglo-saxões destroem os restos de uma frágil civilização romana que florescia especialmente no sul da Inglaterra, com centro em Londres. Os celtas são totalmente subjulgados nas regiões conquistadas, refugiando-se os que puderam nas regiões montanhosas de Gales e Escócia.

(b) Empréstimos

A influência desse tipo de empréstimos é extremamente diminuta, permanecendo apenas como nomes de lugares, ou os elementos latinos nos nomes de lugares. Não houve oportunidade de contato direto entre o inglês antigo e o latim na Inglaterra. As pouquíssimas palavras que entraram para a toponímia foram introduzidas através dos celtas. Também devemos nos lembrar que nem todos os lugares que apresentam elementos latinos remontam a antigas localidades romanas. Dentre os elementos latinos nos topônimos, os mais comuns são:

1. *Ceaster* — originário do latim *castra* "cidade ou praça fortificada e cercada". Evoluiu para a forma *chester*, por ex., (Man)*chester*,

(Dor)chester, Chester. Ocorre também a forma cester, como em (Glou)cester, (Lei)cester, (Wor)cester; também ocorre com a forma caster: (Lan)caster.

2. *Wic* — originário do latim *vīcus* “vila, aldeia”. Evoluiu para a forma *-wich*: (Har)wich, (Brom)wich, (Green)wich.

3. *Port* — originário do latim *portus* “porto”: (New)port, (South)port, Port (smouth).

4. *Castel* — originário do latim *castellum*, diminutivo de *castrum* “campo fortificado”; (New)castle, (Nor)castle.

5. *Weall* — originário do latim *vallum* “palissada de defesa”; (Corn)wall.

(4) Os Empréstimos Latinos Relacionados com a Cristianização

(a) Histórico

Aproximadamente no início do século VII a Inglaterra foi cristianizada e este fato teve grandes conseqüências sobre a vida e a civilização na Inglaterra. Durante os séculos VII e VIII testemunhamos o nascimento ou o desenvolvimento decisivo das principais instituições e idéias que deram força e caracterizaram não só a civilização na Inglaterra mas em toda a Europa. Entre as instituições estão a monarquia inglesa e a igreja cristã na Inglaterra. O primeiro fato importante para o cristianismo na Inglaterra foi a missão de Sto. Agostinho (597), com a finalidade de converter todo o país através das arquidioceses de Londres e de

York. A conversão foi também grandemente auxiliada pelo cristianismo celta do mosteiro de Iona, e no Sínodo de Whitby, em 663, foi aceita para todos a forma romana de cristianismo. Tão eficiente foi a transformação religiosa na Inglaterra que no século VIII, Bonifácio e Alcuíno, dois monges ingleses do norte da Inglaterra se tornam missionários entre os francos. Essa introdução do cristianismo trouxe um grande número de palavras latinas necessárias à expressão de um grande número de novos conceitos relacionados com o cristianismo.

(b) Empréstimos.

Inglês antigo *preost*, antigo nórdico *prestr*, antigo alto alemão *priestar* “sacerdote, padre”; do latim *presbyter*, e este do grego *presbyteros* “ancião da igreja”; inglês antigo *apostol*; do latim *apostolus*, e este do grego *apostolos* “enviado”; inglês antigo *munuc*, antigo alto alemão *munih* “monge”; do latim vulgar *monicus*, e este do grego *monakhos* “um solitário”, de *monos* “um”; inglês antigo *candel* “vela”, do latim *candela* “vela”, de *candere* “brilhar”; inglês antigo *diacon*, antigo alto alemão *diacuno* “diácono”, “servo”; do latim *diaconus* “servo”, e este do grego *diakonos* “servo”, inglês antigo *scrin* “relicário, ermioa”; do latim *scrinium* “um estojo circular”; inglês antigo *discipul* “discípulo”; do latim *discipulus* “discípulo, aquele que aprende”; inglês antigo *anchoreta*, depois para *ancor* “ermitão”; do latim *anachoreta*, e este do grego *anakhoretēs* “ermitão”, do verbo *anakhorein* “retirar-se”.

A presença de um bom número de palavras latinas, mas de origem grega, é significativa, especialmente porque são, no conjunto, palavras que indicam elementos mais concretos do cristianismo, de acordo com o nível cultural dos povos nórdicos nessa época. São termos como sacerdote, ancião, monge, diácono, ermitão; resultado da primeira grande onda de cristianização, não só na Inglaterra, mas em toda a Europa. Na Alemanha isto ocorre no primeiro período carolíngio, com Carlos Martel e Carlos Magno (sec. VIII), com termos como *canunih* "canonicus", *diacuno* "diácono", *priestar* "padre", e muitos outros, calcados, principalmente nos termos gregos neotamentinos. Outras palavras introduzidas pelo cristianismo:

Inglês antigo *sioloc*, *seoloc*, antigo alto alemão *silecho*, "seda"; do latim *serica vestis* "vestuário de seda"; inglês antigo *cist* "caixa, armário"; do latim *cista* "cesta, armário"; inglês antigo *bete* "beter-raba"; do latim *beta*, cognato de *blitum*, este do grego *bliton* "beter-raba"; inglês antigo *planto* "planta"; do latim *planta* "planta, broto"; inglês antigo *escol*, antigo nórdico *skoli*, antigo alto alemão *scuola* "escola"; do latim *schola* "escola"; inglês médio *maister*, antigo alto alemão *meister* "mestre, chefe"; do latim *magister* "mestre, professor"; inglês médio *gramere* "gramática"; do latim *grammatica*, e este do grego *grammatikē*, de *techne grammatike* "(arte da) gramática".

Como podemos observar através destes empréstimos acima, a cris-

tianização teve grandes resultados sobre o vocabulário da língua, como consequência da adoção de um grande número de fatos ligados com o cristianismo. Essa influência não se restringiu a termos especificamente religiosos, mas a um grande número de fatos introduzidos nessa época, inclusive termos ligados com a educação, o que vem demonstrar a grande influência da igreja cristã sobre este aspecto.

No fim do século VIII os dinamarqueses começaram a pilhar o norte da Inglaterra, e muitos mosteiros e igrejas ficaram reduzidos a ruínas. Isto provocou um declínio da influência da igreja. Mas na última metade do século X, os mosteiros de Canterbury, Winchester e York iniciaram um reavivamento do monasticismo, de acordo com princípios beneditinos. Um bom número de mosteiros importantes foram reorganizados. Um dos objetivos desse movimento foi uma melhoria da educação na Inglaterra, com o estabelecimento de novas escolas e o incremento do conhecimento. No final do século X os mosteiros tinham se tornado novamente centros de conhecimento e atividade literária.

Como resultado dessa nova atividade literária, uma nova série de empréstimos começaram a aparecer. Mas esses empréstimos diferem bastante dos primeiros empréstimos de origem cristã, por serem menos concretos e relacionados com os campos científicos e erudito. Surgem, também, outros empréstimos de natureza religiosa, mas também dentro dessa nova caracterização.

1. De natureza religiosa:

Inglês antigo *creda*, inglês médio *crede*; do latim *crēdo* "eu creio", depois, "credo"; inglês médio *demon* "mau espírito"; do latim vulgar *daemonium*, do grego *daimonion* "mau espírito"; inglês médio *idole* "ídolo"; do latim vulgar *idolum* "ídolo"; inglês médio *basilica* "basílica"; do latim *basilicum*, e este do grego *basilikon* "edifício real", "igreja nobre"; inglês médio *prophete* "profeta"; do latim vulgar *prophete*, e este do grego *prophetes* "aquele que prediz"; inglês médio *sabat*, *sabbath* "sábado"; do latim vulgar *sabbatum* "sábado", e este do hebraico *shabbath* "sábado, dia de descanso".

2. De natureza erudita:

Accent "acento", *decline* "declinar", *history* "história", *paper* "papel", *title* "título"; também grande número de nomes de plantas, por exemplo: *verbena* "verbená", *cucumber* "pepino", *ginger* "gengibre", *coriander* "coentro"; também alguns nomes de árvores, por exemplo: *cedar* "cedro", *cypress* "cipreste", *fig* "figo", *laurel* "louro"; termos médicos: *cancer* "câncer", *paralysis* "paralisia", *scrofula* "escrófula", *plaster* "emplastro"; nomes de animais: *aspide* "áspide" (cobra), *camel* "camelo", *lamprey* "lampréia", *scorpion* "escorpião", *tiger* "tigre"; ainda algumas palavras mais raras: *epactas* "epacta" (astronomia), *cathedra* "cátedra", *apostata* "apóstata", *cometa* "cometa", *bissexta* "bissexta", *biblioteca* "biblioteca", *prologus* "prólogo".

De modo geral, estes empréstimos latinos posteriores entram através de livros ou através da influência dos mosteiros. Nem todos esses empréstimos se fixaram definitivamente na língua; muitos desapareceram, outros foram reintroduzidos depois da conquista normanda.

Uma forma de se verificar a extensão de uma influência externa é através do número de empréstimos realmente fixados na língua. Como resultado da influência do cristianismo, calcula-se que pelo menos 350 empréstimos de origem latina entraram para o vocabulário inglês até o fim do século X. Outra forma de se testar a incorporação de uma palavra na língua é através do grau de sua assimilação; é verificar até que ponto as palavras foram assimiladas e tornaram-se relativamente indistinguíveis das demais palavras nativas, ao entrarem em compostos e serem transformadas em outras categorias que não aquelas através da qual foi introduzida na língua. É o caso, por exemplo, das palavras *plant* "planta", *martyr* "mártir", *verse* "verso", *gloss* "glossa", e *crisp* "encaracolado", que se transformaram em verbos: *plantian* "plantar", *gemartyrian* "tornar-se mártir", *fersian* "versificar", *glesan* "glosar", *crispian* "encaracolar", *martyrdom* "martírio", *sacerdhad* "sacerdócio", de *sacerd* "sacerdote", *biscopscir* "diocese".

(5) Os Empréstimos Dinamarqueses

(a) Histórico

Perto do fim do século VIII os primeiros ataques dos Vikings são

observados na Inglaterra. Num primeiro estágio, eles surgem inesperadamente a bordo de longos barcos de uma só vela, saqueiam tudo o que podem e depois desaparecem. Num segundo estágio, quase um século depois, os Vikings passam à invasão sistemática e à ocupação de território, especialmente quando perceberam que não havia nenhuma resistência organizada, exceto no sul. Os vikings dinamarqueses, com o tempo, chegam a ocupar quase todo o norte e centro da Inglaterra, chegando a cruzar o Rio Tâmsa. O sul da Inglaterra é preservado graças à atuação do Rei Alfredo o Grande (871-899). Depois de sofrer algumas derrotas o Rei Alfredo consegue derrotar os dinamarqueses chefiados por Guthrum, com a assinatura do Tratado de Wedmore em 886. Mesmo assim, o Rei Alfredo teve que concordar com a dominação dinamarquesa em grande parte do reino da Mércia. Até a véspera da conquista normanda, a Inglaterra ficará dividida politicamente em vários reinos, i.e. Northumbria, Mercia, Anglia Oriental, e Wessex, cada reino com um rei sem qualquer prestígio. Em 1042 sobe ao trono de Wessex Eduardo o Confessor. Eduardo o Confessor é o rei que vai preparar o caminho para a conquista normanda; seus interesses estavam principalmente na França e na Normandia. O domínio dinamarquês chega ao seu auge com o reinado de Canuto (Knut), de 1014 a 1042.

(b) Empréstimos

A maior dificuldade para o estudo da contribuição dinamarquesa ou Viking está na grande seme-

lhança entre as duas línguas. Enquanto em uns poucos lugares os dinamarqueses abandonaram a sua língua, havia muitas comunidades na qual o dinamarquês ou uma forma do nórdico permaneceu durante muito tempo a língua mais comum. Até às vésperas da conquista normanda essa língua dinamarquesa era constantemente reforçada através da migração e do comércio. Em algumas partes da Escócia o dinamarquês foi falado até o século XVII. O problema de separar as influências dinamarquesas se complica mais porque no período do inglês médio o inglês que ressurgiu não é mais o saxão ocidental do sul mas uma forma do dialeto mércio, chamado também de "Midland". Entretanto, em alguns casos é possível distinguir as palavras, observando certas alterações fonéticas que separam os grupos nórdico e ocidental.

1. *Evolução do grupo -sk* — No saxão ocidental do fim do período antigo, o grupo *sk* se transforma em *s*, embora escrito *sc*. No grupo nórdico, tal não aconteceu, mantendo-se a forma com *sk*. Portanto, palavras como *ship*, *shall*, *fish* são evoluções do saxão ocidental, ao passo que palavras como *sky*, *ski*, *skin*, *skill*, *scrub*, *scrape*, *bask*, *whisk* são de origem dinamarquesa ou dos dialetos do norte da Inglaterra. A palavra *shirt* "camisa", vem do saxão ocidental *scyrte*, enquanto a palavra *skirt* "sala" vem da forma nórdica *skyrta*. O sentido das duas palavras também denota influência nórdica no segundo item.

2. *Evolução das consoantes k e g* — Nos dialetos do sul da Inglaterr-

ra, essas consoantes se palatizavam diante de vogais anteriores, mas se conservam nas regiões de influência dinamarquesa. Isto pode ser exemplificado através das palavras *egg* "ovo", *ditch* "fosso", *chetel* "chaleira", *yift* "presente".

- a. Inglês antigo *aeg*, inglês médio *ey*; antigo nórdico *egg* "ovo".
- b. Inglês antigo *dīc*, inglês médio *dich*, *ditch* "vala, fosso"; antigo nórdico *dīk*, forma moderna *dike* "dique".
- c. Inglês antigo *cetel*, inglês médio *chetel*; antigo nórdico *ketill*, forma moderna *kettle* "chaleira".
- d. Inglês antigo *gift*, inglês médio *yift* "preço da noiva"; antigo nórdico *gift* "presente".
- e. Inglês antigo *gietan*, *gitan* "encontrar"; antigo nórdico *geten* "conseguir, obter".

3. *Influência sobre os pronomes* — O sistema de pronomes do inglês antigo era o seguinte:

Singular

N	<i>ic</i>	"eu"	<i>pū</i>	"tu"	<i>hē</i>	"ele"	<i>hēo</i>	"ela"	<i>hit</i>	"ele, ela" (neutro)
G	<i>mīm</i>		<i>pīn</i>		<i>his</i>		<i>hiere</i>		<i>his</i>	
D	<i>mē</i>		<i>pē</i>		<i>him</i>		<i>hiere</i>		<i>him</i>	
A	<i>mē</i>		<i>pē</i>		<i>hine</i>		<i>hie</i>		<i>hit</i>	

Plural

N	<i>wē</i>	"nós"	<i>ge</i>	"vós"	<i>hī(e)</i>	"eles elas"
G	<i>ūre</i>		<i>ēower</i>		<i>hīera</i>	
D	<i>us</i>		<i>ēow</i>		<i>him</i>	
A	<i>us</i>		<i>ēow</i>		<i>hī(e)</i>	

No inglês antigo, o sistema funcionava, mas depois, com a tendência para o nivelamento das vogais finais, formas com *hē* "ele", *hī(e)* "eles", *hiere* "dele", *hiera* "deles", *heo* "ela", provocavam muita confusão e ambigüidade. A adoção das formas dinamarquesas para o plural iniciou-se primeiramente no norte e centro da Inglaterra, e depois alastrou-se para o sul. Foram adotadas as seguintes formas: *they* "eles", do antigo nór-

dico *pei(r)*, originalmente o nominativo plural masculino do artigo; *them* "os, as", do antigo nórdico *peim*, originalmente o dativo plural do mesmo artigo; *their* "deles", do antigo nórdico *peira*, *peirra*, originalmente o genitivo plural do mesmo artigo.

4. *Influência sobre os topônimos*

- a. Topônimos terminados em *-by* — Há mais de 600 localidades

com nomes como Grimsby, Whitby, Derby, Rugby, Thoresby, e quase todos eles nos territórios anteriormente ocupados pelos dinamarqueses. Percebemos daí, quão grande foi a influência dinamarquesa. A terminação *-by* significa "fazenda" ou "cidade"; aparece também no composto *by-law* "lei da cidade".

b. Topônimos terminados em *-thorp* — Há mais de 300 localidades com nomes como Althorp, Bishopsthorpe, Gawthorpe, Linthorpe.

5. Influência sobre o vocabulário

a. Os primeiros empréstimos estão relacionados com as atividades desenvolvidas pelos Vikings: *barda* "navio viking", *lib* "frota", *dreng* "guerreiro", *batswegen* "piloto", *cnearr* "pequeno navio de guerra". Entretanto, esses empréstimos geralmente se perderam depois da conquista normanda.

b. Os empréstimos posteriores são difíceis de serem distinguidos porque a civilização dos invasores era muito semelhante à dos ingleses, e portanto, contribuíram com palavras de uso diário e comum, e que foram muitas vezes adotadas também devido à grande semelhança com as formas nativas. Notamos especialmente algumas palavras relacionadas com o sistema legal característico dos dinamarqueses no território sob seu domínio (Danelaw). Temos: *law* "lei", *outlaw* "fora da lei", *mal* "mover uma ação", *hūsting* "assembleia". Palavras facilmente distinguíveis: *sister* "irmã", do antigo nórdico *syster*, oposto a *sweostor* do inglês

antigo; *loan* "empréstimo", do antigo nórdico *lan*, oposto a *laen* do inglês antigo; *take* "tomar", do antigo nórdico *taka*, oposto a *niman* do inglês antigo; *cast* "lançar", do antigo nórdico *kasta*, oposto a *weorpan* do inglês antigo com o mesmo sentido; *bark* "latir", do antigo nórdico *barka*, oposto à forma *rind* do inglês antigo com o mesmo sentido; *sky* "céu", do antigo nórdico *sky*, oposto a *uprodor* do inglês antigo.

(6) Os Empréstimos Normandos

(a) Histórico

Com a morte de Eduardo o Confessor, Haroldo, irmão de Edgyth, mulher de Eduardo, foi escolhido como rei do reino de Wessex, pelo Witan (Conselho de nobres da corte). Mas o duque da Normandia, Guilherme, que era primo de Haroldo, reclamou o trono, dizendo, inclusive, que Eduardo o Confessor quando ainda vivo tinha lhe prometido o trono do reino de Wessex. De qualquer maneira, Guilherme consegue o trono do reino de Wessex e depois de toda a Inglaterra através da força das armas. Ele contava também com o apoio da Igreja. Depois de reunir um exército relativamente numeroso, Guilherme invade a Inglaterra e na Batalha de Hastings (14 de outubro de 1066), Haroldo é derrotado. A vitória de Guilherme se deve muito mais ao melhor preparo e à melhor qualidade do exército normando, como também ao completo desinteresse da população na questão da sucessão real. A Inglaterra dessa época é uma Inglaterra completamente desunida em resultado da

incapacidade dos seus reis, exceto alguns reis da Casa de Winchester, como Alfredo e Athelstan, que tiveram grande prestígio entre o povo. No dia de Natal de 1066 Guilherme é coroado Rei da Inglaterra pelo arcebispo de York.

Entretanto, ao lado desses acontecimentos históricos, desde o tempo de Alfredo o Grande que a Inglaterra se desenvolvia culturalmente. Alfredo traduziu inicialmente diversas obras religiosas para que os nobres da corte e os demais nobres do país pudessem adquirir os rudimentos de conhecimento de história e filosofia, até então dentro do alcance dos que conheciam o latim. Depois Alfredo traduziu a *História Ecclesiastica* do Venerável Bede e outras obras importantes. Ele mesmo fundou uma escola em sua própria corte, onde os filhos dos nobres de todo o país pudessem se educar. No reinado de Athelstan, neto do Rei Alfredo, o continuador da tradição do seu avô, a corte inglesa era um lugar de reunião para muitos príncipes importantes da Europa. Com o reavivamento do conhecimento, pouco a pouco os interesses da população foram se refinando e também se inicia um reavivamento e desenvolvimento dos grandes centros urbanos.

Com o início do reinado de Canuto, o rei dinamarquês, o processo continua. Ele não foi um simples conquistador, mas um grande legislador. Entretanto, depois de Canuto, grandes intrigas entre os reis e a nobreza debilitam a imagem da corte entre a população. Quando Eduardo o Confessor morre e Ha-

roldo é escolhido rei, a população estava totalmente indiferente ao fato, e foi o que ajudou a conquista de Guilherme, o duque da Normandia. Culturalmente e socialmente, o estabelecimento dos normandos trouxe para a Inglaterra o sistema feudal normando, o país sendo dividido entre aproximadamente 200 barões fiéis a Guilherme. O estabelecimento da corte de Guilherme em Londres abriu bem as portas para as influências francesas, que Eduardo o Confessor já tinha aberto um pouco. Com esse fato, a Inglaterra passa a fazer parte integrante do sistema cultural e social da Europa Ocidental.

(b) Empréstimos

A grande influência de vulto sobre o inglês médio é a influência normanda. De modo geral, os normandos representavam uma cultura muito mais refinada. Eles tinham uma literatura própria. Tornaram-se senhores da Inglaterra durante muito tempo. Os normandos passaram a constituir a aristocracia em detrimento dos antigos nobres ingleses. Isto provocou grandes mudanças no vocabulário, mas essa influência só se manifesta decisivamente após decorridos dois séculos de dominação, entre 1250 e 1400. A seguir, apresentaremos dez classes de empréstimos, dentro da influência normanda. Em todas elas, entretanto, há uma base comum, bastante diferente dos empréstimos anteriores, que é o grande refinamento e avanço cultural expresso por esses empréstimos. Os únicos empréstimos anteriores que podem ser comparados com os empréstimos normandos, e que têm

alguma relação com os empréstimos normandos são os empréstimos latinos posteriores, resultado do reavivamento monástico por volta do final do século X. Entretanto, como já foi expresso, essa situação vinha sendo preparada desde o tempo de Alfredo o Grande. Esses empréstimos também indicam claramente o tipo de relacionamento entre normandos e ingleses (os saxões, como eram chamados na época, e impõe à força uma nova estrutura social, política e cultural na Inglaterra. Todo esse relacionamento está baseado no sistema feudal, bastante diferente da situação anterior, e que coloca a Inglaterra dentro do campo de influência direta da Europa Ocidental, e principalmente da França, que era o centro cultural dessa época.

1. *Termos que designam a aristocracia, governo e administração* — *crown, state, government, reign, realm, sovereign, country, power, minister, chancellor, council, authority, parliament*.

2. *Termos de natureza política* — *people, nation*; no inglês antigo o termo para povo era *peod*, cognato com o gótico *piuda*, antigo alto alemão *diot* “dieta” (parlamento).

3. *Termos que indicam o feudalismo* — *fief* “terra assegurada em consequência de serviço prestado a um superior, uma propriedade feudal”, termo franco-normando, mas de origem nórdica. *Feud, feudal* “direito de propriedade feudal (territorial)”. É termo em última instância derivado do termo nórdico que designa “gado”: gótico *faihu*, antigo nórdico *fē*, inglês antigo

feoh, antigo alto alemão *fihu*, alemão moderno *Vieh*. O velho termo do inglês antigo *fee* “propriedade pessoal (territorial)” é da mesma origem; encontramos também no francês antigo *fius, fieus*, e no francês médio *fief* “terra assegurada em consequência de serviço prestado a um superior, propriedade feudal”, de origem franco-normanda, tomado dos francos (povo nórdico), que deram origem ao sistema feudal. Também é da mesma origem o termo do latim medieval *feudum*, do antigo alto alemão *fehu* “gado” + *ot* “posse”, portanto “posse de gado”, donde “direito de propriedade feudal”. Outros termos intimamente ligados ao feudalismo: *vassal* “vassalo”, *liege* “senhor de feudo, soberano”, *prince* “príncipe”, *duke* “duque”, *marquis* “marquês”, *viscount* “visconde”, *baron* “barão”, *corteous* “cortês”, *noble* “nobre”, *glory* “glória”, *heraldry* “heráldica”, *refinement* “refinamento”.

4. *Termos militares* — Como os normandos tinham em suas mãos o controle militar, um grande número de palavras indicam fatos ligados ao militarismo: *war* “guerra”, embora de origem nórdica, foi introduzido no inglês pelos normandos, com a forma normanda *werre*, oposto ao francês *guerre*; do antigo alto alemão *werra* “luta, confusão, guerra”. Outros termos: *peace, battle, arms, armour, mail, lance, dart, banner, ensign, assault, siege, officer, lieutenant, sergeant, soldier, troops, vessel, navy, enemy, spy, prison, march, force, company, guard*.

5. *Termos jurídicos* — *justice, just, judge, jury, sue, defendant*,

plea, cause, session, attorney; accuse, crime, guilty, innocent, damage, heritage, penalty, privilege.

6. *Termos eclesiásticos — religion, theology, saviour, saint, relic, cloister, friar, clergy, parish, baptism, sacrifice, homily, altar, miracle, preach, pray, sermon, virtue, vice, duty, conscience, charity, covet, desire, jealous, pity.*

7. *Termos relativos à comunicação ou a relações entre normandos e anglo-saxões — Sir, madam, master, servant, command, obey, order, rich, poor, money.*

8. *Termos que indicam moda, cozinha e vida social — habit, gown, robe, attire, cloak, collar, button, dinner, supper, feast; appetite, taste, victuals, beef, veal; mutton, porc, venison, sauce boil, fry, roast, toast, soup, sausage, jelly, curtain, couch, chair, cushion, lamp, blanket, parlour, wardrobe, recreation, leisure, dance, revel, music, conversation.* É muito interessante notar que o nome de pratos com carne de determinados animais, por exemplo, *beef* “carne de vaca”, *veal* “carne de vitela”, *mutton* “carne de carneiro”, *pork* “carne de porco”, por se constituírem refinamento na arte de cozinhar, são empréstimos normandos, mas os animais vivos, *cow* “vaca” ou *bull* “boi”, *heifer* “vitela”, *sheep* “carneiro”, *pig* “porco”, são palavras de origem nórdica.

9. *Termos que indicam arte e erudição — art, painting, sculpture, colour, figure, image, palace, mansion, ceiling, chimney, tower, porch, column, pillar, post, rime,*

prose, romance, tragedy, comedy, volume, pen, treatise, study.

10. *Outros termos — adventure, affection, air, bucket, business, calendar, city, comfort, courage, marriage, mason, mischief, notice, ocean, opinion, pair, poverty, quality, season, strife, tailor, tavern, vision, waste, abundant, active, actual, amorous, precious, luxurious, approach, arrange, arrive, carry, chase, deceive, flatter, flourish, destroy, nourish, observe, pay, pierce, please, praise, prefer, pursue, push, receive, literature, education, ignorance, charity.*

(7) Considerações Finais e Conclusão

Através de toda essa longa história dos empréstimos no inglês, desde os primeiros empréstimos celtas (*binn, bratt*), os primitivos empréstimos latinos (*wine, camp, kettle*), os empréstimos posteriores (*apostle, disciple*), os empréstimos dinamarqueses (*skirt, dike*), até os empréstimos normandos (*justice, noble, people*), podemos observar uma série de desenvolvimentos e fatos importantes que podem ser aplicados em maior ou menor grau a outras línguas.

A principal conclusão sociolinguística desse estudo é a seguinte: a história dos empréstimos, se realmente analisada e esquadrihada, é principalmente uma amostra ou um índice do desenvolvimento cultural de determinado povo; de suas conquistas culturais.

Cada empréstimo encerra em si toda uma história de descobertas,

FROEHLICH, P. A. O problema sociolinguístico dos empréstimos: alguns aspectos no inglês. *Alfa*, São Paulo, 24:73-92, 1980.

das procedências dessas descobertas, e em muitos casos, um eventual sobrepujamento dessas descobertas para dar lugar a novos interesses, a novos empréstimos significativos de novas descobertas.

Especialmente nos nossos dias presenciemos o surgimento de um grande número de empréstimos de muitos tipos, que surgem, não de um único povo ou cultura, mas praticamente de quase todos os povos e culturas, o que significa que o ser humano deixou de ser estritamente nacionalista, para se

transformar em internacionalista. Prova disto são as palavras e logogramas como ONU, UNESCO, OMS, UNICEF, que correm por todo o mundo independentemente de país ou cultura.

O estudo apresentado acima é apenas um rápido resumo das principais características dos empréstimos no inglês, para mostrar ao mesmo tempo, o grande valor que classes de empréstimos têm, dentro de uma língua, e também o valor particular de cada empréstimo.

FROEHLICH, Paulo A. The sociolinguistic problem of loan-words: some aspects in English. *Alfa*, São Paulo, 24:73-92, 1980

ABSTRACT: The author proposes in this work to show the basic aspects of loan-words. It emphasizes how the different types of contact among the nations involved in the borrowing process, and how the cultural level of each people exerted a great influence in the mechanism of borrowing. It highlights the problem in English, since the early Celtic loans till the Norman period. It is an attempt to write a cultural history through loan-words.

UNITERMS: Loan-word; Cultural contact; Diffusion; Conquest; Cultural history.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. New York, Henny Holt, 1933.
2. FORREST, R. A. D. *The Chinese language*. London, Faber & Faber, 1948.
3. JESPERSEN, Otto. *Language: its nature, development and origin*. London, George Allen & Unwin, 1954.
4. JESPERSEN, Otto. *Growth and structure of the English language*. Oxford, Basil Blackwell, 1962.
5. LEPARGNEUR, H. Espírito da metodologia. In: *Introdução aos estruturalismos*. São Paulo, Herder e USP, 1972.
6. TWADELL, W.F. The prehistoric Germanic short syllabics. *Language*, New York, 24: 139, 1948.

FROEHLICH, P. A. O problema sociolinguístico dos empréstimos: alguns aspectos no inglês. *Alfa*, São Paulo, 24:73-92, 1980.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. BAUGH, A.C. *A history of the English language*. London. Routledge & Kegan Paul, 1957.
2. ————. *A literary history of England*. New York, Appleton, Century-Crofts, 1948.
3. BRANE, W. *Althochdeutsche Grammatik*. Halle, 1955.
4. BRAUNE, W. & HELM, K. *Gotische Grammatik*. Halle, 1952.
5. BRIGHT, W., comp. *Sociolinguistics*. Mouton, The Hague, 1966.
6. CAMPBELL, A. *An old English grammar*. Oxford University Press, 1959.
7. FISHMANN, J.A., comp. *Readings in the sociology of language*. Mouton, The Hague, 1970.
8. GRIMM, Jakob. *Deutsche Grammatik*. Gutersloch, 1893.
9. HYMES, D., comp. *Language in culture and society*. Tokyo, John Weatherhill, 1966.
10. JERROLD, D. *An introduction to the history of England*. London, Collins, 1949.
11. JESPERSEN, Otto. *A modern English grammar on historical principles*. London, George Allen & Unwin, 1954. V. 1.
12. LIEBERSON, S., comp. Explorations in sociolinguistic. In: *International Journal of American Linguistics*. Bloomington, 1967.
13. MEILLET, A. *Caractères généraux des langues germaniques*. Paris, Hachette, 1949.
14. PRIDE, J.B. & HILMES, J. *Sociolinguistics*. Harmondsworth, Penguin Books, 1972.
15. PROKOSH, E. *A comparative Germanic grammar*. Philadelphia, Linguistics Society of America, 1939.
16. QUIRK, R. & WRENN, C. L. *An old English grammar*. London, Methuen, 1955.
17. ROSS, A.S.C. *Etymology*. London, Andre Deutsch, 1958.
18. SAPIR, E. *Language: an introduction to the study of speech*. New York, Hartcourt & Brace, 1921.
19. SWEET, H. *A new English grammar*. Oxford, Univ. Press, 1955.
20. THEODOR, E. *A lingua alemã*. São Paulo, Herder, 1963.
21. TREVELYAN, G.M. *History of England*. London, Longmans, 1952.
22. WARDELE, E.E. *An old English grammar*. London, Methuen, 1950.
23. WRIGHT, J. *An old English grammar*. Oxford, Univ. Press, 1952.

DICIONARIOS

24. BUCH, C.D. *A dictionary of selected synonyms in the principal Indo-European languages*. Univ. of Chicago Press, 1949.
25. MEYER-LUBKE. *Romanisches etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg, 1935.
26. PARTRIDGE, O. *Origins: a short etymological dictionary of modern English*. London, Routledge & K. Paul, 1958.
27. SKEAT, W. W. *An etymological dictionary of modern English*. Oxford, Univ. Press, 1956.
28. HOFFMANN, W. *Lateinsches etymologisches Wörterbuch*. Heidelberg, Carl Winter, 1938.

SER E ESTAR: ESTUDO CONTRASTIVO ESPANHOL-PORTUGUÊS *

Balbina Lorenzo Feijóo Hoyos **

HOYOS, Balbina Lorenzo Feijóo. Ser e estar: estudo contrastivo espanhol-português. *Alfa*, São Paulo, 24:93-107, 1980.

RESUMO: É um estudo comparativo dos verbos SER E ESTAR do Espanhol e Português, feito para orientar estudantes brasileiros de Espanhol. Consta de três partes: na primeira, faz-se um levantamento dos usos idênticos nessas línguas; na segunda, estudam-se as estruturas morfossintáticas divergentes com as respectivas equivalências; por último, há duas listas com locuções de SER e ESTAR espanholas e suas respectivas traduções portuguesas.

UNITERMOS: Linguística contrastiva; Morfossintaxe verbal; Língua espanhola-língua portuguesa.

0. Já se escreveu muito sobre os usos de *Ser* e *Estar*, com o fim de orientar estudantes de língua inglesa, francesa ou alemã (pois essas línguas só dispõem de um verbo, *To Be*, *Être* e *Sein* para os nossos *Ser* e *Estar*), e muitos são os livros de exercícios sobre o assunto; porém, no que se refere ao estudo contrastivo desses verbos em espanhol e português nada conheço a respeito. Provavelmente se deve isto à grande semelhança existente entre essas duas línguas; de fato, é indiscutível que *Ser* e *Estar* se usam do mesmo modo em português e espanhol, *na maioria dos casos*. Há, contudo,

determinadas construções, em uma língua que não têm a correspondência exata na outra (fenômeno registrado nas duas direções); outras vezes, não existe o problema da não identidade, mas é uma questão de freqüência de uso: uma determinada expressão é muito mais produtiva numa língua do que na outra.

1. Em primeiro lugar, torna-se indispensável que se assinalem os pontos de coincidência no emprego dos verbos *Ser* e *Estar* em espanhol e português, pois se os nossos alunos sabem que podem usar com

* Comunicação lida no XX GEL — Bauru — (Outubro/78).

** Professora Assistente do Departamento de Letras Modernas do Instituto de Letras, História e Psicologia, Campus de Assis, UNESP.

segurança esses verbos em espanhol, na maioria dos casos, dada a sua semelhança com o português, já é um grande avanço.

Os exemplos apresentados a seguir foram coligidos em quatro contos *espanhóis**, da antologia *Siete narradores de hoy* (10), e em três brasileiros, ** também de uma antologia (1).

Dos 340 usos de *Ser* e *Estar* recolhidos em espanhol somente aparece um caso sem correspondência idêntica em português:

(1) ... "porque *estaba de ayudante del coronel*" ... (Patio, 158) — ... porque *estava como ajudan-*

te do coronel ... e dos 323 casos em português, também apenas um, deixa de ter equivalência idêntica em espanhol:

(2) "A velhice *é feito* um caranguejo" ... (Santa, 177) *La vejez es como* um cangrejo ... Somente isto já bastaria como alicerce para manter a afirmação de que a maioria dos casos são idênticos nos dois idiomas; vamos, pois, a eles:

1.1. *Ser*: ***

1.1.1. *Ser* + *predicativo* (constitui a grande maioria: dos 248 empregos de *ser* consultados em

* SANCHEZ FERLOSIO, Rafael — "Dientes, Pólvora, Febrero", citado como Dientes; MATUTE, Ana Maria — "La Chusma", citado como Chusma; GOYTI-SOLO, Luis — "Las Afueras", citado como Afueras; — ALDECOA, Ignacio — "Patio de Armas", citado como Patio.

** ROSA, João Guimarães — "Sinhá Secada", citado como Secada. LINS, Osman — "Retábulo de Santa Joana Carolina", citado como Santa. LISPECTOR, Clarice — "O Búfalo", citado como Búfalo.

*** Cito aqui alguns dos significados mais frequentes do verbo *SER*:

Existir:

Es la una.

Son las dos.

No *son* todos los que están, ni están todos los que *son*.

Yo *soy*.

Ser o no *ser*.

Acontecer, realizar-se:

La rinã *fue* en la cale.

La cosa *fue* así.

Constituir:

Eso *es* delito.

Causar, produzir:

Esto *fue* su ruina.

Eso *será* su triunfo.

Custar:

¿Cuánto *es* todo?

Consistir em ou *depende de*:

Todo *es* que se lo proponga.

Achar-se, estar (arcaico):

Mañana *será* contigo.

No *imperfeito*, nas estórias infantis.

Esto *era* un castillo.

Tú *eras* la reina.

É uma hora.

São duas horas.

Não são todos os que estão, nem estão todos os que são(?)

Eu *sou*.

Ser ou não *ser*.

A briga *foi* na rua.

Como *foi* isso?

Isso *é* crime.

Isto *foi* sua ruína.

Era um regalo vê-lo.

Quanto *é* tudo?

Tudo *é* que se proponha fazê-lo.

Joaninha, não *era* ali; a velha *estava* só.

Eu *era* o Tarzã.

Ele *era* o bandido.

espanhol, em 204 o verbo *ser* possui predicativo; em português, dos 267 casos, 202 também apresentam forma predicativa. Vemos pois, que não só há identidade de emprego como também a porcentagem é, aproximadamente, a mesma: 83% no Espanhol e 77% no português.

Exemplos em espanhol:

- (3) Sua manos *eran* grandes y brutales... (Chusma, 25)
- (4) ... la idea de que *soy* un gandul, ... (Afueras, 57)
- (5) El sol *era* flojo y desvaído ... (Afueras, 72)
- (6) *Serán* muy rojos, (Afueras, 74)
- (7) ¿y eso *es* malo? (Patio, 165)

Exemplos de português:

- (8) ... seu coração *era* mais pequeno. (Secada, 62)
- (9) ... onde a comida *será* ainda menos abundante ... (Santa, 158)
- (10) ... pensou que a lua *era* a manhã chegando (Santa, 166)
- (11) ... mas o silêncio *era* bom no cair da tarde. (Búfalo, 222)

1.1.2. *Ser*: tomado em forma absoluta com expressões de tempo ou em sentido de acontecer ou existir. Foram encontrados 30 casos em espanhol e 38 em português: todos eles com construção idêntica na outra língua.

Exemplos em espanhol:

- (12) *Era* una loba muy grande ... (Dientes, 16)
- (13) *Era* muy tarde cuando ... (Chusma, 27)
- (14) *Era* una mañana de octubre ... (Afueras, 43)
- (15) *Era* domingo y doña Magdalena ... (Afueras, 72)
- (16) *Eran* las nueve de la noche. (Patio, 155)
- (17) Hoy *es* jueves. (Patio, 157).

Exemplos em português:

- (18) *É* em novembro quando ... (Santa, 154)
- (19) ... já *era* tarde para voltar. (Santa, 166)
- (20) *Foi* na capela ... (Santa, 172)
- (21) *Foi* no mês de Sant'Ana ... (Santa, 177)
- (22) *Foi* quase na hora da ceia. (Santa, 179)
- (23) Mas *era* primavera. (Búfalo, 219)

1.1.3. O verbo *ser* oferece-nos um terceiro caso cujos exemplos espanhóis têm construção idêntica em português; porém, muitas das construções portuguesas não possuem o equivalente em espanhol, o que ocasiona erros quando o aluno brasileiro redige em castelhano. Referimo-nos à Voz Passiva. No que diz respeito ao espanhol, há até quem

negue a sua existência real no idioma; não creio que se possa chegar a tanto; contudo, pode-se afirmar que os bons autores a empregam muito pouco. Basta dizer que, enquanto para o português encontrei 18 casos, para o espanhol somente 6; isto é, três vezes menos. Para o Português apenas G. Rosa não emprega a passiva, mas é preciso ressaltar que o conto desse autor só vai algumas linhas além das três páginas. Já no espanhol, Sánchez Ferlosio, em oito páginas, e Ana Maria Matute, em cinco, não empregam nem uma só vez a Voz Passiva!

Exemplos em espanhol:

- (24) ... Que fue cortada por un alarido unánime. (Patio, 152)
- (25) ... y al ser tocadas, se cerraban, se cerraban (Afueras, 62)

Exemplos em português:

- (26) ... os mesmos escorpiões a serem esmagados por Dona Teotônita (Santa, 155)
- (27) ... e aonde de novo fora entregue ... (Búfalo, 220)

O problema da *passiva com ser*, em espanhol, tem sido muito discutido (7,p.122). Como resultado da incidência cada vez menor (a que já aludimos), preferem-se as formas ativas ou a *passiva com se*. Esta repugnância pela passiva analítica é notável, pois já no *Cantar*

del Mio Cid o seu uso era menor que no latim e, dia a dia, vem-se marcando mais este aspecto da língua espanhola, aspecto que se manifesta claramente ao compará-la com o português, francês ou inglês, onde as formas passivas são bem mais freqüentes.

Foi Andrés Bello* quem observou, pela primeira vez, que a passiva *com ser* não se usa em espanhol no *presente* e no *imperfecto*, quando se trata da ação momentânea de um verbo perfectivo. Assim não se diz:

- (28) La puerta es abierta por el portero, ou
- (2) La hoja era vuelta por el lector, mas
- (30) El portero abre la puerta, e
- (31) El lector volvía la hoja. Em português as quatro frases equivalentes são corretas.

Devemos, pois, no espanhol, levar em conta o aspecto verbal (tempos perfectivos ou imperfectivos) e a significação do verbo (aspecto semântico: momentâneo ou durativo). Se o verbo apresenta matiz durativo, não há inconveniente se usarmos aqueles tempos:

- (32) La noticia es (ou era) comentada en todas partes.

O aspecto formal idêntico de *ser + adj.* e *ser + part.* (voz passiva) tanto no português como no espanhol, contribui nesta última língua para que haja mais limitações da *passiva com auxiliar ser*.

* Apud GILIGAYA, S (6, p. 124).

(33) Esta mujer *es hermosa* e

(34) Esta mujer *es admirada*, não apresentam diferença formal, porém no 1.º caso *hermosa* é predicativo e *admirada* é o participio — do verbo que indica a ação da segunda posição.

Como efeito da semelhança de formas a que nos acabamos de referir, podem-se encontrar muitas orações ambíguas:

(35) la edición fue reducida (pequena)

(36) la edición fue reducida (diminuída)

(37) Sus palabras eran excusadas (inecessárias)

(38) Sus palabras eran excusadas (desculpadas)

(39) El regalo ha sido cumplido (generoso)

(40) El regalo ha sido cumplido (realizado)

Podemos, pois, concluir com Gili-Gaya (6) que entre as orações:

(41) La agencia X ha transmitido nuevas informaciones, e

(42) Nuevas informaciones han sido transmitidas por la agencia X, ou ainda

(43) Por la agencia X han sido transmitidas nuevas informaciones, a psicologia lingüística espanhola prefere a primeira já que a tendência idiomática é usar a construção verbal dinâmica e animada, que se manifesta também em outros pontos da sintaxe espanhola.

1.2. *Estar*. Pelo estudo estatístico realizado, o verbo *estar* é mais freqüente em espanhol (27%) do que em português (17%); de fato dos 340 casos Ser/Estar, 92 são de *estar* em espanhol; enquanto dos 323 portugueses, somente 56 pertencem a este verbo.

1.2.1. *Estar* + *adj. ou subst.* Embora esperasse uma incidência maior de casos do verbo *estar* em forma predicativa, isso não aconteceu principalmente em português: apenas 16 exemplos (para 23 de *estar* com valor absoluto); já em espanhol estes dois usos estão equilibrados: 32 empregos de *estar* para cada um deles.

Exemplos em espanhol:

(44) ... que siempre *estaba borracho*. (Chusma, 25)

(45) ... temiendo no *estar solo* ... (Patio, 155)

(46) ... eso *está muy vago*. (Patio, 157)

Exemplos em português:

(47) Queria *estar certa* de (Santa, 178)

(48) Ninguém *está sozinho*. ... (Santa, 178)

(49) O búfalo negro *estava imóvel* no fundo do terreno. (Búfalo, 222).

1.2.2. *Estar*: usado de forma intransitiva (sentido absoluto), é o caso mais freqüente: 23 exemplos em português e 32 em espanhol.

Exemplos em espanhol:

- (50) *Estaba* allí, con todos sus hijos ... (Chusma, 25)
(51) Al fondo de la sala *estaba* el staúd. (Patio, 160)
(52) *Estaban* en un rincón del cobertizo. (Patio, 163)

Exemplos em português:

- (53) Aqui *estamos*, cercando-a... (Santa, 155)
(54) Em que mês *estamos*? (Santa, 183)
(55) Lá *estavam* o búfalo e a mulher. (Búfalo, 225)

1.2.3. *Estar + participio*: normalmente sem valor passivo, mas que pode aparecer, tanto no português como no espanhol; 20 empregos para este último idioma e 10 para o português.

Exemplos em espanhol:

- a) sem valor passivo:
(56) ... porque ya *estaba vuelto* hacia ... (Dientes, 15)
(57) ... y que *estaba sentado* a la derecha ... (Dientes, 17)
(58) La capilla ardiente *estaba situada* en el ... (Patio, 160)
- b) com sentido passivo.
(59) Los ojos de la abuela *estaban enrojecidos* por el viento y el sol. (Patio, 155)
(60) El sumidero *estaba tupidado* (*) ... (Patio, 152)

Exemplos em Português:

- a) sem valor passivo:
(61) já *estava montado* (Santa, 173)
(62) ... parecia *estar sentada* numa Igreja. (Búfalo, 220)
(63) A testa *estava tão encostada* às grades ... (Búfalo, 222)
- b) com sentido passivo:
(64) Seu rosto *estava coberto* de mortal brancura (Búfalo, 224)

1.2.4. *Estar + ger.* Também aqui esperava encontrar maior número de casos: somente 8 em espanhol e 7 em português. Creio que a construção *estar + ger.* (ação durativa) é mais frequente na linguagem oral; as obras consultadas, embora apresentem o linguajar coloquial não são constituídas só de diálogo; mas ao contrário, a maior parte delas é texto narrativo. Haveria que fazer um levantamento em obras de teatro ou conversas espontâneas.

Exemplos em espanhol:

- (65) ... los demás ya se *estaban calentando* y ... (Dientes, 20)
(66) En la cocina *estaban comen-tando* lo del médico. (Chusma, 26)

* Há casos limites como este, que poderiam ser interpretados como passivos ou não:

O ralo estava entupido (= sujo)
O ralo estava entupido pela sujeira.

- (67) Gamarra estaba contemplando al soldado. (Patio, 154)

Exemplos em Português:

- (68) ... a quem estava indo ver (Secada, 62)
- (69) Estou lembrando, quando ... (Santa, 179)
- (70) Estava pondo água no fogo ... (Santa, 179)

2. Uma vez comprovada a coincidência de usos dos verbos *ser* e *estar*, em suas construções mais frequentes (lembramos que em 663 casos, apenas dois discordavam), vamos examinar agora as construções desses verbos, específicas de cada língua, confrontando-as com as construções equivalentes na outra. Esta parte do trabalho foi a origem do mesmo, e o seu ponto de partida, frases sem correspondência idêntica no outro idioma. Consultei, para a mesma, Dicionário e Gramáticas; as equivalências portuguesas para as expressões espanholas foram verificadas por informantes brasileiros. Algumas poucas expressões hispânicas da obra *Cinco horas com Mario*, de Miguel Delibes (citadas como Delibes, 3).

2.1. Construções com *ser*.

2.1.1. *Ser + a + inf.* em espanhol: equivale a *Ser + inf.* (port.); ambos com valor de imperativo; espanhol

- (71) ... como dice papá *es a comer* caliente y nada más. (Delibes, p. 78)
- português

- (72) Agora *é tratar* de casar, de ter filhos, de galpar posição. (Dic. F. F.) (4)

2.1.1.1. Esta mesma construção pode aparecer em espanhol sem valor imperativo:

- (73) ... que todo el mundo *era a tirarles* flores cuando desfilaban, ... (Delibes, 3, p. 103).
- (74) ... todo el mundo *era a mirarnos* ... (Delibes, 3, p. 215).

2.1.2. *Ser + con*: estar de acordo. O equivalente português dá-se com o verbo *Estar*.

- (75) *Soy* en todo *con usted* *Estou* em tudo *com o Senhor* (**) (8)

2.1.2.1. Em espanhol essa expressão pode ainda significar *atender*, mas com um matiz arcaico e pouco empregada. Parece não ter equivalente em português.

- (76) En cuanto despache a este señor *soy con* usted.

2.1.2.2. Em português *Ser + com* significa *dizer respeito* a, com idêntica correspondência em espanhol:

* Quando não estiver especificada a procedência do exemplo espanhol significa ter sido retirado de Maria Moliner (8).

** Os exemplos marcados com (*) são traduções do espanhol ou do português, comprovadas por informantes brasileiros ou hispano-falantes.

- (77) El caso no *es contigo*. O caso não *é com você*. Em português também pode aparecer *Ser + para*.
- 2.1.3. *Ser + como para* (esp.) corresponde ao *ser + para*:
(85) *Es de desear* (Es deseable) que acierte.
(86) *É de esperar* que ele venha.
(87) *É para lamentar* que as coisas se passassem assim.
- (78) Eso es como para no volver a miralo a la cara. Isso *é para* não tornar a olhá-lo no rosto.
2.1.4. *Ser + de + subst.*:
2.1.4.1. Com idéia de tempo, só existe em port.:
(88) *Es hombre para* eso y mucho más (*).
É homem para isso e muito mais.
- (79) Quando *foi do* seu último namoro...
(80) Quando *foi do* terremoto...
2.1.4.2. Indica, nos dois idiomas, relações de origem, posse, matéria etc.
(81) *Era de* una de las más antiguas familias del pueblo. *Era de* uma das mais antigas famílias do lugar. (Dic. F.F,4)
2.1.4.3. *Ser próprio, ser digno*.
(82) Esta respuesta *fue de* príncipe católico (*).
Resposta *foi de* príncipe católico. (Dic. F. F. 4).
(83) Este procedimiento *é de* homem sério (Aurélio, 5).
2.1.5. *Ser + de + um*: Com matiz ponderativo.
(84) La casa *es de un* lujo que abruma. A casa *é de um* luxo que espanta (*).
2.1.6. *Ser + de + inf.* equivale a *Ser + adj.* terminado em -ble.
2.1.7. *Ser + para*: ser capaz de:
(89) *Eso es para* mandarlo a paseo.
(90) No *es para* tomarlo así. Não *é para* tomar a coisa tão a sério (*).
2.1.8. *Ser + para + inf.*:
2.1.8.1. Quando se justifica alguma coisa.
(91) *Es un* decir.
(92) *Es un* suponer.
(93) *Eso un modo de* decir. Isso *é um modo de* dizer. (*)
2.1.9. *Ser + um + inf. sustantivado*: só existe em espanhol; para o português é necessário introduzir depois do verbo *ser* a expressão *modo de (Ser um modo de + inf.)*:
2.1.10 *Con + ser*: sentido concessivo, sem equivalente exato em português.
(94) *Con ser* su madre, no puede aguantarlo.

Embora seja sua mãe, não o suporta (*).

2.1.11. *Ser + que*: indica em espanhol uma réplica ou implica haver oposição ou contrariedade; alguns casos podem coincidir com o português; em outros, há soluções várias:

(95) *Es que* no tengo tiempo para eso.

É que não tenho tempo para isso (*).

(96) *Es que* no quiero.
É que não quero (*).

(97) *Sea que* triunfe o que no...
Quer triunfe quer não (*).

(98) *Quizá fuese que* estaba de mal humor.

Talvez fosse porque (estava) estivesse de mau humor (*).

2.1.12. *É que*: expressão idiomática reforçativa invariável, sem correspondência idêntica no espanhol.

(99) *José fue quien* (el que) *trabajó*, pero sus hermanos *fueron quienes* (los que) han gozado su riqueza (*).
José é que trabalhou, mas os irmãos *é que* gozaram de sua riqueza. — (Cunha, 2)

(100) *Nós é que* somos os patriotas.

(101) Os efeitos *é que* foram diferentes.

2.1.13. *Es que*: em espanhol pode introduzir perguntas gerais com matiz de surpresa; o port. prefere o fut. neste caso:

(102) *Es que* te has enterado ya?
Será que você já sabe? (*)

2.1.14 *Será que*: fórmula introdutória interrogativa com matiz de polidez; não se usa em espanhol:

(103) *Podrías* hacerme un favor? (*)

Será que você poderia fazer um favor?

(104) Por favor, *podría* usted emprestar-me um livro?

Será que a senhora poderia emprestar-me um livro?

2.1.15. A mesma fórmula portuguesa, sem matiz especial, traduz-se em espanhol com o verbo conjugado no futuro (sem o v. ser);

(105) Ya *habrá* empezado la charla? (*)

Será que já começou a palestra?

2.2. Construções com *Estar*:

2.2.1. *Estar + a*:

2.2.1.1. Coincide nos dois idiomas em frases que indicam datas, se forem afirmativas. Porém a oração interrogativa não tem correspondência como v. *estar* em português.

(106) *A cuántos estamos?*

(107) *Estamos a 12 de Septiembre.*

Estamos a 12 de setembro ()*.

2.2.1.2. Pode significar também, em espanhol, *estar esperando alguma coisa*, mas não possui esse significado em português.

(108) *Estoy a lo que vosotros decidáis.*

Estou esperando o que vocês decidirem.

2.2.2. *Estar bem ou mal*: ficar bem ou mal alguma coisa a alguém

(109) *Este traje te está muy bien.*

(110) *Ese procedimiento no le está bien a un hombre de tu posición.*

Tal proceder não está bem a um homem da tua posição ()*.

(111) *Está mal decir esas cosas.*

2.2.3. *Estar bem ou mal de algo*: ter alguma coisa em quantidade suficiente ou estar em falta. Em espanhol é lista aberta, em português, porém, só comprovei os três exemplos citados:

(112) *Estamos bien de vida. Estou bem de vida. (*)*

(113) *Estoy mal de dinero. Estou mal de dinheiro. (*)*

(114) *Estamos bien de arroz y frijoles.*

(115) *Estão bem de notas (?)*

2.2.4. *Estar com*: estar de acordo com alguém.

(116) *Estoy en todo con usted.*

.Estou com você em tudo.

2.2.5. *Estar de*: exercer a profissão de; é um uso que só aparece em espanhol; o português usa outro giro: *Está como*.

(117) *Está de portero en un hotel. Está como portero num hotel. (*)*

(118) *Julia está en Madrid de enfermera.*

Júlia está em Madrid como enfermeira. ()*

(119) *Mi tío está de alcalde en su pueblo.*

Meu tio (está como) é prefeito na sua cidadezinha. ()*

2.2.6. *Estar + em*:

2.2.6.1. *Estar de acordo com alguma coisa para as duas línguas.*

(120) *Él está en venir en cuanto pueda. Estamos em partir amanhã.*

2.2.6.2. *Crer, acreditar*: não há correspondência idêntica no português:

(121) *Yo estoy en que él no se enteró de lo que pasaba.*

2.2.6.3. *Pode significar custar, com matiz marcadamente coloquial em espanhol.*

(122) *Este abrigo me está en dos mil pesetas.*

(123) *Esta obra está em cinco contos.*

- 2.2.6.4. Consistir.
- (124) La dificultad *está en* reunir todos los elementos.
A dificuldade *está em* reunir todos os elementos. (*)
- (125) El mal *está en* eso.
O mal *está nisso*. (*)
- 2.2.7. *Estar que*: estar a ponto de; só para o espanhol.
- (126) *Estoy que* me caigo.
Estou quase caindo de cansaço. (*)
- (127) La cuestión *está que* arde.
- (128) *Estou a ponto* de cair.
- (129) *Está para* cair. (*)
- 2.2.8. *Estar para + inf.*: Estar a ponto de, para as duas línguas:
- (130) Mi hermano *está para* llegar de un momento a otro.
Meu irmão *está para* chegar de um momento a outro. (*)
- 2.2.9. *Estar para + subst.*: em frases negativas na forma ou no sentido: não estar em condições de:
- (131) No *estamos para* gastos.
- (132) Não *estou para* brincadeiras. (*)
- (133) *Estoy para pocas fiestas*.
Não *estou para festas* a estas horas.
- 2.2.10. *Estar por + inf.*:
- 2.2.10.1. *Estar algo à espera de*:
- (134) La historia de la guerra *está por* escribir.
- (135) A conta *está por* pagar.
- (136) Isso *está por* fazer.
- 2.2.10.2. *Estar com tentações de fazer alguma coisa*: não há correspondência em português:
- (137) *Estoy por* irme contigo.
Estou tentado a ir embora com você. (*)
- 2.2.10.3 Ser partidário, ter inclinações ou admirações por:
- (138) Yo *estoy por* las escenas ligeras.
- (139) Ele *está por* tudo
- (140) Donde él *está*, todos *están por* él.
- (141) Ele *está por* mim.
- (142) *Estou sempre pelos* francos.
- 2.2.11. *Estar hecho*: esta expressão espanhola pode ser traduzida de formas diferentes em português e só pouquíssimos casos espanhóis têm equivalentes admissíveis em português.
- (143) *Estoy hecho* una calamidad.
Está uma calamidade. (*)
- (144) *Estás hecho* una sopa.
Está como uma sopa. (*)
- (145) *Está hecho* un sabio.
Está (feito) um sábio. (*)

A propósito desta expressão espanhola, "Estar hecho" aparece quando em português se usa *estar* + *subst.* Isto porque de acordo com os gramáticos e confirmado pelo uso, o verbo *Estar* em espanhol não pode vir seguido de *Subst.* sem preposição. Porém, Ricardo Navas Ruiz (9) registra usos que contrariam a norma e o uso escrito, pelo menos. Cita casos como:

(146) *Estás ya un hombre.*

(147) *Buenas alhajas estáis los hombres!* mas tem o cuidado de dizer que esses exemplos seriam equivalentes a

(148) *Estás ya hecho un hombre.*

(149) *Buenas alhajas estáis hechos los hombres,* e explica que as primeiras seriam a forma reduzida, econômica das últimas.

É também o mesmo autor quem nos apresenta

(150) *Estás pez,* com uma interessante observação: "... donde la introducción de *hecho* alteraría totalmente el sentido. *Estás pez:* es carecer de conocimientos sobre una materia cualquiera. *Estás hecho un pez* puede ser *nadar muy bien, beber mucha agua,* etc. Es decidir que *pez* recobra su significado próprio, mediante la introducción de *hecho.*" (9).

Outra expressão muito usada em Madrid, no linguajar coloquial (estudantil) e que contraria a regra do não uso de *estar* + *subst.* é

(151) *Estás fenómeno!* que se aplica a pessoas ou coisas e significa aproximadamente *Está bárbaro!*

2.2.12. *Está haciendo,* nas expressões meteorológicas: outra forma usada em espanhol em lugar de *Estar* + *subst.* do português.

(152) *Está haciendo un día precioso. Está um dia maravilhoso. (*)*

(153) *Está haciendo un sol radiante. Está fazendo um dia maravilhoso. (*)*
Está um sol radiante. ()*
ou *Está fazendo un sol radiante. (*)*

(154) *Está haciendo mucho calor. Está muito calor. (*)*

3. Expressões idiomáticas.

Na lista que vem a seguir, recolhi modismos espanhóis e portugueses com ou sem correspondência, entre si, relativos aos verbos SER E ESTAR.

3.1. Expressões idiomáticas com *ser.*

(155) É de doer.

(156) É de morte

(157) Es de fe. É de fé

(158) Es de justicia. É de justiça

(159) Es de ver (Hay que ver)
É de ver

(160) Es de marca mayor. É de marca maior

- | | |
|--|---|
| (161) Es de verdade. É de verdade | (181) Que é bom
(Namorar sim, mas casar
que é bom nem se fala). |
| (162) Es de mentira. É de men-
tira | |
| (163) Es de broma. É de brinca-
deira | 3.2. <i>Expressões idiomáticas com
Estar</i> |
| (164) Es de maravilha | (182) Estar a punto de. Estar a
ponto de |
| (165) Es de perlas | (183) Estar al borde de la sepul-
tura. Estar à beira da se-
pultura |
| (166) É da pele do diabo | |
| (167) Es la vergüenza de. É a
vergonha de | (184) Estar a las puertas de la
muerte. Estar às portas da
morte |
| (168) Es palo para toda obra. É
pau para toda obra | (185) Estar a braços
com |
| (169) Eso es. É isso (aí) | (186) Estar con suerte. Estar
com sorte |
| (170) Es claro (claro es). É claro | (187) Estar com el pie en el.
Estar com o pé no estribo |
| (171) Era uma vez. Era uma vez | (188) Estar con las manos en la
massa. Estar com a mão
na massa |
| (172) Érase que se era | (189) Estar de a pie, de a caballo.
Estar a pé, a cavalo |
| (173) Ser dueño de su nariz. Ser
senhor (dono do seu nariz) | (190) Estar de pie, em pie. Estar
de pé, em pé |
| (174) No ser gran cosa. Não ser
lá grande coisa. | (191) Estar de que sí. Estar de
bem (?) |
| (175) Não ser ouvido nem
cheirado. | (192) Estar de que no. Estar de
mal (?) |
| (176) A poder ser, de poder ser
Se for possível | (193) Estar de buenas. Estar com
sorte |
| (177) Sea como sea. Seja como
for | (194) Estar de malas. Estar com
azar |
| (178) O sea, es decir. Isto é, ou
seja | (195) Estar de perlas. |
| (179) Pues bien, claro. Pois é | |
| (180) Un sí es no es (un pouco
em quantidade ou grau
apenas perceptível)
Um chove não molha (?) | |

- | | |
|--|--|
| <p>(196) Estar de mal humor. Estar de mau humor</p> <p>(197) Estar de broma. Estar de brincadeira (?)</p> <p>(198) Estar de Dios (ser la voluntad de Dios). Estar em Deus</p> <p>(199) Estar de matar.. Estar de morte</p> <p>(200) Estar bien dispuesto. Estar boa maré (estar bem disposto).</p> <p>(201) Estar em brasa.</p> <p>(202) Estar en sí. Estar em si</p> <p>(203) Estar de moda. Estar na moda (de)</p> <p>(204) Estar en las manos de. Estar nas mãos de</p> <p>(205) Estar en las últimas. Estar nas últimas</p> <p>(206) Estar demasiado caro. Estar pela hora da morte</p> <p>(207) Estar sobre brasas</p> <p>(208) ..Estar limpo/sujo com</p> <p>(209) <u>Estamos</u> buenos. Estar bien aviados</p> <p>(210) <u>Estamos?</u> . (Combinados? Entenderam?)</p> <p>4. Resta apenas fazer algumas observações sobre a mudança de significado de alguns adjetivos quando se empregam com <i>Ser</i> ou <i>Estar</i> no espanhol.</p> <p>(211) <i>Ser</i> bueno (de carácter). <i>Estar</i> bueno (sano) (são).</p> | <p>(212) <i>Ser</i> malo de (de carácter). <i>Estar</i> malo (enfermo) (doente).</p> <p>(213) <i>Ser</i> vivo (rápido, inteligente). <i>Estar</i> vivo (gozar de vida, viver).</p> <p>(214) <i>Ser</i> listo (inteligente, perspicaz). <i>Estar</i> listo (preparado, dispuesto) (disposto).</p> <p>(215) <i>Ser</i> fresco (cínico, despreocupado). <i>Estar</i> fresco (con ironía, en situación difícil).</p> <p>Esta alternância de significado explica-se pela tradicional diferença entre <i>Ser</i> e <i>Estar</i>; o primeiro refere-se às qualidades permanentes, enquanto ao outro pertencem as transitórias.</p> <p>Não serve esta explicação, porém, para:</p> <p>(216) <i>Estar vivo</i></p> <p>(217) <i>Estar morto</i>, tanto no port. como no esp. E também ficamos sem uma resposta razoável quanto nos perguntamos por que em espanhol se pode dizer, indistintamente:</p> <p>(218) <i>Soy casado</i> ou</p> <p>(219) <i>Estoy casado</i> (sem complemento), mas só podemos dizer</p> <p>(220) <i>Juan está casado con mi hermana</i> e não</p> <p>(221) <i>Juan es casado con mi hermana</i> (com complemento). No português, as quatro orações são corretas.</p> |
|--|--|

HOYOS, Balbina Lorenzo Feijóo. Ser e estar; estudo contrastivo espanhol-português. *Alfa*, São Paulo, 24:93-107, 1980.

HOYOS, Balbina Lorenzo Feijóo. "Ser" and "estar": a contrastive study in the Spanish and Portuguese languages. *Alfa*, São Paulo, 24:93-107, 1980.

ABSTRACT: This is a comparative study of the verbs SER and ESTAR in Spanish and Portuguese, meant to Brazilian students of Spanish. It consists of three parts: the first being a gathering of the identical uses found in both languages; the second part of the morpho-syntactic structures which do not coincide in the two languages (their mutual equivalences are, however, given). The third part is listing of Spanish idioms with SER and ESTAR and their Portuguese translations.

UNITERMS: Contrastive linguistics; Verbal morpho-syntaxis; Spanish language; Portuguese language.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOSI, Alfredo, org. *O conto brasileiro contemporâneo*. São Paulo, Cultrix, 1975.
2. CUNHA, Celso. *Gramática do português contemporâneo*. 2. ed. Belo Horizonte, Bernardo Alves, s.d.
3. DELIBES, M. *Cinco horas con Mario*. Barcelona, Destino, 1967.
4. FERNANDES, Francisco. *Dicionário de verbos e regimes*. 4. ed. Porto Alegre, Globo, 1972.
5. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1975.
6. GILI-GAYA, Samuel. *Curso superior de sintaxis espanhola*. Barcelona, Vox, 1964.
7. POPES, Nanci. *Las perifrasis verbales en tres novelas de Miguel Delibes: El camino, Cinco horas con Mario y mi idolatrado hijo Sisí*. Monografía apresentada em Ofines, Madrid, 1978.
8. MOLINER, Maria. *Dicionário del uso del español*. Madrid, Gredos, 1971.
9. NAVAS RUIZ, Ricardo. *Ser y estar: estudio sobre el sistema, atributivo del español*. Salamanca, Acta Salmanticensia, 1963.
10. SIETE narradores de hoy. Madrid, Taurus, 1963.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. BOUZET, Jean. *Grammaire espagnole*, 3. éd. Paris, Librairie Classique Eugène Belin, 1945.
2. GAVEL, H. *Questions de grammaire espagnole*. Toulouse, Privat, 1951.
3. MAGALHÃES JUNIOR, R. *Dicionário brasileiro de provérbios, locuções e ditos curiosos*. Rio de Janeiro, Documentário, 1977.
4. SECO, Manuel. *Gramática esencial del español*. Madrid, Aguilar, 1972.
5. TORRES, Arthur de Almeida. *Dicionário de dificuldades da língua portuguesa e regência verbal*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1967.
6. VASQUES CUESTA, Pilar & MENDES DA LUZ, Maria Albertina. *Gramática portuguesa*. Madrid, Gredos, 1961.

LINGUAGEM E PENSAMENTO: UMA PREOCUPAÇÃO DE LINGÜISTAS E FILÓSOFOS

Rafael-Eugenio Hoyos-Andrade*

HOYOS-ANDRADE, Rafael.Eugenio. Linguagem e pensamento: uma preocupação de lingüistas e filósofos. *Alfa*, São Paulo, 24:109-16, 1980.

RESUMO: Trata-se de um balanço das afirmações feitas hoje por lingüistas (e alguns filósofos) referentes ao problema da relação entre linguagem e pensamento. Os depoimentos foram organizados pelo autor a partir da análise dos trabalhos constantes da bibliografia. Dita análise foi realizada com a colaboração dos alunos de Teoria Lingüística (Pós-Graduação, 1.º semestre de 1980) do Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis.

UNITERMOS: Lingüística geral; Teoria lingüística; Filosofia da linguagem; Psico-lingüística.

1. INTRODUÇÃO

1.1. Segundo afirma Georges Mounin o estudo das relações que medeiam entre linguagem e pensamento ficou relegado durante vários decênios do presente século ao domínio da filosofia.

Com efeito, por influência especialmente da lingüística norte-americana — estruturalista, positivista e assemantista (por não dizer antissemantista) — abandonou-se, durante pelo menos trinta anos (1930-1960) aproximada-

mente, o estudo lingüístico do pensamento. Hoje, porém, lingüistas que militam em diferentes escolas incluem, sem preconceitos, dentro de suas considerações aquela que se refere à natureza das relações que existem entre pensamento e linguagem. Deve-se a Chomsky (3), em grande parte, essa mudança de atitude.

1.2. Pretendemos neste trabalho fazer um balanço do que alguns lingüistas contemporâneos dizem a respeito desse problema, sem excluir reflexões de alguns psicólogos

* Professor Assistente-Doutor do Departamento de Lingüística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras, História e Psicologia, Campus de Assis, UNESP.

que se dedicaram ou se dedicam ao esclarecimento desse enigmático relacionamento. O método empregado para chegar a este balanço foi o seguinte: a partir dos trabalhos mencionados na bibliografia elaboramos uma lista de textos e citações pertinentes; organizamos depois desses depoimentos em capítulos, procurando ser objetivos. Todavia, a escolha de textos de um lado e os critérios de organização de outro não deixam de ser, como é óbvio, uma contribuição pessoal e nesse sentido subjetiva. Supérfluo seria dizer que não pretendemos ser exaustivos: o balanço prende-se e limita-se ao conteúdo dos trabalhos mencionados na bibliografia e algumas considerações do autor. Deixamos de lado intencional e explicitamente a abordagem sistemática dos problemas e teorias relacionados com a aquisição da linguagem. Daí que não tenhamos explorado as opiniões de Chomsky (3). Estas referem-se, como é bem sabido, de maneira específica a este aspecto das relações entre linguagem e pensamento.

2. CARACTERÍSTICAS ATRIBUÍDAS À LINGUAGEM E AO PENSAMENTO

2.1. A linguagem, que não tem unicamente valores referenciais mas também afetivos, não exprime o fato particular, individual, concreto; ela expressa somente o geral, o abstrato (Buyssens, 1). Desse modo, sendo genérica, ela padroniza realidades e pensamentos facilitando a comunicação: a linguagem unifica, sob o mesmo nome, reali-

dades diferentes mas que possuem algo em comum.

Com tudo, a linguagem pode atingir o individual, referir-se ao concreto mediante a convergência de designações genéricas que, coincidindo num só e mesmo indivíduo, permitem a sua identificação, ou mediante procedimentos mostrativos ligados intimamente a contextos situacionais.

A linguagem, por outro lado, não é lógica, nem ilógica: ela é anterior ao lógico. Só os atos de fala podem ser lógicos ou ilógicos (Coseriu, 2). Mas a linguagem é instrumento do conhecimento, como quando nos servimos dela para raciocinar, isto é, para adquirir novos conhecimentos a partir dos que já possuímos (Leontiev, 5).

As categorias da língua não são convenções conceituais, mas realidades, do discurso sem que, porém, se identifiquem com os esquemas formais em que se materializam. Elas são modos significativos universais que se expressam diferentemente em diferentes línguas (Coseriu, 2).

A essência da linguagem está no diálogo, na comunicação: poder falar e poder entender (Coseriu, 2). Ao falar, porém, o falante não é consciente de tudo quanto existe na linguagem (Leontiev, 5). O falante não estabelece paralelismo entre unidades de linguagem e unidades de pensamento e/ou da realidade.

A linguagem, instrumento livre do pensamento, é específica do ser humano (Chomsky, 3). Mas no seu

estudo é metodologicamente necessário evitar as pressuposições tomadas a outras ciências. As explicações psicológicas da linguagem não podem ser incompatíveis com os dados lingüísticos: é o mínimo que se pode esperar (Mounin, 7, citando Whitney, Bloomfield e outros).

2.2. O pensamento, por sua vez, é a capacidade de estabelecer generalizações. A conceptualização é fruto das generalizações. Os conceitos não são o resultado de simples associações de elementos concretos. Mais ainda, eles têm valor cumulativo e não simplesmente aditivo, pois interagem formando um sistema (Vygotsky, 4).

A significação de uma frase não é simplesmente a soma dos significados lexicais das palavras que integram essa frase (Potter, 8). O conjunto é qualitativamente diferente da soma de suas partes, segundo a teoria gestáltica das formas.

O pensamento não se identifica com a realidade. Daí que não deve confundir-se o semântico com o real (Coseriu, 2).

O pensamento é mais rico do que a linguagem. Isto faz com que nem tudo possa ser dito (Buyssens, 1), embora a linguagem esteja a serviço do pensamento (Leontiev, 5). É exagerado, porém, segundo Ullmann (9), afirmar que certas coisas não podem ser ditas em determinada língua.

3. NATUREZA DESTA RELAÇÃO. CONDIÇÕES E OUTROS ASPECTOS DO SEU ESTUDO

3.1. Apesar de os autores caracterizarem tanto a linguagem quan-

to o pensamento de modo bastante preciso, todos eles são unânimes, implícita ou explicitamente, em reconhecer que ainda hoje se desconhece a natureza exata das relações entre pensamento e linguagem (Mounin, 7).

O estudo da natureza desta relação não se deveria, com tudo, abordar sem uma conveniente preparação prévia tanto lingüística quanto filosófica por parte do pesquisador. É necessário também passar do estágio das meras opiniões subjetivas ao da observação metódica e da análise objetiva das relações entre linguagem e pensamento; sem esquecer de declarar explicitamente as coisas que não sabemos sobre ditas relações (Mounin, 7).

3.2. Para chegar a determinar de um modo mais preciso os caracteres essenciais de dita relação, seria necessário estudar metodicamente fenômenos como estes:

a) O sentimento de, às vezes, não podermos exprimir os nossos pensamentos.

b) O fato de muitas vezes falarmos pensando em outra coisa.

c) A unicidade e inefabilidade da experiência individual (fato que implicaria pensamento sem linguagem).

d) Existência de representações conscientes não verbalizadas nem verbalizáveis (p.e. semelhanças físicas entre pessoas, reconhecimento das vozes das pessoas, das suas maneiras de andar, etc.) (Mounin, 7).

3.3. Constata-se, por outro lado, que essa relação é *arbitrária* (no sentido saussureano): não existe ligação necessária entre significantes e significados sintáticos: noutros termos, uma mesma idéia, um mesmo pensamento pode ser expresso mediante estruturas sintáticas muito diferentes (Mounin, 7).

3.4. Este fenômeno leva-nos, naturalmente, a considerar a necessidade de explorar domínios como o da tradução, o do aprendizado de línguas (tanto da materna, como das segundas línguas) e o da patologia da linguagem, no intuito de detectar as características e a natureza da relação linguagem/pensamento. Existem já pesquisas (ver Ullmann, 9), mas seria preciso coordenar e interpretar devidamente seus resultados à luz de critérios científicos, uniformes, objetivos (Mounin, 7).

3.5. Finalmente, já que o interesse atual nesse tipo de pesquisa foi em grande parte estimulado pelas colocações de Chomsky e de seus seguidores, Mounin (7) considera necessária uma avaliação objetiva, profunda e serena das opiniões do fundador da Escola Gerativa Transformacional. Esta avaliação supõe um detido exame dos pressupostos epistemológicos da escola dos quais deriva a concepção chomskyana da natureza da linguagem e de suas relações com o pensamento. Esse estudo nos permitirá concluir se Mounin tem ou não razão quando diz que "De um modo geral Chomsky propôs uma teoria formal, de maneira bastante pouco racional, à base de exposições de caráter freqüentemente polêmico e literário (como *A lingüística cartesiana*,

A língua e o pensamento, entre outros), de caráter também muito descontínuo, com repetições e lacunas que o autor reconhece manifestamente, mas que seus seguidores na prática nunca levam em consideração"... "Trata-se menos de um modelo do que de um ante-projeto de modelo".

4. A LINGUAGEM INFLUENCIA O PENSAMENTO E ESTE, POR SUA VEZ, INFLUENCIA A LINGUAGEM

4.1. Bem conhecida é a posição de Whorf (10) relativa à influência decisiva da linguagem sobre o pensamento. Segundo ele a estruturação configurativa da língua determinaria a estruturação do pensamento. Esta idéia que Whorf compartilha com Sapir ("hipótese Sapir-Whorf") e que remonta a Humboldt, foi, porém, exposta com muito maior clareza e com abundante exemplificação pelo lingüista americano. A visão interior (portanto "pensamento") que nós temos do mundo está determinada pela estruturação, funcionamento e características da nossa própria língua. Esta teoria torna-se insustentável no seu extremismo por diferentes razões que vão desde a impossibilidade de estabelecermos paralelismo entre duas estruturas (a da linguagem e a do pensamento) que se comportam globalmente ("gestalticamente"), até a circularidade que ele comete deduzindo primeiro as diferenças conceituais entre duas línguas das diferenças lingüísticas, para logo atribuir estas últimas a diferenças conceituais. Fica, porém, um saldo positivo, na opinião

de Mounin (7): podemos afirmar com toda objetividade que às vezes as estruturas lingüísticas podem influenciar a maneira como percebemos os fenômenos, embora não seja fácil verificá-lo. De que modo, efetivamente, pôr de manifesto uma "visão do mundo" (uma estruturação do pensamento) sem passar pela sua tradução verbal? Essa influência é mais facilmente constatável no domínio das ciências (Mounin, 7).

Em outra ordem de coisas, é inegável — como defende Malmberg (6) — a influência da linguagem sobre a opinião pública, e, portanto sobre o pensamento. Quem poderia desconhecer o valor dos "slogans" políticos e publicitários?

Se atendermos agora ao aparecimento dos conceitos na mente humana defrontamo-nos com as vigorosas afirmações de Vygotsky, fruto de suas pesquisas, segundo as quais a palavra é guia e orientação na formação dos verdadeiros conceitos. O pensamento, acrescenta ele, nasce mediante as palavras. Entre pensamentos e palavras há uma relação dinâmica: uma palavra sem pensamento é uma coisa morta, e um pensamento sem palavra permanece uma sombra. Mais ainda, são as palavras as que tornam conscientes os nossos pensamentos (Vygotsky, 4).

Por sua parte Leontiev (5) (discípulo de Vygotsky) distingue dois tipos de linguagem, uma que se emprega para fins de comunicação e outra que é *instrumento do pen-*

samento e que nos serve, portanto, para pensar. A esta ele chama — seguindo os passos do seu mestre — de *linguagem interior*.

4.2. Se a linguagem influencia o pensamento, não é menos verdade que o pensamento influencia a linguagem. Esta, com efeito, supõe atividade mental e intencionalidade significativa (Coseriu, 2). Ontologicamente falando diríamos que o pensamento é por essência anterior à linguagem. É ele que cria a linguagem no seu esforço de simbolização comunicativa. Essa prioridade ontológica é salientada plasticamente com a comparação que Vygotsky estabelece entre o pensamento e uma nuvem que "chove" palavras...

As diferentes visões do mundo não são, como pretendia Whorf (10), simples produto da diferente estruturação morfo-sintática das línguas. Estas visões explicam-se historicamente a partir das diferentes *práticas sociais* (Leontiev, 5). São estas que determinam a diferente decomposição do mundo, a diferente visão da realidade extra-lingüística. Essa visão, atitude mental ou sistema de pensamento, reflete-se na linguagem. Pode acontecer que a primitiva visão do mundo que deu origem, numa determinada língua, a um certo tipo de estruturação lingüística mude como consequência de mudanças sócio-culturais. Isso não impede que a estruturação lingüística, inicialmente reflexo de uma prática social anterior, continue vigorando nessa língua. Este seria mais um argumento contra a hipótese Sapir-Whorf.

5. PARALELISMO E UNIÃO. PORÉM, DESENCONTROS

5.1. A relação linguagem/pensamento pode ser também expressa em termos de paralelismo: assim como a denotação das palavras é genérica, também são genéricos os seus significados (Potter, 8). Noutros termos, palavras e pensamentos são abstratos. Já nos dizia a filosofia que o individual é indefinível, inefável e, em certo sentido, irreduzível a idéias. Como dissemos antes, só conseguimos determinar o particular, quer no domínio do pensamento, quer no da língua, pela convergência de significações genéricas em um mesmo processo designativo.

5.2. O paralelismo aludido, mais do que relação entre duas linhas que não chegam a encontrar-se, é descrito como união inextricável: pensamento e linguagem intimamente unidos são a chave para explicar a natureza da consciência humana. O pensamento verbalizado é o que nos faz conscientes (Vygotsky, 4).

A união é tão profunda que às vezes se ouve dizer que "língua e pensamento são no fundo a mesma coisa" (Malmberg, 6). Esta aparente identidade não é, porém, radical, segundo Vygotsky que defende a independência entre pensamento e linguagem na sua origem e no seu desenvolvimento. Comprova-se esta independência na existência de uma fase pré-lingüística do pensamento e de uma fase pré-intelectual da linguagem.

Embora, portanto, a união linguagem-pensamento seja inextricável isto não significa que haja confusão real ou conceitual entre eles. Diz-nos Vygotsky: "Justamente porque o pensamento não tem uma contraparte automática nas palavras, a transição do pensamento até as palavras faz-se mediante o significado". Em outros termos, essas duas realidades que são originariamente diferentes unem-se e de modo inextricável nos significados verbais. Esses significados constituem as "unidades de pensamento verbal" com as que Vygotsky operava.

5.3. A não identidade entre linguagem e pensamento demonstra-se a partir dos desencontros que, de fato, existem entre um e outro campo: uma mesma palavra, uma mesma forma lingüística, no interior de uma mesma língua, pode corresponder a pensamentos diferentes (por causa de contextos sócio-culturais diferentes) (Malmberg, 2 e Coseriu, 6).

Buysens (1) estuda toda uma série de desencontros:

(a) Uma única palavra corresponde, às vezes, a um pensamento complexo (a um conjunto de relações) enquanto um pensamento simples exprime-se, às vezes, mediante uma forma lingüística complexa. (Compare-se PAI com CÂMARA DE DEPUTADOS).

(b) A palavra, a forma lingüística é de natureza linear. O pensamento, em troca, é de natureza simultânea.

(c) Classes de palavras não se correspondem com classes de pensa-

mentos. (Os “substantivos” nem sempre correspondem a noções de “substanciais”).

(d) Usam-se construções que “ferrem a lógica” ou as “leis do pensamento”. (“O vento sopra”, sendo que “vento” já é “ar em movimento”...)

Dir-se-á, portanto, com o mesmo Buysens, que a língua não pode ser definida como “a expressão do pensamento”. Pode-se, com efeito, usar a língua — e seja este um exemplo — para ocultar o pensamento...

A perplexidade do linguista e do filósofo é grande, e o problema coloca-se de novo na sua integridade, quando comprovamos que até agora não se encontraram correlações simples, imediatas, unívocas, universais ou universalizáveis entre as estruturas da linguagem e o que se pensa saber das estruturas do pensamento (Mounin (7) citando Serus).

6. LINGUAGEM SEM PENSAMENTO?

O fato constatado acima da não identidade e da não correspondência bi-unívoca entre linguagem e pensamento, deveria obviamente levar-nos a concluir que é possível o pensamento sem linguagem. Nem todos, porém, concordam. Vygotsky, por exemplo, acha — citando Sapir em seu favor — que é uma ilusão afirmar que se pode pensar ou raciocinar sem linguagem. Buysens, pelo contrário, afirma que é

ilusão dizer que “se pensa numa língua determinada”.

Mounin (7) é mais explícito e, ao mesmo tempo, mais cauteloso quando diz que hoje temos provas convincentes realizadas com crianças normais, na idade pré-lingüística, e com surdos-mudos, de que existe pensamento sem linguagem. Esse pensamento sem linguagem não deve confundir-se com o simbolismo lógico-matemático que é de natureza pós-lingüística. Não existe, provavelmente, acrescenta Mounin (7), um corte abrupto entre pensamento sem linguagem e pensamento verbalizado: dá-se uma passagem gradual, contínua, casual e vacilante. (Este seria o lugar privilegiado da estilística, passagem permanente da experiência individual e inefável à mesma experiência verbalizada e socializável).

7. CONCLUSÃO

Eis o balanço de que falávamos na introdução. Um balanço bem modesto em resultados. O problema continua desafiando pesquisadores das diversas áreas do conhecimento. As afirmações definitivas — se alguma há — são poucas, os interrogantes muitos. Uma coisa, porém, é clara: não se pode mais separar taxativamente o estudo da linguagem e o do pensamento. Trata-se de duas realidades paralelas, não idênticas nem nocional, nem ontologicamente, mas dinamicamente interdependentes e tão inextricavelmente unidas como o estão na concepção saussureana o significante e o significado.

HOYOS-ANDRADE, R.-E. Linguagem e pensamento: uma preocupação de linguistas e filósofos. *Alfa*, São Paulo, 24:109-16, 1980.

HOYOS-ANDRADE Rafael Eugenio. Language and thought: a preoccupation of linguists and philosophers. *Alfa*, São Paulo, 24:109-16, 1980.

ABSTRACT: This is an assessment of some of the assertions made by contemporary linguists (and by some philosophers) concerning the problem of the relations between language and thought. Their opinions were almost exclusively taken from the works mentioned in the Bibliographical References at the end of this paper. The analysis of those works was made with the help of the Graduate Students attending the author's course in Linguistic Theory at the Instituto de Letras, História e Psicologia de Assis, UNESP (first semester, 1980).

UNITERMS: General linguistics; Linguistic theory; Philosophy of language; Psycholinguistics.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BUYSSENS, E. Le langage et la logique. Le langage et la pensée. In: *Le Langage*. Paris, Gallimard, 1968. p. 76-90.
2. COSERIU, Eugenio. Logicismo y antilogicismo en la gramática. In: *Teoría del lenguaje y lingüística general*. Madrid, Gredos, 1967.
3. CHOMSKY, Noam. *El lenguaje y el entendimiento*. Barcelona, Seix Barral, 1971.
4. HARDY, William G. Thought and language: o pensamento de L. S. Vygotsky. In: — *Language, thought and experience*. Baltimore, University Park Press, 1978. cap. 13, 261-81.
5. LEONTIEV, A. *Linguagem e razão humana*. Lisboa, Presença, s/d, p. 7-97.
6. MALMBERG, Bertil. *La lengua y el hombre*. Madrid, Istmo, 1966. cap. 6.
7. MOUNIN, Georges. *Linguistique et philosophie*. Paris, PUF, 1975. cap. 7.
8. POTTER, Simeon. *A linguagem no mundo moderno*. Lisboa, Ulisseia, 1965. p. 171-84.
9. ULLMANN, Stephen. Lenguaje y pensamiento. In: *Lenguaje y estilo*. Madrid, Aguilar, 1973 p. 241-87.
10. WOLF, Benjamin Lee. A linguistic consideration of thinking in primitive communities — An American Indian Model of the Universe — Languages and Logic — Language, Mind and Reality. In: *Language, Thought and Reality*. Cambridge, M. I. T. Press, 1969. p. 65-85; 57-64; 233-45; 246-70.

COMUNICAÇÃO ATUALIZADA NA LINGUAGEM DAS CRÔNICAS: UM EXEMPLO DE CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

Sylvia Jorge de Almeida Martins *

MARTINS, Sylvia Jorge de Almeida. Comunicação atualizada na linguagem das crônicas: um exemplo de Carlos Drummond de Andrade. *Alfa*, São Paulo, 24:117-35, 1980.

RESUMO: No presente trabalho abordamos o gênero jornalístico-literário da crônica na divulgação da cultura de uma época. Tentamos ilustrar o fenômeno através de uma análise do estilo drummondiano nas suas crônicas das décadas de 40, 50 e 70.

UNITERMOS: Comunicação de massa; Crônica; Escritor; época; Estilo.

Importância da língua como elemento de comunicação.

Possibilitando a comunicação aos membros de uma comunidade, através de signos convencionalmente adotados, a língua vai assumindo, nas relações humanas, função cada vez mais importante. Diferentes mensagens de toda natureza envolvem o homem de nossos dias, seja de forma oral ou escrita, ora pela imprensa, ora pelo rádio, pela televisão, cinema, telefone, telégrafo, cartazes de publicidade, desenho, música.

O ato da comunicação falada ou escrita tem duas faces contraditórias: as coerções impostas pelo sistema lingüístico e pelas normas, e a liberdade relativa que tem o homem de utilizar-se dos elementos constitutivos da língua, no discurso.

Assim, a língua, enquanto fenômeno social, embora sofra a influência de vários fatores que contribuem para a sua diversificação, preserva também, por sua função primordialmente comunicativa, uma certa unidade. Se se verifica uma tendência para a diversifica-

* Professora Assistente do Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, UNESP.

ção nos atos individuais de fala, a necessidade de entendimento comum equilibra essa tendência, nivelando os comportamentos lingüísticos, criando hábitos coletivos de discurso. "Esses hábitos lingüísticos coletivos, em constante mas lenta renovação, ganham gradativamente força de convenções tácitas, leis, admitidas pela maioria e conservadas através das gerações com características prescritivas. Constituem os usos ou normas lingüísticas de uma sociedade." (15, p. 26)

Além da norma comum à nação — linguagem mais geral, usada pelas pessoas de cultura média, e facilmente divulgada pelos meios de comunicação de massa, existem normas próprias de regiões ou de grupos dentro de uma comunidade: norma culta — linguagem-padrão das pessoas cultas, tradicionalmente ensinada pela escola; norma coloquial-linguagem mais despreocupada e solta, reveladora da expressão das pessoas de instrução média, no trato familiar; norma vulgar — linguagem das pessoas de pouca instrução, entremeada de gíria e afetividade; normas profissionais, técnicas, científicas. (15, p. 33 ... 37) Vemos, pois, que "A norma lingüística é delimitada por duas fronteiras: uma social, outra, literária. No domínio do social vale lembrar que a atuação do homem é, em grande parte, imitativa, embora todos usem também o seu idioma criativamente. E se imitarmos os que falam e escrevem bem, é normal que essa imitação eleja modelos da sua própria comunidade cultural. Usando a matéria-prima da fala e da maneira de ser

brasileiros, os nossos artistas criam modos novos de dizer e de escrever que os contemporâneos acatam e representam. O artista da palavra age sobre a língua, ora como força que continua e mantém a tradição, ora como uma força renovadora. Convivendo com os modelos literários de ontem e de outrora, o artista os utiliza na sua recriação incessante do idioma e transmite à geração que lhe é contemporânea muitos dos esquemas lingüísticos usados no passado. Mas contrário na sua essência à força da inércia, ele renova a língua, selando-a com a marca da sua "competência" e de sua arte." (8)

A época atual e a cultura de massa

Interessante é notar que, nos tempos que atravessamos, os nossos literatos buscam a exploração de uma temática que mais se ajuste aos interesses gerais. E, tentando atingir o povo, adequam a sua criação ao seu mais necessitado consumidor. É a preocupação com a cultura de massa — na qual os autores não são do povo mas para ele escrevem, voltados que estão para a crença de que todo conhecimento pode ser acessível a qualquer membro de uma comunidade se se fizer a comunicação desse conhecimento nas condições devidas (1, p. 86). E os "mass média" — enquanto veículos de comunicação cultural — difundem quantitativamente a qualidade da cultura que os integra. Aprendem e dominam a arte de atingir e cativar a todos. "A maior parte dos meios de comunicação de massa, seja o rádio ou os jornais, tem pretensões cultu-

rais; presume, bem ou mal, representar o reflexo da atividade universal do espírito e o que chamamos imperativo cultural no organograma dos quadros de valores.” (1, p. 84)

Os processos milenares de convívio lingüístico foram profundamente alterados por esses meios de comunicação de massa. Se o convívio oral era o recurso certo para a difusão de um padrão lingüístico, meios como a televisão, sobretudo, podem ser vistos como seus perfeitos substitutos. O rádio, o telefone vêm a seguir na divulgação de uma norma lingüística comum, na homogeneização de um falar. Quanto aos veículos escritos, é nas revistas ilustradas e nos jornais que se concentra uma política de unificação do idioma e de divulgação da cultura nacional. A língua escrita continua sendo uma força nas sociedades que aspiram à manutenção de sua cultura. É por essa expressão da linguagem, na sua estabilidade, que se atinge a uma codificação das normas do falar geral.

A língua e a era da comunicação.

“A língua de nossos dias reflete a civilização atual, rápida no enunciado, em virtude da própria rapidez vertiginosa do desenvolvimento material, científico e técnico: processos acrossêmicos, reduções às iniciais de longos títulos, interferências de vocabulários técnicos, intercomunicação de linguagens especiais, tudo vulgarizado imediatamente pelo jornal, pelo rádio, pela tevê. É uma língua em ebulição.”

(12, p. 32) Sendo a linguagem uma atividade do espírito e caracterizando-se a vida espiritual por um andamento constante, é certo que a linguagem acompanhe esse progresso e o expresse.

As formas da linguagem culta chegam pela imprensa, pelo rádio, pela TV e pelo cinema a todo o país, condicionando maneiras de dizer. A imprensa, por exemplo, busca aproximar o mais possível a língua escrita da falada. Pelos jornais divulga-se uma linguagem que, em maior grau (páginas esportivas e policiais) ou em menor grau (editorial e páginas voltadas à arte) ligada à falada, é avidamente digerida pelos leitores. “Uma nova linguagem se instaura, intermediária entre a fala e a escrita, contendo estruturas e vocabulário de ambas e servindo, indiferentemente, aos dois tipos de comunicação. 15, p. 32) É a norma comum, impregnada de traços da norma culta quando escrita ou lida nos textos orais do rádio e da TV. Essa linguagem parece-nos a linguagem utilizada pela crônica nos dias de hoje, meio de comunicação que abordamos neste estudo.

A crônica como meio de comunicação jornalístico-literário.

Embora, na sua origem, o termo “crônica” corresponda ao relato de acontecimentos por sua ordem no tempo, ou seja, a um relato de caráter histórico, em nosso país o gênero assumiu faceta diferente: prende-se, como texto do gênero

ensaístico*, ao jornalismo e apresenta-se nos periódicos desse tipo como um comentário de fatos ou pessoas para os quais possa voltar-se o interesse do leitor.

Ligada à imprensa, a crônica só aparece no Brasil com essa feição familiar e informal em meados do século XIX, quando os jornais assumem o caráter de empresa industrial. Nessa época, o cronista, imbuído do romantismo reinante, buscava o entretenimento dos seus leitores com uma linguagem lírica e suave, às vezes espirituosa e irônica. Alencar e Machado são altas expressões do gênero nesses anos. Sob a influência do parnasianismo, a crônica revestiu-se depois da preocupação com o rigor da forma e a objetividade do conteúdo. Olavo Bilac sobressai nessa fase. Já os simbolistas procuram condicionar os acontecimentos ao seu próprio subjetivismo. Mais tarde, o popular "João do Rio" (Paulo Barreto) inicia no Brasil a crônica social moderna, tentando elevá-la ao caráter de história social, com os comentários que fazia a respeito dos hábitos e idéias da sociedade da época. Depois dele é a *Semana da Arte Moderna* que imprime à crônica brasileira o aspecto condizente com as necessidades do momento e reforça nela o caráter de linguagem nacionalista, voltado à

expressão mais autêntica da nossa realidade. Alvaro Moreira exterioriza, na revista *Fon-Fon*, impressões do cotidiano, num misto de comentário sensível, lírico e artístico ao mesmo tempo. Muitos adeptos do modernismo aderem ao gênero da crônica e, nessa fase, sobressaem nomes como Humberto de Campos, Antônio de Alcântara Machado, Berilo Neves, Osório Borba, Genolino Amado, Agripino Grieco, Vivaldo Coaracy. Após 1930, a crônica se reveste de aspectos os mais variados, com Ribeiro Couto, Mário de Andrade, Guilherme de Almeida, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Luís Martins, Raquel de Queirós, Cecília Meireles, e, mais contemporaneamente, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, Sérgio Porto, Lourenço Diaféria, Flávio Rangel.

Com relação à linguagem, a crônica sempre procurou utilizar a linguagem da atualidade, vivificada por termos da gíria social, iluminada do espírito da época. Nesse aspecto, a crônica brasileira tem contribuído muito na demonstração de certas diferenças entre a língua de Portugal e a língua do Brasil. Esse tom nacionalista cresce a cada vez e imprime uma feição típica à nossa crônica. Ora se avizinha ela da literatura, quando,

* Convém lembrar que a palavra *ensaio*, etimologicamente "tentativa", "experiência", "inacabamento", alude, no seu sentido primeiro, a dissertação curta e não metódica, sobre assuntos variados, em tom coloquial e íntimo, próximo da elocução oral. Hoje o termo *ensaio* ganhou um sentido oposto ao original — é um ensaio de "julgamento", que apresenta conclusões sobre assuntos, após sua discussão, análise e avaliação. No Brasil a palavra *ensaio* tem-se restringido à denominação de escritos deste último tipo, como sinônimo de estudo. E o gênero literário que designava a tentativa leve e livre, informal, passou no Brasil a ter o nome de *crônica*. (11, p. 105-123)

como arte da palavra, utiliza, no jornal, o espetáculo da vida para criar uma outra vida "além da notícia", ora do "essay" inglês, de tipo coloquial e despretenso. No primeiro caso, busca superar as suas origens jornalísticas, na ânsia de alcançar a transcendência artística. O fato, a notícia, o acontecimento, a figura humana são aí apenas o pretexto para a criação. É quando "o cronista pretende-se não o repórter, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano..." (13, p. 7-8) Crônicas que atingiram esse teor já consolidaram, na literatura brasileira, um lugar privilegiado.

A crônica brasileira vem assumindo uma certa autonomia como gênero: entre o jornalismo e a literatura, concretiza o encontro outrora tão criticado pelos gramáticos — da língua falada com a língua escrita. Se foi pela fala que a língua do Brasil marcou suas diferenças com relação à língua de Portugal, pela crônica passou a registrar, na própria manifestação escrita, essas suas diferenças.

O espírito do modernismo, voltado para o sentimento nacionalista, ativou as idéias de manifestação de uma linguagem mais nossa e mais espontânea, própria do temperamento brasileiro. Afrânio Coutinho, Álvaro Moreira, o Cônego Ápio Campos (10, p. 158 ... 171) enfatizam a "brasilidade" da nossa crônica, conceituam-na como a auto-afirmação do povo brasileiro na língua portuguesa.

O cronista não usa da linguagem falada através das personagens que cria — coisa comum nos prosadores que buscam autenticidade para

as suas obras. Ele próprio fala aos seus leitores na linguagem do nosso homem comum. É o intelectual e o artista que, sensibilizado diante das angústias e das alegrias da criatura humana, irmana-se com ela através do comentário do cotidiano. Analisando o fenômeno, Pongetti afirma: "No Brasil, vemos a literatura completando-se na crônica de jornal por uma necessidade irresistível de participação social e política..."

A crônica "Menino" de Fernando Sabino (17, p. 112) é um exemplo de como a linguagem do cronista chega a anular-se, expondo apenas as expressões da mãe-comum a falar com o filho:

"Menino, vem pra dentro, olha o sereno! Vai lavar essa mão. Já escovou os dentes? Toma a bênção a seu pai. Já pra cama! Onde é que aprendeu isso, menino? Coisa mais feia. Toma modos. Hoje você fica sem sobremesa. Onde é que você estava? Agora chega, menino, tenha santa paciência..."

Crônicas assim são um mostruário da variedade da expressão popular.

Não nos devemos esquecer de que, embora a língua escrita se aproxime, na crônica, da língua falada, sempre manterá aí sua técnica própria na disposição das idéias e do ritmo imposto pela tradição lingüística. Porém, deparando com linguagem próxima à sua, o leitor se porá mais à vontade para ler a crônica, como se, ator dela, fizesse na sua leitura a interpretação do papel que ali desempenha.

Na verdade, é na crônica que autor e leitor mais comumente se encontram. Por isso mesmo se vai fazendo esse gênero o meio de comunicação buscado pela massa, no cantinho certo de um jornal.

As vezes o cronista chega a tecer verdadeiros poemas em prosa, ainda que em tom coloquial e comum. É o que vemos na crônica "Arte de ser feliz", de Cecília Meireles (6, p. 11... 13), na crônica "Cantiga de Navio", de Rachel de Queiroz (16, p. 123, 134), na crônica "A Toadinha de Ano Novo", de Vinicius de Moraes (14, p. 113). Outras vezes, o cronista chega a versejar por entre a prosa, quase sempre usando da quadrinha popular. É o que faz Carlos Drummond de Andrade, em "Auto da Cabra" (6, p. 9... 12), é o que faz Manuel Bandeira na crônica "O Nome Manuel" (6, p. 200). Algumas vezes ainda vemos crônicas inteiras em verso, como "Alta Cirurgia" (3, p. 34) de Drummond, "Petição ao Prefeito" (7, p. 471) de Manuel Bandeira, "Adeus" (9, p. 216) de Rubem Braga.

A linguagem dos cronistas, comunicando o cotidiano, ou informando e opinando sobre ele, revela sempre, numa conciliação de conteúdo e forma, a expressão estilístico-lingüística de uma época.

É o que observamos acompanhando parte da carreira do prosador Carlos Drummond de Andrade. *Confissões de Minas* (1944) *Fala, amendoeira* (1957) e recortes de "O Estado de São Paulo" (1970) são os textos de que nos valem

para examinar a evolução da linguagem do cronista.

Drummond e a evolução de sua linguagem no gênero da crônica.

Debruçado sobre fatos do dia-a-dia, Carlos Drummond em *Confissões de Minas* (2) aborda, na maioria das suas crônicas, autores e obras da literatura e arte brasileira. Nesses escritos-ensaio, sob o título inicial de "Três Poetas Românticos", fala de Fagundes Varela, Casimiro de Abreu e Gonçalves Dias. Em seguida, com o nome "Na rua, com os homens", comenta obra e vida de Alberto Campos, Ascânio Lopes, João Guimarães Alves, Emílio Moura, Augusto Frederico Schmidt, Mário de Andrade, Cândido Portinari, Simões dos Reis. Também faz uma apreciação crítica de figuras de outros países, como Abgar Renault, Federico Garcia Lorca, Mauriac e Teresa Desqueyroux, Boadella, William Berrien.

Nesse mesmo livro, em partes outras intituladas "Confissões de Minas", "Quase histórias", "Caderno de Notas", suas crônicas têm matéria menos formal: ocupam-se não de autores e obras, mas do homem mineiro, de coisas da sua terra natal, e do homem e das coisas de todo lugar. Talvez por ser aí a matéria menos formal, a linguagem de Drummond parece fluir mais leve, mais terna, a afagar e a aquecer o que relata.

Com relação à sua estrutura, porém, temo-la sempre em moldes acadêmicos. Ora são frases traba-

lhadas as que observamos, enriquecidas da expressividade do paralelismo, como:

“São figuras que se espalham pelas paredes: é o admirável ‘Preto’, destacando-se num fundo de postes telegráficos e de morros verdes, que um dia, num gesto de pura generosidade, o autor acaba me oferecendo; é o rubro retrato da filha de Aníbal; são os moleques do ‘Futebol’; é o singelo e patético ‘Enterro no morro’; é uma paisagem marinha, sombria e de taciturna beleza;...” (p. 95);

“... Há Mário, com o sweater bariolado, uma enorme calma desfeita em sorriso, os óculos de professor sob a calvície ilustre. Há José, que é da casa, ao mesmo tempo irmão e retrato (impossível esquecer essa máscara nobre, esse retrato antigo que vimos um dia na exposição e que depois, com espanto, reconhecemos na rua). Há dois ou três alunos da Universidade, não servis, não apagados, mas funcionando com expressão própria e singela na sala abarrotada. Há Meyer e Sara, vindos em um vapor fantástico, que levou semanas a fazer a travessia do Rio Grande do Sul ao Rio de Janeiro.” (p. 96);

“Aqui houve tocaias e combates; aqui Tiradentes fez isso, Marília fez aquilo; aqui dançou (como Josefina Baker) Chica da Silva; aqui Felisberto Caldeira Brandt virou-se para o jesuíta e disse; aqui outrora retumbaram hinos.” (p. 150);

“... A cidade comove-se. Os colegas agitam-se. Os jornais fecham-se. Os automóveis recolhem-se...” (p. 193)

“... Sofremos pela privação do objeto amado, sofremos pela sua posse por outras mãos, sofremos finalmente pela desvalorização pessoal de nossa própria individualidade.” (p. 274).

Ora são períodos mais longos, próximos do gosto clássico, frutos ainda da elaboração do pensamento e por isso distantes da linguagem que se usaria na fala:

“... Pois se ali que era o passado ao alcance da mão, o passado acessível, superficial, “de aluvião” como o ouro fácil do rio das Velhas; passado ‘bon marché’, com duas ou três figuras de primeiro plano somente, e uma chusma vaga de bandeirantes, emboabas e liberais revolucionários agitando-se sobre o pano de fundo; se ali o prodígio era tão agudo, como seria, meu Deus! em Diamantina, em São João Del Rei, cidades humanas e ilustres como impérios?” (p. 149, 150);

“... A vila turbulenta exige extremos de policiamento: dois regimentos de cavalaria levantam poeira do chão, intimidando os desordeiros e ladrões; vinte companhias de ordenança, constituídas de homens brancos, onze de homens pardos e sete de homens pretos completam o ambiente marcial; não esquecer que Sabará é excelente ponto estratégico, e ninguém melhor do que

Manuel Nunes Viana mostrou saber disso; os governadores que se sucedem, transmitindo-se as dificuldades, mantêm o aparato bélico que lhes é de tanto proveito na pacificação dos ânimos eternamente revoltados; 'esta gente tão desobediente', escreve ao rei o Conde de Assumar; 'estas gentes que por caminho nenhum se podem governar'; 'uma canalha tão indômita', insiste o santo inquisidor de Vila Rica, propondo a Sua Majestade, entre outras coisas amáveis, que a todo negro fugido se corte a perna direita e se adapte uma de pau". (p. 161)

"Escrever um livro inútil, que não conduzisse a nenhum caminho e não encerrasse nenhuma experiência; um livro sem direção como sem motivação; livro disfarçado entre mil, e tão vazio e tão cheio de coisas (as quais ninguém jamais classificaria, falta de critério), que pudesse ser considerado, ao mesmo tempo, escrito e não escrito, sempre foi um de meus secretos desejos." (p. 226);

"Temos assim um guarda-civil ingênuo, que ainda acredita no valor dos maridos e busca evitar que o número deles diminua por afogamento; uma esposa não amamentada com o famoso 'leite da bondade humana', de que falava um criador de tipos ferozes, como foi Shakespeare; e um esposo provavelmente desolado, que talvez preferisse morrer, que se regozijou no entanto ao ver conjurada a ameaça de mor-

te, e que restituído à vida, não pôde afinal, em consciência, agradecer ao salvador o ter-lhe restituído igualmente uma esposa rancorosa." (p. 231-32);

Algumas regências se mantêm clássicas:

"... Alguém que *assistiu* à cerimônia..." (p. 184);

"... Esta nunca mais cantará. A gota de iodo no bico, o minúsculo aparelho retificador da perna quebrada lhe permitirão viver fracionariamente, e será horrível daí por diante contemplá-la, *conversá-la*." (p. 211)

Com relação ao verbo *assistir*, sabemos-lo transitivo indireto, no sentido de "estar presente", "presenciar", por uma longa tradição de uso. Na linguagem coloquial de nossa gente constrói-se, de preferência, com objeto direto (cf. *assistir* o baile, um jogo), regência esta que tem sido acolhida por vários escritores modernos.

Francisco Fernandes registra o uso do verbo *conversar* como transitivo direto, na acepção de "tratar intimamente"; "sondar o pensamento de" — situação em que é visto no exemplo citado de Drummond. Com tal regência dificilmente é hoje encontrado esse verbo, mesmo na linguagem literária. O que se faz comum na linguagem de gíria é o uso do verbo "*conversar*" como transitivo direto, porém no sentido de "convencer" (cf. *conversar* o professor).

O mais-que-perfeito do indicativo, tempo verbal pouco usado na

fala, aparece em algumas frases das crônicas de Drummond: "Um minuto de pouso, e regressou ao natural. Ficamos tristes e pensativos, como ficáramos contentes e cheios de palavras com a sua presença." (p. 210).

Em *Confissões de Minas* (2) sempre se retrata acadêmica a colocação pronominal:

"Sabê-lo-eis daqui a um momento." (p. 97);

"Simões dos Reis, entretanto, move-se desembaraçadamente entre êsses espelhos, e fichou-os todos." (p. 106);

"... Simões não se esquecerá de informar..." (p. 106);

"... Dir-se-ia que a história se desenvolve..." (p. 121);

"... qualquer problema brasileiro que se *lhes* proponha" (p. 127);

"... Mas adquire-se o costume de olhar..." (p. 208);

"... como se se temesse um assalto..." (p. 210);

"... é possível que a hora acabasse por subir-*lhes* pelo corpo e as trepadeiras se *lhes* enroscassem confiadamente nas pernas..." (p. 261)

Quanto ao léxico, formas estrangeiras são ainda registradas entre aspas; "guichets" (p. 140), "footing" (p. 142), "humour" (p. 168), "chauffeur" (p. 191), "limousines" (p. 195), "whisky" (p. 206),

como também algumas expressões populares: "sá" Maria (p. 141), "gana" (p. 145), "seu" Baltazar (p. 169), "na tabela" (p. 193), "sebos" (p. 223).

No entanto já encontramos *chique* sem a notação das aspas.*

Algumas formas vocabulares mais próprias do gosto da época são frequentes nas crônicas dessa obra, como: *solerte*, *vetusta* (p. 103), *à mercê da* (p. 156), *tirante isso* (p. 163), *edulcorada* (p. 221)

Publicado pela primeira vez em 1957, *Fala, Amendoeira* (5) é outro livro de crônicas que estabelece mais fácil comunicação do que o anterior, com a linguagem simples que nelas utiliza o nosso poeta-cronista. Na sua maior parte mais narrativo que ensaístico, esse livro encara os homens, as coisas e os bichos com sensibilidade e benevolência. Há poesia, crítica, filosofia, ternura e uma grande percepção psicológica nas páginas de *Fala, Amendoeira*, já muitas vezes reeditado.

Com exceção da parte intitulada "Despedidas", em que o Autor aborda com estilo chegado ao ensaístico as figuras artísticas de Eliseu Visconti, Jaime Ovalle, Oswald de Andrade, Landucci, o cientista Roquete-Pinto, e o servidor dos amigos Ataulfo de Paiva, as demais partes dessa obra, como "Mentiras", "Lugares", "Costumes", "Problemas", "Datas", "Letras", "Bi-

* Essa ocorrência verifica-se à página 200: "Ele fez uma descrição muito chique..."

chos”, “Meninos”, “Situações”, expõem-se mais coloquiais e comunicativas, revelando sempre um observador humano e arguto, compreensivo e crítico.

Com relação à estrutura frasal, temos em *Fala, Amendoeira* ainda muitas frases de molde clássico, embora menos longas que as observadas em *Confissões de Minas*, e nas quais o recurso do paralelismo não se faz com igual frequência. Como tais poderíamos citar:

“Com serem poucos, os feriados se envolviam numa aura de prestígio e encantamento, que os fazia longamente esperados e agudamente saboreados em sua polpa de descanso ou excursão.” (p. 57);

“Entre o prazer e a abstenção, encontrei no carnaval este secreto encanto: é uma festa que a uns permite a extroversão, a outros dá ensejo de fugas marítimas ou campestres, e a ti oferece o exercício da arte difícil e nobre de estar só.” (p. 60);

“Pessoas para quem elas existem como árvores, autonômas, plenas de sentido telúrico, sublimes, e tais como em si mesmas a natureza as esculpiu. Pessoas que têm o costume estranho de cheirar a atmosfera, quando não há fumaças hostis a empestá-la, nem gritos de candidatos, nem as mil confusões da cidade de cimento e tédio.” (p. 61, 62);

“esses animais são rústicos e delicados, e se no meio nativo se alimentam de plantas espi-

nhentas, de cujo contato fugimos, padecemos entretanto dos mesmos males que padecemos, e têm, quanto a nós, a desvantagem de uma sensibilidade que se ajustaria melhor ao nosso corpo que ao deles, ao passo que a nossa poderia chamar-se mais precisamente elefantina.” (p. 80);

“Há meses em que tem predominância um idioma, com sua estética e psicologia própria; em outros períodos, as peculiaridades da segunda fala se destacam, quando não se mesclam às da primeira, de forma arbitrária, mas imperiosa; e nesse último caso, os lábios do meu amigo deixam escapar qualquer coisa como o sabir, o pidginenglish ou o brokenenglish, uma dessas línguas mistas que, segundo Vendryès, resultam da fusão de dois ou mais idiomas, e que, desprovidas de morfologia característica, não podem ser reivindicadas por nenhum dos idiomas componentes — verdadeiro caso de hibridação lingüística.” (p. 99);

“Foi a casa, correndo, e trouxe um saco de biscoitos e um suéter tanto mais admirável quanto estava exatamente na medida, como tecida na previsão de uma criança de cinco anos, que fosse encontrada ao abandono, em noite de frio, na calçada.” (p. 108);

“O conviva de todos os banquetes mal se alimentava de um copo de leite, empunhado com mão trêmula; o amigo de todos

os poderosos do país não participava de seus prazeres e nada lhes pedia para si; e para os outros, o que andava maquinando, com um luxo de pormenores e uma perfeição técnica cheia de pitoresco e invenção, eram novos hospitais; eram vacinas aplicadas em massa, a atingir toda a gurizada do Brasil; eram recreatórios, colônias de férias, ou mesmo viagens individuais de amigos que careciam de repouso, e para os quais ele dispôs, durante anos, de casa em Teresópolis, com criados, luz, telefone, flores e todos os cuidados imagináveis." (p. 115);

"Como não há nos museus, ao que conste, esculturas de sua lavra, nem se conhecem obras consideráveis de arquitetura construídas sob sua traça, nem deixou livros a não ser o admirável estudinho sobre Portinari, além de alguns artigos esparsos de jornal (inclusive um nas edições de cinquentenário do Correio da Manhã), sua presença no meio artístico do Brasil, dentro de alguns anos, estará, talvez, esfumada." (p. 122);

"Éramos tão frágeis e desprevidos como esses moradores que se deixaram ficar repousando em seus quartos, e foram acordados pelo fumo; e tão pobres de recursos como esses bombeiros que, tendo escadas gigantescas, não puderam usá-las convenientemente, refletores e não puderam acendê-los, cobertas de lona e não puderam abri-las." (p. 136);

Outras frases são já curtas e leves, mais chegadas à linguagem

da fala. O próprio Drummond, à página 27, dirige-se assim a quem o lê: "Esta providência dá margem a algumas divagações que aqui se transmitem ao leitor, nosso companheiro."

Tentando o tom coloquial, expressa-se em frases assim:

"Há dias foi engraçado, porque convidamos um casal para almoçar, e já na horinha me lembrei que não tínhamos flores em casa." (p. 18);

"então é feriado, raciocina o escriturário, que justamente tem um "programa" na pauta para essas emergências." (p. 29);

"As mães ensinam que é feio escutar conversa dos outros, mas, com os coletivos entupidos de gente, somos forçados a isso, e acabamos nos interessando pelo que não é da nossa conta." (p. 40);

"Bom dia, aeromoça! Não sei se devia dizer-lhe, antes: Bom céu!" (p. 63);

"O amigo mostra-me fotografias de granja e diz: Escreva sobre ovos de pato." (p. 84);

"Falhou também a tentativa original de atrair os bichos para o fogão, ligar o gás e torrâ-los. O gás anda fraquíssimo." (p. 92);

"Eu, que sempre escrevi contra buracos, rendo-me a este. Não há melhor divertimento para crianças. Nem para adultos, se não fôssemos uns bocós, envergonhados. Venham, malandros!" (p. 104);

“Ele se deixou vestir, comeu com gosto e sem pressa.” (p. 108);

“O filho já tinha nome, enxoval, brinquedo e destino traçado. Era João, como o pai, e como aconselhavam a devoção e a pobreza.” (p. 126);

“Eram duas mulheres brigando — e depois não houve nada.” (p. 141).

Percebe-se que o escritor evitou nexos subordinativos entre as orações e deu preferência a frases entrecortadas, atendendo ao gosto de um público mais comum.

Quanto à regência verbal, conserva os regimes clássicos: *chegar a* (“Ele chega ao país...” (p. 98)); *alguma coisa falece* (“A resposta deve vir da compreensão amorosa, forrada de paciência, que costuma falecer aos avós mais aperfeiçoados.” (p. 100)); *ir a* (“Outro dia fui à casa do Sebastião...” (p. 106)); *pedir que* (“Então a moça samaritana pediu às vizinhas de Pingo que o levassem.” (p. 109)). Apenas à página 28 temos o verbo atender, no sentido de dar atenção, como transitivo direto: “Vale dizer que ele não *atendeu* o telefone...”; à página 126, o verbo *chegar* com a preposição *em*: “... ao *chegarem em casa*,...”. De resto, somente retratando a fala de algumas personagens de suas crônicas é que Drummond manifesta a regência vulgar: “— Bem, trouxe jacundá fresquinho, criatura!... Foi só embarcar no avião cedinho, o comandante é camarada, e quando meu primo desceu, a gente até que esta-

va sem fome, mas o peixe não esperava, então corremos pra casa e de madrugada preparamos e *comemos ele*.”

A colocação dos pronomes nas crônicas drummondianas de *Fala*, *Amendoeira* segue também os rígidos princípios gramaticais:

“... a publicação interessou sobretudo porque *lhe* abriu a urna das recordações;...” (p. 4);

“... e para inspecioná-*la* passamos a...” (p. 12);

“Mas impõe-*se* a descrição sumária...” (p. 19);

“Confesso que o futebol *me* aturde,...” (p. 32);

“Sem intenção de pedir-*lhos* emprestados;...” (p. 42);

“Não *a* paguei logo,...” (p. 51);

“Compor-*se-ia* de dez membros,...” (p. 71);

“... quem *a* apreender ou pelo menos...” (p. 83);

“Se tivesse mais dois anos, chama-*lo-ia* mentiroso.” (p. 96);

“Porque já *o* conheçam bastante, ou...” (p. 98);

“Quase toda gente *se* divertia em lembrar...” (p. 114);

“... como *se a* previsse.” (p. 119).

No tratamento pronominal é que algumas formas se confundem, mas isto somente nos registros de fala de algumas figuras das crônicas, e não na própria linguagem do Autor: “— Olha que *te* encanam

se você começa a virar macaco pela parede acima.” (p. 30).

No léxico, sim, Drummond adentrou pela linguagem popular, com expressões de gíria, como podemos ver em:

“Os chatos que *pirassem*.” (p. 20);

“É, não é, e o dia se passou *na dureza*, sem ponto facultativo...” (p. 29);

“Mas o versinho era curto, sem métrica *Legal*, não acha?” (p. 42);

“Mas voltando à *vaca-fria*: nenhuma esperança...” (p. 74);

“Desconversou, mas somos *praça velha*, e ouvimos o conto.” (p. 78);

“Uma frase de Ovalle não era rigorosamente “*coisa*” *engraçada* ou “*bola*”, mas...” (p. 117);

“Assim, num dia remoto em que lhe deu *gana* de...” (p. 124);

“*No batente*, José ficou pensando aquilo...” (p. 129);

“... e ele preso, processado, *poxa!* A mulher tinha o mesmo pensamento negro. Ia dar *bode*” (p. 129).

Também utiliza vocábulos que ocorrem freqüentemente na conversação descuidada, gerados de outros da nossa língua, como “burrificação” (p. 16); “enlunado” (p. 24); “barbeiragem” (p. 32); “apartamentizados” (p. 103); “corujismo” (p. 112); “burrada” (p. 129), ou ainda apoiados em vocábulos de origem estrangeira, como: “drincar” (p. 78).

Nos diálogos registra as realizações fonéticas: “*praquê*” (p. 12); “*prá mostrá*” (p. 106); “*pode aceitá*” (p. 106); “*batê*” (p. 107), comuns na fala vulgar.

Palavras importadas já não aparecem entre aspas como em *Confições de Minas*, revestindo-se da roupagem portuguesa: *guichê* (p. 13); *uisques* (p. 14) e chega a combinar o vocábulo inglês “big” com um substantivo português: “... e, como observa o Prof. Afrânio Coutinho, há uma *big diferença* entre “reviewer” e crítico.” (p. 78).

Tudo isto nos mostra uma preocupação maior do cronista em adaptar-se à linguagem do homem comum, para chegar-se a ele. A crônica vai-se amoldando à expressão do leitor de uma outra época. De uma década para outra já se notam diferenças, na escolha dos temas e na feição da língua. O literato desce à massa para atingi-la, por uma necessidade cada vez maior de comunicação, por um desejo mais vivo de participação também.

Analisemos agora algumas crônicas de 70, publicadas em “A Folha de São Paulo” (4), algumas delas em verso, como “Odylo, na manhã”, outras em prosa, na sua maior parte. Algumas, lembrando ainda a crônica-ensaio, fazem comentários de autores e obras, como “Viramundo, eu, você e outros”, em que Drummond fala da personagem central de *O grande mentecapto*, de Fernando Sabino. Outras abordam o dia-a-dia e comentam espiritualmente o sentido de alguns termos da língua, como “Você sabe

o sentido de...?," ou situações sócio-econômico-políticas, como "Varejo de Pipocas", "A Semana em termos", "Amizade no Morro", "De cabeça para baixo", "Conselhos para evitar assalto", "Falando em cavalos", "Quando Helena chegou", "Passatempo", "Nos gabinetes e na rua: a semana", "Já estamos vivendo o ano seguinte", "História de um roseirista", ou outras menos objetivas, como "Em forma de orelha". Os temas, pouco têm de lírico; com exceção de "História de um roseirista" e "Passatempo", voltam-se para a realidade brasileira e os problemas cotidianos que enfrenta a nossa gente.

A estrutura das frases não foge ao sistema da língua. Podemos citar algumas mais clássicas, ainda, como:

"Órgão é esse tão delicado que, em certas pessoas, ocorre a prenhez pelo ouvido. Nos tuberculosos, o ouvido é tão fino que capta as partículas de silêncio. No mercador, é espertíssimo: como se não funcionasse. E órgão tão importante, em qualquer caso, que até se criou a figura do ouvinte, modalidade de ouvinte com peso de juiz e corregedor. Não se trata de simples ouvinte, dispensado de matrícula e frequência nas escolas, mas de certo tipo especial que ouve no civil e no crime, na alfândega, na vida geral das províncias e das colônias." (in "Em forma de orelha");

"A visão de D. Helena, entre sonhadora e prática, anteviu o grande benefício nacional que

adviria do encaminhamento desses seres fora do comum a condições também especiais, em que pudessem desenvolver harmoniosamente os seus dons." (in "Quando Helena chegou");

"Prefeririam arcabuzá-lo em praça pública, e hoje o seu nome tanto representa rua, onde o povo teoricamente é soberano, como o presídio nela instalado, em que a soberania fenece.";

"A Escola de Luteria Funabem-Funarte está aí para mostrar como se escolhe a madeira, como é preparada; como se esboçam as faixas, o tampo, o fundo, os moldes dos braços, a voluta, a cravelha, o cavalete... e mais aquele indefinível e maravilhoso 'toque de alma' de que nos falou o noticiário da Funarte, e que afinal de contas é ou deve ser tudo na vida, quando se deseja criar ou ajudar a criação alheia," (in "A Semana "em termos");

"Aliás, para melhor formá-los seria ótimo que os políticos subissem o morro e aprendessem os requintes do samba de partido alto, com suas umbigadas que não são de agredir, mas de confraternizar." (in "Você sabe o sentido de...?");

"Massacre foi o desfecho do problema existencial de Viramundo, no meio que o gerou psicologicamente e não pôde assimilá-lo em toda a sua pureza — a pureza dos mentecaptos, que obedecem a uma lógica interior nunca decifrada pelo racionalismo prático das chamadas pessoas

sensatas." (in "Viramundo, eu, você e outros");

Mesmo alguns dos versos de "Odylo, na manhã" resguardam na sua estrutura morfossintática o gosto clássico:

"Não vi, que essas altíssimas coisas fogem à minha tosca percepção, mas facilmente um cristão imagina o sorriso de Odylo, respondendo domingo de manhã ao sorriso de Deus."

Porém, muitas ocorrências de frases curtas, nominais, mais simples, verificam-se nas crônicas analisadas.

"Passatempo", por exemplo, é rica de frases nominais, seguidas de outras, entrecortadas:

"As horas. Passavam devagar. Os dias. Eram variados.

As festas de batizado, de casamento, de aniversário.

As romarias, longas e lentas, a pé, com um fervor contagiante.

As eleições para tudo, até para governador, até para Presidente da República. Imagiiiiina!!!

As moças. Não eram marotas nem minas nem cocotinhas. Eram moças. Vestidas de moça, perfume de moça, mistério de moça.

Os padres... Sim, os padres. Aquele ar diferente, que inspirava confiança e temor, o crucifixo

sobre a batina preta, inconfundível, a marca.

....."

"Em forma de orelha" também apresenta frases curtas, coloquiais:

"Cá entre nós, que ninguém nos ouve... Quer dizer, não estou bem certo disto, pois as paredes têm ouvidos."

"É, mas a janela pode ser fechada, e a porta igualmente: garantia de segredo absoluto. Pois sim."

"Já estamos vivendo o ano seguinte" traz ainda frases deste tipo, que soam comunicativas:

"Que coisa. O ano ainda não acabou e é como se o ano já tivesse acabado. Todo mundo falando em termos de 1980."

"A pressa de viver é, no fundo, medo de viver. Adiamos a vida para o ano que vem. E matamos o atual."

"Meu observatório da curteza da vida é a banca de jornais... E todo dia a fugacidade das publicações se acentua.

Mal tive tempo de ver a moça da capa, e outra moça a substitui

Outras frases, retratando a linguagem popular, são um mostruário de certas sintaxes e regências utilizadas pela massa:

"... pois, sim, te arrenego!" (in "Amizade no Morro".);

“A peste vai matar eles...”
(in “Amizade no Morro”);

“Comprei ela...” (in “Amizade no Morro”);

“... criei ela,” (in “Amizade no Morro”);

“... deixo ela me encostar...”
(in “Amizade no Morro”);

“— Mas senhora não pode ter um bicho desse junto do seu barraco, tem a peste africana, tem a higiene, tem o perigo das crianças.” (in “Amizade no Morro”).

Algumas partem do próprio cronista, como:

“Sei não...” (in “De cabeça para baixo”).

Quanto à colocação dos pronomes oblíquos átonos, Drummond mantém a sintaxe tradicional:

“... tudo *se* evaporava.”;

“Não *se* olha o dinheiro como *se* olha um objeto”. (in “De cabeça para baixo”);

“... lembrei-*me* daqueles versos...”;

“Livro pede-*se* emprestado e não *se* devolve.” (in “Conselhos para evitar assalto”);

“Já não *se* fazem...”;

“Apenas *se* sabe...”;

“... e é pena que não *se* façam, seria tão bom que *se* fizessem.”;

“Faça-*me* o favor de...”

“Aquilo *se* chama soneto,...”
(in “Passatempo”);

“e mesmo que o não *façam*...”
(in “Em forma de orelha”);

“que *a* quis fazer burlesca e burlona.”;

“quem *a* lê...”;

“em que *a* aceitou...” (in “Viramundo, eu, você e outros”);

“... como *se* esboçam as faixas...” (in “A Semana em Termos”);

“Lugar onde *se* fazia...” (in “Você sabe o sentido de...?”);

“Ninguém *se* lembrou...”;

“... o que não *se* deve saber...” (in “Varejo de pipocas”);

“... que o encurtamos...”;

“... que *lhes* dessem...” (in “Já estamos vivendo o ano seguinte”).

Estes são apenas alguns dos tantos exemplos registrados nas crônicas lidas.

Somente em “Conselhos para evitar assalto” o cronista usa uma próclise logo depois de uma interjeição, tomado talvez da emoção que o envolve: “Ah! *me* esquecia das jóias.”

No vocabulário, ocorrem frequentemente termos de gíria, como:

“Tou carecida de grana...”;

“Não preferia uma injeção, um troço assim? (in “Amizade no Morro”);

“*Fim de papo*.” (in “De cabeça para baixo”);

“Se as jóias forem encontradas, ele as repartirá com a proprietária, irmãmente. *Legal*. (in “Conselhos para evitar assalto”);

“... que não podem ou não devem escutá-la, *caramba*?”

“E se os leitores não entenderam nada, isto é, não ouviram o que eu não disse, *então tá.*” (in “Em forma de orelha”);

“... observou-me que *trocada em miúdo*, poderia... (in “A semana ‘em termos’”);

“*Pifou* o placar eletrônico:... (in “Varejo de Pipocas”);

“Ninguém mais *dá pelota*...” (in “Já estamos vivendo o ano seguinte”).

Termos importados aparecem com roupagem morfológica portuguesa: *nuançado*, *nuanças* (in “História de um roseirista”) ou apenas repetidos, sem uso de aspas: *souvenirs* (in “História de um Roseirista”), *mitaines* (in “Passatempo”), *embaras du choix*, *meetings* (in “Nos gabinetes e na rua: a semana”).

Alguns outros termos, correntes na linguagem de hoje, apóiam-se em palavras nossas: *escapismo* (in “História de um roseirista”), *descomplicar*, *descomplicação* (in “Varejo de Pipocas”), *curteza* (in “Já estamos vivendo o ano seguinte”).

O sistema permite, então vamos lá.

Formas verbais apocopadas são freqüentes nos diálogos:

“... a peste africana *tá aí.*”;
“... *tão caçando* ”; (in “Amizade no Morro”)

e na própria linguagem do cronista: “... isto é, não ouviram o que eu não disse, *então tá.*” (in “Em forma de orelha”).

Frases correntes na boca do povo repetem-se em Drummond:

“cavalo para ninguém botar defeito” (in “Falando em cavalos”);

“e foi tocante” (in “Nos gabinetes e na rua: a semana”).

O poeta-cronista mergulha nos temas e na linguagem da atualidade. Sente-se por certo mais participante da realidade brasileira e mais irmanado na linguagem de seu povo.

Conhecedor do “jeitinho” especial que tem o brasileiro de contornar a disciplina e a ordem, é na crônica que também o escritor encontra esse jeito para expressar-se dentro do próprio espírito de seu povo. Nesse gênero, unificam-se assim cronista e leitor. E a linguagem que vem das ruas adentra-se por ele, ora chegando-se ao jornalístico, num comentário-informativo, ora chegando-se ao literário, num comentário-artístico. No primeiro caso, mesmo informativa, a crônica cerca de calor humano o fato que comenta, dá-lhe ternura e vida. Assim, não é notícia, simplesmente. No segundo caso, já artística, consegue fazer literatura com uma linguagem mais simples e acessível à compreensão e sensibilidade da massa. Então é prosa-poema coloquial. E com isso firma-se, autônomo, o gênero da crônica.

Nos exemplos analisados pudemos ver a travessia da linguagem de um autor de crônicas por décadas sucessivas e próximas. Se a

MARTINS, S.J. de A. Comunicação atualizada na linguagem das crônicas: um exemplo de Carlos Drummond de Andrade. *Alfa*, São Paulo, 24:117-35, 1980.

estrutura morfossintática do português preservou consideravelmente a sua unidade, a posição de um escritor diante de sua língua (que deve refletir uma filosofia comum generalizada) revelou-se mais aberta e liberal, mais concessiva e à-vontade. Pudemos comprovar, pelas ocorrências citadas, a penetração do vocabulário popular na crônica do autor, a aceitação de termos estrangeiros, a tendência à criação de termos condizentes com o espírito prático e crítico de uma época em mudanças sensíveis e rápidas. É a manutenção da perspicácia do intelectual e da sensibilidade do poeta diante dos acontecimentos de sua terra e sua gente.

Henri
nômen

estraga o escritor?": "Vivemos uma época rica demais de grandes lances ideológicos, sociais e científicos, para que um grande escritor fique na sua torre de vulcaespuma escrevendo todos os dias as tantas linhas controladas sobre os amores de um trio ou a tragédia doméstica de uma família"...

Carlos Drummond, através da crônica, integrou-se no espírito dos anos que estamos vivendo, e logra uma feliz aproximação entre a língua escrita e a língua falada. Esse meio de comunicação de que se tem servido firmou também a sua escolha: para um certo público... esclarecimento acerca de... envolve, o tom e a... ta.

MARTINS, Sylvia Jorge de Almeida. La communication et son actualité dans la chronique; un exemple: Carlos Drummond de Andrade. *Alfa*, São Paulo, 24:117-35, 1980.

RÉSUMÉ: Dans ce travail, nous abordons le genre journalistique-littéraire de la chronique, en tant que moyen de divulgation de la culture de masse et de représentation du langage et de l'homme d'une époque. Nous avons tenté d'illustrer ce phénomène par une analyse du style de Drummond dans ses chroniques des années 40, 50 et 70.

UNITERMES: Communication de masse; Chronique; Ecrivain; Époque; Style;

MARTINS, S. J. de A. Comunicação atualizada na linguagem das crônicas: um exemplo de Carlos Drummond de Andrade. *Alfa*, São Paulo, 24:117-35, 1980.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ADORNO, T. et alii. *Teoria da cultura de massa*. Rio de Janeiro, Saga, 1969.
2. ANDRADE, Carlos Drummond de. *Confissões de Minas*. Americ-Ed., 1944.
3. ————. *A bolsa e a vida*. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1962.
4. ————. Crônicas. *A Folha de São Paulo*, 1970.
5. ————. *Fala, amendoeira*. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1962.
6. ————. et alii. *Quadrante*. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1962.
7. BANDEIRA, Manuel. *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro, José Aguillar, 1967.
8. BIDERMAN, M. T. Camargo. A formação de um padrão lingüístico nacional. *Rev. Cult. Vozes*, Petrópolis, 67 (8): 13-20, out. 1973.
9. BRAGA, Rubem. *O conde e o passarinho*. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1961.
10. CAMPOS, Cônego Apio. Algumas observações estilístico-lingüísticas sobre a moderna crônica brasileira. *Rev. Portugal*, 29 (223), mar. 1964.
11. COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Rio de Janeiro, Ed. Sul-Americana. v. 6, p. 105-23.
12. CUNHA, Celso. *Uma política do idioma*. 3. ed. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
13. MOISÉS, Massaud. Da crônica. *O Estado de S. Paulo*, 1977. Suplemento Cultural, n.º 12.
14. MORAES, Vinicius de. *Para uma menina com uma flor*. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.
15. PRETI, Dino. *Sociolingüística — os níveis de fala*. São Paulo, Ed. Nacional, 1977.
16. QUEIROZ, Rachel de. *Cem crônicas escolhidas*. 2. ed. Rio de Janeiro, José Olympio, 1970.
17. SABINO, Fernando. *A mulher do vizinho*. Rio de Janeiro, Ed. do Autor, 1962.

THE PERFECTIVE ASPECT IN ENGLISH AND PORTUGUESE: A CONTRASTIVE STUDY ON SEMANTIC BASIS

Dirce Charara Monteiro *
Maria Helena de Moura Neves **
Sonia Veasey Rodrigues ***

MONTEIRO, Dirce Charara; NEVES, Maria Helena de Moura & RODRIGUES, Sonia Veasey. The perfective aspect in English and Portuguese: a contrastive study on semantic basis. *Alfa*, São Paulo, 24:137-48, 1980.

ABSTRACT: An exam of the occurrences of the PRESENT PERFECT in English was made in such a way as to establish the prevailing semantic features of this verbal form. It was verified up to what an extent the meaning of the PERFECTIVE thus characterized is expressed in the corresponding Portuguese sentences in the PRETÉRITO PERFEITO. It was found that in Portuguese the verbal inflexion itself characterizes in a much smaller degree the PERFECTIVE ASPECT.

UNITERMS: Present perfect; Perfective; Contrastive analysis; Verbal aspect; "Preterito perfeito".

1. INTRODUCTION AND PROPOSITION

1.1. It is evident that when studying the PRESENT PERFECT there are some "uses" to be distinguished.

Jespersen presents three main uses: a) for past occurrences which

continued up to the present moment; b) for past occurrences having results or consequences on the present moment; c) when the time indicated is not yet completed ('this year' for instance) (5; 1st 1933).

Allen points six uses: a) to express the completion of an action

* Professora Assistente do Departamento de Didática do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, Campus de Araraquara, UNESP

** Professora Assistente-Doutora do Departamento de Linguística do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, Campus de Araraquara, UNESP.

*** Professora Assistente-Doutora do Departamento de Letras Modernas do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, Campus de Araraquara, UNESP.

by NOW; b) to indicate something which happened in a period of time that is not yet over; c) to indicate a point in past till NOW (e.g. with *since*); d) to express length of time till NOW (e.g. with *for*); e) to emphasize the present interest in a past action (e.g. with *already, just, yet* or *ever*); f) to indicate indefinite time in the past (1; 1st 1947).

According to Roberts the PRESENT PERFECT a) "serves to link up the past with the present"; b) "indicates that the action has just been completed"; c) indicates that the effects of the action "are still being felt" (11, p. 155).

Corder mentions the following uses: a) "for an action which began in the past and which has continued up to the time of speaking"; b) "for an action which took place in the past, the results of which we can feel or observe in the present" (3; 1st 1960; p. 81).

Eckersley and Eckersley state the following four uses: a) "for an action just concluded when the resulting state is still present"; b) for activities completed in the immediate past (*just* is often used); c) "for duration of an action or absence of an action begun in the past and continuing to the present (and possibly to the future)" d) for actions with indefinite time (4; 1st 1960; p. 174-5).

Stone mentions three main uses saying that the PRESENT PERFECT "shows something that: a) 'has happened' at indefinite past time"; b) "began in the past

and 'has continued' up to the present"; c) "has just happened" (12; 1st 1967, p. 7).

Leech points four uses for the PRESENT PERFECT (the first for 'state verbs' and the others for 'event verbs') indicating; a) a state which extends up to the present; b) an indefinite happening in the past; c) a habit in a period leading up to the present; d) a resultative past (6; 1st 1971 & 8; 1st, 1969).

Quirk *et alii* link the choice of the PRESENT PERFECT to the expression of: a) a period of time stretching backwards into some earlier time (it is past with "current relevance"); b) indefinite reference (10; 1st 1972, p. 91-2).

Palmer says that it is used: a) to indicate a period of time "that specifically began before and continued up to (possibly overlapping) the present moment" (p.36); b) to account for very recent activity; c) to refer to past experiences (usually with a fall-rise intonation) (9; 1st 1974; p. 77).

In spite of the existence of several uses, as those mentioned above, it is possible to determine the most regular features of the PRESENT PERFECT. In the authors cited we may find reference to a general meaning linked to the PRESENT PERFECT. First of all, the authors in general connect the PRESENT PERFECT with the present time (1,3,4,5,6,8,9,11,12). Some of them point to the indefinite character of the past which is expressed by

the PRESENT PERFECT (1,4,6,8, 10,12) and some of them refer to the idea of "current relevance" as a basic point (9, 10). Linked to these points, some of them add the idea of some element of the sentence (specially the subject argument) being still alive or in action at the moment of speech (5, 9, 12).

1.2. In this work we have tried, starting from a classification on a semantic basis, to determine the most constant features in the occurrences of the PRESENT PERFECT in such a way as to get a common denominator which, in general terms, may characterize this verb form.

On the other hand, considering the fact that the PRETÉRITO PERFEITO has been traditionally accepted as the verb form which in general translates the PRESENT PERFECT, we have tried to verify if the totality of the possible constant feature, which can be obtained by examining the features of the English predications in the PERFECTIVE, bears some correspondence to the examination of the Portuguese predications in the PRETÉRITO PERFEITO. *

Our hypothesis, which we have tried to verify by examining a number of sentences, is that in Portuguese the verb inflection of the PRETÉRITO PERFEITO in itself

is able to account for the PERFECTIVE aspect in a much smaller degree. This would be an element to conclude provisionally that, although the English and the Portuguese languages lack special forms for the indication of aspect — contrary to other languages as, for instance, the Greek — and this indication is always subordinated to a time indication, the so-called verb tenses in English bear more aspectual features than the verb tenses in Portuguese.

2. MATERIAL AND METHOD

Through the examination of different predications in English we have tried to detect the presence of distinctive features necessary to the expression of the PERFECTIVE.

Using a broad sample, we have studied the sentences which exemplified all the types of predications embodied by a general classification which we devised.

As a first approach we have selected the sentences in which the verb inflection itself (i. e. without the specifications that other components may bring, such as adverbials) was able to account for the 'meaning' of the PRESENT PERFECT.

* We are not saying, however, that the sentences in Portuguese, which we provided, are exact translations of the English sentences, which would only destroy our hypothesis. Sentence number 5 in Portuguese, for example, is far from being a translation of the corresponding English sentence as will be discussed later on.

Our classification begins with a bipartition of the predicate into + *generic* and — *generic* *. This distinction is useful in the study of the PERFECTIVE governing the meaning of past time expressed by the PRESENT PERFECT.

The subsequent specification classifies the verbs according to the binary taxonomy \pm *state*. Among the — *state* verbs we have considered three groups respectively characterized by the three binary taxonomies: \pm *action*, \pm *process*, \pm *action-process*.

We have taken into account the classification into "one-place predication" and "two-place predication" (7, p. 134) which enables us to observe the existence of distinctive features in the different elements (argument(s) and predicate) in the expression of the PERFECTIVE.

3. RESULTS

3.1. In Table 1 there is an illustration of the several occurrences of the PRESENT PERFECT in accordance with the adopted classification of the predication. The features occurring in the argument(s) and in the predicate that are linked to the inflexion of the PRESENT PERFECT have been point out. We have left out the semantic features not distinctive in a study of the PERFECTIVE.

The occurrences of the PERFECTIVE in + *generic* predicates have been restricted to + *action* verbs because we have verified that the verbs with the feature + *state* and those with the feature + *process* do not inflect in the PERFECTIVE when + *generic* **. On the other hand, considering that the verbs of relative state *** can only be ge-

* We understand *generic* as a verb semantic unit which indicates a timeless and general affirmation (2, p. 168.171). Thus, for example, *John has worked* can not only signify that once in his life John worked (+ *generic*) but can also refer to a single occurrence (— *generic*).

** Sentences like *The door has been open* (+ *state*), *The door has opened* (+ *process*) and *John has killed* (+ *action* and + *process*) would never be + *generic* because they would always refer to a particular fact. In verbs belonging to these groups in the PRESENT PERFECT, the feature — *generic* is, therefore, automatic. On the other hand, in + *generic* verbs in the PRESENT PERFECT, the feature + *action* is an automatic one.

*** There are states which constitute fixed and absolute concepts such as the state of being open, but there are others which are relative, such as the state of being small: what is small for a bird is not small for an elephant (2, p. 119-120).

neric * the feature + *relative* can not occur in the PERFECTIVE predications with state verbs for, as we have verified, these only inflect in the PERFECTIVE *if-generic* **.

3.2. The specification of the distinctive semantic features present in the elements of the examined predications are in Table 2 where we can see the specific differences between the several classes of predications.

3.3. In Table 3 there are the Portuguese sentences corresponding to those in Table 1. The verbs are inflected in the PRETÉRITO PERFEITO as it is traditionally done in a translation of the PRESENT PERFECT.

3.4. In Table 4 we find the representation of the distinctive semantic features present in the

elements of the several predications represented in Table 3.

4. Discussion

4.1. The examination of the features specified in Table 2 indicates that:

- a) all the predicates have the feature + *completion*;
- b) all the predications show the feature \pm *relevance on the completed fact*, which may occur:

— in the predicate when it is a one-place predication with + *action* verbs;

— in the initial argument (subject) when it is a one place predication with + *state* verbs or + *process* verbs, i. e., with — *action* verbs ***;

* The relative states are necessarily generic because they are always timeless (2, 1st 1970, p. 170). Therefore the sentence *A freeway is wide* (relative state) is necessarily + *generic* and the sentence *A door is open* (nonrelative state) is — *generic*, for the state of *wide* is not understood as transitory as that of *open* is. Confirming the generic meaning of the first sentence and the nongeneric of the second, we observe that, in the first, the noun does not refer to a particular freeway and that, in the second, the noun does refer to a particular door (2, p. 170). In Portuguese, this difference can be seen in the representation of *is* for *é* in the first sentence, and for *está*, in the second.

** A sentence like *The door has been wide* is "an odd thing to say" (2, p. 174), and only by adding up an adverb, which would alter the verb specification itself (such as for a *long time*), the oddness would vanish.

*** In this case, to be more precise, the relevance is on the present state as a consequence of the completed fact (sentences 4 and 5).

TABLE 1 — Relevant Features of the PRESENT PERFECT Predications in English

Predicate Features	Predication Classification	Sentences	Semantic Structures
+ action	one-place	1. John has worked.	(John : WORK) + still alive & active + completion of indefin. past + relevance on the completed fact.
+ Generic			
+ action	two-place	2. John has sung ballads.	(John : SING. balladas) + still alive & active + completion of indefin. past + as relevance of the presente state as a consequence of the completed fact.
+ action	one-place	3. John has worked.	(John : WORK) + still alive & active + completion of indefin. past + relevance on the completed fact. + indefin. past having very recently occurred.
+ process	one-place	4. The door has opened.	(⊕ door' : BECOME (⊕' : OPEN)) + relevance of the pres. state as a consequence of the completed fact. + completion of indefin. past having very recently occurred.
+ state	one-place	5. The door has been open.	(⊕ door' : OPEN) + relev. of the pres. state as a conseq. of the completed fact. + completion of indefin. past having very recently occurred.
+ action	two-place	6. John has sung ballads.	(John : SING. balladas) + still alive & active + completion of indef. past having very recently occurred + relevance of present state as a conseq. of the completed fact.
+ action	two-place	7. John has killed Peter.	(John : DO. (Peter : BECOME (⊕' : DEAD))) + still alive & + relevance of the change of state as a consequence of the completed fact. + completion of indefin. past having very recently occurred.
+ process			

TABLE 2 — Specification of the distinctive semantic of the predications presented in TABLE 1.

Predicate Features	Predication Classification	Sentence Number	In the Initial Argument		In the Predicate		In the Final Argument	
			+ Still alive & active	+ on the completed fact	Relevance on the completed fact	Indefinite past	Indef. Past having very recently occurred	Relevance the completed fact
+ Generic	+ action one-place	1	+	+	+	+		
	+ action two-place	2	+	+	+	+		+
	+ action one-place	3	+	+	+	+		+
- Generic	+ process one-place	4		+	+			+
	+ state one-place	5		+	+			+
	+ action two-place	6	+	+	+			+
	+ action two-place + process	7	+	+	+			+

TABLE 3 — Relevant features of the PRETÉRITO PERFEITO Predications in Portuguese taking into account the same binary taxonomies pointed out for the English sentences examined in Tables 1 and 2.

Predicate Features	Predication Classification	Sentences	Semantic Structures
+ action	one-place	1. <i>João Trabalhou.</i>	(João : TRABALHAR) + completion
+ action	two-place	2. <i>João cantou baladas.</i>	(João : CANTAR : baladas) + completion
+ action	one-place	3. <i>João trabalhou.</i>	(João : TRABALHAR) + completion
+ process	one-place	4. <i>A porta abriu.</i>	(⊖ porta' : TORNAR-SE (⊖' : ABERTA) + completion
+ state	one-place	5. <i>A porta esteve aberta.</i>	(⊖ porta : ABERTA) + completion
+ action	two-place	6. <i>João cantou baladas.</i>	(João : CANTAR : baladas) + completion
+ action	two-place	7. <i>João matou Pedro.</i>	(João : FAZER : TORNAR-SE (⊖ : MORTO) + completion
+ process			

TABLE 4 — Specification of the semantic features of the predications presented in TABLE 3 taking into account the same binary taxonomies pointed out for the English sentences examined in Tables 1 and 2.

Predicate	Predication	Sentence	In the Initial Argument		In the Predicate		In the Final Argument
			Number	Still Relevant alive & active on the completed fact	Relevance on the completed fact	Indefinite past having very recently occurred	
+ Generic	+ action one-place	1	±	±	±	±	
	+ action two-place	2	±	±	±	±	±
	+ action one-place	3	±	±	±	±	
	+ process one-place	4	±	±	±	±	
- Generic	+ state one-place	5	±	±	±	±	
	+ action two-place	6	±	±	±	±	±
	+ action two-place + process	7	±	±	±	±	±

— in the final argument when it is a two-place predication *;

- c) all the predications present the feature + *indefinite past*, so being that in the predicates with the feature — *generic* this indefinite past is very close to the present;
- d) to every predicate with the feature + *action* corresponds an agentive with the feature + *still alive* and *active* **.

4.2. The above considerations lead us to establish the following general marks of PERFECTIVE:

- + *completion*
- + *relevance on the completed fact*
- + *indefinite past*.

It may also be mentioned that with a restricted occurrence to certain types of predicates the following features also characterize the PERFECTIVE:

- + *subject still alive and active*
(with + *action* verbs)
- + *indefinite past very close to the present*
(with — *generic* verbs)

4.3. Observing the Portuguese sentences in Table 3 and the features represented in Table 4 we

took as a point of reference the same binary taxonomies pointed out for the English sentences and we verified that:

- a) all the predicates have the feature + *completion*;
- b) all the predications may or may not have the feature + *relevance on the completed fact*, which signifies that the event itself may be in relevance;
- c) all the predications may or may not have the feature + *indefinite past*, and, in the case of — *generic* predicates, the past may not have recently occurred;
- d) the subject argument corresponding + *action* verbs may or may not have the feature + *still alive and active*.

Thus, examining the Portuguese sentence 6, for example, we may observe that:

- a) *João* may or may not be still alive and active in the moment of speech;
- b) *cantou* can both refer to a recent and to a far away past, to an indefinite and

* In this case, to be more precise, we have: relevance of the present state as a consequence of the completed fact, when the verb expresses action (sentences 2 and 6); relevance of the change of state as a consequence of the completed fact, when the verb expresses action-process (sentence 7).

** It is interesting to observe that a sentence like * *Queen Victoria has visited Brighton*, which is not acceptable because the subject argument is dead, would be possible in the passive construction (*Brighton has been visited by Queen Victoria*) because the subject is still an existing place. We should also observe that the use of the PRESENT PERFECT is only possible for dead people when the result of the action still affects the present day, as in: *Shakespeare has written the most famous English plays*.

a definite past, being even possible to add to the sentence a precise indication such as *em 10 de dezembro de 1950* (= *on the 10th December of 1950*);

- c) the relevancy can be on the completed fact (that is, if João has just left the stage and somebody refers to the fact of João having done what he should) as well as in the action of singing itself (PUNCTUAL ASPECT).

As for sentence 5 there are some special considerations that should be made. In this sentence it is difficult to recognize the distinctive features of the PERFECTIVE ASPECT as they are expressed by the PRESENT PERFECT. On the contrary, the most evident meaning in *A porta esteve aberta* (or even in *A porta foi (uma porta) aberta*), without any adverbial specification (such as *sempre, durante esse tempo todo*), is that, at the time of reference, the door does not present this state or quality (CESSATIVE ASPECT). In fact, sentence 5 can be a good starting point to exemplify the difficulty of expressing in Portuguese, through the verbal inflection itself, the aspect which the PRESENT PERFECT expresses. If we translate *The door has been open* by *A porta está aberta*, so as to account for one of the distinctive features of the PRESENT PERFECT ("relevance of the presente state") we

will not be expressing, however, as in *has been open* that the present state is a consequence of a past fact. Such is so that the Portuguese sentence *A porta está aberta* corresponds more accurately to *The door is open* than to *The door has been open*.

4.4. In any of the Portuguese sentences only the context or the situation (when a specification given by another element such as an adverbial adjunct does not occur) can assign the meaning of PERFECTIVE or of any other aspect. It is of interest to observe that any of these predications, isolated as they are, can not only correspond to the PRESENT PERFECT predications but also to the PAST TENSE predications (in English).

5. CONCLUSION

This study presents evidence that from all the features characterizing the PERFECTIVE, abstracted from the sentences with the PRESENT PERFECT (in English), only the feature + *completion* is also found in the PRETÉRITO PERFEITO (in Portuguese), which thus indicates that the PERFECTIVE is much less characterized in Portuguese. From this conclusion we can suggest that predications with the PRETÉRITO PERFEITO are more ambiguous when not explicitated by means other than the verb inflection itself.

MONTEIRO, D.C.; NEVES, M.H. de M. & RODRIGUES, S.V. The perfective aspect in English and Portuguese: a contrastive study on semantic basis. *Alfa*, São Paulo, 24:137-48, 1980.

MONTEIRO, Dirce Charara; NEVES, Maria Helena de Moura & RODRIGUES, Sonia Veasey. O aspecto perfectivo em inglês e em português: um estudo construtivo sobre base semântica. *Alfa*, São Paulo, 24:137-48, 1980.

RESUMO: A partir do exame de ocorrências do "PRESENT PERFECT" tentou-se chegar ao conjunto de traços semânticos característicos dessa forma verbal inglesa. Verificou-se em que extensão o sentido do PERFECTIVO assim caracterizado é expresso nas formulações correspondentes portuguesas em PRETÉRITO PERFEITO. Concluiu-se que, em português, a simples flexão verbal caracteriza em grau muito menor o ASPECTO PERFECTIVO.

UNITERMOS: "Present perfect"; Perfectivo; Análise contrastiva; Aspecto verbal; Pretérito perfeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALLEN, Stannard W. *Living English structure*. 4. ed. London, Longmans, 1960.
2. CHAFE, Wallace L. *Meaning and the structure of language*. 2. ed. Chicago/London, The University of Chicago Press, 1971.
3. CORDER, S. Pit. *An intermediate English practice book*. London, Longman, 1970.
4. ECKERSLEY, C. E. & ECKERSLEY, J. M. *A comprehensive English grammar for foreign students*. 7. impr. London, Longmans, 1969.
5. JESPERSEN, Otto. *Essentials of English grammar*. London, George Allen & Unwin, 1974.
6. LEECH, Geoffrey. *Meaning and the English verb*. 3. impr. London, Longman, 1974.
7. ————. *Semantics*. England, Penguin Books, 1975.
8. ————. *Towards a semantic description of English*. London, Longmans, 1971.
9. PALMER, F. R. *The English verb*. 2. impr. London, Longman, 1976.
10. QUIRK, R.; GREENBAUM, S.; LEECH, G. & STARTVIK, J. *A grammar of contemporary English*. 6. impr. London, Longman, 1976.
11. ROBERTS, Paul. *Understanding grammar*. 4th printing. New York, Evanston & Harper & Row, 1954.
12. STONE, Linton. *Cambridge proficiency English*. London, Macmillan, 1968.

CONCEPÇÃO RETÓRICA E CONCEPÇÃO SEMÂNTICA DA METÁFORA

Salvatore d'Onofrio *

D'ONOFRIO, Salvatore. Concepção retórica e concepção semântica da metáfora.
Alfa, São Paulo, 24:149-56, 1980.

RESUMO: O Autor realiza um estudo sobre as duas principais teorias surgidas para o entendimento da estrutura e do funcionamento do processo metafórico: a teoria retórica, que considera a metáfora apenas como uma figura de estilo, e a teoria semântica, que vê na metáfora o princípio onipresente e indispensável para a renovação da linguagem humana e para a criação do texto poético.

UNITERMOS: Poesia; Metáfora; Linguagem poética; Semântica; Figuras de estilo; Retórica.

O trabalho de Paul Ricoeur (14), *La métaphore vive*, enseja considerar a metáfora não apenas como figura de estilo, mas principalmente como mecanismo lingüístico indispensável para a renovação da linguagem e para a descoberta incessante de novos valores estéticos e existenciais. Fazendo um balanço das contribuições de lingüistas, semanticistas e teóricos da literatura que se dedicaram ao estudo da metáfora, podemos formular duas principais teorias sobre este tropo:

I — *Teoria nominal ou substitutiva* (concepção retórica da metáfora)

A Retórica, entendida como a arte de convencer os ouvintes mediante o uso de um discurso bonito, foi muito cultivada na Antiguidade. Os principais professores e teóricos de Retórica foram o sofista Górgias de Leontinos, Platão (diálogo *Górgias*), Aristóteles (*Retórica e Poética*), Cícero (*Orator e De Oratore*), Longino (*Sobre o Sublime*) e Quintiliano (*De Institutione Oratoria*). Especialmente

* Professor Adjunto do Departamento de Literatura do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Campus de São José do Rio Preto, UNESP.

este último autor conseguiu realizar uma completa classificação da matéria ensinada pela Retórica, catalogando as figuras de estilo em três classes: figuras de "dicção" (apócope, síncope, diérese, etc.); figuras de "linguagem" (metáfora, metonímia, sínédoque, etc.); figuras de "pensamento" (antítese, apóstrofe, hipérbole, etc.).

Segundo esta classificação, portanto, a metáfora é uma figura verbal. Aristóteles (1, 1457b6) assim a define: "A metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia". Tal definição enseja duas observações principais:

a) por Aristóteles o termo metáfora, literalmente "transposição", é aplicado a qualquer figura de estilo. Será a Retórica posterior que distinguirá a metáfora da metonímia, da sínédoque e de outros tropos;

b) esta transposição tem por objeto o *nome*, sendo a metáfora considerada uma figura "de palavra": um termo é substituído por outro diferente, signo de outra coisa. A substituição do nome pode se dar ou por desvio, ou por empréstimo ou por lacuna lexical ou por semelhança. Explicar a metáfora implica em descobrir o termo próprio ausente, substituído pelo termo figurado.

A fraqueza da teoria nominal ou substitutiva reside no fato de que, se o enigma metafórico pode ser

resolvido por uma paráfrase que restitua o nome próprio ao enunciado, as duas expressões, a literal e a metafórica, são equivalentes e seu conteúdo informacional é, portanto, nulo. O tropo teria apenas uma função decorativa, sendo uma vestimenta para cobrir a expressão nua do pensamento ou um cosmético para embelezar o discurso. Esta concepção é comum a todos os que olham a metáfora pelo prisma da Retórica, considerando o tropo como figura de ornamento e de gozo estético.

Pierre Fontanier (9), que pode ser considerado o Lineu da Retórica antiga, antes e depois da publicação de seu *Commentaire des Tropes* (1818), em que procura atualizar a obra clássica de Dumasais sobre tropologia, editada em 1730, realiza vários trabalhos sobre o assunto, com a intenção de escrever um tratado geral sobre as figuras de estilo. Pertence a Gérard Genette o mérito de ter ordenado o material e introduzido o leitor ao estudo da interessante obra *Les figures du discours*, edição Flammarion, 1968. Nesta obra (9, p. 99), Fontanier considera a metáfora como um tropo por "semelhança", afirmando que consiste na "apresentação de uma idéia sob o signo de outra idéia, mais surpreendente ou mais conhecida, que tem com a primeira uma relação de conformidade ou de analogia".

Semelhante conceito de metáfora se encontra também na obra de Heinrich Lausberg (12, p. 163), *Elementos de Retórica literária*: "a metáfora é a substituição de um

verbum proprium ("guerreiro") por uma palavra, cujo significado está numa relação de semelhança com o significado da palavra substituída ("leão").

Mesmo os novos retóricos da Universidade de Liège (8), apesar de conferirem um maior grau de técnica à retórica clássica, através da divisão das figuras em quatro categorias (metaplasmos, metataxes, metassememas e metalogismos) e do uso de quatro princípios operacionais (adição, supressão, substituição e inversão), não deixam de focalizar o aspecto substitutivo do processo metafórico, em detrimento de seu caráter predicativo.

Com efeito, os autores da *Retórica Geral*, estendendo ao estudo dos metassememas o procedimento fundamentado nas duas operações básicas de adição e de supressão, que encontraram como constituinte de qualquer metáfora, consideram a metáfora como "um acoplamento de duas sinédoques": uma particularizante (composta por supressão de semas), outra generalizante (composta por adição de semas).

Estes pesquisadores reafirmam o mesmo conceito de metáfora em outro trabalho (6, p.107): "Quem, em sonho, monta um belo cavalo desposará uma pessoa rica. Temos aí uma metáfora talvez pouco elaborada, mas se o belo cavalo é um indício de riqueza, nada impede de ver aplicado aqui o princípio *pars pro toto*. Uma tal conveniência não é obra do acaso. Baseia-se na natureza da metáfora que sempre tem possibilidade de ser construída a

partir de duas sinédoques: uma indo da parte ao todo e a outra procedendo inversamente".

Mesmo admitindo que, no exemplo dado, a representação onírica cavalo / riqueza possa ser considerada uma metáfora, não entendemos porque "cavalo" deve ser visto como sinédoque de "riqueza", do momento que cavalo não é parte de riqueza. Há uma evidente confusão entre o conceito de indício ou índice e o conceito de parte. Os "índices", como releva Roland Barthes (2, p.30-36), são elementos metafóricos, encontráveis no eixo paradigmático; o mesmo não pode se dizer das "partes" em relação a um todo, que sugerem a idéia de contigüidade e de proximidade sintagmática.

Em verdade, J. Dubois e o grupo de Liège, considerando a metáfora como o acoplamento de duas sinédoques, voltam à indiferenciação de Aristóteles, que não distinguia metáfora, metonímia e sinédoque. Criticando a colocação de Roman Jakobson, eles confundem, em lugar de esclarecer, o conceito de metáfora. Senão, vejamos. O grande lingüista russo (11, p.34-62), operando com os conceitos de "similaridade" e de "contigüidade" semântica, encontrara a diferença específica que distingue a metáfora da metonímia e da sinédoque. A primeira figura de estilo é construída por uma operação de seleção ou escolha: o poeta, lançando mão da reserva de termos que a língua possui, transfere, por associação analógica, o sentido de um lexema para outro. Assim, por exemplo, uma choupana é chamada

de “toca”, substituindo-se o clas-sema humano pelo clas-sema animal. A metonímia (como a sinédoque), diferentemente, é um tropo construído não por similaridade, mas por contigüidade semântica: chamar a choupana de “palha” significa apenas denominá-la pelo material de que é construída.

Agora, aplicando o conceito de metáfora como acoplamento de duas sinédoques à análise de uma metáfora de uso, teríamos, por exemplo: “Maria é um tesouro” seria uma metáfora construída pela junção sinédóquica de “Maria” (termo de partida) e “preciosidade” (termo hipotético intermediário) + “tesouro” (termo de chegada). Ora, sinceramente, não vemos porque “preciosidade” deva ser considerado sinédoque de “Maria”, nem porque “tesouro” possa ser sinédoque de “preciosidade”.

Consideramos, portanto, muito mais clara e convincente a colocação de Roman Jakobson, pois a metáfora e a metonímia (ou a sinédoque) são tropos diferentes por natureza e, por isso, a primeira não pode ser considerada a soma da segunda. Enquanto a metáfora é uma identidade construída por transferência de sentido de um lexema para outro, a metonímia, como o nome indica, é apenas uma “transnomação” de objetos: uma coisa é designada pelo nome de outra coisa que tem com a primeira uma relação de causa e efeito ou de continente e conteúdo ou de produtor e produto, etc.

Dizendo, por exemplo, “apanhei meu Volks”, em lugar de dizer

“apanhei meu automóvel”, indicando o nome da firma construtora pelo produto, quis designar a marca do meu carro e conferir ao objeto conotações que, dependendo do contexto, podem ser eufóricas (carro forte, valente) ou disfóricas (carro pequeno, desconfortável). Como se pode ver, o sentido novo conferido pela conotação metonímica é inerente, conatural, contíguo ao próprio objeto; na metáfora, pelo contrário, o sentido novo dado a um objeto lhe é externo, estranho, proveniente de outro objeto com o qual é abusivamente associado. Entre Maria e tesouro não existe nenhuma relação aparente. A intersecção sêmica deve ser feita através do achado de um terceiro termo, o *tertium comparationis* “preciosidade”, oculto no sintagma, que vai funcionar como elo de ligação entre o termo de partida e o termo de chegada.

Resumindo as observações feitas, apresentamos os seguintes pontos de crítica à teoria da metáfora, assim como formalizada pelos autores da *Retórica Geral*:

1) A sinédoque, figura da mesma natureza da metonímia, dela diferenciando-se apenas pelo seu campo de aplicação (a metonímia enseja uma relação de “correspondência” entre dois objetos, enquanto a relação sinédóquica é de “conexão”, de interpenetração dos objetos), se caracteriza pela redenominação de um ser ou de um objeto, limitando-se a uma operação de substituição de palavras.

A metáfora, diferentemente, tem como traço essencial um valor predicativo, uma atribuição insólita,

pela qual o objeto é percebido e conhecido de um modo todo especial. A relação analógica ou de semelhança, própria da metáfora, atinge idéias e sentimentos, não apenas objetos, e envolve todo o enunciado, não só as palavras isoladamente consideradas.

2) Colocar a metáfora na classe dos metassememas, "figuras de sentido", separando-a das metataxes, "figuras de construção", importa em negar implicitamente o caráter sintagmático e, portanto, predicativo do tropo. A crítica de Paul Ricoeur (14, p. 97-100) à colocação de Roman Jakobson do pólo metonímico ao lado do plano sintagmático e do pólo metafórico ao lado do plano paradigmático visa salvar a característica essencial da metáfora que reside na combinação impertinente de signos dentro de um enunciado.

A nosso ver, todavia, esta crítica é infundada, devido à diferente focalização que os dois estudiosos têm do problema. A confusão deriva do fato de que, enquanto Jakobson fala da imagem metafórica no momento de sua criação pelo poeta, anteriormente à lexicalização, Ricoeur se refere à metáfora já realizada. É evidente que todo paradigma, uma vez realizada a escolha de um dos seus elementos, se torna um sintagma. Jakobson sabe muito bem que o paradigma só existe num plano abstrato, ao nível da gramática ou do dicionário.

3) A separação entre metassememas e metalogismos acaba negando a função referencial da metáfora. Se apenas os metalogismos, definidos como "figuras de pensa-

mento", exigem um referente extralingüístico, o conhecimento da realidade em que o homem vive, a metáfora, conseqüentemente, sendo um metassemema, passa a ser vista como um tropo semiótico e não semântico, apenas voltado para o mundo da linguagem.

II — Teoria contextual ou predicativa (Concepção semântica da metáfora)

Esta teoria, mais recente, tenta explicar o mecanismo metafórico deslocando o eixo da transposição do sentido: o meio contextual não é o nome, mas o enunciado inteiro, a totalidade do discurso, porque uma palavra isolada não faz sentido. O ponto de apoio da teoria contextual reside na distinção de Benveniste (3) entre semiótica e semântica. A semiótica, entendida como "lingüística da língua", se ocupa das relações intra e inter-signos: os signos remetem a outros signos no mesmo sistema, sem nenhuma relação com o referente extralingüístico.

Por sua vez, a semântica, que é a "lingüística do discurso", tem por unidade básica a frase e se ocupa da relação dos signos com as coisas denotadas, da língua com o mundo. Para a semântica, não é a soma das palavras, entendidas como unidades lexicais, que constituem a frase, mas é a frase, tomada como unidade contextual, que dá sentido às palavras. Toda significação é sempre contextual.

Se, portanto, "a semântica do discurso é irreduzível à semiótica das entidades lexicais" (14, p. 87),

uma teoria sobre a produção do sentido metafórico deve ter por base o enunciado todo, pois a metáfora é de natureza "discursiva", estabelecendo uma interação entre os elementos sintagmáticos. Esta interação se efetua segundo o modo predicativo, pelo qual se estabelecem relações entre seres, objetos ou idéias e se atribuem qualidades. Evidentemente, para que a predicação seja metafórica, é preciso que os dois termos homologados no sintagma pertençam a campos semânticos diferentes.

Com muito acerto, portanto, Jean Cohen (5, p. 87-97) define a metáfora como uma "predicação impertinente". Tal predicação, porém, deve ser entendida num sentido bem amplo, pois, se a metáfora implica em caracterização e em julgamento, ela deve estender seu domínio não só a nomes, mas também a adjetivos, verbos, advérbios, enfim a todas as categorias gramaticais. Num nosso trabalho anterior (7, p. 112-7), apontamos exemplos de metáforas construídas por predicação verbal, por predicação nominal, por adjetivação, por adjunto adnominal, por adjunto adverbial, por oposição, por dupla substantivação, por coordenação, por comparação, por alegoria, por alusão, por sinestesia.

O elemento frásico, a palavra, sobre a qual incide o sentido metafórico, é chamado por I.A. Richards (13) de "tenor" e por Max Black (4) de "focus", enquanto o contexto em que este termo se en-

contra é chamado de "veículo" e de "moldura", respectivamente.

Para darmos um exemplo de relação metafórica, imaginemos a expressão corriqueira "minha amada é uma flor" e analisamos seu processo de formação. No plano sintagmático temos associados, identificados por uma predicação "impertinente", dois sememas ("amada" e "flor") que pertencem a dois campos semânticos diferentes (mundo humano e mundo vegetal). A construção metafórica rompe o isomorfismo da linguagem usual, a lei do paralelismo entre o plano da expressão e o plano de conteúdo, assim como formulada por Hjelmslev (10), que reza que à homogeneidade formal, exigida pela gramática, deve corresponder uma homogeneidade de sentido, exigida pela lógica. Isto não acontece no enunciado metafórico porque aí a identificação sintagmática corresponde a uma não homologação paradigmática, pois a amada é uma mulher e não uma flor.

Para entendermos a metáfora, é preciso que o focus "flor" seja isolado do plano de sua significação lexical (espécie de vegetal) e visto no contexto do sistema de conotações que envolvem a palavra "flor". Dependendo do outro contexto, fornecido pela "moldura", isto é, pelo resto da frase, realiza-se a escolha de uma das conotações possíveis do termo "flor": beleza, delicadeza, perfume, amor, etc. Pode-se, então, estabelecer a seguinte equação:

Amada	:	Beleza	::	Beleza	:	Flor
(termo de partida)		(termo hipotético intermediário)				(termo de chegada)

Mas o sistema de lugares comuns, pertencente à comunidade dos que falam a mesma língua e repositório dos paradigmas conotativos, serve apenas para a construção e o entendimento da metáfora "de uso". No caso da metáfora "de invenção", devido ao seu alto teor de criatividade, quer o código lexical, quer o código conotativo dos lugares comuns, são insuficientes para a formação e a compreensão do tropo. A metáfora abarca não só o caráter polissêmico, mas também a estrutura aberta da palavra que, num contexto poético, pode evocar significações novas e inesperadas, de fundo inclusive psicológico. Como releva Paul Ricoeur (14, p. 289), "a interpretação metafórica, fazendo surgir uma nova pertinência semântica sobre as ruínas do sentido literal, suscita também uma nova visão referencial". Podemos dizer que é a metáfora que cria seu próprio referente pela mediação do texto poético.

Ao concluir este rápido estudo sobre o processo metafórico, é útil ressaltar que a metáfora não deve ser vista apenas como figura de estilo, mas considerada como elemento indispensável para a constante revitalização da linguagem humana, além de princípio básico da estrutura do mundo ficcional. Partindo do núcleo inicial de tropo, a metáfora estende seu domínio para a formação da *alegoria*, que pode ser definida como "uma metáfora ampliada"; do *texto* artístico, que é "uma grande metáfora"; do *gênero* literário, refletindo a predominância do processo metafórico na poesia lírica e do processo metonímico no gênero narrativo; do *movimento* literário, pensando, com Jakobson (11, p. 57-58), no primado do princípio da similaridade nas escolas romântica e simbolista e na preferência para as relações de contigüidade na estética realista.

D'ONOFRIO, Salvatore. Rhetorical conception and semantic conception of the metaphor. *Alfa*, Sao Paulo, 24:149-56, 1980.

ABSTRACT: This is a study of the two main theories for the understanding of the structure and functioning of the metaphorical process: the rhetorical theory, which considers the metaphor just as a figure of style and omnipresent and indispensable principle for renewal of human language and for the creation of the poetic text.

UNITERMS: Poetry; Metaphor; Poetic language; Semantics; Figures of style; Rhetoric.

D'ONOFRIO, S. Conceção retórica e concepção semântica da metáfora. *Alfa*, São Paulo, 24:149-56, 1980.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Sousa. Lisboa, Guimarães, 1964.
2. BARTHES, R. et alii. *Análise estrutural da narrativa*. Petrópolis, Vozes, 1972.
3. BENVENISTE, E. *Problèmes de linguistique générale*. Paris, Gallimard, 1966.
4. BLACK, Max. *Models and metaphors*. Ithaca, Cornell Univ. Press, 1962.
5. COHEN, Jean. *Estrutura da linguagem poética*. São Paulo, Cultrix/USP, 1974.
6. ———. et alii. *Pesquisas de retórica*. Petrópolis, Vozes, 1975.
7. D'ONOFRIO, Salvatore. *Poema e narrativa: estruturas*. São Paulo, Duas Cidades, 1978.
8. DUBOIS, J. et alii. *Retórica geral*. São Paulo, Cultrix/USP, 1974.
9. FONTANIER, P. *Les figures du discours*. Paris, Flammarion, 1968.
10. HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo, Perspectiva, 1975.
11. JAKOBSON, R. *Linguística e comunicação*. São Paulo, Cultrix, 1974.
12. LAUSBERG, H. *Elementos de retórica literária*. Lisboa, Gulbenkian, 1972.
13. RICHARDS, I. A. *The philosophy of rhetoric*. Oxford, Univ. Press, 1936.
14. RICOEUR, P. *La métaphore vive*. Paris, Seuil, 1975.

O EMPRÉSTIMO COMO PROBLEMA DA LINGÜÍSTICA COMPARADA

Wolfgang Roth *

ROTH, Wolfgang. O empréstimo como problema da lingüística comparada. *Alfa*, São Paulo, 24:157-77, 1980.

RESUMO: O autor mostra que a problemática caracterizada pelo inter-relacionamento de lingüística, norma e ideologia está aberta a pesquisas.

UNITERMOS: Empréstimo lexical; Norma; Ideologia; Sociolingüística; Ortografia; Morfologia; Fonética; Semântica.

Ao professor Salum,
com a admiração intelectual do autor.

O problema do empréstimo lexical se distingue de outras questões lingüísticas na medida em que não interessa apenas aos lingüistas propriamente ditos, mas também àqueles que poderiam ser chamados de "amadores" da ciência da linguagem (27, p. 7). É sob este aspecto que as pesquisas referentes a essa área de nossa disciplina ocupam lugar de relevo: mais do que qualquer outra problemática, as opiniões sobre a introdução de palavras estrangeiras parecem induzir a posições pessoais e provocar pareceres que vão muito além de

qualquer modo de ver puramente lingüístico. Manuais lingüísticos de caráter normativo, dicionários de chamados estrangeirismos e de dificuldades da língua, publicações de órgãos que têm como fim a defesa da língua, artigos e glosas de jornal, tratados de lingüística diacrônica assim como pesquisas especializadas apresentam uma imagem complexa e até confusa de conselhos, ponderações e pesquisas que se interpenetram formando um emaranhado quase inextricável. * *

* Professor na Universidade de Ruhr (Studienprofessor) e na Universidade Livre de Berlim (Lehrbeauftragter).

** Um exemplo característico é o emprego do termo "anglicismo" em *Le Petit Robert* (45), que, segundo HOFLER (38), serve tanto para indicar a etimologia da respectiva palavra como de rótulo purista.

Embora qualquer ocupação com empréstimos implique uma comparação de pelo menos duas línguas, o ponto de vista comparativo tem sido, até hoje, relativamente pouco salientado. O que nesta área interessa em particular são questões tocantes às condições e aos processos do empréstimo (19). Obras cujo enfoque é apenas uma língua só costumam concentrar seu interesse tanto no material como nos fatores chamados extralingüísticos, nas condições culturais e políticas prévias do empréstimo.

O mesmo se pode dizer no que respeita aos tratados, cujo objetivo é o empréstimo recíproco entre duas línguas. É este o objetivo p. ex. dos trabalhos de Mackenzie (48) e de Hope (39).

Os autores de publicações com caráter extralingüístico estão principalmente interessados nos empréstimos na própria língua materna.

Encontram-se, às vezes, indicações relativas a atitudes de outras comunidades lingüísticas para com o empréstimo.

Quanto às línguas românicas o que vem sendo dito acima, pode exemplificar-se com base na respectiva bibliografia sobre o anglicismo. É evidente por que nas línguas românicas tanto o estudo do

empréstimo quanto a crítica do empréstimo concentraram seu interesse no anglicismo. Enquanto aqueles autores que se orientam por idéias normativas se mostram inquietados pelo grande número de citações e empréstimos do inglês, os pesquisadores no campo dos empréstimos nas línguas românicas se vêem, sob vários aspectos, defrontados com um fenômeno novo do ponto de vista diacrônico: depois de uma época relativamente longa de intenso intercâmbio lexical inter-românico — italianismos e hispanismos em francês, galicismos nas outras línguas românicas —, o léxico românico se desenvolveu, particularmente a partir do século passado, sob a influência de uma língua, que por causa de suas diferenças fonéticas, morfológicas e gramaticais parece exigir uma modificação do processo da adaptação de elementos estrangeiros. *

A atualidade das questões resultantes dessa problemática vem assegurada por aqueles que crêem dever dedicar-se a determinado tipo de defesa da norma lingüística e que eu, no que segue, chamarei de ideólogos da língua. Pode-se caracterizar tal grupo de pessoas pelo fato de eles partirem de determinadas categorias extralingüísticas e basearem — caso seja necessário — seus argumentos em considerações lingüísticas.

* "E stato osservato da molti linguisti che gl'impresti hanno tanto più facilmente luogo quanto più le due lingue in questione si assomigliano. Quindi per es. acceteremo nel nostro italiano attuale assai facilmente parole di un altro secolo della lingua, o di un dialetto centrale, meno quelle di un dialetto settentrionale; facilmente parole latine o francesi, meno le inglesi e le tedesche" (62, p. 66). Não obstante há autores que salientam a afinidade do inglês com as línguas românicas, ver as indicações bibliográficas em KLAJN (41, p. 13).

Um trabalho sobre essa temática foi publicado pelo germanista alemão Peter von Polenz, que numa publicação intitulada *Sprachpurismus und Nationalsozialismus — Die "Fremdwort" — Frage gestern und heute* (63) (Purismo lingüístico e nacionalsocialismo — a questão da palavra estrangeira ontem e hoje) empreendeu uma pesquisa sobre a relação entre purismo lingüístico e as idéias do nacionalsocialismo.

Os argumentos aduzidos, nas primeiras décadas deste século, em prol de tal pureza da língua se distinguem talvez gradual, mas não fundamentalmente daqueles aduzidos pelo lingüista francês Etiemble no seu livro *Parlez-vous français*. Etiemble pretendia submeter as suas idéias a serviço não do nacionalismo mas do antiimperialismo. (23, p. 229).

Ainda não foi empreendida — pelo que eu saiba — uma coleta e interpretação de lugares—comuns do purismo internacional.

Tal trabalho daria muito provavelmente resultado semelhante respeito a atitudes puristas em várias comunidades lingüísticas. Na França a ideologia purista reveste formas das mais diversas, que vão desde a estigmatização de estrangeirismos por meio de aspas até o grito de socorro para a intervenção do governo (68, p. 45) e na constituição de comissões em defesa da língua (6, p. 29-37).

Essas exigências são formuladas em nome de determinados conceitos estéticos como "pureza", "clareza", ou "beleza". Palavras de

origem estrangeira se vêem censuradas de "filhos bastardos" ou "aventureiros estrangeiros" conforme a *Esthétique de la langue française* (Estética da língua francesa) de Remy de Gourmont, ao passo que o vocabulário autóctone ou considerado como tal é caracterizado por atributos como "nobre" ou "simples" (23, p. 63) (31, p. 1).

Os galicismos, para o espanhol Cadalso, já eram sinais da decadência dos costumes (66, p. 65-76), e, deste ponto de vista, comparáveis ao anglicismo, que para o francês Sauvy é expressão de derrotismo cultural (68, p. 43). Metáforas bélicas como "invasão", "ataque" ou "inimigo" fazem parte do instrumentário da ideologia purista (47, p. 75) (40, p. 19), tal como a recomendação de fazer ressurgir palavras esquecidas de etapas anteriores da história da língua.

A disponibilidade com que o purismo se põe a serviço de qualquer ideologia vai de par em par com certa continuidade e homogeneidade da argumentação extralingüística.

Importaria perguntar, nesta altura se a argumentação dos ideólogos do purismo não seria talvez redutível a constantes lingüísticas, isto é, se a avaliação ideológica depende por sua parte de fatores lingüísticos. V. Polenz, no seu trabalho já citado, tenta explicar a variante alemã do purismo pelo longo predomínio da lingüística histórica na filosofia alemã. Segundo ele, o intenso estudo da história das palavras restringiu o interesse dos lexicólogos à exclusiva ocupação com a origem das palavras (63, p. 147).

Porém, a crítica do anglicismo, especialmente observável na França nos anos 50 e 60, é simultânea com uma época em que os métodos lingüísticos já estavam mudando. Será que o purismo das últimas décadas continua baseado numa concepção ultrapassada da lingüística? Ou será antes o resultado de um fenômeno por assim dizer "pan-crônico"?

Além da modificação semântica e da inovação morfológica mediante elementos já existentes, o empréstimo constitui o terceiro meio mais importante da inovação lexical (53, p. 4-5). O purismo se encaixa portanto dentro de uma atitude adversa à inovação lexical. Cabe perguntar por que esta atitude antagonista se concentra muito mais no enriquecimento lexical pelo empréstimo do que nos outros meios de inovação lexical.

Lingüisticamente falando, a diferença entre o empréstimo e as outras duas possibilidades inovatórias se pode definir a partir do signo lingüístico: as inovações semântica e morfológica constituem uma ampliação lexical caracterizada pela motivação interna ou relativa, ao passo que o empréstimo do significante via de regra implica um aumento dos signos lingüísticos arbitrários (56, p. 68). Que este fato determina de maneira decisiva a avaliação estética, vem mostrado pela literatura purista de duas formas:

— por um lado pela crítica à abreviatura que, no caso, equivale à crítica ao empréstimo e que constitui igualmente um processo de arbitrarização na medida em que a abreviatura já não pode ser interpretada pelo falante. Demonstram isto várias pesquisas empíricas, pelas quais se evidenciou a incapacidade de muitas pessoas reconhecerem as palavras escondidas por trás das respectivas siglas, incapacidade aliás muitas vezes apresentada como falta de instrução;

— por outro lado, este aspecto lingüístico da concepção purista se confirma pelo fato de os defensores desta concepção propagarem a formação de palavras a partir de elementos já existentes. Assim, nas línguas com grande facilidade para a composição, palavras compostas substitutivas de empréstimos desempenham importante papel (4, p. 317).

Outro procedimento preconizado é a ampliação semântica dos lemas já existentes na língua. É sobretudo por este procedimento de polissemia intencional que se pretende manter limitado o número de signos arbitrários. Remy de Gourmont p. ex. na sua já citada *Esthétique de la langue française* escrevia: "Les langues viles manières par de solides intelligences tendent au contraire à restreindre le nombre des mots, em attribuant à chaque mot conservé, outre sa signification propre, une signification de position".* (As línguas

* GOURMONT (31, p. 14); cf. também as observações de PICHON (61, p. 210 e ss.) relativas ao "preconceito antineológico" (préjugé antinéologique) do francês.

viris manejadas por sólidas inteligências tendem a restringir o número de palavras atribuindo a cada uma além do seu significado próprio, um significado de posição). Axiomas puristas tais como a afirmação de que o empréstimo prejudicava a clareza do francês, ou a afirmação de que o empréstimo aprofundava as diferenças de classe (Bengtsson, 6, p. 193) se explicam — lingüisticamente falando — pela economia do signo lingüístico.

Esta última observação leva a questionar se — pelo menos no que diz respeito ao francês — a crítica ao anglicismo não estaria principalmente baseado no caráter lexicológico do francês; em outras palavras: não é de excluir a tese de que o francês, graças ao seu léxico relativamente arbitrário (1), reage de maneira particularmente hostil ao empréstimo para evitar um aumento excessivo de dissociações lexicais.

Nesta altura talvez seja recomendável levar em consideração por alguns momentos a questão do latinismo (e do grecismo) enquanto fenômeno de empréstimo, isto é, depois da constituição das línguas românicas como entidades autônomas em comparação ao latim. Exceto poucos casos isolados, (12, p. 215) o empréstimo da palavra latina ou greco-latina nunca foi objeto de uma crítica lingüística ideológica sistemática. Deste ponto de vista as línguas românicas diferem fundamentalmente de certas línguas não românicas, p. ex. o alemão. (67, p. 227) (1, p. 230). No que respeita aos empréstimos greco-latinos, pode-se,

nas línguas românicas, comprovar até uma atitude contrária ao empréstimo das línguas modernas. Assim, p. ex., para impedir a penetração de certos anglicismos, foram propostas formações lexicais a partir de elementos lexemáticos greco-latinos. Sirva de exemplo o sucedâneo do anglicismo *pipeline*. Para substituí-lo foi criado um lexema, cujos elementos se afastam bastante do material lexical e morfológico dito popular: *oléoduc* (29, p. 294).

Pode-se verificar processo análogo em outras línguas românicas. Assim p. ex. o latinismo bastante erudito *locutor*, em espanhol e português substitui o anglicismo *speaker*, aliás bastante vivo em francês, ou — para citar outro exemplo — a formação espanhola *fonocaptor* criada com o fim de substituir o anglicismo *pick-up* (13, p. 68) (22, p. 96).

É consabido que no português do Brasil foram até feitas tentativas sistemáticas no sentido de evitar estrangeirismos por meio de latinismos ou formações pseudolatinas. Certas dessas curiosidades, como p. ex. *concião* em vez de *meeting*, *nasóculos* em lugar de *pince-nez*, *ludânbulo* como sucedâneo vernacular de *turista*, ou *haurinxugar* por *drenar* ainda grassam por certos dicionários com aspirações normativas e didáticas (17, p. 33) (7, p. 139) (10, p. 21). Na ideologia lingüística essas tendências se refletem em certa valorização do latim em detrimento das línguas modernas, p. ex. quando Remy de Gourmont caracteriza o latim como "réservoir naturel du français"

(depósito natural do francês) ou "chien de garde qu'il faut soigner, nourir et caresser" * (cão de guarda que é preciso tratar bem, alimentar e acariciar.)

Mas mesmo na lingüística a separação entre a palavra tomada de uma língua moderna e a palavra tomada do latim ou do grego tem sido mantida e se encontra p. ex. na distinção feita na lingüística portuguesa entre "palavra estrangeira" e "palavra erudita".

Na lingüística francesa revela-se a distinção na divisão dessa matéria em publicações diferentes. Assim p. ex. Pierre Guiraud a apresenta em dois volumes separados da coleção "Que sais-je?" com os títulos de *Les mots étrangers* e *Les mots savants* (32 e 33).

A distinção entre esses dois tipos de empréstimos se baseia, entre outros, nos dois critérios seguintes:

1. na motivação interna acima mencionada. Não interessa aqui em que medida as chamadas palavras eruditas são determinadas pela composição de dois ou mais elementos greco-latinos, que constituem lexemas composto e das chamadas palavras eruditas, particularmente na área técnica e científica. Trata-se de um fenômeno da economia lingüística que pode ser caracteri-

zada como motivada internamente na medida em que possibilita a compreensão do significado pelo menos potencialmente, constituindo assim — nas palavras do germanista Glinz — uma ajuda mnemônica (30, p. 60). Esta ajuda não a pode oferecer a maioria dos anglicismos.

Neste ponto cabe salientar o fato de a lexicografia românica registrar e definir cada vez mais os elementos eruditos tirados do grego e do latim (65, p. 388) (50, p. 134) (60) (37).

Outra questão a meu ver ainda pouco discutida consistiria em saber em que medida as formações com base em elementos gregos e latinos nas línguas românicas compensam a capacidade relativamente reduzida de formar novos lexemas a partir de composições. Uma discussão mais aprofundada levaria muito provavelmente à conclusão de que, deste ponto de vista, o grego-latinismo está muito mais valorizado nas línguas românicas pelo simples fato de neste grupo lingüístico em muitos casos não haver possibilidade equivalente de recorrer a composições com meios lingüísticos autóctones.

Considerações deste tipo trariam apoio *lingüístico* dos ideólogos da linguagem que defendem o lati-

* GOURMONT (31, p. 1 e 47); cf. também a opinião de Juan Eugenio Hartzenbusch proferida no prólogo ao *Diccionario de galicismos* de Rafael María Baralt: "Si el que parece galicismo tiene quizás origen latino, porque siendo la lengua castellana hija de la latina, la voz o locución que de ella provenga trae una recomendación respetable" (5, p. 19). O ponto de vista lingüístico enfocam-no por exemplo MAURER (52, especialmente p. 60 e ss.) e MIGLIORINI (54). Com respeito ao número dos latinismos no francês fundamental cf. STEFANELLI (72, p. 882 e ss.).

nismo alegando apenas a íntima relação genética e cultural das línguas românicas com o latim.

2. Em certos trabalhos lingüísticos a distinção entre palavras eruditas e palavras estrangeiras se baseia no processo do respectivo tipo de empréstimo. Conforme esta distinção, a palavra erudita de origem greco-latina foi geralmente introduzida por via escrita. Este critério deve ser submetido a restrições, porque o empréstimo de uma língua moderna se efetua também em muitos casos na forma escrita. Mesmo nos casos recentes de empréstimos é muitas vezes difícil verificar por que caminho, oral ou escrito, uma palavra de origem estrangeira se divulgou.

Outro aspecto, ao que parece bastante negligenciado até hoje, pode ajudar a estabelecer uma distinção bem nítida entre empréstimos das línguas antigas e os empréstimos das línguas modernas, especialmente do inglês, a saber o aspecto da integração fonética e formal. A integração está, no caso dos grecolatinismos, sujeita a determinados mecanismos, cuja sistematização global aliás ainda não foi tentada (33, p. 30) (3, p. 11-7). No que diz respeito à crítica ao empréstimo, cabe perguntar até que ponto a aceitação de latinismos e a recusa de muitos empréstimos particularmente do inglês não seria a consequência de uma força integrativa diferente dos dois outros tipos de empréstimos.

Segue esta força integrativa certos mecanismos que no caso dos grecolatinismos se formaram no

decurso dos séculos — seja devido à afinidade fonética e morfológica entre o latim e as línguas românicas, — seja devido ao processo secular da formação de regras de equivalência ao nível dos fonemas e sobretudo dos morfemas, (7, p. 101). Até certo ponto a aceitação do latinismo e a recusa do anglicismo são o resultado de os dois tipos de empréstimos estarem integrados nas respectivas línguas de modo bem diferente.

Agora, no que diz respeito à integração do anglicismo nas línguas românicas, podem-se distinguir dois procedimentos fundamentalmente opostos. É conhecido o caso do português. Palavras que em textos de décadas anteriores ainda ocorrem na própria ortografia inglesa (muitas vezes marcadas mediante aspas como sendo citações lexicais de uma língua estrangeira e recusadas pelos dicionaristas como “anglicismos dispensáveis”) (7, p. 181) (35, p. 78) foram mais tarde aportuguesadas ortograficamente. A partir desta data passaram a ser consideradas parte do léxico português. As palavras inglesas *bluff* e *flirt*, p. ex., se tornaram palavras portuguesas nas formas *blefe* e *flerte*.

Este processo de aportuguesamento constitui o resultado de uma cooperação, ainda que não propositada, do falante com o dicionarista. Tanto da parte do falante como da do lexicólogo pode haver reticências que normalmente se manifestam no fato de o falante nem sempre estar disposto a aceitar o aportuguesamento proposto pelo lexicólogo ou o lexicólogo não ver

necessidade nenhuma de dicionarizar o aportuguesamento espontâneo do falante.

Assemelha-se bastante ao português o tratamento do anglicismo em espanhol. Muitos empréstimos do inglês só muito tarde foram reconhecidos pela Academia Española (20), a saber quando podiam hispanizar-se ortográfica e morfológicamente. Mesmo assim, certos anglicismos não podiam adotar-se numa forma única (2, p. 122a, 208b, 263a, 366a, 386b) (15, p. 193).

A integração dos empréstimos do inglês é completamente outra em francês. Ao passo que certos lexicógrafos franceses do século XVIII ainda dicionarizavam p. ex. a palavra inglesa *punch* numa forma afrancesada ou pelo menos meio afrancesado, os dicionários mais recentes só indicam a forma inglesa *punch* (74, p. 99b) (21) (45) (46) (59). Ainda em 1951 o *Petit Larousse Illustré* traz a palavra inglesa de origem australiana *boomerang* tanto na ortografia inglesa *boomerang* como na ortografia meio afrancesada *boumerang*. (57) (59). Dicionários mais recentes só registram a ortografia inglesa *boomerang* (21) (45) (46).

Nos dois casos introduz-se, com este tipo de "reortogafação" inglesa, uma ortografia inusitada do

francês. Nem a nasal velar e semi-arredondada / \bar{o} / nas palavras de origem francesa está representada pela vogal *u*, nem a vogal oral velar e arredondada /*u*/ conhece a representação gráfica com *oo* em lugar de *ou* (32, p. 102-5).

Revela-se por conseguinte, nesses exemplos acima dados uma tendência inteiramente oposta nos três idiomas românicos em questão no que diz respeito à recepção do anglicismo. Enquanto o português — e ao que parece em menor grau o espanhol — tende para um aportuguesamento (ou uma hispanização) não apenas ao nível fonético, mas também ao nível ortográfico, o francês mostra, pelo menos em certos casos, um processo de reanglicização ao nível ortográfico. * Esta tendência já foi observada por Bonnaffé, que no seu dicionário dos anglicismos de 1920 escrevia: "Este modo de transcrição (i. é.: a transcrição ortográfica integral) tende a tornar-se a regra, na medida em que se desenvolve entre nós o conhecimento das línguas estrangeiras." ("Ce mode de transcription (transcription orthographique intégrale) tend à devenir la règle, à mesure que se développe, chez nous, la connaissance des langues étrangères") (11, p. 21).

Bonnaffé, com essa observação nos fornece também uma tentativa

* Ver a crítica de ALFARO (2, p. 17): "... barbarismos rudos, vulgares, malsonantes y malnacidos, es decir, las voces extrañas al léxico y propias de gente zafia, formadas generalmente mediante la hispanización fonética de palabras inglesas, tales como *bailameca* (i. é. *boiler maker*) ... *norsa* (*nurse*) ... *paipa* (*pipe*)...". Por outro lado o anglicismo em português *sinuca* (do inglês *snooker*), aportuguesamento sem dúvida popular, está dicionarizado nos léxicos brasileiros (devo esta observação ao prof. Adriano da Gama Cury do Rio de Janeiro).

de explicar tal fenômeno. Além de uma explicação baseada numa suposta melhora dos conhecimentos do inglês por parte dos franceses, encontra-se outra. Os representantes desta vêem o motivo da “não-integração” ortográfica dos anglicismos no *processo do empréstimo*, isto é, na recepção dos empréstimos por via predominantemente escrita (48, v. 1, p. 145).

As duas explicações figuram também numa tese de alguns anos atrás.

Cito, no que segue, as duas respectivas passagens em versão portuguesa:

1.º A preponderância do empréstimo visual e gráfico sobre o empréstimo auditivo,

2.º o conhecimento cada vez melhor do inglês por parte dos franceses. *

Transferidas para o caso do português do Brasil, essas observações deveriam ser modificadas da maneira seguinte:

A integração do anglicismo no português do Brasil se deve:

1.º à preponderância do empréstimo auditivo sobre o empréstimo visual e gráfico,

2.º à diminuição do conhecimento do inglês por parte dos brasileiros.

O absurdo da segunda observação não precisa ser comentada. Mas também a primeira explicação não é senão uma hipótese gratuita.

O que faz que essas explicações sejam errôneas ou insatisfatórias se deve ao fato de seu autor não ter recorrido à comparação lingüística, embora procure dar apoio a sua explicação, baseando-se na preponderância do empréstimo visual e gráfico com referência a autores anteriores.

Mackenzie, no seu trabalho sobre as relações entre a Inglaterra e a França segundo os empréstimos, e outros autores fazem, no que diz respeito à assimilação do anglicismo em francês, uma distinção entre uma fase anterior caracterizada por uma assimilação quase total e uma fase posterior, em qual a força assimiladora cessou. ** Conforme essa distinção, a fase anterior se caracteriza pela preponderância do empréstimo auditivo, ao passo que o empréstimo visual iria predominar na fase posterior. Assistiríamos, portanto, a um processo cada vez mais intenso do predomínio da comunicação escrita.

Muitos anglicismos de todo assimilados em francês como p. ex. *bouledogue, kangourou, redingote*,

* Cf. SCHUTZ (70, p. 28 e ss.): “1. das Überwigen der “visuell-graphischen” Entlehnung gegenüber der “auditiven”, 2. die wachsenden Englischkenntnisse der Franzosen”.

** Cf. ETIEMBLE (23, p. 250): “Au XIX^è siècle, on ne prend plus la peine de naturaliser les intrus”. KLAJN (41, p. 42) tenta explicar a diminuição da capacidade assimilatória das línguas européias ao receberem empréstimos tanto pela simplificação estrutural destas línguas (teoria defendida por Jespersen) como pelo levantamento do nível da instrução geral.

boulingrin, *rosbif* ou *partenaire* já foram tomados emprestados nos séculos XVII e XVIII (9; 18).

Apesar disso, a distinção entre uma fase assimiladora anterior e uma fase não assimiladora posterior se explica muito provavelmente por outros motivos a serem apresentados abaixo.

Outra distinção entre anglicismos assimilados e anglicismos não assimilados se baseia em critérios semânticos. Assim p. ex. Pierre Guiraud no seu livro de bolso introdutório intitulado *Les mots étrangers* divide o anglicismo em francês em dois grupos:

1.º anglicismos assimilados que também estão assimilados semanticamente;

2.º anglicismos não assimilados que o são também conforme o critério semântico e estilístico (32, p. 102).

Em termos lingüísticos esta distinção não tem nenhum valor. Ela constitui uma espécie de motivação secundária de fatos lingüísticos e pode ser considerada consequência de uma ideologia lingüística aliás manifesta pelas próprias palavras de Guiraud, quando escreve: "Je ne pense pas qu'il y ait intérêt à accélérer, plus ou moins artificiellement, l'assimilation de la seconde catégorie, comme le voudraient certains, sous le prétexte qu'ils défigurent notre langue. Je crois, pour ma part, qu'il est préférable que ces choses "étrangères" conservent un nom étranger: le mot et

la chose seront ainsi plus aisément repérés et plus vite éliminés" (Não penso que haja interesse em acelerar de modo mais ou menos artificial a assimilação da segunda categoria como certas pessoas querem, pretextando que estes anglicismos deturpam a nossa língua. Eu tenho por mim que é preferível que as coisas estrangeiras conservem uma designação estrangeira. Assim a palavra e a coisa podem ser mais facilmente identificadas como tais e mais rapidamente eliminadas).

Cumprido perguntar se os anglicismos assimilados *boulingrin* e *redingote* são palavras semanticamente "mais francesas" que *bungalow* e *spleen*, anglicismos formalmente não assimilados.

Depois de percorrer alguns trabalhos relativos à recepção dos anglicismos em francês e suas explicações pelo menos em parte insatisfatórias, voltamos ao ponto de partida, isto é, à relação entre lingüística, tendências normativas e ideologia da linguagem:

Os respectivos estudos lingüísticos propriamente ditos desta matéria se dedicam a aspectos da integração fonética, morfológica, gramatical e semântica ou tratam — como no trabalho de Deroy — o problema da definição do empréstimo segundo critérios fonéticos, morfológicos ou semânticos. Mas apenas raramente se encontram nesses trabalhos referências à integração ortográfica do empréstimo. *

* Assim por exemplo nem MACKENZIE (48) nem GUIRAUD (32) dedicam capítulos de seus livros à integração ortográfica.

Por outro lado trabalhos de intenção normativa ou impregnados da ideologia purista dedicam parte de seus estudos a problemas relacionados com a integração ortográfica dos empréstimos*.

Numa série de trabalhos referentes aos empréstimos tanto em francês como em português os termos de "francisation" (i. é. afrancesamento) ou aportuguesamento são de grande importância. Entende-se por este termo a integração ortográfica de palavras de origem estrangeira.

Talvez seja estranho que nos tratados lingüísticos propriamente ditos o aspecto ortográfico — apesar de sua íntima conexão com o aspecto fonético — tenha sido pouco discutido. Tirando algumas exceções (51, p. 180), a fonética de qualquer palavra proveniente de outra língua, mesmo que esta seja foneticamente muito próxima da língua receptora, é completamente assimilada, logo que passe a ser adotada por falantes monolíngües, quer dizer que comece a generalizar-se na comunidade lingüística. O que geralmente interessa, do ponto de vista fonético, não é o fato de a palavra estrangeira se assimilar à língua receptora, mas a maneira pela qual ela se assimila**.

Agora, as modalidades de assimilação se determinam decisivamente pela ortografia da língua rece-

bedora de empréstimos. O motivo de este aspecto ter sido até agora bastante negligenciado pela lingüística se deve provavelmente ao papel marginal que a ortografia desempenha nos estudos lingüísticos. Assim, por exemplo, as descrições fonológicas do francês raras vezes foram aplicadas sistematicamente às suas conseqüências para uma possível reforma ortográfica.

A forma diferente que revestem os anglicismos em português, espanhol e francês não é, portanto, o resultado de diferentes capacidades assimiladoras das respectivas línguas, mas o resultado de uma integração diferente ao nível ortográfico.

Essa integração se dá ora na forma de uma assimilação à ortografia da língua, da qual foi tomada o empréstimo, p. ex. no caso dos empréstimos dandy e sandwich nos três idiomas românicos ora na forma de uma assimilação à pronúncia inglesa, como no caso do empréstimo da palavra *flirt*: francês *flirt*, português *flerte*.

Seria pelo menos ousado tirar conclusões dos diferentes resultados da assimilação no que diz respeito ao *processo* do empréstimo, seja por via escrita, seja por via oral. Este processo inclui outros fatores, a saber p.ex. se a grafia inglesa facilita ou se dificulta uma assimilação a partir da representação gráfica. Essa hipótese pode ser confirmada pelo

* Cf. GEORGIN (28, p. 15): "Si l'on est — ou si l'on se croit — obligé d'utiliser certains mots anglais, que du moins on les francise et qu'on écrit *conteneur* (ou *container*), *spiqueur*, *coctèle* ou *coquetèle*...".

** No século passado PAUL (58, p. 349 e ss.) já dedicava várias páginas à integração fonética de empréstimos.

empréstimo inglês *standard* (13, p. 52), que se deixa facilmente afrancesar a partir da grafia inglesa, mas cujo aportuguesamento (como aliás também hispanização) se choca, em razão do grau mais fonológico das respectivas ortografias, com a estrutura da palavra das duas línguas ibero-românicas.

Além disso não se deve subestimar a intervenção dos lexicógrafos que tendem a fixar ortograficamente os empréstimos na base foneticamente mais difundida.

A tendência do francês diretamente oposta às línguas ibero-românicas no que diz respeito à integração ortográfica do anglicismo leva a duas perguntas: 1.º Em que medida intervêm norma, tendência e história? 2.º Quais os efeitos dos diferentes processos integrativos sobre a ideologia lingüística?

Estas duas questões nos fazem voltar ao problema citado da relação entre a ideologia da língua e seus pressupostos lingüísticos. As "Instruções para a Organização do Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa" de 1943 rezam: "Todos os vocábulos devem ser escritos e acentuados graficamente de acordo com a ortoépia usual brasileira...*" Agora, o chamado "Sistema ortográfico de 1943" é o resultado de muitos esforços no sentido de uma reforma ortográfica no seu longo caminho desde a ortografia histórica

e tradicionalista rumo a uma ortografia fonológica.

Essas instruções restringem as possibilidades de recepção de empréstimos, especialmente do anglicismo em português: ou o anglicismo não é registrado pelo dicionarista no caso de ele ainda não ter encontrado grafia satisfatória em português, ** ou o anglicismo está já muito enraizado na língua comum. Neste caso seu registro no dicionário acarreta sua assimilação ortográfica. A lexicografia brasileira segue estas instruções aportuguesando ortograficamente os anglicismos mais comuns ora conforme a ortografia inglesa, ora conforme a pronúncia do inglês, ora conforme o uso já consagrado: "Uma coisa é necessária, quando o estrangeirismo assentou já raízes na língua nacional: vesti-las à portuguesa" (43, p. 40).

É mediante a comparação com o português, que ressalta a atitude dos lexicógrafos franceses para com os empréstimos.

Se bem que tenha havido várias tentativas de reformar a ortografia francesa, particularmente por volta dos séculos XIX e XX, uma verdadeira inovação nunca foi empreendida e falhou na prática (8, p. 99). Torna-se assim compreensível que quase todas as propostas para uma integração ortográfica do anglicismo em francês não tenham tido êxito, embora um dicionário que

* Citado conforme FERREIRA, 24, p. 8b.

** No *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa* (FERREIRA, 25, 1968) as palavras não aportuguesadas constam em um apêndice. O mesmo pode observar-se no *Dicionário da língua portuguesa* (COSTA e MELO, 16, 1976). FERREIRA (24) incluiu as palavras não aportuguesadas no próprio dicionário marcando-as com o símbolo da flecha.

antigamente gozava de imensa influência, i. é. o *Dictionnaire Général* de 1900 lamentasse este estado de coisas com estas palavras: "Il aurait peut-être été plus sage de se décider ... à transcrire l'anglais *yacht*, *rail*, e *squarz*, par **yote*, **rel*, et **scouère*, que de jeter dans l'embaras tant d'honnêtes gens qui ne savent pas les langues étrangères". (36, p. 172) (Teria sido talvez mais sensato decidir-se em favor de uma transcrição do inglês *yacht*, *rail* e *square* por *yote*, *rel* e *scouère* do que perturbar tantas pessoas instruídas que não sabem línguas estrangeiras).

Ainda que em dois dos casos acima citados, *rail* et *square*, a pronúncia francesa se tenha adaptado à grafia inglesa, existe até hoje grande insegurança na pronúncia francesa dos anglicismos, que se reflete nos dicionários franceses. O registro de variantes de pronúncia não é raro. Uma palavra como *yacht*, p. ex., aparece nos dicionários sob três formas fonéticas: *jak*, *jakt* e *jot*. * O autor de um novo dicionário das dificuldades do francês acha natural que haja três modos de pronunciar a palavra *football*: *futbol*, *futbal*, *fofbal*. **

A adoção graficamente inalterada dos anglicismos em francês dificulta por conseguinte, não a assimilação, mas sim uma assimilação uniforme. Esta observação pode ser invertida; neste caso cumpriria

perguntar: quais as implicações que derivam da existência de anglicismos em francês numa forma assimilada qualquer, se estes anglicismos são incorporados em francês numa forma graficamente inalterada? Tal modo de ver leva à observação do fato de que particularmente no que diz respeito ao sistema dos grafemas vogais do francês — o sistema ortográfico do francês, já em si extremamente complexo, se vai complicando ainda mais pela recepção dos anglicismos. Um bom testemunho disso é o respectivo capítulo de umas noventa páginas no *Traité de prononciation française* (Tratado de pronúncia francesa) de Fouché (26, p. 140-230).

Assim, sirva de exemplo a grafia relativamente simples das vogais extremas /i/ e /u/, que se dificulta consideravelmente por palavras como *building*, *spleen*, *business*, *leader*, ou então *clown*, *interview*, *pudding* etc. (23, p. 134).

A resposta à pergunta de não se haver conseguido uma representação ortográfica única dos anglicismos em francês não é fácil e não pode ser apenas uma. Seria erro atribuir a não-assimilação gráfica dos empréstimos em francês seja à falta de instrução ou excessivo respeito pelo vocabulário de origem estrangeira (Remy de Gourmont), (31, p. 52), seja à via escrita, pela qual a maioria dos anglicismos teriam penetrado no francês.

* WARNANT (73, p. 415a) e MARTINET-WALTER (49, p. 393) registram /'jɔt/ e /'jot/.

** COLIN (14) s. v. *football*. MARTINET-WALTER (49, p. 393) registram /futbol/, /futbɔl/ e /fudbol/.

É preferível procurar os motivos desta situação nas duas observações que seguem:

1.º na complexidade da ortografia francesa. Pelo fato de os fonemas do francês estarem representados graficamente por várias grafias, mesmo os esforços no sentido de uma representação uniforme dos anglicismos talvez não tivessem conduzido a resultados satisfatórios.

2.º No caráter extremamente conservador, historicizante da ortografia francesa. Este caráter conservador não podia senão favorecer a recepção histórica, quer dizer inalterada dos anglicismos, mesmo no caso de uma assimilação fonética bastante diferente da forma inglesa.

É neste contexto que a meu ver é preciso explicar o retrocesso do afrancesamento ortográfico dos anglicismos e sua reanglicização no decurso dos séculos XIX e XX. Após uma época de numerosas reformas de problemas ortográficos, que — é verdade — nunca chegaram a transformar o sistema ortográfico global, reformas visíveis na terceira e quarta edição de 1740 e 1762 do Dicionário da Academia Francesa, este processo reformatório ficou parado na primeira metade do século XIX por meio de decretos governamentais. A rigidez

da ortografia alcança seu auge na Monarquia de Julho com a oficialização do ensino primário. A partir da sexta edição do Dicionário da Academia Francesa de 1835 a ortografia francesa se fixou e quase não mudou mais.*

Esta problemática baseada na história da ortografia francesa explicaria também suas reações na ideologia lingüística, ou seja o purismo lingüístico reinante em certos círculos da França. As dificuldades que derivam do problema ortográfico na incorporação do anglicismo favorecem as exigências do purista no sentido de eliminar muitos empréstimos. Esta observação pode ser confirmada mais uma vez pela comparação com o espanhol e o português: enquanto nas duas línguas ibero-românicas a integração ortográfica não for efetuada pelos dicionaristas, os respectivos empréstimos costumam ser considerados muitas vezes como supérfluos e elimináveis. Propõem-se então decalques semânticos do tipo *vestíbulo* por *hall* em espanhol ou *éxito editorial* ou *campeón de venta* com o fim de evitar o anglicismo *best-seller* na mesma língua.** As vezes estes decalques se difundem, eliminando o empréstimo, como no caso de *aeromoça*, às vezes decalque e empréstimo continuam igualmente,

* Cf. a cronologia da evolução da ortografia francesa em MONNEROT. DUMAINE (55, p. 14 e ss).

** 13, p. 73; 47, p. 131; 71, p. 62b. A falta de integração ortográfica, no entanto, não tem nada a ver com a frequência com que um empréstimo é empregado. Daí a diferenciação estabelecida por GUSMANI (34, p. 23 e s.) entre "acclimatação" (empréstimo completamente enquadrado pelos falantes mas formalmente não integrado) e "integrazione".

como no caso de *motorista* e *chofer* em português.

Depois de focar particularmente o francês, comparando-o com as duas línguas oficiais da Península Ibérica e da América Latina, quero chamar, na parte final, a atenção para o espanhol e o português.

Fundamentalmente a tendência para a integração do empréstimo nas duas línguas é a mesma. Não obstante, um cotejo do português na sua variante brasileira com vários dicionários do espanhol europeu e americano revela certas discrepâncias. De vez em quando ocorrem nestes dicionários adaptações de anglicismos, que parecem ditadas pela estrutura morfológica do espanhol: um exemplo disto é a assimilação dicionarizada pelo Dicionário da Academia Espanhola da palavra *flirt* na forma *flirteo*. (13, p. 25).

Por outro lado, a reunião de respectivos materiais tirados dos diferentes dicionários hispanos revela certas inconseqüências na assimilação ortográfica dos anglicismos: assim p. ex., na décima nona edição do Dicionário da Academia Espanhola encontram-se dicionarizadas as palavras *confortable* e *esnobismo*, mas faltam os lexemas dos quais estas palavras derivam, quer dizer: *confort* e *esnob*.

É preciso ver tanto a forma registrada pelo Dicionário da Academia Espanhola *flirteo* como as formas usadas mas não registradas

confort e *esnob* como um fenômeno único. (20) * O registro ou o não registro das formas citadas constitui o resultado de considerações fonéticas e morfológicas. A estrutura destas palavras, além de ser alheias à estrutura do espanhol em virtude do seu consonantismo final, apresenta complicações ao nível morfológico, isto é, na formação do plural.

Esta problemática do espanhol já repetidamente discutida (47, p. 48) (42) não ocorre no português do Brasil, graças à introdução automática para não dizer mecanicista da vogal paragógica final em *-e*:

Trata-se, neste caso, de uma regra produtiva do português inexistente em espanhol e comparável ao chamado *e* protético das duas línguas ibero-românicas, a qual faz que o português do Brasil não apresente nenhuma dificuldade no que respeita à formação do plural. Neste caso uma regra produtiva ao nível fonético fornece uma integração muito mais radical e conseqüente dos anglicismos do que em espanhol.

Uma lexicografia que tem como objetivo a assimilação ortográfica de empréstimos, se encontra diante de uma tarefa árdua. Por um lado é preciso criar rapidamente as condições para a integração satisfatória de empréstimos e, deste modo, evitar a divulgação de grafias que perturbam o sistema ortográfico. Por outro lado ela não de-

* Cf. também *confort* em SECO (71, p. 93b).

ve, por meio de adaptações alheias à realidade lingüística, provocar a resistência dos próprios falantes.

A lexicografia brasileira, pelo menos em parte, encontrou uma solução, provisória que seja, reunindo os anglicismos correntes, mas ainda não ortografados, separando-os do próprio dicionário e colocando-os, por assim dizer, numa lista de espera.

Um cotejo entre o francês e o espanhol mostra exatamente os dois lados opostos da incorporação dos empréstimos: ao passo que a lexicografia espanhola nem sempre apresenta uma solução única ao nível ortográfico, a lexicografia francesa, registrando os anglicismos geralmente sem assimilação ortográfica nenhuma, hesita muitas vezes entre várias pronúncias possíveis.

Em comparação ao espanhol, parece que a lexicografia brasileira conseguiu uma uniformidade ortográfica e com isto também uma uniformidade fonética maior. Esta uniformidade se deve provavelmente aos esforços que vêm sendo desenvolvidos há anos no sentido de uma reforma ortográfica. Existe da parte dos lexicógrafos e dos próprios falantes conscientizados para questões lingüísticas um interesse de evitar que o sistema ortográfico, mesmo que seja ainda bastante incongruente, fique novamente sujeito a complicações. Parece que no caso do espanhol o fato de a ortografia atual ter sido fundamentalmente criada no século XVIII (44, p. 276) e depois pouco modificada fez que a preocupação pelo sistema ortográfico houvesse diminuído.

No seu livro sobre palavras estrangeiras (*Fremdwortkunde*) Elise Richter tentou — já no início deste século — superar o enfoque desmesuradamente diacrônico, isto é, a preocupação quase exclusiva com a origem das palavras (64, p. 9). V. Polenz, no seu trabalho já citado, salienta o aspecto sincrônico das pesquisas lexicológicas, conforme o qual o valor de uso estilístico e sociológico deve estar no centro dos interesses lingüísticos (63, p. 152) (69).

Mas uma pesquisa dos anglicismos por um enfoque sincrônico revelaria os anglicismos em francês como um grupo de palavras fonética e ortograficamente heterogêneas e diferentes do restante do vocabulário francês. Por estas características os anglicismos constituem — no que diz respeito a sua recepção pela comunidade lingüística — um problema da sociologia lingüística especial (63, p. 155).

É sob este aspecto que é preciso ver e compreender a crítica ao anglicismo na França, como vem sendo feita em anos recentes.

A integração de empréstimos representa um problema tanto da lingüística como da lexicografia de intenção normativa. O problema do empréstimo e o da ortografia têm em comum que não constituem apenas um objeto de pesquisas lingüísticas, mas também um objeto de avaliação por assim dizer ideológica do que se chamava antigamente estrangeirismo e das aspirações a uma reforma ortográfica, despertando-se desta forma o interesse de muitos falantes.

Pela comparação lingüística acima esboçada pretendia-se tornar mais claro que um dos fatores decisivos na integração de empréstimos é constituído pela assimilação ao sistema ortográfico da respectiva língua. A ortografia criada para uma língua é o resultado de aspirações tanto da parte dos lingüistas como particularmente dos que tentam estabelecer uma norma lingüística. Como tal,

a ortografia é o resultado de um processo histórico. Sem que se levasse em conta este processo histórico, a recepção de empréstimos, no caso dos anglicismos, não ficaria inteiramente compreensível. Mostrar que esta problemática caracterizada pelo inter-relacionamento de lingüística, norma e ideologia está aberta a futuras pesquisas, foi a intenção destas sugestões.

<i>Francês</i>	<i>Espanhol</i>	<i>Português (Brasil)</i>
bluff	bluff, blof, bleff	blefe
boomerang	bumerán, bu-, boomerang	bumerangue
club	club	clube
cocktail	coctel, cock-tail	coquetel
dandy	dandi, dandy	dândi
film	filme, film	filme
flirt	flirteo, flirt	flerte
football	fútbol, futbol	futebol
knock-out	nocaut, knock-out	nocaute
leader	líder	líder
lunch	lunch, lonche	lanche
meeting	mitin	mítim
poker	póquer, póker	pôquer
pudding	budín, pudín	pudivim
raid	raid	reide
reporter	repórter, reportero	repórter
revolver	revólver	revólver
sandwich	sandwich (reg. sängüiche)	sanduíche
score	escor, score	escore
shoot	chute, chut, shoot	chute
shooter	chutar, chutear	chutar
snob	snob, esnob	esnobe
standard	estándar, standard	estándar
tank	tanque	tanque
tender	ténder	tênder
whisky	whisky	uísque
yacht	yate	iate
yankee	yanqui	ianque

ROTH, W. O empréstimo como problema da lingüística comparada. *Alfa*, São Paulo, 24:157-77, 1980.

ROTH, Wolfgang. Borrowing as a problem of comparative linguistics. *Alfa*, São Paulo, 24:157-77, 1980.

ABSTRACT: The author shows that the problem characterized by interrelations among linguistics, norm, and ideology is still open to research.

UNITERMS: Lexical borrowing; Norm; Ideology; Sociolinguistics; Orthography; Morphology; Phonetics; Semantics.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALBRECHT, Jörn. *Le français — langue abstraite?*. Tübingen, 1970.
2. ALFARO, Ricardo J. *Diccionario de anglicismos*. Madrid, Gredos, 1964.
3. ALVAR, Manuel & MARINER, Sebastián. Latinismos. In: *Enciclopedia lingüística hispánica*. Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1967. v. 2, p. 3-49.
4. BALLY, Charles. *Linguistique générale et linguistique française*. 4. éd. Berne, Francke, 1965.
5. BARALT, Rafael Maria. *Diccionario de galicismos*. Buenos Aires, Joaquín Gil, 1945.
6. BENGTTSSON, Sverker. *La défense organisée de la langue française*. Uppsala, 1968.
7. BERGO, Vittorio. *Erros e dúvidas de linguagem*. 5. ed. Juiz de Fora, Lar Católico, 1959.
8. BLANCHE-BENVENISTE, Claire & CHERVEL, André. *L'orthographe*. Paris, François Maspero, 1969.
9. BLOCH, Oscar & WARTBURG, Walter von. *Dictionnaire étymologique de la langue française*. 3. éd. Paris, Presses Universitaires de France, 1960.
10. BOLEÃO, Manuel de Paiva. *Defesa e ilustração da língua*. Coimbra, Casa do Castelo, 1944.
11. BONNAFFÉ, Édouard. *L'anglicisme et l'anglo-americanisme dans la langue française. Dictionnaire étymologique et historique des anglicismes*. Paris, Delagrave, 1920.
12. BRUNOT, Ferdinand. *Histoire de la langue française des origines à nos jours*. Paris, Armand Colin, 1967. v. 2.
13. CASARES, Julio. *Novedades en el diccionario académico*. Madrid, Aguilar, 1963.
14. COLIN, Jean-Paul. *Nouveau dictionnaire des difficultés du français*. Paris, Hachette-Tchou, 1970.
15. CONTRERAS, Lidia F. Los anglicismos en el lenguaje deportivo chileno. *Bol. Filol.* Santiago de Chile, 8: 177-341, 1952.3.
16. COSTA, J. Almeida & MELLO, A. Sampaio e. *Dicionário da língua portuguesa*. 5. ed. Porto, Porto Ed., 1975.
17. CUNHA, Celso Ferreira da. *Língua portuguesa e realidade brasileira*. Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1968.

18. DAUZAT, Albert; DUBOIS, Jean & MITTERAND, Henri. *Nouveau dictionnaire étymologique et historique*. Paris, Larousse, 1964.
19. DERROY, Louis. *L'emprunt linguistique*. Paris, Les Belles Lettres, 1956.
20. *DICCIONARIO de la lengua española*. 19. ed. Madrid, Real Academia Española, 1970.
21. *DICTIONNAIRE du français contemporain*, éd. par Jean DUBOIS et autres. Paris, Larousse, 1971.
22. ECHEVERRI MEJIA, Oscar. Anglicismos, galicismos y barbarismos de frecuente uso en Colombia. IN: *Presente y Futuro de la Lengua Española*. Madrid, Cultura Hispánica, 1964, v. 2, p. 91-101.
23. ETIEMBLE. *Parlez-vous français?* Paris, Gallimard, 1964.
24. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, s. d.
25. ————. *Pequeno dicionário brasileiro da língua portuguesa*. 11. ed. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 1968.
26. FOUCHÉ, Pierre. *Traité de prononciation française*. 2. éd. Paris, Klincksieck, 1969.
27. FREMDWORT-DISKVSSION. Hrsg. v. Peter BRAN. München, Fink, 1979.
28. GEORGIN, René. *Le code du bon langage*. Paris, Les Éditions Sociales Françaises, 1963.
29. ————. *Jeux de mots*. Paris, André Bonne, 1957.
30. GLINZ, Hans. *Linguistische Grundbegriffe und Methodenüberblick*. Bad Homburg v. d. H., Athenäum, 1970.
31. GOURMONT, Remy de. *Esthétique de la langue française*. Paris, Mercure de France, 1955.
32. GUIRAUD, Pierre. *Les mots étrangers*. Paris, Presses Universitaires de France, 1965.
33. ————. *Les mots savants*. Paris, Presses Universitaires de France, 1968.
34. GUSMANI, Roberto. *Aspetti del prestito linguistico*. Napoli, Scientifico, 1973.
35. HAMPEJS, Zdenek. Para o estudo da linguagem da imprensa brasileira contemporânea. *Rev. Bras. Filol.*, Rio de Janeiro, 6: 51-114, 1961.
36. HATZFELD, Adolphe; DARMSTETER, Arsène & THOMAS, Antoine. *Dictionnaire général de la langue française*. Paris, Delagrave, 1964. 2 v.
37. HÖFLER, Manfred. *Zur Integration der neulateinischen Kompositionsweise im Französischen, dargestellt an den Bildungen auf "— (o) manie" "— (o) manie"*. Tübingen, Max Niemeyer, 1972.
38. ————. Zur Verwendung von "anglicisme" als Indiz puristischer Haltung im 'Petit Robert'. *Zeitschrift für französische Sprache und Literatur*, Weisbaden, 86:334-8. 1976.
39. HOPE, Thomas E., *Lexical borrowing in the Romance languages*. Oxford, Blackwell, 1971. 2 v.
40. ISAZA CALDERÓN, Baltasar. *El español en América*. Panamá, Ed. Universitaria, 1976.
41. KLAJN, Ivan. *Influssi inglesi nella lingua italiana*. Firenze, Leo S. Olschki. 1972.
42. KROHMER, Ulrich. Unregelmäßigkeiten bei der Pluralbildung des Nomens im Spanischen. *Ibero-romania*. München, 2:104-21, 1970.

ROTH, W. O empréstimo como problema da lingüística comparada. *Alfa*, São Paulo, 24:157-77, 1980.

43. LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. 4. ed. Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965.
44. LAPESA. Rafael. *Historia de la lengua española*. 6. ed. Madrid, Escelicer, 1965.
45. LE PETIT ROBERT. Dictionnaire alphabétique et analogique de la langue française, par Paul ROBERT. Paris, Société du Nouveau Littre, 1967.
46. LEXIS. Dictionnaire de la langue française. Paris, Larousse. 1975.
47. LORENZO. Emilio. *El español de hoy, lengua en ebullición*. 2. ed. Madrid, Gredos, 1971.
48. MACKENZIE, Fraser. *Les relations de l'Angleterre et de la France, d'après le vocabulaire*. Paris, E. Droz, 1939. 2 v.
49. MARTINET, André & WALTER, Henriette. *Dictionnaire de la prononciation française, dans son usage réel*. Paris, France-Expansion, 1973.
50. ————. *Eléments de linguistique générale*. Paris, Armand Colin, 1967.
51. ————. *La prononciation du français contemporain*. 2. éd. Genève, Droz, 1971.
52. MAURER JR. Theodoro Henrique. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1951.
53. MESSNER. Dieter. *Einführung in die Geschichte des französischen Wortschatzes*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1977.
54. MIGLIORINI, Bruno. *Le lingue classiche, serbatoio lessicale delle lingue europee moderne*. *Lingua Nostra*, Firenze, 17:33-8, 1956.
55. MONNEROT-DUMAINE. *L'ortographe du XXIè siècle*. Paris, Edition du Scorpion, 1964.
56. MÜLLER, Wolfgang. *Fremdwortbegriff und Fremdwörterbuch. Fremdwort-Diskussion*. München. Fink, 1979. p. 59-94.
57. NOUVEAU *petit Larousse illustré*, publié sous la direction de Claude AUGÉ et Paul AUGÉ. Paris, Larousse, 1951.
58. PAUL, Hermann. *Prinzipien der Sprachgeschichte*. Darmstadt, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1968.
59. *PETIT Larousse Illustré*. Paris, Larousse. 1974.
60. PEYTARD. J. Motivation et préfixation: remarques sur les mots construits avec l'élément "télé". *Cahiers Lexicol*. Paris, 4:37-44, 1964.
61. PICHON. E. L'enrichissement lexical dans le français d'aujourd'hui. *Le Français Moderne*, Paris, 3:209-22, 1935.
62. PISANI, Vittore. *L'etimologia*. Brescia, Paideia, 1967.
63. POLENZ, Peter von. Sprachpurismus und Nationalsozialismus. Die "Fremdwort"-Frage gestern und heute. *Germanistik — eine deutsche Wissenschaft*. Frankfurt a M., Suhrkamp, 1967.
64. RICHTER, Elise. *Fremdwortkunde*. Leipzig/Berlin, Teubner, 1919.
65. ROTH, Wolfgang. Die neue Auflage des Wörterbuchs der Spanischen Akademie. *Iberoromania*, München, 3:384-94, 1971.
66. RUBIO, Antonio. *La crítica del galicismo en España (1726-1832)*. México, Universidad Nacional de México. 1937.

ROTH, W. O empréstimo como problema da lingüística comparada. *Alfa*, São Paulo, 24:157-77, 1980.

67. SAUVAGEOT, Aurélien. *Portrait du vocabulaire français*. Paris, Larousse, 1964.
68. SAUVY, Alfred. Menaces sur la langue française. *La Revue de Paris*, 70:37-47, nov. 1963.
69. SCHANK, Gerd. Vorschlag zur Erarbeitung einer operationalen Fremdwortdefinition. In: *Fremdwort-Diskussion*. München, Fink, 1979, p. 32-58.
70. SCHÜTZ, Armin. *Die sprachliche Aufnahme und stilistische Wirkung des Anglizismus im Französischen aufgezeigt an der Reklamesprache (1962-1964)*. Meisenheim am Glan, Hain, 1968.
71. SECO, Manuel. *Diccionario de dudas y dificultades de la lengua española*. Madrid, Aguilar, 1967.
72. STEFENELLI, Arnulf. Les transformations lexicales de l'ancien francien au français moderne. In: *Mélanges de langues et de littératures romanes offerts à Carl Theodor Gossen*. Bern, Francke/Liège, Marche Romane, 1976. p. 875-96.
73. WARNANT, Léon. *Dictionnaire de la prononciation française*. 3. éd. Gembloux, Duculot, 1968.
74. WARTBURG, Walter von. Anglizismen. In: ———— *Französisches etymologisches Wörterbuch*. Basel, Zbinden, 1967. v. 18.

A FONÉTICA E SEUS PRECURSORES

Elvira Wanda Vagones *

VAGONES, Elvira Wanda. A fonética e seus precursores. *Alfa*, São Paulo, 24:179-85, 1980.

RESUMO: Fazemos neste artigo um levantamento histórico sucinto das principais investigações dos autores que se interessaram pelo estudo da linguagem humana no plano de expressão, isto é, pelo estudo dos sons lingüísticos, assim como daqueles pesquisadores que, trabalhando com outras ciências (por exemplo, a fisiologia, a física), contribuíram indiretamente para o progresso dos estudos fonéticos.

UNITERMOS: História; Fonética; Sons.

Qual o interesse intelectual de um estudo histórico da fonética? A pesquisa do que foi feito pelos nossos antecessores, seja em qualquer campo, sempre será útil, na medida em que nos pode mostrar os acertos e os erros do passado e, um levantamento de teorias várias e sucessivas possui a faculdade de nos indicar a verdadeira proporção dos problemas enfrentados, assim como também nos pode dar uma visão de conjunto das questões levantadas.

No campo da lingüística muitos autores se dedicaram a esse gênero de pesquisa e não pretendemos, e nem seria possível, dentro dos limites deste artigo, fazer um levanta-

tamento exaustivo dos trabalhos existentes sobre o estudo dos sons da linguagem articulada humana. Desejamos, sim, fazer uma série de observações sobre aqueles que nos precederam para tentar mostrar como foi focalizado, nos diversos períodos da história, o componente fônico da língua e também para tentar salientar a sua importância dentro das investigações lingüísticas atuais.

Diz Georges Mounin, a propósito da lingüística: "*En fait, il s'agit à la fois d'un savoir très ancien et d'une science très jeune*" (Mounin, 9, p. 25). Cremos que, se isto é verdadeiro para a lingüística o será forçosamente também para a foné-

* Professora Assistente-Doutora do Departamento de Lingüística do Instituto de Letras, Ciências Sociais e Educação, Campus de Araraquara, UNESP.

tica. De fato, o interesse dos homens pelos sons vocais, visto de uma maneira geral, não é recente. Parece-nos suficientemente claro que, o fato do homem emitir sons vocais para transmitir mensagens, deve ter chamado a atenção dos usuários das línguas para esses sons, desde os tempos mais remotos. A criação do alfabeto pode ser considerada como uma das provas mais patentes do esforço que o homem fez para analisar o material sonoro da língua e muitos autores admitem que a escrita alfabética foi, de fato, o resultado de uma espécie de primeira análise fonético-fonológica.

Da Antigüidade, temos, entre outros, vestígios de preocupações lingüísticas entre os egípcios, os sumerianos e acadianos, os chineses, mas a primeira reflexão consciente dos fatos da linguagem que chegou até nós nos vem da Índia, por intermédio de estudiosos do sânscrito, a partir do século IV, AC., aproximadamente. O autor mais importante dessa época é Pānini que deixou um tratado muito preciso sobre os pontos de articulação do sânscrito, sendo por isso considerado um dos fundadores da fonética articulatória. Deve-se notar que Pānini, assim como outros gramáticos hindus, tinha preocupações religiosas e sua explicação dos sons (e das palavras) do sânscrito visava uma perfeita dicção para que as preces fossem atendidas.

Na Europa, entretanto, os estudos dos hindus só foram conhecidos no início do século XIX. É a Grécia que, com sua orientação filosófica (lógica), legou seus fundamentos lingüísticos aos europeus e, no que concerne aos sons, deixou-lhes um tipo de classificação das vogais e das consoantes e também do acento de palavra. Sua terminologia, traduzida pelos romanos em latim sobrevive, em alguns casos, até hoje (por exemplo: "líquida", que significava tanto em grego como em latim "úmida," para certas consoantes, como [r], [l], e às vezes para as nasais; "muda", para as oclusivas surdas). (*)

Na Idade Média, devido à importância dada à língua escrita, sobretudo ao latim, não houve muito empenho na investigação dos sons vocais. Malmberg cita, entretanto, uma descrição fonética do islandês feita nessa época, destinada a servir de base para uma notação escrita racional da língua, a seu ver, de caráter nitidamente fonemático (Malmberg, 8, p. 21).

Durante a Renascença, uma volta à observação dos fatos (devido ao abandono das idéias escolásticas), reavivou o interesse pelos sons lingüísticos. O grego voltava a ser estudado, assim como as atenções se dirigiam para as línguas nacionais que se expandiam, em detrimento do latim; as relações de parentesco existentes entre as línguas românicas, a necessidade de

* É interessante notar que os hindus observaram o som do ponto de vista articulatório, enquanto que os gregos demonstraram interesse maior pelos efeitos auditivos.

se normalizar dialetos que ascendiam ao prestígio de línguas oficiais, motivava o estudo dos sons e vemos surgir então, principalmente na França e na Inglaterra, preocupações pela ortografia e conseqüentemente, pela enunciação dos sons. Entretanto, ao lado de observações bem feitas, essas tentativas de descrição de sons eram geralmente muito superficiais, baseadas em etimologias e, além disso, freqüentemente fantasiosas. Assim, as soluções eram geralmente inadequadas.

No século XVI, algumas tentativas de descrição dos sons, distinguindo-os das letras, assim como a apresentação de um sistema articulatorio coerente de vogais e consoantes (como, por exemplo, nos trabalhos do inglês John Hart (3) e nos do dinamarquês Jakob Madsen Aarhus (1)), demonstram um avanço nos estudos dos sons. Nessa época houve também uma preocupação pelos problemas dos surdos mas os autores não souberam (ou não puderam, por lhes faltar uma tecnologia apropriada, assim como um conhecimento sistemático da língua) aproveitar bem a ocasião para ver importantes fatores da formação dos sons nos quais esbarravam.

No século XVII, são dignos de nota, entre outros, autores como John Wallis (12) (com a apresentação de uma classificação articulatória para as vogais muito bem

feita e que de certa maneira fez entrever o princípio da ressonância, que só seria focalizado cientificamente bem mais tarde), John Wilkins (13) (considerado como um grande sistematizador), e W. Holder (6).

É no século XVIII que se pode observar o aparecimento de pesquisas científicas, não ligadas ao problema das línguas, mas que irão dirigir o estudo dos sons para o campo da experimentação. Trata-se de professores de física que tentam descrever a produção da fala humana por intermédio da comparação com instrumentos de música e, entre os mais conhecidos, estão os franceses D. Dodart (apud 8) e A. Ferrein (2). Estudos sobre o aparelho auditivo também começam a surgir deste então. (*) Malmberg cita como um dos pioneiros da fonética verdadeiramente experimental, o austríaco Wolfgang von Kempelen (1734-1804), um técnico que, entre outros aparelhos, construiu uma espécie de "máquina falante", inspirado num instrumento musical (o fole) e que chegou até mesmo a notar o fenômeno da coarticulação (Malmberg, 8, p. 27). É dessa época, uma classificação das vogais que se tornou clássica, a do alemão C. F. Hellweg (4) e também a apresentação dos timbres vocálicos feita pelo inglês C. Wheatstone (apud. 8). Enfim, o século XVIII conheceu muitos autores que se dedicavam cada vez mais ao

* Deve-se notar que já por volta de 1500, Leonardo da Vinci fez desenhos da laringe e um pouco mais tarde, Bartolomeu Eustachi, o anatomista que descobriu a trompa de Eustáquio, desenhou reproduções muito exatas das cartilagens da laringe e das cordas vocais. Entretanto, parece que os gramáticos da época não puderam relacionar esses estudos com os fatos lingüísticos.

estudo do som pelo som, perspectiva bem diferente da dos autores antigos que procuravam fazer, na maioria dos casos, explicações de ordem normativa, seja com preocupações litúrgicas (hindus, por exemplo), seja com fins gramaticais e retóricos (gregos, por exemplo), ou ainda com objetivos de recuperação da fala (professores de surdos, gagos etc., do século precedente).

Enfim, em meados do século XIX, vemos aparecer H. von Helmholtz (5), cuja teoria vocálica, baseada no uso de instrumentos é até hoje válida, assim como Eduard Sievers (11) e J. Winteler (14), que são considerados na história da fonética como os primeiros foneticistas científicos. Cada vez mais as descobertas da fisiologia e da acústica são empregadas como técnicas auxiliares da fonética. Um nome não pode ser esquecido: o do abade Rousselot, dialetólogo e foneticista, considerado como o criador da fonética experimental. Aproveitando idéias de um grupo de médicos franceses, cujo mestre era o Dr. Marey, adaptou aparelhos que lhe serviram para sua experimentação fonética (como o quimógrafo e o palato artificial). Sua obra *Principes de phonétique expérimentale* relata os resultados de suas experiências e é, ainda hoje, leitura obrigatória de todo estudante de fonética experimental (10).

No fim do século XIX, portanto, o aprimoramento dos estudos fonéticos acelerou-se cada vez mais. A lingüística, seguindo as idéias evolucionistas da época adotava uma visão histórica e comparativa (Rask, Bopp, J. Grimm, apud 8) e

era dominada pelas ciências naturais. A fonética instrumental parecia ser o melhor método para o estudo das modificações dos sons.

Entretanto, faltava uma base lingüística para a fonética, o que gerou uma grande incompreensão e muita desconfiança entre aqueles que preferiam o auxílio do próprio aparelho auditivo e da própria percepção à sofisticação de aparelhos, pois esses demonstravam, graças ao seu poder de atomização, que nunca realmente pronunciavam aquilo que pensamos pronunciar e que, de fato, raramente ouvimos o que julgamos estar ouvindo. Assim, a chamada escola clássica à qual pertenciam, entre outros, nomes como os de Paul Passy na França, Henry Sweet na Inglaterra, E. Sievers na Alemanha, Otto Jespersen na Dinamarca, preferia, para a correção da pronúncia nas escolas, a orientação do próprio aparelho auditivo, com grande prevenção pelos aparelhos instrumentais (apud 8).

Malmberg nota bem esse problema quando diz que "... La découverte de la substance et l'invention des méthodes instrumentales analytiques dues à la physique et à la physiologie sont venues TROP TÔT, plus précisément avant que la description scientifique de la forme linguistique eût atteint encore une maturité scientifique suffisante. [...] En un mot, on a commencé par décourvir les variantes et, d'une façon plus générale, toute la riche complexité de la réalité physique avant d'avoir déterminé de façon méthodique et conséquente les INVARIANTS ou plus exactement les CLASSES ou les CATÉGO-

RIES auxquelles les variantes doivent être référées pour trouver leur place propre dans cette hiérarchie linguistique, sans laquelle elles n'ont guère d'intérêt scientifique." (Malmberg, 7, p. 23).

Pouco a pouco, alguns pesquisadores começaram a se dar conta de que muitos detalhes, trazidos à luz pela análise demasiado minuciosa do som, eram, na verdade, irrelevantes para a comunicação. Nascia, portanto, a busca da distinção dos sons propriamente ditos daquilo que, mais tarde, seria chamado fonema.

Um dos pioneiros dessa abordagem foi o polonês Jan Baudouin de Courtenay (apud 8) que definiu o fonema como a "idéia de um som vocal" baseando-se num conceito psicológico. Entretanto, foram os componentes do chamado Círculo Lingüístico de Praga — Nikolai Troubetzkoy, Roman Jakobson e Serge Karcevsky — embuídos, em grande parte, das idéias lançadas por Ferdinand de Saussure, que definiram mais explicitamente o conceito de fonema que já fora entrevisto, como dissemos acima, por Courtenay e também por Kruszewski, Sweet, Passy, Jones e outros, e que introduziram ainda a noção do traço distintivo (apud 8). Troubetzkoy, em sua obra *Principes de phonologie* (15) apresenta uma distinção entre fonética e fonologia que até hoje é geralmente aceita. Em resumo, diz ele que a fonética pertenceria à lingüística da fala (*parole*) e a fonologia à lingüística da língua (*langue*).

A idéia, geralmente aceita por alguns, de que a fonética é uma dis-

ciplina individualista e atomista por natureza, dedicando-se tão somente a fenômenos isolados e que só a fonologia estudaria a estrutura fônica, partindo do sistema como um todo, é energicamente rechaçada por Malmberg. Aliás, o famoso autor é defensor ferrenho de que a fonética e uma disciplina lingüística e naturalmente não pode concordar com as idéias citadas acima. Diz ele, em resumo, que tanto a reflexão teórica como a experiência provaram que a separação entre fonologia (estudo da forma) e fonética (estudo da substância fônica) não corresponde à realidade, pois a forma determina a substância e as latitudes de variação da substância condicionam a forma, e que o estudo de uma sem a consideração simultânea da outra é praticamente impossível de ser feita. Na verdade, para ele, o estudo da substância só pode ser feita depois do estudo da forma, isto é, após a apreensão das unidades funcionais do sistema. Assim, o aspecto da produção (articulação), o aspecto físico ou acústico e o aspecto auditivo só poderão ser abordados depois da determinação da forma. Portanto, o fisiologista, o físico, o estatístico e os técnicos só podem contribuir para a solução dos problemas, jamais colocá-los (Malmberg, 8, p. 9-13).

Ultimamente, têm aparecido também algumas controvérsias quanto à descrição dos traços distintivos: para alguns, do ponto de vista articulatório, eles seriam estudados pelos fisiologistas e do ponto de vista acústico pelos físicos, por meio de oscilógrafos, filtros, espectrógrafos etc. Ainda mais, a dificuldade em estabelecer uma correspondên-

cia entre fatos físicos e fatos percebidos, em termos de percepção auditiva, ocasionou uma volta à antiga visão dos clássicos de "fonética auditiva", mas, é claro, num outro nível de abordagem. Resta o problema de achar um método para isolar esses traços e descrever seu aspecto formal, pois, pode-se inferir que, como os fonemas, eles possuem uma forma, determinada por seu lugar na hierarquia dos traços e por sua distribuição no sintagma e também uma substância, descrita em termos de manifestação concreta (articulatória e/ou acústica e perceptual).

Pelo que acabamos de expor, vimos que, de fato, a fonética é um saber antigo e uma ciência jovem. Tentamos mostrar, com alguns exemplos colhidos no decorrer dos séculos, que o som vocal sempre atraiu a atenção do homem, gerando, primeiramente, tentativas de simples descrições sem maiores conseqüências, para ir, pouco a pouco se transformando num objeto de reflexão teórica mais profunda.

Para concluir, não nos esqueçamos tampouco que, graças às pesquisas de nossos predecessores, a fonética aplicada se desenvolveu muito nos últimos tempos; devemos lembrar, por exemplo, as aplicações pedagógicas no ensino das línguas, tanto da vernácula como das estrangeiras, dirigidas tanto às pessoas normais como às que apresentam deficiências; podemos citar ainda o papel do foneticista no campo da tele-comunicação em geral e ainda no ensino da escrita e da ortografia. Entretanto, para que as análises fonéticas tenham êxito, isto é, para que tragam uma contribuição válida para a aplicação, somos do parecer de Bertil Malmberg que citamos anteriormente, a saber que o foneticista nunca deverá ser um instrumentalista puro. Ele deverá conhecer também os problemas de ordem formal, (e isto nem seria preciso lembrar), pois a língua é um sistema e conhecer sua estrutura é capital para se compreender e para se poder tentar resolver os problemas de sua face expressiva.

VAGONES, Elvira Wanda. Phonetics and its precursors. *Alfa*, São Paulo, 24:179-85, 1980.

ABSTRACT: In this article we have taken a historical survey of the authors who have shown interest in the study of the human language at the expression level, that is, who have had interest in the sound study, as well as those researchers who, working other sciences (e.g., Physiology, Physics), have contributed to the progress of the phonetic studies in an indirect way.

UNITERMS: History; Phonetics; Sounds.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARHUS, J. M. *De literis libri duo*. Bâle. Apud: MALMBERG, Bertil. *Les domaines de la phonétique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.
2. FERREIN, A. *De la formation de la voix de l'homme*. 1741. Apud: MALMBERG, Bertil. *Les domaines de la phonétique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.
3. HART, John. *An Orthoagraphie*. 1569. Apud: MALMBERG, Bertil. *Les domaines de la phonétique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.
4. HELLWAG, C. F. *Dissertatio inauguralis physiologico-medica de formatione loquelae*. Tübingen, 1781. Apud: MALMBERG, Bertil. *Les domaines de la phonétique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.
5. HELMHOLTZ, H. von. *Lehre von den Tonempfindungen*. Heidelberg, 1862. Apud: MALMBERG, Bertil. *Les domaines de la phonétique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.
6. HOLDER, W. *Elements of speech*. 1669. Apud: MALMBERG, Bertil. *Les domaines de la phonétique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.
7. MALMBERG, Bertil. *Phonétique générale et romane*. Paris, Mouton, 1971.
8. ————. *Les domaines de la phonétique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.
9. MOUNIN, Georges. *Clefs pour la linguistique*. Paris, Seghers, 1968.
10. ROUSSELOT. *Principes de phonétique expérimentale*. Paris, 1908. V. 1 e 2. Apud: MALMBERG, Bertil. *Les domaines de la phonétique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.
11. SIEVERS, E. *Grundzüge der Lautphysiologie*. 1876. Apud: MALMBERG, Bertil. *Les domaines de la phonétique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.
12. WALLIS, John. *Grammatica linguae anglicanae*. Oxford, 1963. Apud: MALMBERG, Bertil. *Les domaines de la phonétique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.
13. WILKINS, John. *Essay towards a real character and a philosophical language*. 1668. Apud: MALMBERG, Bertil. *Les domaines de la phonétique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.
14. WINTELER, J. *Die Kerenzer Mundart des Kantons Glarus*. 1876. Apud: MALMBERG, Bertil. *Les domaines de la phonétique*. Paris, Presses Universitaires de France, 1971.
15. TROUBETZKOY, N. S. *Principes de phonologie*. Paris, Klincksieck, 1957.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

1. CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *História da lingüística*, 2. ed. Petrópolis, Vozes, 1975.
2. MOUNIN, Georges. *A lingüística do século XX*. Lisboa, Presença, 1973.

RESENHAS
REVIEWS

CHAPMAN, L. R. H. *English composition lessons*. London, Longman, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975.

Programada para uma fase da aprendizagem de língua estrangeira mais avançada do que a inicial, esta obra se destina especificamente ao domínio da parte escrita da linguagem a ser adquirida.

A precedê-la, há um outro trabalho do mesmo autor, intitulado "English composition for beginners", o qual não conseguimos encontrar nas livrarias, e que gostaríamos de ter em mãos, a fim de melhor procedermos à análise da obra ora em apreço.

O presente livro: "English composition lessons" contém 28 unidades diferentes de estudo, as quais procuram aprimorar a expressão de uma segunda língua — no caso, da língua inglesa — percorrendo diversos tipos de escrita, sob as quais poderá se apresentar. Os que encontramos nesta obra foram os seguintes:

- 1 — Descrição,
- 2 — Carta familiar,
- 3 — Diálogo e
- 4 — Narração.

Cada unidade de estudo começa com a indicação da leitura de um trecho, junto ao qual há um desenho significativo dele. Logo após o texto, observa-se a apresentação de exercícios especiais para a fixação de padrões expressivos, contidos no primeiro. Tais exercícios, em geral,

são de simples manejo, pois são básicos, como os que vimos: exercícios de completção, ou um questionário, testes de múltiplas escolha, etc. Eles são, em maioria das vezes, seguidos por pequena explicação gramatical, referente às modalidades apresentadas. Tais explicações, são, também, seguidas por outros exercícios de reforço para a fixação dos itens gramaticais abordados. Após tal preparação inicial é que aparece a sugestão para a escrita da composição propriamente dita, isto é, o requisito da elaboração de formas expressivas mais completas, insistindo sempre o autor em que o aluno adote atitude versátil neste mistér, empregando a coordenação e a subordinação combinadas e evitando a escrita de sentenças curtas, isoladas, sempre que possível.

A linguagem que o autor procurou transmitir neste seu trabalho é bastante simples, constando de vocabulário de uso cotidiano, formador de expressões coloquiais bastante utilizados.

Tal carga expressiva se encontra corporificando padrões sintáticos não muito básicos, coerentemente com os propósitos do autor, que destinou a presente obra a um nível já mais avançado, na aquisição lingüística.

Há, no entanto, algumas observações que gostaríamos de registrar, com relação a esta obra.

Inicialmente, é de se notar, e com admiração, a fase difícil para a qual ela se destina: para a etapa que se segue às primeiras aquisições lingüísticas. Em tal ocasião, sabe-se, pouco se pode observar do real progresso evolutivo da aprendizagem de uma segunda língua, o que se constitui num elemento de pouca motivação, tanto para os aprendizes, quanto para os mestres implicados.

Supõe-se que o autor, em sua primeira obra referente ao mesmo processo de aprendizagem da língua escrita: "English composition for beginners", tenha ministrado seus ensinamentos quanto à confecção de orações simples, de todos os tipos, como fundamento para o seu trabalho, e que agora comentamos. O seu primeiro livro é dedicado às fases iniciais da aprendizagem de um segundo idioma, em sua configuração escrita.

Nesta segunda obra, entretanto, parece-nos que o autor teria sido mais fiel à evolução normal da aquisição idiomática, se tivesse apresentado o material sob as formas já mencionadas, a partir do diálogo, que é a forma primeira de apresentação dos padrões lingüísticos e que os alunos vêm praticando, desde o início de sua atividade.

Daí, poderia prosseguir para a escrita de cartas — o que não deixa de ser outra maneira de dialogar — para depois passar às formas um pouco mais sofisticadas de expressividade de uma língua, como as descrições e narrações. Entretanto, o que vimos foi uma apresentação desordenada destes tipos de expres-

são, sem uma ligação interna, lógica, a coordená-los ou a seqüenciá-los.

Não se verificou na obra, pois, um encaminhamento evolutivo natural, das variedades formais sob as quais a configuração da língua escrita pode se manifestar. O autor principiou e deu prioridade de trato à descrição, com o que iniciou seu trabalho nas duas primeiras lições, seguindo-as de narração, para depois focar as cartas e, novamente, retomar as narrativas. O diálogo, que deveria iniciar a obra, conforme é nosso ponto de vista, surgiu na sétima lição e só possui um modelo em toda ela. Esta modalidade de expressão encontra-se, portanto, muito pouco representada na extensão do presente trabalho.

Quanto à escrita de cartas, dos vários tipos que necessitamos ensinar os alunos compor, somente se verifica a presença da de cunho familiar. Neste particular, destacamos a omissão importante das cartas mais formais, que são as comerciais e as que se destinam às solicitações muito necessárias, como empregos, bolsas de estudo, etc., além das cartas de recomendação e das mensagens de caráter social. Talvez seja intuito do autor reservá-las para uma publicação que se destine a fase ainda mais avançada da aprendizagem de uma segunda língua, mas a este respeito nada há, na presente obra, que nos esclareça sobre a ausência dos tipos de missiva que ora comentamos.

Outra ausência que notamos, no exame da presente obra, foi a do ensaio, pelo menos em sua confi-

guração mais simples. Destinando-se o presente trabalho a uma etapa já não muito básica de aprendizagem idiomática, é de se supor, ao ensinar a montagem da expressividade escrita da língua referida, que pelo menos o ensaio, ou dissertação simples, deveria partilhar dos tipos enfocados. Tal não se deu, entretanto. Esta omissão pareceu-nos muito importante, pois é uma modalidade da qual se servem amplamente os alunos de nossos Cursos de Letras para a apresentação de seus trabalhos escritos, em todas as disciplinas que lhes dizem respeito.

Levando em conta os itens que comentamos com referência à obra em análise, verifica-se que ela, apesar de apresentar alguns pontos fracos em sua organização, é, das muitas que examinamos para utilização em nossos Cursos de Letras, a mais racional, a que respeita os caminhos normais de aquisição lingüística, dentro de cada unidade, e que ainda pode ser adquirida pelos elementos discentes, pois está ao alcance econômico deles e tem muito para lhes retribuir com bons frutos.

LEILA FILINTO PINTO DE ALMEIDA

HILL, L. A. *Elementary stories for reproduction*. London, Oxford Univ. Press, 1965, 1966, 1967, 1968, 1969, 1970, 1971, 1972, 1973, 1974, 1975, 1976.

Poderá parecer estranho o fato de procedermos, somente nesta oportunidade, ao comentário desta obra de L. A. Hill, que foi a pioneira e seguida por tantas outras, algumas das quais já tivemos o ensejo de apreciar, em publicações da *Revista de Letras* de números XI e XII, respectivamente.

Com efeito, na *Revista de Letras* de número XI comentamos a obra de *Advanced stories for reproduction* e na de número XII abordamos o trabalho *Literary comprehension and appreciation pieces*; o primeiro, também da autoria de L. A. Hill, e o segundo, do mesmo escritor em co-autoria com D. J. May e que se sucederam à obra que ora passamos a apreciar.

O fato de termos tido a possibilidade de analisar obras posteriores a esta, do mesmo autor e de só agora apresentarmos uma apreciação de seu trabalho inicial, deve ser levado à conta das dificuldades de acesso às obras importadas. Elas nos chegam desordenada e inesperadamente, ao sabor do acaso. Por isto é que deparamos com a apresentação, também desarticulada, da análise de tais obras. Obviamente só podemos emitir juízos sobre trabalhos que nos cheguem às mãos e isto está, via de regra, subordinado a outros fatores e interesses diferentes dos da pesquisa científica e da busca instru-

mental de elementos mais adequados à realização da difícil tarefa de ensinar uma segunda língua ao nosso contingente estudantil.

Aceitando um desafio de há muito permanente, no campo de ensino de uma língua, L. A. Hill principiou sua série didática em um ponto crítico, na curva de aprendizagem de um idioma estrangeiro. No caso, está em pauta o ensino do inglês. O autor centralizou a aplicação prática desta sua primeira obra na fase que se segue à dos primórdios da aquisição lingüística.

Fato sobejamente conhecido por todos os que militam nesta área, é o do "plateau" que se apresenta na curva representativa da aprendizagem de uma língua, após o percurso de suas etapas iniciais. Estas são geralmente visualizadas como bastante gratificantes e motivadoras e, se observadas num gráfico de coordenadas cartesianas, ascensionais. Após estas primeiras etapas, entretanto, verifica-se uma fase na qual é difícil de se perceber o avanço aquisitivo do idioma ensinado, o que deixa de incentivar tanto os mestres quanto os aprendizes em questão.

Justamente para esta etapa difícil é que L. A. Hill principiou seu trabalho, apresentando-nos o livro de que agora nos ocupamos e que se trata de "Elementary stories for reproduction".

Claro está que a obra, destinando-se a ser aplicada após a aquisição dos elementos fundamentais do idioma Inglês, só poderá ser usada para as séries finais do segundo ciclo e/ou para os primeiros anos universitários.

Ele contém 56 estórias, em 59 páginas; cada unidade é seguida por um questionário e, após a última, há um apêndice vocabular de cinco páginas. Tais estórias contêm a narração de fatos inteiros, que retratam acontecimentos facilmente reconhecíveis no decorrer dos dias normais, atuais, através de um contingente vocabular realístico e coloquial de perto de 150 termos, em cada passagem.

A terminologia coloquial, normal encontra-se contida em estruturas gramaticais que são simples e limitadas, supostamente já adquiridas. Não se notam complicações sintáticas maiores, tais como frases condicionais, voz passiva, emprego de modais, etc..., por exemplo. Restringem-se ao emprego de tempos verbais simples e de compostos mais contraditórios, como os Presentes Simples, Perfeito e Contínuo entre outros.

Vê-se que o autor visou primordialmente um aumento vocabular referente às situações mais ocorrentes no dia-a-dia de cada um, supondo o domínio anterior das estruturas simples, nas quais as encaixou.

Em seu prefácio, o autor sugeriu várias opções para o uso desta obra, como já observamos nas obras que a esta se sucederam.

Neste caso, são estas as indicações:

1 — A fim de desenvolver a aquisição do sistema sonoro do idioma ensinado ao estudante, o professor poderá ler uma estória do livro, em voz alta, várias vezes e solicitar que ela seja repetida oralmente ou que sejam respondidas oralmente as questões formuladas sobre o trecho estudado. Assim procedendo, o professor estaria insistindo nas duas primeiras técnicas do método lingüístico, reforçando os hábitos de bem ouvir e de repetir com fidelidade verbalmente, o material selecionado. Nesta hipótese, só o professor tem a posse do livro e esse procedimento seria aconselhável para classes pequenas. Ideal, porém quase impossível, em se tratando de nossas condições de ensino.

2 — A obra poderia, também, desenvolver os hábitos da linguagem escrita. Assim, o professor leria uma estória várias vezes em voz alta, e depois pediria aos alunos que a reproduzissem por escrito, ou que respondessem as questões formuladas a respeito da mesma por escrito também, utilizando o quadro negro. Desta forma, o livro poderia ser empregado com proveito didático, para classe mais numerosa. Esta alternativa a torna viável de aplicação em nosso país, dado o elevado número de alunos com que comumente contamos para a execução da tarefa pedagógica.

3 — Para classes que estejam sem a liderança do mestre, a obra pode ser empregada para exercícios de ampliação da linguagem escrita, tão somente. O autor sugere que

os alunos que se encontrem em tal conjuntura leiam uma estória, consultem o glossário de termos existente no final do livro, e depois procurem ou reproduzir as estórias, tanto quanto as entenderam, ou responder as questões que acompanham cada uma.

Conforme já tivemos a oportunidade de expressar, os trechos oferecidos para estudo são pequenos, enfocam assuntos bastante variados, interessantes, reais e quotidianos. Neles se verificou a criação do personagem Nasreddin, que invoca os usos e costumes orientais. Ele aparece isolada e episodicamente, ao longo dos 56 trechos apresentados. Surgiu, primeiro, na terceira estória do livro depois reapareceu nas de números 18, 19, 20, 21, 22 e 23. Novamente se introduziu nas estórias 29, 30, 31, 32, 33, 34 e 35 e finalmente fez sua última aparição nos trechos de números 37 e 38. Esta simpática figura, criada nesta obra, irá aparecer novamente, figurando em obra posterior do autor: *Advanced stories for reproduction* conservando suas características fundamentais, em episódios cômicos ou demonstrativos de sabedoria e de humor fino. Pareceu-nos que o autor expôs a criação deste tipo em forma bastante inteligente, fazendo-o nascer na estória terceira do livro e só o rerepresentando em três séries episódicas, integrando ao todo dezesseis das 56 estórias que compõem este seu primeiro livro. As demais ocupam-se de narrativas de fatos ocorrentes com pessoas variadas, de ambos os sexos, de diversas faixas etárias, profissões, em ocasiões e locais também diversos.

Não podendo aplicar-se à fase mais adiantada da aquisição linguística, para a qual dedicou outras obras suas, o autor precisou criar *todas* as passagens que formam o conteúdo deste livro, assim como seus questionários. Não é de se estranhar, pois, que nele estejam ausentes trechos originais de obras consagradas, filiadas às Literaturas expressas em língua inglesa, uma vez que o nível de linguagem própria dos gêneros literários não permitiria este procedimento ao autor, neste trabalho. Parece-nos louvável o esforço criativo de L.A. Hill para elaborar com tanto cuidado as estórias curtas e interessantes, por onde desfilam personagens corporificados em crianças, senhoras, jovens, cavalheiros, velhos e animais que alternam com Nasreddin, o sábio bem-humorado, na atenção dos que lêem ou ouvem os trechos.

Também merece comentário especial o fato de que, em sua criatividade, o autor tenha sido ceado pelas estruturas simples da linguagem coloquial, que os alunos já deveriam dominar e com elas trabalhar, a fim de proceder à expansão do vocabulário ativo e passivo dos mesmos, aumentando o contingente linguístico dominado. Tal cerceamento deve ter constituído grande entrave para a confecção deste livrinho, pequeno de apresentação, porém precioso em seu conteúdo.

Se o autor precisou de grande afincamento para compor as 56 passagens da obra, tal não parece ter sucedido com o tipo de exercício de fixação que se acha anexado a cada uma: um simples questionário.

Entende-se que, se L.A. Hill desejava conferir ênfase à parte oral da língua ensinada, perguntas seriam uma das muitas maneiras com as quais poderia ter procedido, para alcançar o fim desejado: fixação das expressões e desenvoltura na conversação. Entretanto, é o questionário o único tipo de exercício proposto aos alunos, da primeira à última passagem da obra, o que confere caráter monótono e muito simplificado para a fase que se destina. Este foi o principal senão que nela encontramos.

Outro aspecto que também se nos afigurou digno de comentário foi o fato de que o autor não tenha

pretendido, com esta obra, abarcar todas as técnicas ou recursos do método lingüístico, pois ele assim o declarou, quando esclareceu que ela deveria ser utilizada intercaladamente com as demais práticas docentes, pertinentes à fase em causa.

Embora não pretendendo ditar total e rígido "modus operandi" aos mestres, com esta obra o autor a eles forneceu instrumental bem planejado, controlado e executado, possível de ser utilizado por uma ou outra das muitas técnicas a que os docentes terão que recorrer, para poderem bem se desincumbir de sua tarefa pedagógica.

LEILA FILINTO PINTO DE ALMEIDA

RUBIO, Lisardo. *Introducción a la sintaxis estructural del latín*. Barcelona, Ariel, 1976. v. 2, 194 p.

A obra é composta de cinco capítulos, dos quais só os dois últimos, a saber, o quarto, sobre a subordinação e o quinto, sobre a coordenação, eram inéditos. Dos outros três, o segundo, que trata dos modos na oração independente, apareceu pela primeira vez em 1968, ao passo que o primeiro, relativo à ordem das palavras em latim clássico e o terceiro, cujo objeto é a estrutura do estilo indireto em latim e em espanhol, são de 1972.

A quem leu o primeiro volume da obra de Rubio, pode-se dizer que, neste segundo, são mantidos a clareza e o método característicos do autor, ainda que nem sempre se possam descartar de todo reparos da crítica no que concerne ao ponto de vista estritamente inovador (cf. *Revue des Etudes Latines*, tomo LV, p. 416-417). Cabe, porém, observar que não é propósito do autor apresentar uma doutrina totalmente nova da sintaxe latina, nem mesma aplicar-lhe, com exclusividade, os postulados desta ou daquela teoria moderna em particular. Ninguém, em sã consciência, terá a ingenuidade de pensar que, pelo fato de aparecer no título da obra a palavra *estrutural*, está ela adstrita aos cânones de um dogma lingüístico qualquer. Daí o escrúpulo com que se consigna, ao longo de todo o volume, a origem dos conceitos em que se apóiam suas análises e sugestões.

O estudo da subordinação (cap. IV), ponto crucial da sintaxe latina, é também, nem poderia ser de outra forma, o mais desenvolvido: 85 das 194 páginas do livro. Começa, todavia, por manter uma terminologia que, não obstante antiga, sempre foi imprecisa, para não dizer errônea. *Oração*, por ex., representa as idéias tanto de *proposição* quanto de *período* (ou *frase*, como se prefere hoje entre nós), sendo que *período* é também utilizado pelo autor em acepção mais ou menos idêntica à do emprego que faz de *oração*. Além disso, a par de indicações fortemente sugestivas, — como a de se separar as chamadas conjunções subordinativas das coordenativas, para aproximar as primeiras das preposições, ou como esta outra igualmente útil e oportuna, a de que se aproveite a tese tesnieriana da translação no estudo da hipotaxe, ou ainda, a de que se leve em conta, numa nova e modernamente concebida classificação das conjunções latinas o seu caráter polisêmico, a fim de se evitarem os excessos taxionômicos das gramáticas tradicionais, — a par dessa visão tão clara quão sensata e desmistificadora, dizia-se, são mantidos senões de maior monta, que não podem ser levados à conta de simples falta de modernidade no campo da terminologia. Tal é, por ex., a presunção de que possa existir, nas frases complexas, uma

proposição “principal”, com base na autonomia de sentido. Isso é de todo insustentável, tanto mais quando se pensa que o autor se serve de tal termo até mesmo para denominar o membro regente das proposições ditas completivas (cf. pág. 166, letra E).

Sobremodo fecunda é por certo a interpretação das proposições relativas à base da preconizada “conexão entre os termos interrogativos (pronomes, adjetivos, advérbios de lugar, tempo e modo) e suas respostas”. Essa aproximação permite, com efeito, se resolvam de modo satisfatório problemas de tratamento pouco convincente no ensino tradicional. É o caso da famosa “concordância por atração”, com que se procuram explicar ocorrências como: *notante iudice quo* (= quem) *nosti populo*, “pelo veredito de um juiz que conheces bem, o povo” (cf. Ernout e Thomas, § 163).

No que se refere aos demais capítulos, pôde-se afirmar que, conquanto menos extensos, o desenvolvimento, a seriedade e a lucidez

com que é abordado o assunto de cada um deles, seja no aspecto doutrinário, seja no trato das ocorrências, são de molde a propiciar ao estudioso de sintaxe latina matéria de reflexões renovadas e de promissoras aplicações.

Não se visa, nessa breve e despretensiosa notícia, a fazer o relato exaustivo, ainda que em forma de resumo, da obra de Rubio, mas a insistir na nitidez do seu método e na oportunidade das suas propostas. Referência especial merece o humor sutil, mas firmemente espanhol (por que não, latino?) com que o autor alivia o discurso metalingüístico, que chega assim ao leitor despojado dos exageros do cientificismo, do conservadorismo e do vanguardismo, num invejável e salutar trabalho de desmistificação.

Pelas razões expostas e muito mais, a leitura de mais esse volume do latinista madrileno se recomenda vivamente, também por parte daqueles estudiosos que, por não se dedicarem ao entre nós espinhoso mister de lecionar latim, não se consideram especialistas na matéria.

ALCEU DIAS LIMA

THORNLEY, G. C. *Scientific English practice*. London, Longman, 1972.

Este é o terceiro, de uma série de quatro livros, em que o autor se propôs fornecer ao estudante de área científica o instrumental lingüístico necessário, tanto para entender verbalmente como por escrito, o que for expresso em Inglês a respeito dos assuntos a que se dedica. Pode ser aplicado a uma segunda ou terceira séries do curso colegial, dedicado ao estudo da Ciência, ou então a servir de base para as séries de "Inglês Especial" que já estão preparadas e que objetivam equipar as pessoas que se ocupam com a matéria científica, com o cabedal de que precisam.

Sendo o terceiro, este volume apresentou a matéria tratada em nível bastante avançado nas diversas subdivisões em que se reparte a ciência moderna, de modo geral. Desta forma, deparamos com uma maioria de pequenos textos dedicados à Física (9), seguidos pela Química (8) Geologia (5), Astronomia (4), Medicina (2), Eletrônica (1) e Zoologia (1), dos trinta textos que compõem o livro.

Cada um deles foi precedido por pequena informação biográfica sobre seu autor e sobre as circunstâncias de sua composição; entre os signatários das trinta passagens há alguns célebres, como Laura Fermi, que escreveu o trecho de número dezesseis e que se intitula "Tratando dos perigos das radiações", à página 49 da obra.

A matéria está exposta em sua forma original e os trechos progridem das estruturas sintáticas mais simples para as mais difíceis, acompanhando a complexidade crescente dos assuntos. Neste particular, no prefácio do livro, o autor mencionou o fato de deparar com grandes dificuldades, ao elaborar a seleção dos textos, tendo até deixado de incluir alguns, que talvez fossem de maior interesse ou atualidade, devido aos múltiplos empecilhos expressivos que, nesta fase, ainda seriam difíceis de ser ultrapassados.

Muitos textos apresentam a reprodução de fotos, fórmulas e/ou de desenhos ilustrativos do assunto que abordam, o que motiva e esclarece bastante a matéria exposta.

São numerosos os exercícios que visam fixar as expressões formativas do cabedal científico de cada trecho e que os acompanham, de maneira constante: primeiro, há uma série de perguntas que visam dirimir dúvidas de entendimento, quanto ao contingente da matéria apresentada. Elas podem se constituir em treinos orais ou escritos, conforme determinar a condução dos cursos aos quais se aplique.

Depois deste tipo, há a indicação de composição escrita a respeito do assunto exposto, através da sugestão de um item relacionado à matéria que foi apresentada.

Estes dois primeiros tipos de exercícios foram constantes em toda

a obra e não apresentaram variação.

Após esta etapa, surge o subtítulo "Linguagem" onde o autor forneceu outras modalidades de treino, como preencher espaços vagos com expressões fornecidas pelo texto e que agora se encontram repetidos na indicação da tarefa. Viu-se que ele empregou a repetição deliberada, com a finalidade de fixar a carga semântica de termos científicos previamente expostas.

A seguir, a terminologia gramatical foi empregada para outros tipos de exercício de completação, seguidos pela sugestão da elaboração de operações matemáticas, em língua inglesa, e por outras tarefas que poderiam ser descritas como treinos de gramática, combinados com o aumento do vocabulário ativo e passivo do aluno, relativamente aos temas propostos.

Inicialmente, o autor se preocupou em compor sete tipos de exercícios para cada trecho, mas à medida que as passagens cresciam em dificuldade, ele os aumentou introduzindo mais um, de modo que cada uma, das trinta unidades apresentadas, se constituiu num exaustivo rebuscar do assunto tratado.

Com relação às técnicas de fixação dos padrões expressivos contidos nos textos, temos várias observações a notar.

Primeiro, há que se observar o elevado número de tarefas que acompanham cada passagem.

O tipo delas variou, mas notou-se que se mantiveram curiosamente num nível muito básico, o que é, em parte, compreensível. O autor pode ter desejado, ao objetivar a fixação das estruturas específicas que procurou transmitir, não estabelecer uma sobrecarga intelectual para o aprendiz, apresentando exercícios transformativos mais complexos. Daí haver a constância permanente dos tipos mais simples dos mesmos no decurso de toda a obra.

Notou-se, também, que dentro do nível básico há uma variedade de exercícios propostos.

Dentro dela registram-se algumas constantes, como os dois primeiros, que já comentamos e que visam trabalhar preferencialmente com a carga semântica das estruturas e com a repetição delas, em forma de composição escrita.

Entretanto, a partir do subtítulo "Linguagem", alguma confusão se fez notar nos exercícios de fixação dos padrões ensinados, onde se observou ter havido a mistura que nos pareceu, salvo melhor juízo, indiscriminada, entre elementos simplesmente vocabulares, gramaticais morfológicos, sintáticos e semânticos, além de outras tarefas que não se enquadram no que já se enumerou, como a proposição de pesquisas sobre aspectos dos assuntos científicos enfocados, etc. Teria o autor misturado a natureza da matéria de suas proposições, de caso pensado, a fim de contornar, desta maneira, o preconceito existente contra o ensino da Gramática? Porque não conseguimos ima-

ginar outra razão para tal falta de separação entre os tipos de exercícios, que se encontram, pelo menos aparentemente, sem ordenação em seus princípios.

Notou-se, isto sim, uma grande coerência quanto às restrições que os textos impunham, tendo o autor se limitado às estruturas lingüísticas ocorrentes nas passagens originais que apresentou, variando sempre e tão somente em torno delas, sem jamais ter-se distanciado do item em foco.

A fim de auxiliar o estudante dos textos de natureza científica, que se proporá a adquirir o cabedal lingüístico indispensável ao trato dos assuntos selecionados na presente obra, o autor procurou fornecer alguns outros dados que podem ser consultados a qualquer hora, colocando no final da obra um glossário de termos e um índice de assuntos gramaticais.

Comentando-os, notou-se que o primeiro é razoavelmente extenso, relativamente ao volume intelectual da obra, pois consta esse glossário de catorze páginas, e elas acompanham os exercícios do último texto.

Quanto ao índice, ele nos pareceu pequeno para a diversidade de itens que foram tratados no decorrer das trinta lições. Consta de apenas duas páginas; é muito abreviado, portanto, com referência à quantidade e multiplicidade de aspectos gramaticais que surgiram durante toda a obra. Ele também veio, sendo tão resumido, reforçar aquela inferência que retiramos anteriormente, a respeito da mistura indiscriminada que o autor apresentou, quanto à natureza dos exercícios que acompanham cada unidade e que são intitulados de "Linguagem", isto é, o autor parece ter desejado resguardar-se das possíveis críticas, de que talvez fosse alvo, caso tivesse dado um trato muito sistematizado à gramática, nesta obra.

Apesar das falhas comentadas aqui, o resultado desta tentativa de ensino parece ter seus aspectos positivos contados em maior número do que os negativos, para o fim a que se propôs, motivo pelo qual nos rejubilamos em poder contar com esta obra, para a aprendizagem da língua inglesa, na área especial da ciência.

LEILA FILINTO PINTO DE ALMEIDA

ÍNDICE DE ASSUNTOS

V. 24

CARLOS DRUMOND DE ANDRADE

Crônicas
divulgação (da) cultura
(nas) décadas de 40. 50
(e) 70, p. 117

CULTURA

divulgação
Estilo jornalístico — Literário, p. 117
padronização
(pela) comunicação de massa, p. 25

EMPRÉSTIMO

lexical
contato cultural
difusão, p. 73
ideologia
norma, p. 157

ESTRATIFICAÇÃO SOCIAL

estigmatização
socialização, p. 59

GRAMÁTICA PERFORMATIVA

português
sintagmas
subcategorias, p. 49

FONÉTICA

história, p. 179

HISTÓRIA CULTURAL

inglês
empréstimos, p. 73

HISTÓRIAS (EM) QUADRINHOS

influência (na) uniformização
(da) língua portuguesa, p. 25

LINGUAGEM

filosofia
psicolinguística, p. 109
padronização
norma de prestígio, p. 59
(e) pensamento, p. 109

LINGÜÍSTICA

comparada
empréstimos, p. 73, 157
contrastiva
“ser” e “estar”
espanhol
português, p. 93
(e) padronização cultural
influências (de)
meios (de) comunicação
(de) massa, p. 25

METÁFORA

retórica
figuras (de) estilo
semântica
linguagem poética, p. 149

MORFOSSINTAXE VERBAL

“ser” e “estar”
espanhol
português, p. 93

NEOLOGISMOS

prefixos intensivos
(em) publicidade, p. 9

PADRONIZAÇÃO LINGÜÍSTICA (E) CULTURAL

influências (de)
meios (de) comunicação
(de) massa, p. 25

PREDICAÇÃO (EM) PORTUGUÊS

reversividade, p. 15

PREDICADOR (EM) PORTUGUÊS

argumento
reflexividade
simetricidade
transitividade, p. 15

PREFIXOS INTENSIVOS

(em) publicidade, p. 9

PRETÉRITO PERFEITO

(e) "Present perfect"
análise contrastiva, p. 137

PSICOLINGÜÍSTICA, p. 109

PUBLICIDADE

vocabulário
neologismos
prefixos intensivos, p. 9

SER (E) ESTAR

morfossintaxe verbal
lingüística contrastiva, p. 93

SINTAGMAS PREPOSICIONADOS

português
estrutura, p. 49

SOCIOLINGÜÍSTICA

empréstimos lexicais, p. 73, 157

SONS (FONÉTICA)

história, p. 179

TRANSFORMAÇÃO (DERIVAÇÃO)

português, p. 15

VARIAÇÃO SÓCIO.CULTURAL

linguagem-padrão, p. 59

VERBOS (FORMAS DE)

"Present perfect" (e)
pretérito perfeito,
análise contrastiva, p. 137

SUBJECT INDEX

V. 24

CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

chronicles
culture
divulgation, p. 117

COMIC STRIPS

influence (on)
uniformization
(of) Portuguese language, p. 25

CULTURE

divulgation
Carlos Drummond de Andrade
chronicles, p. 117
standardization
(by) mass media, p. 25

HISTORY, CULTURAL

English
loan-words, p. 73

INTENSIVE PREFIXES

(in) publicity, p. 9

LANGUAGE

philosophy
psycholinguistics, p. 109
standardization
prestige norm, p. 59
(and) thought, p. 109

LINGUISTICS

comparative
loan-words, p. 73, 157
contrastive
"ser" and "estar"
Portuguese
Spanish, p. 93
(and) cultural standardization
influences (of)
Mass media, p. 25

LOAN-WORDS

comparative linguistics, p. 73, 157

METAPHOR

rethoric
figures (of) style
semantics
poetic language, p. 149

NEOLOGISMS

intensive prefixes
(in) publicity, p. 9

PERFORMATIVE GRAMMAR

Portuguese
phrases
subcategory, p. 49

PHONETICS

history, p. 179

PORTUGUESE LANGUAGE

predication
reversibility, p. 15

PREDICATOR

Portuguese
argument
reflexivity
symmetricity
transitivity, p. 9

PREPOSITIONAL PHRASES

Portuguese
structure, p. 49

PRESENT PERFECT

(and) "pretérito perfeito"
contrastive analysis, p. 137

PUBLICITY

vocabulary
neologisms
intensive prefixes, p. 9

PSYCHOLINGUISTICS, p. 109

SOCIAL STRATIFICATION

socialization

stigmatization, p. 59

SOCIOCULTURAL VARIATION

standard language, p. 59

SOCIOLINGUISTICS

loan-words, p. 73, 157

SOUNDS (PHONETICS)

history, p. 179

STANDARD LANGUAGE

prestige norm, p. 59

TRANSFORMATION (DERIVATION)

Portuguese, p. 15

VERBAL FORM

present perfect (and)

“pretérito perfeito”

contrastive analysis, p. 137

VERBAL MORPHO.SYNTAXIS

“Ser (and) “estar”

Portuguese (and) Spanish, p. 93

ÍNDICE DE AUTORES
AUTHOR INDEX

ALVES, Ieda Maria	p. 9
ARRAIS, Telmo Correia	p. 15
BIDERMAN, Maria Tereza Camargo	p. 25
BORBA, Francisco da Silva	p. 49
CAMACHO, Roberto Gomes	p. 59
D'ONOFRIO, Salvatore	p. 149
FROEHLICH, Paulo A.	p. 73
HOYOS, Balbina Lorenzo Feijóo	p. 93
HOYOS-ANDRADE, Rafael-Eugenio	p. 109
MARTINS, Sylvia Jorge de Almeida	p. 117
MONTEIRO, Dirce Charara	p. 137
NEVES, Maria Helena de Moura	p. 137
RODRIGUES, Sonia Veasey	p. 137
ROTH, Wolfgang	p. 157
VAGONES, Elvira Wanda	p. 179

ÍNDICE DE RESENHAS
REVIEWS INDEX

Autores e resenhadores
Authors and reviewers

ALMEIDA, Leila Filinto Pinto de, res.	p. 189, 193, 199
CHAPMAN, L. R. H.	p. 189
HILL, L. A.	p. 193
LIMA, Alceu Dias, res.	p. 197
RUBIO, Lisardo	p. 197
THORNLEY, G. C.	p. 199

Livros resenhados
Reviewed books

Elementary stories for reproduction	p. 193
English composition lesson	p. 189
Introducción a la sintaxis estructural del latin	p. 197
Scientific English practice	p. 199

NORMAS PARA APRESENTAÇÃO DE ORIGINAIS

1. A revista ALFA, publicação da UNESP, Série Lingüística, tem por finalidade divulgar trabalhos (artigos, comunicações e resenhas) inéditos sobre lingüística, elaborados por docentes desta Universidade e por outros especialistas, a critério da Comissão Editorial.
2. Os trabalhos enviados à Comissão Editorial deverão:
 - ser datilografados em 25 linhas de 60 toques cada uma, espaço duplo e em duas vias;
 - ser escritos em português ou numa língua estrangeira (espanhol, francês, italiano, inglês ou alemão);
 - referir-se, no caso de resenhas, a obras relativamente recentes; isto é, que tenham sido publicadas nos 2 (dois) últimos anos, para livros nacionais, ou nos últimos 4 (quatro) anos, para livros estrangeiros.
3. Os originais deverão obedecer à seguinte seqüência:
 - 3.1. Página de rosto contendo:
 - Título (e subtítulo, se houver) do artigo;
 - Autor (es);
 - Filiação científica (título acadêmico e local de trabalho) em rodapé e indicada por asterisco;
 - Referência bibliográfica e resumo do artigo em português (máximo de 100 palavras);
 - Unitermos em português (palavras ou expressões que identifiquem o conteúdo do artigo).
 - 3.2. Texto
 - 3.3. Referência bibliográfica, resumo e unitermos em inglês ou francês.
 - 3.4. Referências bibliográficas:
 - As referências bibliográficas deverão obedecer à NB-66 da ABNT. Serão arroladas no final do artigo, pela ordem alfabética do sobrenome do autor, e numeradas consecutivamente. No texto, os autores referenciados serão indicados pelo número da referência. Acrescenta-se o número da página, em caso de citação textual ou quando o autor julgar necessário. Ex.: (5, p. 8). Caso a clareza do texto o exigir, o articulista poderá mencionar, entre parêntesis, também o sobrenome do autor. Ex.: (AN-DRADE, 5, p. 8).
4. Observações, aditamentos e pormenores do texto poderão aparecer em rodapé, indicados por asterisco.
5. As tabelas serão numeradas consecutivamente com algarismos arábicos e encaixadas pelos seus títulos. Ilustrações (fotografias, desenhos, gráficos, etc.) serão citadas como figuras e numeradas da mesma forma.
 - Os desenhos e gráficos deverão ser feitos em papel vegetal.
 - Quando as ilustrações excederem a 4 (quatro), a Comissão Editorial reserva-se o direito de solicitar a redução de seu número.
6. Os trabalhos que não se enquadrarem nessas normas serão devolvidos aos autores para as necessárias adaptações, que serão indicadas em carta pessoal.
7. Os trabalhos recusados serão devolvidos ao autor.